



**PRODUTO EDUCACIONAL – UNIDADE DIDÁTICA
CURSO DE EXTENSÃO - INCLUSÃO E
PLANEJAMENTO**

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
UTFPR/ CÂMPUS LONDRINA**

**Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Humanas,
Sociais e da Natureza - PPGEN
Mestrado Profissional**

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA INCLUSÃO:
PLANEJAMENTO DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS A
PARTIR DOS PRINCÍPIOS DO DESENHO
UNIVERSAL PARA A APRENDIZAGEM**

**JACQUELINE LIDIANE DE SOUZA PRAIS
Orientador: Prof^o VANDERLEY FLOR DA ROSA
2016**

JACQUELINE LIDIANE DE SOUZA PRAIS

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA INCLUSÃO:
PLANEJAMENTO DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS A PARTIR DOS
PRINCÍPIOS DO DESENHO UNIVERSAL PARA A APRENDIZAGEM**

Produto educacional apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino, do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Vanderley Flor da Rosa

LONDRINA

2016

TERMO DE LICENCIAMENTO

Esta Dissertação e o seu respectivo Produto Educacional estão licenciados sob uma Licença Creative Commons *atribuição uso não-comercial/compartilhamento sob a mesma licença 4.0 Brasil*. Para ver uma cópia desta licença, visite o endereço <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/> ou envie uma carta para Creative Commons, 171 Second Street, Suite 300, San Francisco, Califórnia 94105, USA.



FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA INCLUSÃO: PLANEJAMENTO DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS A PARTIR DOS PRINCÍPIOS DO DESENHO UNIVERSAL PARA A APRENDIZAGEM

PRAIS, Jacqueline Lidiane de Souza.¹

INTRODUÇÃO

A formação de professores e a organização do ensino têm assumido papel relevante diante do movimento de inclusão educacional e das práticas pedagógicas condizentes com esse processo no ensino regular (RODRIGUES, 2007). Dentre os elementos que constituem a ação docente está o planejamento, que orienta o trabalho pedagógico em sala de aula com vistas, principalmente, aos conteúdos, aos objetivos, à metodologia e à avaliação.

Tendo em vista os pressupostos e indicações legais para promover a inclusão escolar, nosso objetivo é apresentar uma proposta de ação didática formativa direcionada, principalmente, aos acadêmicos do curso de Pedagogia que atuarão ou já atuam como professores/pedagogos na Educação Básica, mas também a licenciados de outras áreas, interessados na formação docente para a Educação Básica e a Educação Superior.

Apresentamos, como produto educacional, uma Unidade Didática, conforme a proposta apresentada por Morrison (1931), desenvolvida no Brasil por Carvalho (1969; 1978) e indicada por Damis (2006). A Unidade Didática é um instrumento técnico-pedagógico, originado do ato de ensino, que visa a desenvolver uma educação escolar por unidades, de forma sistematizada e articulada, privilegiando a relação entre o aluno e o professor, para promover aprendizagens significativas.

Assim, a proposta de organização da aula articulando a estrutura do conteúdo de ensino em unidade amplas, significativas e coesas e a aprendizagem do aluno tornaram-se elemento importante de mudança da escola e de auxílio ao professor (DAMIS, 2006, p. 116).

O plano de unidade indicado por Morrison (1931) representa uma busca pela superação da fragmentação do conhecimento e da transmissão de informações

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Norte do Paraná - Campus de Cornélio Procópio (UENP/CCP). Especialista em Educação Especial Inclusiva (2012-2013) e em Políticas Públicas para a Educação, ambas pela UENP/CCP. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza - PPGEN pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) - Câmpus Londrina. Contato: jacqueline_lidiane@hotmail.com

esparsas pelo professor aos alunos. Ele indica, ainda no início da década de 1930, a necessidade de uma visão global do conhecimento, do modo como se ensina, propondo o ensino por “unidades”, o que permite aos alunos perceber a articulação entre os conteúdos.

Essa proposta enseja tanto a organização do ensino pelo professor quanto o desenvolvimento da aprendizagem pelo aluno e fica expressa sua vantagem quando percebemos “[...] um aspecto compreensivo e significativo do ambiente, de uma ciência organizada, de uma arte, ou de uma conduta, que, sendo aprendidos, resulta numa adaptação da personalidade” (MORRISON, 1931, p. 24-25). Essa adaptação está relacionada ao fato de o ensino ser ou não adequado para a aprendizagem do aluno, com suas singularidades. Quando ela ocorre, possibilita um amoldamento da compreensão significativa do objetivo de estudo, percebendo as relações possíveis e as interpretações no campo da realidade vivida pelo aluno.

Segundo Damis (2006), essa concepção de unidade possui dois elementos essenciais: a unidade e a adaptação ao aluno, exigindo a organização do processo de ensino para que haja uma mudança no entender e no agir do estudante, com base no conjunto de experiências que lhe foram proporcionadas.

Desse modo, a coerência de uma Unidade Didática existe para que o aluno apreenda, das partes sequenciadas e associadas, a totalidade do conteúdo na sua relação com a sociedade e com a vida social. A qualidade do ensino será observada na permanência duradoura do conhecimento em sua consistência quando aplicado às experiências do aluno, na sua capacidade de aplicá-lo a atividades reais, em sua prática social e cultural.

Carvalho (1969) explica que o ensino, na proposta de plano de unidades, organiza experiências integradas em um todo significativo, estas são desenvolvidas em um campo unitário que deve refletir constantemente sobre o todo que o abarca. Nesse sentido, entendemos que, ao mesmo tempo em que estamos atuando em uma parte do processo formativo de nossos participantes na pesquisa, há a necessidade de voltarmos para a compreensão das contribuições inerentes a esse processo formativo.

Com base nas ideias de Morrison (1931) e Carvalho (1969), as unidades são esquematizadas didaticamente pelo professor, partindo da identificação do conhecimento prévio dos alunos diante de um novo conteúdo, da apresentação de atividades de estudos sobre o novo conteúdo, verificando as aprendizagens

advindas do ensino e se necessário, redirecionando ou reorganizando para novas aprendizagens. Destacamos que, no ensino por unidades didáticas, o professor assume sua relevância na organização do ensino e na direção da aprendizagem do aluno, pelo modo em que dispõe o conteúdo, que programa as atividades, a análise, e que integra as partes à totalidade do conhecimento apreendido.

Assim entendemos que, ao mesmo tempo em que se ensina também se apreende o próprio processo de aprendizagem, por meio da mediação estabelecida e organizada pelo planejamento do docente, consistindo este, portanto, em um momento de avaliação de própria atuação pedagógica.

Ressaltamos que o termo “didática” foi acrescentado por Carvalho (1969) para representar o ato de ensinar por meio de unidades. Diante disso, segundo Damis (2006, p. 121), essa “[...] autora buscou expressar a dimensão de direção de aprendizagem e ensino desempenhada pelo professor”.

Nesse sentido, por intermédio dessas concepções do ensino por Unidades Didáticas, é enunciada a organização de cinco momentos: a) exploração dos conhecimentos que os alunos já possuem sobre o tema ou problema a ser estudado; b) apresentação do conteúdo geral da unidade, sua importância, contribuição e aplicação prática na realidade do aluno por meio da exposição do professor; c) assimilação pela qual o aluno desenvolve seu processo de aprendizagem por meio de estudos e coleta de dados.

Para tanto, é necessário que o docente oriente o processo e crie as condições adequadas para a apropriação dos conceitos a serem apresentados ao longo do estudo do tema e/ou problema; d) organização que consiste na sistematização das aprendizagens adquiridas, elaboração de sínteses e análises que indiquem as partes e o todo do conteúdo da unidade estabelecida; e) por último, a exposição ou culminância em que o conteúdo do tema ou o problema desenvolvido durante a unidade é reelaborado pelos discentes (MORRISON, 1931; CARVALHO, 1969; DAMIS, 2006).

Percebemos que todas as fases contribuem para que o aluno apresente as apropriações do conteúdo da unidade com base na organização da atividade de ensino proposta pelo professor. Desse modo, os discentes podem relatar suas experiências, suas pesquisas, suas atividades didáticas e sua relação com o conteúdo advindo desse estudo.

Ademais, ressaltamos que o ensino por unidades didáticas exige predominantemente do docente a capacidade de organizar situações qualitativas para a aprendizagem dos alunos, visto que, ao estabelecer os meios mais adequados para o estudo e para a apropriação dos conceitos a serem abordados durante o tema ou problema, qualificará e potencializará a mediação durante o processo de ensino e de aprendizagem.

Elaboramos uma Unidade Didática a ser aplicada por meio de um curso de extensão sobre o planejamento de atividades pedagógicas subsidiadas pelos princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem, com o objetivo de contribuir para o campo da formação continuada docente durante a formação inicial, no que tange à inclusão educacional, na organização das atividades pedagógicas, por meio da utilização de estratégias coerentes (BORDENAVE; PEREIRA, 2011), no processo de ensino e aprendizagem.

Cabe ressaltar nossa percepção de que, no atual contexto educacional e formativo dos professores, o processo de ensino e de aprendizagem é potencializado pela utilização dos instrumentos tecnológicos como recursos pedagógicos. Desse modo, este produto educacional foi organizado a partir da utilização e da descrição de ferramentas tecnológicas digitais que pudessem ser instrumentos didático-pedagógicos, visando a contribuir para a prática docente no contexto da inclusão educacional.

Nesse sentido, surgiu a demanda por reconhecer a inserção desses recursos com fins pedagógicos, exigindo conhecimento amplo de suas especificidades tecnológicas e comunicacionais, que pudessem se articular com a metodologia de trabalho proposto (KENSKI, 2003).

Destacamos que, para constituir uma ação didática formativa coerente com os pressupostos a serem analisados, percebemos a importância de se discutir o uso de recursos tecnológicos como meio de potencializar o processo educativo, sendo instrumentos de mediação entre o ensino e a aprendizagem. Partindo dessa premissa, admitimos em nossa pesquisa que a tecnologia e os recursos advindos dela podem maximizar possibilidades pedagógicas de se apresentar um conteúdo, estudá-lo, pesquisá-lo e avaliá-lo.

Além disso, os recursos tecnológicos assumiram, em nossa investigação, o papel de qualificação e ampliação das alternativas de uma aula por meio do planejamento docente e da intervenção pedagógica, contemplando o uso desses

instrumentos no campo educacional (KENSKI, 2003). Desta maneira, demonstraremos que a tecnologia está a serviço dos profissionais da educação para que possam potencializar a mediação entre o conhecimento e a apropriação de um conteúdo pelo aluno, por caminhos diversos e pela interatividade.

Nossa proposta de ação didática formativa, indicada nesta Unidade Didática, sugere a aplicação por meio de um curso de extensão, durante a formação inicial docente, sobre o planejamento das atividades de ensino subsidiado pelos princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem. Tal proposta serve para incentivar a prática pedagógica inclusiva, ou seja, a partir da problematização da educação inclusiva no ensino regular, pretendemos oferecer subsídios teóricos e práticos que referenciem o planejamento de atividades de ensino. Além disso, interpretamos que a proposta pode ser avaliada, adaptada e organizada para demais licenciaturas e cursos de formação docente.

Entendemos que o trabalho docente é aquele que direciona o processo de ensino e aprendizagem de forma consciente, intencional e sistematizada. Sendo o objetivo central "[...] a aprendizagem ou o estudo dos alunos [...]" (LIBÂNEO, 1994, p. 222).

De acordo com Vasconcellos (2000, p. 79), "planejar é antecipar mentalmente uma ação ou um conjunto de ações a ser realizadas e agir de acordo com o previsto". Como se vê, planejar diz respeito não só a pensar a ação, mas a agir conforme se pensou, ou seja, fazendo uso da práxis.

Segundo o dicionário Aurélio *on-line* (PLANEJAR, 2015), planejar significa "definir antecipadamente um conjunto de ações ou intenções". Nesse sentido, planejar é uma ação racional de organização e coordenação que visa à articulação com os objetivos a serem alcançados. Por isso, o planejamento escolar compõe-se de um processo racional, organizado e sistemático da ação do professor, articulado com a atividade educativa escolar e com o contexto em que se ensina, incluindo.

[...] tanto a previsão das atividades didáticas em termos da sua organização e coordenação em face aos objetivos propostos, quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino. O planejamento é um meio para se programar as ações docentes, mas é também um momento de pesquisa e reflexão intimamente ligado à avaliação (LIBÂNEO, 1994, p. 221).

Ressaltamos que os momentos pedagógicos que subsidiam esta Unidade Didática estão em consonância com os indicativos do Desenho Universal para a

Aprendizagem, que possibilita assumir princípios no planejamento de ensino com vista à inclusão educacional. Assim, ao mesmo tempo em que apresenta esta perspectiva aos participantes, a utiliza para compor este produto educacional.

Compreendemos que o planejamento do professor pressupõe a presença das fases de planejamento e avaliação. O docente deve levar em conta atividades educativas, objetivos, conteúdo, metodologias e recursos necessários para a apropriação do conhecimento pelos alunos. De acordo com Libâneo (1994, p. 222), o planejamento também está subsidiado em seus elementos - objetivos, conteúdos e métodos - por ações político-pedagógicas, pois envolve "[...] uma atividade de reflexão acerca de nossas opções e ações [...]".

Tais observações sobre o planejamento educacional levam à necessidade de discutir a inclusão escolar, a satisfação das necessidades de aprendizagem dos alunos com ou sem deficiência e o sucesso dos aprendizes no contexto escolar. Nesse processo estão incluídos os alunos com necessidades educacionais especiais (NEE), isto é "[...] todas aquelas crianças ou jovens cujas necessidades educacionais especiais se originam em função de deficiências ou dificuldades de aprendizagem" (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1994, p. 3).

Ademais, concordamos com a ideia de Rodrigues (2007) de que a inclusão pressupõe uma reforma educativa. Esta deve permitir a convergência das intenções inclusivas e metodologias e recursos que possam potencializar as diferentes capacidades de aprendizagem dos alunos, visando a aprender em conjunto. Assim, a educação inclusiva pode ser definida como:

[...] reforma educacional que promove a educação conjunta de todos os alunos, independentemente das suas características individuais ou estatuto sócio-econômico, removendo barreiras à aprendizagem e valorizando as suas diferenças para promover uma melhor aprendizagem de todos (RODRIGUES, 2007, p. 34).

Com base nessas discussões, o ensino e a educação de qualidade implicam em condições reais para o trabalho pedagógico inclusivo que, por sua vez, está articulado com um projeto de escola, de sociedade e de países inclusivos. No que se refere à questão da educação para todos, traz novas demandas para o contexto atual da instituição escolar, dentre elas a de repensar o planejamento da ação docente, reorganizando a prática pedagógica.

A fim de que as intenções políticas e pedagógicas sejam efetivamente representadas em práticas inclusivas, entendemos que os princípios do Desenho

Universal para a Aprendizagem sobre a organização da atividade de ensino contribuem qualitativamente para promover práticas inclusivas no contexto escolar.

Desse modo, é preciso entender que, numa abordagem de educação subsidiada pelo Desenho Universal para a Aprendizagem, a diversidade e a diferença entre os estudantes são vistas como orientadoras das práticas pedagógicas, da organização dos objetivos, dos materiais, dos métodos e da avaliação do professor que visarão à aprendizagem e envolvimento de todos em sala de aula.

Entende-se por Desenho Inclusivo ou Universal um conjunto de preocupações, conhecimentos, metodologias e práticas que visam à concepção de espaços, produtos e serviços, utilizáveis com eficácia, segurança e conforto pelo maior número de pessoas possível, independentemente das suas capacidades (CORREIA; CORREIA, 2005, p. 29).

A escola que fundamenta suas práticas no Desenho Universal compreende o currículo como representação das especificidades de todas as crianças, nele é percebido o dever de flexibilização e planificação das necessidades de aprendizagem do grupo heterogêneo que compõe a sala de aula.

O Desenho Universal para Aprendizagem amplia o conceito de desenho universal em dois modos básicos. Primeiro, ele aplica a ideia de flexibilidade, inerente ao currículo educacional. Segundo, ele coloca o desenho universal um passo à frente, através do apoio não apenas ao melhor acesso, à informação dentro da sala de aula, mas também melhor acesso à aprendizagem (CAST, 2011, s/p).

De tal modo, o Desenho Universal para a Aprendizagem consiste em um conjunto de objetos, de ferramentas e de processos elaborados com base na investigação de princípios norteadores de ambientes de aprendizagem acessíveis e eficazes para todos.

O Desenho Universal para a Aprendizagem assume como princípios orientadores: (a) possibilitar múltiplas formas de apresentação do conteúdo, de ação e de expressão desse conteúdo pelo aluno, (b) proporcionar vários modos de aprendizagem e desenvolvimento, organizados pelo professor para os alunos, e (c) promover a participação, o interesse e o engajamento na realização das atividades pedagógicas (CAST, 2011).

Subsidiar o processo de ensino e aprendizagem pelo Desenho Universal para a Aprendizagem é levar em conta os seguintes objetivos: (a) apresentar opções

para a percepção, para o uso da linguagem, de expressões matemáticas e símbolos, de compreensão, de atividade física, de expressão e comunicação, de funções executivas, (b) propiciar o incentivo ao interesse, oferecer suporte ao esforço e à persistência, além disso (c) fornecer opções para a autorregulação (CAST, 2011).

Para elaboração das atividades, no movimento da inclusão e das práticas pedagógicas inclusivas, enfatizamos a relevância do uso de tecnologias que podem se constituir como um recurso ou um serviço que colabore para a apreensão do conhecimento pelo aluno (BERSCH, 2013).

Nessa perspectiva, no sentido mais amplo da revolução tecnológica, tais recursos e serviços produzidos podem potencializar qualitativamente o processo de ensino e aprendizagem dos alunos, promovendo a inclusão e a autonomia no processo educativo. Essa aprendizagem assume um caráter essencial na produção e na elaboração de objetos de aprendizagem ao atender às especificidades dos alunos, a fim de intensificar sua participação e seu envolvimento na realização das atividades educativas.

De acordo com o IMS, se a tecnologia aplicada ao aprendizado distribuído é universalmente acessível, este aprendizado terá potencial para atender além de uma grande porcentagem de pessoas com deficiências, pessoas com dificuldades de aprendizado, preferências, estilos de aprendizagem (visual, auditivo ou tátil) e habilidades particulares dos usuários (IMS-BARSTOW; ROTHBERG, 2008 *apud* MACEDO, 2010, p. 140).

Essa transformação pedagógica exige subsídios teóricos e metodológicos que deverão atender às necessidades reais de aprendizagem. O ponto inicial do processo de ensino e aprendizagem é a organização do trabalho docente estruturado e sistematizado pelo planejamento. Consequentemente, o ensino direcionado à satisfação e à aprendizagem de todos os alunos encontra, nos princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem, a possibilidade do movimento de inclusão escolar ser consolidado.

Dessa forma, elaboramos um produto educacional como um modo de minimizar as dificuldades e maximizar as competências do planejamento docente para inclusão por meio do emprego dos Princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem.

Foi necessário planejar este curso de modo a promover as ações didáticas inclusivas. Do mesmo modo, esta ação didática como estratégia formativa de docentes está subsidiada pelos princípios do Desenho Universal para a

Aprendizagem, visando a contemplar maneiras diferentes de aprendizagem. Assim, o planejamento desta Unidade Didática assume como princípios orientadores: possibilitar múltiplas formas de apresentação, ação e expressão do conteúdo pelo aluno e proporcionar vários modos de aprendizagem e desenvolvimento, organizados pelo professor, para os alunos promovendo a participação, o interesse e o engajamento na realização das atividades pedagógicas.

Dessa forma, levando em conta todo processo formativo do profissional-pesquisador, entendemos que a satisfação das necessidades de aprendizagem dos alunos torna-se um objetivo e conhecimento primordiais, senão imperativos, aos docentes do ensino regular, a fim de cumprir com os pressupostos de uma educação inclusiva.

OBJETIVOS GERAIS DA UNIDADE DIDÁTICA

- Compreender os princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem e da educação inclusiva.
- Sensibilizar futuros professores quanto à inclusão educacional.
- Planejar atividades pedagógicas inclusivas subsidiadas pelo Desenho Universal para a Aprendizagem.

CONTEÚDO DA UNIDADE DIDÁTICA

Nesta Unidade Didática, será apresentado o estudo dos princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem, a partir da problematização da prática docente na inclusão educacional no ensino regular. Além disso, a Unidade Didática visa utilizar a descrever estratégias metodológicas que possam envolver futuros docentes na elaboração de situações de aprendizagens significativas para os alunos.

Do mesmo modo, esta ação didática como estratégia formativa de docentes está subsidiada pelos princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem objetivando contemplar modos diferentes de aprendizagem.

Assim, torna-se requisito primordial aos docentes do ensino regular o conhecimento referente ao imperativo de satisfação das necessidades de aprendizagem dos alunos, a fim de cumprir com os pressupostos de uma educação inclusiva.

Conseqüentemente, sugerimos a aplicação desta Unidade Didática com futuros professores da Educação Básica, ou seja, acadêmicos do curso de Pedagogia como mecanismo de formação inicial, para que possam mobilizar conhecimentos do contexto escolar e propor atividades reais para promover a inclusão educacional.

O quadro a seguir contém a estrutura das aulas, os conteúdos, os objetivos específicos, as atividades e a organização da ação didática formativa (conteúdo, modos de ação educativa, ferramentas didáticas, organização do espaço de aprendizagem). Esse quadro busca apresentar a Unidade Didática em sua organização e os aspectos que foram considerados em sua elaboração para atender as necessidades formativas de licenciandos em Pedagogia.

Aulas	Conteúdos	Objetivos específicos	Atividades	Ação didática formativa (conteúdo, modos de ação educativa, ferramentas didáticas, organização do espaço de aprendizagem)
Aula 1 e 2: Educação inclusiva	- Aspectos legais da educação inclusiva; - Conceitos e definições de inclusão educacional.	- Apresentar conceitos de inclusão educacional; - Identificar a legislação e os documentos oficiais que subsidiam a educação inclusiva no Brasil; - Propor uma definição de inclusão educacional, considerando os aspectos legais e conceituais.	Conhecendo os participantes	Questionário inicial – perfil dos participantes (Apêndice A) Cronograma do curso (Apêndice B) Teste seu poder de inclusão (Apêndice C)
			Atividade 1 – Confeção de crachá	Papel cartão, cartolina
			Atividade 2 - Diálogos sucessivos e tempestade de ideias/ nuvens de palavras	Vídeo "Um outro Olhar - Diversidade e Inclusão" (PUCHALSKI, 2008) <i>Wordle®</i> , cartolina e canetas coloridas
			Atividade 3 – Roda de discussão	Vídeo "Inclusão" (WEIKERSHEIMER, 2010) e perguntas problematizadoras
			Atividade 4 – Estudo dos pressupostos da educação inclusiva	Aula expositiva dialogada Slides (Apêndice D) e questões norteadoras Estudo orientado em equipes com suporte de textos (Apêndices de E a J) <i>Phillips 66</i> e mapa conceitual (<i>Cmapprools®</i> e <i>Word®</i>) Roda de discussão com uso de slides (Apêndice K) vídeo "A Política Nacional para a Educação Inclusiva: Avanços e Desafios" (HUNO, 2013) Vídeo "Qual a diferença" (Globo, Programa Fantástico, 2015)
Atividade 5 – Mitos e verdades sobre inclusão, pergunta circular	Questionário (Duarte, 2011) no <i>Google Forms®</i> Pergunta circular no grupo fechado do <i>Facebook®</i> e no <i>WhatsApp®</i>			

Aulas	Conteúdos	Objetivos específicos	Atividades	Ação didática formativa (conteúdo, modos de ação educativa, ferramentas didáticas, organização do espaço de aprendizagem)
Aula 3 e 4: Organização da atividade de ensino para inclusão	- Planejamento - Princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem: das intenções à elaboração de atividades	- Explicar os subsídios da organização da atividade de ensino expostos no planejamento docente; - Discutir sobre os aspectos do planejamento e os princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem; - Avaliar as intenções inclusivas com práticas docentes no processo de ensino e aprendizagem	Atividade 1 – Círculo de estudos e simpósio	Esclarecimentos e reflexões das atividades desenvolvidas Perguntas para discussão entre os grupos
			Atividade 2 – Estudo dirigido	Texto "Organização da atividade de ensino para inclusão - Planejamento e Princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem" (Apêndice L) Slides, imagens e vídeo "O Porquinho e o Biscoito" (SILVESTRI, 2010) "Teste de poder de inclusão", elaborada por Maria Teresa Eglér Mantoan (Apêndice C)
			Atividade 3 – <i>WebQuest</i> e <i>Podcast</i>	<i>WebQuest</i> com <i>Google Sites</i> ® (Apêndice M) <i>Podcast</i> com <i>Power Point</i> ® ou <i>Prezi</i> ®
Aula 5 e 6: Atividades subsidiadas pelo Desenho Universal para a Aprendizagem	- Procedimentos pedagógicos para a inclusão de alunos público-alvo da Educação Especial	- Analisar procedimentos pedagógicos para a inclusão de alunos público-alvo da Educação Especial;	Atividade 1 – Estudo de caso	Estudos de caso (Apêndice N)

Aulas	Conteúdos	Objetivos específicos	Atividades	Ação didática formativa (conteúdo, modos de ação educativa, ferramentas didáticas, organização do espaço de aprendizagem)
	<ul style="list-style-type: none"> - Planejamento de atividades pedagógicas inclusivas a partir do Desenho Universal para a aprendizagem. 	<ul style="list-style-type: none"> - Selecionar um conteúdo a ser ensinado na Educação Básica; - Propor uma atividade pedagógica que leve em conta os princípios do Desenho Universal para a aprendizagem; - Planejar uma atividade considerando os estilos de aprendizagem e a educação inclusiva 	<p>Atividade 2 – Elaboração de atividades pedagógicas</p> <p>Atividade 2 – Elaboração de atividades pedagógicas (continuação)</p>	<p>Pesquisa do conteúdo, seleção de materiais e recursos a serem utilizados</p> <p>Elaboração de um plano de aula com a(s) atividade(s) elaborada(s) com base nos princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem</p>
<p>Encontro final: Apresentação dos planos de aula</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação dos planos de aula 	<ul style="list-style-type: none"> - Apreciar as propostas elaboradas pelos participantes; - Identificar as contribuições e considerações sobre o curso de extensão 	<p>Apresentação dos planos de aula</p> <p>Apreciação dos planos de aula</p> <p>Avaliação do curso</p>	<p>Computador, projetor multimídia</p> <p>Ficha de avaliação para atividades (Apêndice O)</p> <p>Questionário final - avaliação do curso de extensão (Apêndice P)</p>

Quadro 1 - Apresentação geral da Unidade Didática

Fonte: Autoria própria

Aula 1 e 2:

Educação inclusiva

Conteúdos

- Aspectos legais da educação inclusiva;
- Conceitos e definições de inclusão educacional.

Objetivos específicos

- Apresentar conceitos de inclusão educacional;
- Identificar a legislação e os documentos oficiais que subsidiam a educação inclusiva no Brasil;
- Propor uma definição de inclusão educacional, considerando os aspectos legais e conceituais.

Conhecendo os participantes

Para conhecer o perfil do público-alvo, aplicar (i) um questionário (Apêndice A) para levantamento de informações pessoais, formação profissional, nível de conhecimento sobre o tema, expectativas e motivação para o curso; (ii) entregar para os participantes o cronograma (Apêndice B) do curso com datas, carga horária, local e conteúdos a serem abordados; (iii) aplicar o questionário de avaliação inicial, a atividade denominada “Teste seu poder de inclusão”, elaborada por Maria Teresa Égler Mantoan (Apêndice C), que permite aos participantes avaliar suas intenções inclusivas no processo de ensino e aprendizagem por meio das práticas docentes.

Nesse momento inicial, os participantes devem avaliar as situações e escolher aquela que consideram mais acertadas diante do contexto da inclusão. No momento de discutir as respostas do exercício, a professora retomará a discussão, estabelecendo contrapontos entre respostas esperadas e as que foram escolhidas, procurando demonstrar a correção de cada uma delas. Dessa forma, os participantes avaliarão suas respostas e poderão construir seu conhecimento acerca da atitude mais inclusiva entre as muitas que conheceram.

ATIVIDADE 1 – CONFECÇÃO DE CRACHÁ

O professor poderá iniciar o curso com a confecção de um crachá, atividade cujo objetivo é sensibilizar os participantes para as necessidades de aprendizagem das pessoas com deficiência, além disso, eles entram em contato com a Libras e com o Braille.

Primeiramente, o docente deve solicitar aos alunos que se organizem em trios ou em duplas e definir quem gostaria de passar por uma experiência de “cegueira”. Após isso, entregar uma venda aos alunos que aceitaram a experiência, eles a utilizarão durante esta atividade inicial. Quando esses alunos estiverem com os olhos vendados, iniciar as explicações.

Orientar os alunos videntes e os “cegos” a confeccionar um crachá de mesa na forma de um lápis que se apoia longitudinalmente sobre uma base de apoio. Em seguida, entregar formas recortadas em cartolina (ver sugestão na Imagem 1). O

professor deve descrever todos os detalhes dessas formas, sua textura e o que elas representam na montagem do crachá de mesa: (i) retângulo em papel branco e liso dobrado ao meio para compor a base que apoiará o “lápiz” sobre a mesa; (ii) triângulo amarelo e felpudo para formar a ponta onde se encontra o grafite no lápis; (iii) retângulo verde liso para o corpo; (iv) pedaço de fita azul frisada e retângulo vermelho ondulado para formar a borracha encaixada na ponta oposta ao grafite.

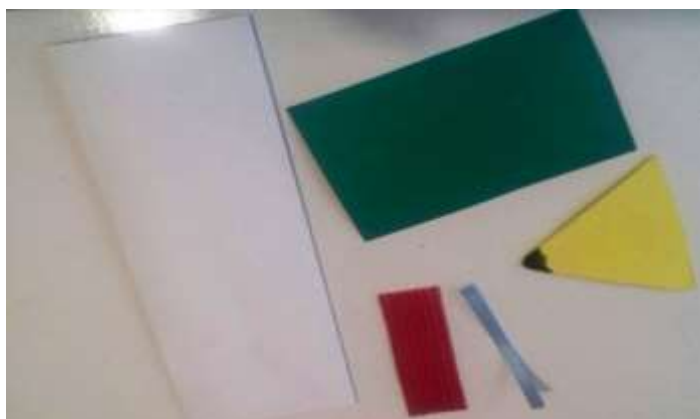


Imagem 1 - Sugestão para peças do crachá de mesa
Fonte: Autoria própria

Após a retirada da venda dos alunos escolhidos, todos podem observar o que montaram (crachá). Deve ser então entregue a todos os alunos: (i) o nome de cada um, em caixa alta, (ii) um gabarito em Língua Brasileira de Sinais (Libras) e (iii) em Braille, para que o traduzam. Durante essa atividade com os nomes, devem ser fornecidas informações sobre a Libras e sobre o Braille.

Os alunos elaboram um sinal em Braille para identificar seu crachá, distinguindo o alfabeto manual (Libras) como utilizado apenas inicialmente em uma conversa, compreendendo que este sinal será sua identificação na comunidade surda. Dúvidas e novas contribuições sobre a realização da atividade podem ser apresentadas neste momento.

Os alunos videntes deverão orientar os alunos “cegos” durante a montagem sem fazer por eles, sem pegar as peças e colocar na mão deles, eles devem fazer sozinhos, sendo apenas direcionados e motivados pela fala dos colegas. Ao final da colagem das peças, os alunos podem tirar a venda e ver o lápis pronto.



Imagem 2 - Sugestão para confecção do crachá de mesa
Fonte: Autoria própria

Questionar, então, os alunos videntes e “cegos” sobre as sensações presentes na realização da atividade, sobre as ações mais necessárias para a execução da tarefa, como orientação do professor, aluno realizando a atividade ou uso dos materiais.

Esperamos que com esta ação os participantes problematizem a importância da orientação adequada, da seleção dos materiais, da relevância dos detalhes na descrição dos objetos, também do papel docente e das possibilidades de aprendizagem.

ATIVIDADE 2 - DIÁLOGOS SUCESSIVOS E TEMPESTADE DE IDEIAS/ NUVENS DE PALAVRAS

Após a elaboração do crachá, a próxima atividade tem como objetivo sensibilizar os participantes para o encaminhamento metodológico a ser desenvolvido por meio de um curta-metragem intitulado "Um outro Olhar - Diversidade e Inclusão" (PUCHALSKI, 2008).

Em seguida à apresentação do vídeo, deve-se entregar aos participantes uma folha de papel sulfite e canetinhas coloridas, para que registrem quatro palavras. Elas devem estar relacionadas ao tema geral a ser debatido "Formação de professores para inclusão: planejamento de atividades pedagógicas a partir dos princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem". Antes desse registro e para facilitá-lo, serão utilizadas duas estratégias de aprendizagem: diálogos sucessivos e tempestade de ideias/ nuvens de palavras.

Primeiramente, os diálogos sucessivos devem ser desenvolvidos com os alunos dispostos em semicírculo. Essa estratégia de ensino-aprendizagem tem por objetivo "debilitar o dogmatismo e aumentar a flexibilidade mental mediante o reconhecimento da diversidade de interpretações sobre um mesmo assunto" (BORDENAVE; PEREIRA, 2011, p. 169). Todos os participantes, aleatoriamente, irão fazer uma breve apresentação (nome, escolaridade, atuação profissional) e expor suas expectativas pessoais, seu conhecimento do tema e seus motivos para participação no curso.

Esperamos, nessa conversa inicial com os participantes, que eles se sintam seguros para expressar suas opiniões e ideias, que estejam dispostos a ampliar seu conhecimento, "desaprendendo" conceitos fragilizados e esvaziados de sentido sobre o tema. Essa estratégia visa a enriquecer a relação de estudo do grupo e a desenvolver flexibilidade mental nos alunos de "mente fechada", ou seja, com dificuldade de aceitar outras opiniões sobre dado assunto.

O próximo passo é o desenvolvimento de uma Tempestade de ideias ou *brainstorming*. Na organização do resultado dessa estratégia, será utilizado um programa informático que produz uma nuvem de palavras, organizando-as, em várias cores e tamanhos, com base no número de menções feitas em determinado texto. No início, entretanto, o professor organizará o resultado manualmente, no quadro negro ou parede, junto com os participantes, listando as palavras em ordem de maior para menor frequência como demonstrado abaixo:

- (15) Formação
- (12) Inclusão
- (10) Pessoa com deficiência
- (10) Dificuldade
- (9) Atividades
- (9) Ensino
- (8) Aprendizagem
- (7) Planejamento

Em paralelo, utilizar o *Wordle*², um programa *on-line* que cria nuvens de palavras para a turma, indicando também aos participantes a forma de utilização.

a) Acesse o programa *Wordle*[®] e clique na opção *crio/create*

² O *Wordle* é um programa gratuito (<http://www.wordle.net/create>) que cria as chamadas "nuvens de palavras" para os usuários. Como consiste em uma ferramenta da Web 2.0, para utilizá-lo é necessário acesso à internet e um navegador atualizado. Assista ao tutorial elaborado pela Edu Tecnologia disponível no *link*: <https://www.youtube.com/watch?v=7TbLUcYuzNY>.



Figura 3 - Nuvem de palavras no *Wordle*®
Fonte: Feinberg (2014)

Cabe ressaltar que todos os participantes devem ser incentivados a se envolver na discussão e a colaborar na construção da atividade proposta, a fim de que sejam indicadas as palavras e a relação entre elas. Esta atividade inicial deve ser retomada e seus resultados continuarão fixados em local visível a todos durante as aulas do curso

ATIVIDADE 3 – RODA DE DISCUSSÃO

Após tais discussões e atividades iniciais, são relembrados o objetivo geral do curso, os conteúdos e as propostas de atividades a serem desenvolvidas. O curso se voltará à explicitação de conceitos sobre inclusão, aos aspectos legais e a subsídios práticos para a elaboração de atividades no contexto escolar inclusivo.

Diante de tais observações, poderá ser utilizado um outro curta-metragem, dessa vez de animação, intitulado "Inclusão" (WEIKERSHEIMER, 2010), produzido no contexto universitário do curso Voyage, da Melies - Escola de Cinema, 3D e Animação. Por meio disso, promover uma discussão a respeito do conceito de inclusão com base em perguntas problematizadoras: o que é inclusão? O que representa a bola, personagem do vídeo? Por que ela não é aceita nos grupos? Precisamos nos sentir aceitos na sociedade? Como os grupos são formados? Por

que temos dificuldades para aceitar as diferenças? Como lidar com as inseguranças diante da inclusão? Você tem medo da inclusão educacional? Como resistir à exclusão? No final dessa atividade, é importante que eles expressem por escrito suas ideias e suas opiniões, como comentário pessoal, para os encaminhamentos metodológicos posteriores.

ATIVIDADE 4 – ESTUDO DOS PRESSUPOSTOS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A fim de identificar a legislação e os documentos oficiais que subsidiam a educação inclusiva no Brasil, o professor elabora uma aula expositiva dialogada com base nas principais leis e nos documentos oficiais, por meio de *slides* (Apêndice D), com trechos que evidenciam a legitimidade e os pressupostos da educação inclusiva. É importante salientar a necessidade do uso de questões norteadoras, durante a exposição, para que os participantes exponham suas opiniões e experiências, bem como a compreensão deles a respeito da legislação apresentada e analisada.

A próxima estratégia tem por objetivo "desenvolver a capacidade de estudos de um problema em equipe de forma sistemática" (BORDENAVE; PEREIRA, 2011, p. 169). Para o segundo conteúdo desta primeira parte do curso, os participantes devem apresentar conceitos e definições de inclusão por meio do estudo orientado em equipes com suporte de textos.

São organizados grupos para leitura e análise de textos previamente selecionados (listados adiante). Os grupos deverão destacar: conceitos e definições de inclusão, características principais desses conceitos e principais conhecimentos sobre o tema, elaborando quadros conceituais para contribuir no encaminhamento das discussões do estudo orientado (modelos são apresentados nos apêndices de E a J deste produto educacional).

1 Quadro conceitual - MANTOAN, 2015

MANTOAN, Maria Teresa Égler. O que é inclusão escolar. In: ____ **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Summus, 2015. p. 19-29.

2 Quadro conceitual - CARVALHO, 2004.

CARVALHO, Rosita Edler. Concepções, princípios e diretrizes de um sistema educacional inclusivo. In: ____ **Educação Inclusiva: com os pingos nos "is"**. Porto Alegre: Mediação, 2004. p. 77-84.

3 Quadro conceitual - DALL'ACQUA; VITALIANO, 2004

DALL'ACQUA, Maria Júlia Canazza; VITALIANO, Célia Regina. Algumas reflexões sobre o processo de inclusão em nosso contexto educacional. In: VITALIANO, Célia Regina (Org.). **Formação de professores para inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais**. Londrina: EDUEL, 2010. p. 17-30.

4 Quadro conceitual - SARTORETTO, 2011

SARTORETTO, Mara Lúcia. Inclusão: da concepção à ação. In: MANTOAN, Maria Teresa Égler. **O desafio das diferenças nas escolas**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p.77-82.

5 Quadro conceitual - SILVA, 2010

SILVA, Aline Maria da. Princípios para alcançar a inclusão escolar. In: ____ **Educação especial e inclusão escolar: história e fundamentos**. Curitiba: Ibpex, 2010. p. 100-108.

6 Quadro conceitual - SÁNCHEZ, 2005

SÁNCHEZ, Pilar Arnaiz. A educação inclusiva: um meio para construir escolas para todos no século XXI. In: **Revista da Educação Especial - Inclusão**, out/2005. p.7-17.

Depois do estudo orientado por equipes, utilizar a técnica denominada *Phillips 66* a fim de que os participantes formulem ideias sobre a inclusão educacional com base no texto indicado. Essa estratégia "consiste na divisão de um grupo grande de alunos em pequenas frações de seis membros, que discutem um assunto durante seis minutos" (BORDENAVE; PEREIRA, 2011, p. 169). Sugerimos que (i) sejam explicitados os objetivos da estratégia, que (ii) seja disponibilizado tempo suficiente para as discussões dos grupos e que (iii) o arranjo seja montado com base no número de participantes do curso, assegurando, entretanto, a organização de seis grupos.

A estratégia retoma as discussões realizadas na atividade inicial sobre conceitos e definições de inclusão educacional. É necessário disponibilizar um minuto para o grupo eleger o líder. Ele será responsável por repassar as ideias sobre inclusão para os outros grupos também em seis minutos.

Assim, cada líder passará seis minutos em cada grupo, apresentando verbalmente as ideias discutidas sobre o assunto. Ao final dessa atividade, será importante que cada grupo construa um conceito e uma definição, em consenso.

Propõe-se então a técnica do mapa conceitual, na qual a turma resumirá todo o conteúdo sobre educação inclusiva estudado nessa primeira parte do curso.

O mapa pode ser elaborado no programa *Cmaptools*³ (uso de computador com projeção para visualização da turma), em um documento do *Word*[®] (uso de computador com projeção para visualização da turma) ou em folha sulfite (registro manuscrito com canetas coloridas). As figuras 3, 4 e 5, a seguir, permitem a visualização dos mapas em cada suporte.

Exemplo usando folha sulfite:

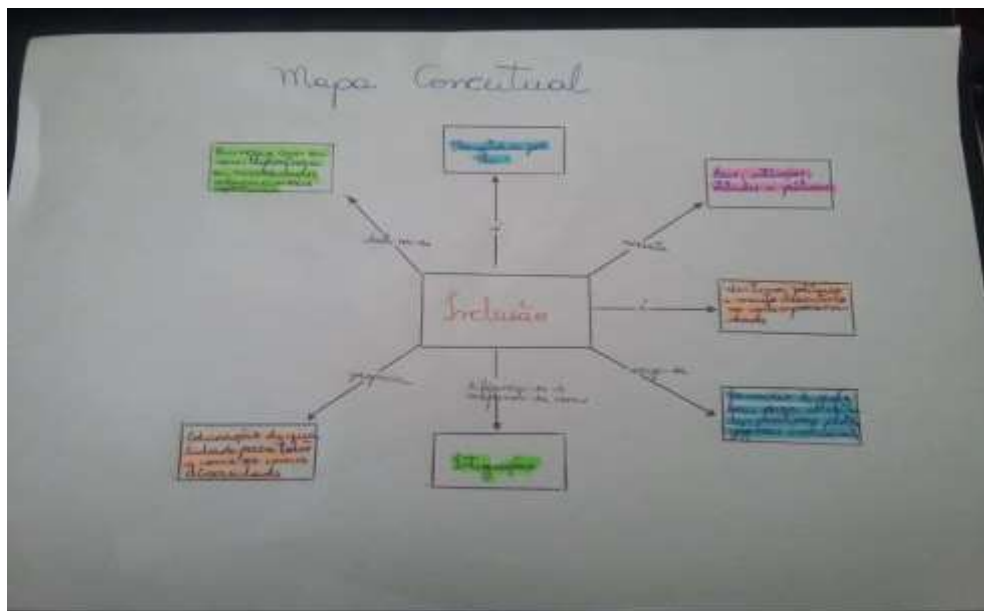


Figura 3 - Criação de mapa conceitual em folha sulfite
Fonte: Autoria própria

³ O *CmapTools* é um programa *on-line* ou por *download* gratuito que permite aos usuários criar mapas conceituais. Como consiste em uma ferramenta da Web 2.0, para utilizá-lo, é necessário apenas acesso à Internet e um navegador atualizado. O governo do Estado de São Paulo, por meio da sua Secretaria da Educação, elaborou um tutorial em vídeo e o disponibilizou gratuitamente na rede social YouTube. O endereço é: < <https://www.youtube.com/watch?v=gKUrsvhyM78> >.

Exemplo usando *Cmaptools*®:

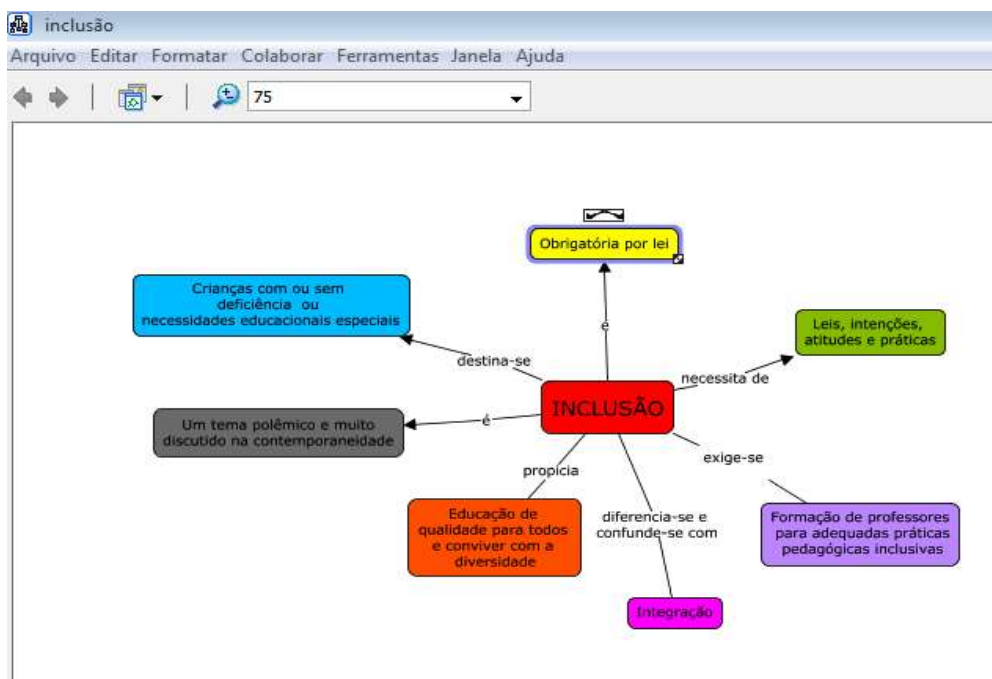


Figura 4 - Criação de mapa conceitual no *CmapTools*®
Fonte: *CmapTools*® (criado pela autora)

Exemplo usando *Word*®:

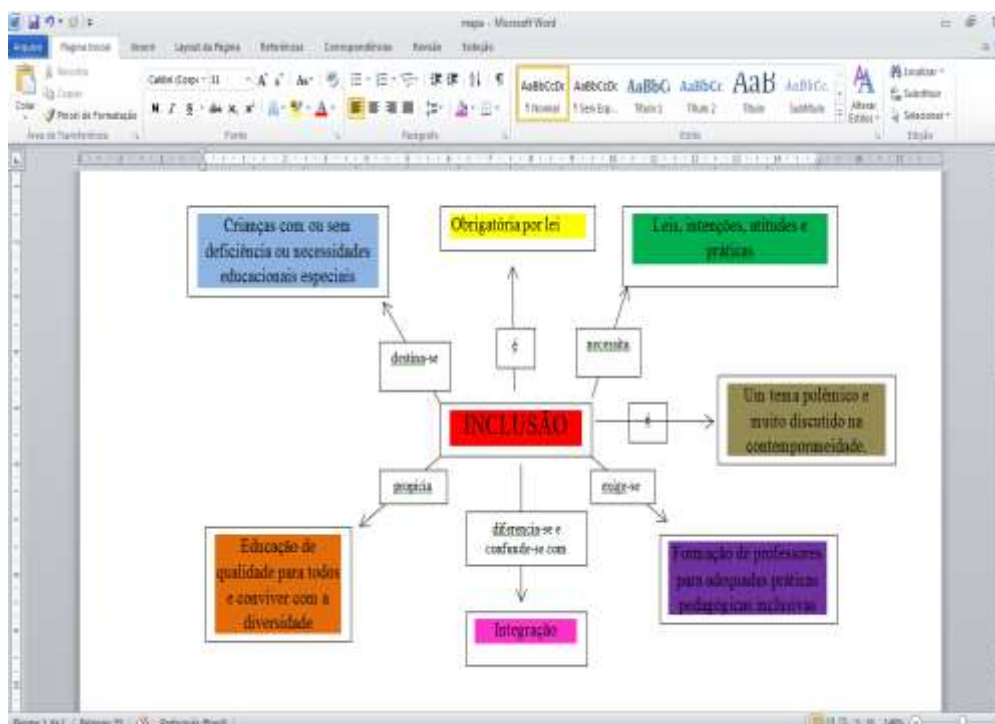


Figura 5 - Criação de mapa conceitual no *Word*®
Fonte: *Word*® (Criado pela autora)

Após cada grupo criar seu mapa conceitual, poderá ser designado um aluno para dividir este resultado com os outros grupos. Mais do que saber utilizar esses recursos para a construção do mapa conceitual, a turma precisa articular as ideias apreendidas nas aulas do curso sobre o tema em debate.

A atividade deve ser seguida de uma roda de discussão sobre o que diz respeito ao contexto, à história e à legislação da inclusão no Brasil, passando pelos conceitos de exclusão, segregação, integração e de inclusão. Utilizar *slides* ilustrativos e explicativos com charges, imagens, tópicos de estudo e frases curtas sobre o conteúdo abordado (Apêndice K).

Para finalizar, assistir ao vídeo "A Política Nacional para a Educação Inclusiva: Avanços e Desafios" (HUNO, 2013) como estratégia explicativa do tema na roda de discussão. O vídeo mostra a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, com entrevistas de Maria Teresa Mantoan (Faculdade de Educação da Unicamp), de Marcos Mazzota (Faculdade de Educação da USP), de Ulisses Araújo (Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP) e faz parte de um programa que se refere ao Eixo Articulador - Educação Inclusiva do Curso de Pedagogia Unesp/Univesp.

ATIVIDADE 5 – MITOS E VERDADES SOBRE INCLUSÃO, PERGUNTA CIRCULAR

Esta atividade toma como base um texto sobre a inclusão das pessoas com deficiência que enumera 50 mitos e verdades sobre o assunto. Foram selecionados 14 dos itens publicados por Duarte (2011), referentes a aspectos da educação da pessoa com deficiência. Com base nele, elaboramos uma atividade *on-line* no *Google Forms*⁴, programa no qual se pode criar formulários. Nesta atividade, para cada frase apresentada, o participante deveria indicar "mito ou verdade" como resposta. Ao concluir as questões, teria o resultado de todas as suas respostas.

Sugere-se que seja criado um grupo fechado no *Facebook*[®] para que as atividades, *links*, sugestões, indicações de vídeo e informações sobre o curso sejam postadas e compartilhadas entre os participantes.

⁴ Para criar um formulário a partir dos *Apps* que o Google oferece é preciso ter uma conta neste servidor e acesso à Internet para usufruir das ferramentas do sistema. Assim, com acesso a esta opção, poder-se-á criar, personalizar, compartilhar *on-line* os formulários (*Google Forms*), ter acesso a um resumo dos dados e à análise dos resultados por meio de gráficos emitidos pelo próprio sistema e, no caso de respostas discursivas, organizá-las para futura interpretação. Acesso ao *Google Forms*: <<https://www.google.com/intl/pt-BR/forms/about/>>. Acesso em: 13 jun. 2016.

O formulário elaborado para este produto educacional está disponível na internet⁵ e pode ser utilizado como referência para elaboração de outros, baseados em outros textos, se for desejo do professor. Ele foi disponibilizado no grupo criado no Facebook®, pois o sistema recolhe as respostas para serem analisadas pelos participantes, posteriormente. Os alunos, então, podem ter acesso a elas e comentar sua participação no questionário.

Com data previamente marcada e duração de aproximadamente uma hora, foi feito um *Chat* em grupo, utilizando a rede social Facebook⁶. Sugerimos a reflexão, a discussão das respostas do formulário, frente a cada frase, procurando explicitar seus motivos. Essa estratégia visa à reflexão sobre o reconhecimento de direitos e a inclusão, permitindo a participação de todos na discussão, expressando dúvidas e ideias advindas das aulas do curso.

Após a discussão no *chat* do Facebook, utilizamos o aplicativo *WhatsApp*⁷, para realizar outra atividade: a “Pergunta Circular”, que consiste no debate, com participação ativa de todos os estudantes, sobre a questão (BORDENAVE; PEREIRA, 2011, p. 168). Para isso, indicamos, primeiramente, o *link* do episódio do programa “Qual a diferença”, exibido pelo Programa *Fantástico*, da Rede Globo, no dia 23/08/2015⁸, sobre a inclusão da criança com deficiência no contexto escolar. Promovemos, então, a discussão utilizando a questão problematizadora: Quais os desafios para inclusão educacional? Nessa atividade, é importante que, durante uma semana, fiquem abertas as discussões do grupo até a próxima aula presencial. Durante o debate, o professor deve mediar as ideias com novas perguntas, se necessário.

5 Nesse caso, é necessário entrar em contato com a pesquisadora, pois o formulário não está permitindo acesso para não comprometer os resultados desta pesquisa. Endereço eletrônico: <<https://docs.google.com/a/uenp.edu.br/forms/d/1sHmDZMz3p3K-DYYHdjnaABHIDSxJYXEc2gxCvm00YII/viewform>>.

⁶ Facebook é uma rede social que possui diversas ferramentas da Web 2.0. Nesta ferramenta, utilizaremos a funcionalidade “Grupos”, que tem por objetivo representar o grupo do curso oferecido. Para isso, é preciso que todos tenham uma conta neste aplicativo para que possam ser cadastrados e adicionados ao grupo, bem como ter acesso à Internet. O professor designará um nome, determinará a visibilidade, se será público ou restrito, e adicionará os participantes. A ferramenta Grupo oferece uma aba chamada Documentos, que permite que os membros do grupo criem documentos de forma colaborativa. Todos os membros podem abri-los, editá-los e salvá-los. Além disso, podem comunicar-se entre si, compartilhar materiais e criar um sistema colaborativo de estudo.

⁷ WhatsApp é um aplicativo criado para *smartphones* que permite aos usuários trocar mensagens, áudios, vídeos e imagens/fotos e fazer ligações aos seus contatos de maneira objetiva e instantânea. Para uso desta ferramenta multiplataforma, é necessário: número de telefone celular, acesso à Internet, versões dos sistemas operacionais móveis para Android, Windows Phone 8 ou iOS e também pode ser utilizado pelo celular e pelo computador. Dentre as ferramentas, indicamos a opção de montar grupo com os participantes para desenvolver a atividade proposta: pergunta circular.

⁸Disponível em:<<http://g1.globo.com/fantastico/edicoes/2015/08/23.html>>.

Recursos didáticos

- Folha sulfite e canetas coloridas;
- Computador, projetor multimídia e caixas de som;
- Curta-metragens, reportagens, slides, charges, artigos científicos, capítulos de livro, *Wordle*®, *CmapTools*®, *Google Apps*®, *Google Forms*®, *WhatsApp*®, *Facebook*®.

Aula 3 e 4:

Organização da atividade de ensino para inclusão

Conteúdos

- Planejamento
- Princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem: das intenções à elaboração de atividades

Objetivos específicos

- Explicar os subsídios da organização da atividade de ensino expostos no planejamento docente;
- Discutir sobre os aspectos do planejamento e os princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem;
- Avaliar as intenções inclusivas com práticas docentes no processo de ensino e aprendizagem

ATIVIDADE 1 – CÍRCULO DE ESTUDOS E SIMPÓSIO

Iniciar a aula retomando o que foi trabalhado nas duas primeiras aulas do curso e nas duas atividades *on-line*, por meio de um círculo de estudos. Essa estratégia tem por objetivo "meditar coletivamente sobre um tema importante, com ajuda de obras e pessoas para consulta, a fim de chegar a uma tomada de posição" (BORDENAVE; PEREIRA, 2011, p. 168). Dessa forma, devem fazer uso de todo o material utilizado na primeira parte do curso e das atividades desenvolvidas, a fim de elencarem os conhecimentos mais relevantes sobre o tema adquiridos até o momento no curso.

Após essa atividade, informar aos participantes que irão fazer um simpósio, cujo objetivo é "apresentar diversos aspectos de um mesmo tema ou problema para fornecer informações e esclarecer conceitos" (BORDENAVE; PEREIRA, 2011, p. 168). Para tanto, dispor os alunos em cinco grupos e encarregá-los de uma pergunta a ser respondida pelo grupo, com tempo entre vinte e trinta minutos: (i) a inclusão, em nosso meio, tem se tornado realidade? Justifique; (ii) Que fatores marcam o sucesso ou insucesso dos alunos em sala de aula?; (iii) Quais as influências do planejamento docente para inclusão?; (iv) O que é preciso para ser um professor inclusivo em sala de aula?; (v) Como ensinar a todos no contexto da inclusão educacional?

Posterior à organização de cada grupo, escolher um representante para compor o simpósio. Para isso, pedir aos participantes que socializem as respostas das perguntas e fomentem a discussão, fazendo comentários, levando a outros questionamentos, ou ainda, lembrando e explicando conceitos relevantes sobre a inclusão educacional. Levar os participantes a entender a importância do planejamento de aulas que possam refletir sobre as intenções à ação inclusiva.

ATIVIDADE 2 – ESTUDO DIRIGIDO

Em seguida, organizar o grupo em círculo, distribuir o texto de elaboração própria "Organização da atividade de ensino para inclusão - Planejamento e Princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem" (Apêndice L) e desenvolver

um estudo dirigido com apoio de *slides*, imagens e vídeos, a fim de explicar os subsídios teóricos e práticos da organização da atividade de ensino expostos no planejamento docente⁹.

Além disso, pode-se chamar a atenção dos participantes para leitura, explicações e destaques do texto. Primeiramente, explicar que o planejamento educacional, em sua amplitude, refere-se a um processo contínuo e permanente que ilustra o que e como será ensinado um conteúdo. Em segundo lugar, que o Desenho Universal para a Aprendizagem não se refere a um modelo único, mas a uma abordagem flexível e que propicia uma orientação para a criação de objetivos, métodos, materiais e avaliações educacionais que favoreçam a aprendizagem de todos, pois está ajustada e adaptada a cada realidade educacional e às necessidades individuais de aprendizagem. Explicar os conceitos presentes no texto, tirar dúvidas que surgirem durante o estudo, buscar exemplos do uso adequado e inadequado dos princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem.

Ademais, informar aos participantes que assistirão a um vídeo denominado "O Porquinho e o Biscoito" (SILVESTRI, 2010), produzido pela ARC *Productions – Animation & Visual Effects*, que mostra de forma criativa e divertida as tentativas elaboradas pelo personagem para atingir um objetivo. Deixar que os participantes expressem suas opiniões diante do que assistiram e, posteriormente, finalize a aula explicitando a importância do objetivo para a aprendizagem, sendo este o ponto de partida do planejamento e dos princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem na perspectiva da inclusão educacional.

Nesse momento do curso faz-se necessário reavaliar as respostas obtidas no "Teste de poder de inclusão", elaborada por Maria Teresa Eglér Mantoan (Apêndice C), na qual foram realizadas adaptações que permitem aos participantes avaliar suas intenções inclusivas com práticas docentes no processo de ensino e aprendizagem. A atividade deve ser desenvolvida individualmente e, depois, as discussões sobre as práticas mais inclusivas indicadas pelos alunos em cada caso devem ser expostas. Assim, será possível reavaliar as intenções inclusivas que foram ampliadas ou compreendidas a partir do curso.

⁹ Sugerimos o vídeo: "Um breve olhar sobre UDL – Universal Design for Learning" (5'), produzido pela Cast, uma organização sem fins lucrativos que procura expandir as oportunidades de aprendizagem por meio do Desenho Universal para a Aprendizagem. Ele está legendado em português e disponível no seguinte endereço eletrônico: <<https://www.youtube.com/watch?v=ltMJO6ciksl&feature=youtu.be>>.

No final da aula, explicar sobre as atividades *on-line* a serem desenvolvidas por meio da *WebQuest* DUA¹⁰ (PRAIS, 2016), cuja tarefa é a produção de um *Podcast*¹¹ sobre o assunto. Ao final, o participante encontra um questionário para avaliação da atividade.

A *WebQuest* (Apêndice M) foi elaborada utilizando a ferramenta do Google Sites® em que os participantes deverão, ao final da atividade, produzir um *Podcast*® sobre o Desenho Universal para a aprendizagem e o planejamento docente na perspectiva da inclusão. É importante destacar que, serão fornecidos um texto de apoio, imagens ilustrativas e esquemas, bem como exemplos dos princípios e práticas do Desenho Universal para a aprendizagem em quatro áreas do conhecimento: Princípios e Práticas, Linguagem, Matemática e Ciências e para que possam ampliar os conhecimentos do grupo frente ao tema após terem sido discutidos em sala. O *Podcast* será produzido em grupo como tarefa da *WebQuest*, visando a reflexões individuais e em grupo durante a atividade de análise das práticas inclusivas contendo: um dos casos analisados na *WebQuest*, parâmetros da educação inclusiva e dos princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem, objetivando explicar cada reflexão realizada em cada conteúdo.

Neste caso, indicamos a elaboração em grupo pelos participantes do curso com o objetivo de comentarem e exporem suas opiniões a partir do uso de gravação de vídeo e/ou áudio pelo celular e postarem no grupo organizado no *Facebook*®,

¹⁰ A *WebQuest* foi criada por Bernie Bogde em 1995. Consiste em uma proposta metodológica com o uso da Internet de maneira criativa. É essencial na estrutura e elaboração de uma *WebQuest* conter: introdução - determina a atividade, tarefa - informa o *software* e o produto a serem utilizados, processo - define a forma na qual a informação deverá ser organizada (livro, vídeos etc.), fonte de informação - sugere os recursos: endereços de sites, páginas da *Web*, avaliação - esclarece como o aluno será avaliado, conclusão - resume os assuntos explorados na *WebQuest* e os objetivos supostamente atingidos, créditos - informa as fontes de onde são retiradas as informações para montar a *WebQuest*, quando página da *Web* coloca-se o *link*, quando material físico coloca-se a referência bibliográfica. É também o espaço de agradecimento às pessoas ou instituições que tenham colaborado na elaboração. Ela pode ser disponibilizada de diferentes formas, e optamos por criá-la e compartilhá-la usando a ferramenta do *Google Sites*®.

¹¹ *Podcast* é um arquivo de áudio e/ou vídeo que pode ter como objetivo: expor, informar, dar Feedback, comentar, instruir, recomendar e/ou divulgar materiais autênticos. O uso desta proposta metodológica no ensino volta-se para o conteúdo e interação com os alunos, podendo ser compartilhada entre os participantes, aluno/professores e demais colaboradores. Neste caso, indicamos a elaboração pelos participantes do curso com o objetivo de comentar e expor suas opiniões a partir do uso de uma apresentação em *Power Point*® ou *Prezi*®, a serem capturados a imagem e o áudio por meio do *software Jing*®.

podendo também utilizar como apoio uma apresentação em *Power Point*®¹² ou *Prezi*®¹³ a serem capturados a imagem e o áudio por meio do software *Jing*®¹⁴. Explicar aos participantes que ambos os recursos permitirão gravar o áudio junto à imagem do computador. Depois, devem enviar e postar o vídeo no grupo fechado do curso e ao professor para que ele avalie as reflexões e os entendimentos produzidos para esclarecer dúvidas, complementar ideias, apontar conceitos e retomar os conteúdos abordados no início da quinta aula do curso.

Recursos didáticos

- texto, vídeo;
- Computador, projetor multimídia
- *WebQuest* com *Google Sites*®, *Podcast* com *Power Point*® ou *Prezi*®.

¹² *Power Point*® é um programa que permite criar apresentações. Para utilizá-lo, é necessário baixar e instalar a versão de acordo com o Windows de seu computador.

¹³ *Prezi*® é um programa que também permite criar apresentações. Para sua utilização, é necessário baixar e instalar a versão de acordo com o Windows de seu computador ou acessá-lo *on-line* disponível no site <https://prezi.com>

¹⁴ O *Jing*® é um software gratuito, desenvolvido por *TechSmith*, que, após instalado no computador, permite aos usuários capturar e editar a tela, bem como gravar o áudio durante essas ações. O programa inclui comandos de edição para destacar áreas específicas ou escrever textos na imagem fotografada. Como consiste em um *software*, necessita de algumas configurações mínimas: sistema operacional a partir de Windows 7, espaço livre de 8,2 MB, acesso à internet para fazer *download*. No endereço eletrônico <<https://www.youtube.com/watch?v=O020MfJQT3A>>, da Rede *YouTube*, há um tutorial com os passos para a instalação do programa e seu uso no computador com Windows®.

Aula 5 e 6:

Atividades subsidiadas pelo Desenho Universal para a Aprendizagem

Conteúdos

- Procedimentos pedagógicos para a inclusão de alunos público-alvo da Educação Especial
- Planejamento de atividades pedagógicas inclusivas a partir do Desenho Universal para a aprendizagem.

Objetivos específicos

- Analisar procedimentos pedagógicos para a inclusão de alunos público-alvo da Educação Especial;
- Selecionar um conteúdo a ser ensinado na Educação Básica;
- Propor uma atividade pedagógica que leve em conta os princípios do Desenho Universal para a aprendizagem;
- Planejar uma atividade considerando os estilos de aprendizagem e a educação inclusiva.

ATIVIDADE 1 – ESTUDO DE CASO

Tendo em vista os conteúdos abordados até o momento do curso, neste momento o objetivo é o de que os participantes sejam capazes de pensar um planejamento que considere os diferentes modos de aprendizagem, bem como evidenciar as Necessidades Educacionais Especiais (NEE).

Para tanto, utilizar a estratégia de ensino e aprendizagem denominada estudo de caso, que tem por objetivo “desenvolver a capacidade analítica e preparar-se para saber enfrentar situações complexas, mediante estudo coletivo de situações reais ou fictícias” (BORDENAVE; PEREIRA, 2011, p. 168).

Serão utilizados seis casos¹⁵ (Apêndice N), a serem apresentados da seguinte forma:

- 1) Língua Portuguesa – produção de texto - aluno cego: assistir trecho do vídeo “As cores das flores” (ONCE, 2010);
- 2) Língua Portuguesa – escrita/grafia - aluno surdo: dramatização de um ditado de palavras;
- 3) Matemática – operações - aluno com deficiência intelectual: atividade sobre adição e subtração;
- 4) Educação Física – Esporte/Futsal - aluno com deficiência física: relato sobre uma aula de Educação Física com o conteúdo de Esporte na modalidade de Futsal;
- 5) Arte – cores primárias e secundárias - aluno com altas habilidades: demonstrar e descrever a explicação sobre as cores primárias e secundárias;
- 6) História/Geografia/Ciência – identidade – alunos com transtornos globais do desenvolvimento/espectro do autismo: aplicação de uma roda de conversa sobre a identidade.

Cabe destacar a importância de preparar cada caso a ser apresentado para o grupo, de modo que envolva uma situação verossímil de conflito, passível de ser interpretada pelo grupo, tendo em vista o objetivo de desenvolver a capacidade analítica e o espírito científico.

No momento da aplicação de cada caso, utilizar os seguintes passos: (i) enunciação do caso; (ii) apresentação do caso (por exemplo, material fotocopiado,

¹⁵ Ver Apêndice N com explicações sobre as atividades para cada caso.

filme ou dramatização, etc.); (iii) descrição e discussão sobre o que identificaram durante a apresentação do caso (o que mais lhe chamou atenção?); (iv) debate sobre o caso; (v) considerações sobre problemas e desafios identificados (por que este caso merece ser analisado?); (vi) explicação com uso de *slides*; (vii) procedimentos pedagógicos específicos levando em conta a NEE em destaque; (viii) sugestão de alternativas pedagógicas frente ao caso estudado: o que você faria?

Ao final de cada atividade de estudo, o professor pode fazer comentários, perguntas, reinterpretções e novas perguntas, a fim de potencializar a participação do grupo, tendo cuidado para não inibir a liberdade de opinião e nenhum aluno. É importante que as propostas sejam analisadas pelo grupo e favoreçam a reflexão sobre o que foi estudado. O professor também apresenta sua sugestão para cada caso analisado.

Vale a pena lembrar que esses casos servem a uma proposta de atividades pedagógicas com base nos princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem. Essa proposta deve atender não só à criança com NEE em destaque no caso, mas a todos os alunos da sala em que ela está incluída.

ATIVIDADE 2 – ELABORAÇÃO DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

Após esse estudo, a sexta aula abordará a prática pedagógica inclusiva. Ela será dedicada à elaboração de atividades subsidiadas pelos Princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem com vistas ao conteúdo da Educação Básica nas etapas da Educação Infantil ou nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Os participantes podem ser divididos em grupos que apresentem interesses em comum para que, de forma colaborativa, produzam coletivamente um plano de aula com base em um conteúdo da Base Nacional Comum: Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Ciências e Arte. A intervenção pedagógica no estágio supervisionado, durante a formação inicial em Pedagogia, é desenvolvida nessas matérias, portanto é possível que os alunos já tenham ministrado aulas nessas disciplinas ou elas ainda sejam conteúdo de sua prática pedagógica atual.

De fato, seria importante que este curso fosse sincronizado com o período de observação dos graduandos na turma em que desenvolverão o estágio supervisionado, composto por três principais etapas: observação, planejamento e docência. Entendemos que essas etapas existem para que todo este processo

formativo de elaboração do plano de aula e das atividades pedagógicas, pensando a partir do curso, possa ser efetivamente aplicado e que, no planejamento, já deve estar indicado o modo de a inclusão ser efetivada, ou seja, já previstas ações pedagógicas mais inclusivas.

A partir dos grupos e dos conteúdos selecionados, os participantes desenvolverão, durante uma semana, de maneira não-presencial os seguintes encaminhamentos: pesquisar o conteúdo, selecionar materiais e recursos a serem utilizados e elaborar um plano de aula com a(s) atividade(s) elaborada(s) com base nos princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem. Cabe ressaltar que, no plano de aula, irá conter: etapa, turma, disciplina, conteúdo, objetivo geral (opcional), objetivo(s) específico(s), encaminhamento metodológico (de forma detalhada, para evidenciar os princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem), recursos, avaliação, referências, apêndices e anexos (se houver).

Recursos didáticos

- texto, vídeo, *slides*;
- computador, projetor multimídia.

Encontro final

Conteúdo

- Apresentação dos planos de aula

Objetivos específicos:

- Apreciar as propostas elaboradas pelos participantes;
- Identificar as contribuições e considerações sobre o curso de extensão.

Procedimentos metodológicos e estratégias:

No encontro final, os grupos vão apresentar suas propostas e apreciar as demais, problematizando o uso dos princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem: o conteúdo é apresentado de várias formas? O aluno pode agir e se expressar de várias maneiras? Como você desperta o interesse e a motivação para a realização das atividades e participação na aula?

Ao fim das apresentações, os participantes também avaliarão esta ação didática como estratégia formativa proporcionada por este curso, utilizando a ficha de avaliação para atividades (Apêndice O) e questionário final - avaliação do curso de extensão (Apêndice P)

Ainda preconizamos que a partir do curso os participantes do grupo possam usar os conhecimentos adquiridos e o plano elaborado em instituições de ensino da Educação Básica onde atuam ou atuarão, bem como vincular ao estágio supervisionado em docência na Educação Infantil ou nos anos iniciais do Ensino Fundamental e utilizar as atividades elaboradas no curso.

E que, no momento da intervenção pedagógica do estágio supervisionado, por exemplo, os participantes possam acompanhar e observar a participação e a realização das atividades por seus alunos. Para documentar esta intervenção pedagógica, sugerimos que os integrantes possam, quando o realizarem, elaborar um relatório descritivo e explicativo do processo de ensino e aprendizagem promovido com seus alunos da Educação Básica, a partir dos conhecimentos advindos do curso. Dessa forma, será possível perceber a mudança conceitual do participante em relação à sua prática pedagógica, bem como avaliar as propostas previstas nos planos de aula.

Recursos didáticos

- texto, vídeo, slides;
- computador, projetor multimídia.

Entendemos que a avaliação deve ser contínua e permanente, deve acompanhar a aprendizagem dos participantes em cada momento do curso a fim de ter elementos para desenvolver uma ação didática estratégica, de formação de professores para inclusão. Por isso, sugerimos os seguintes itens como instrumentos avaliativos do curso:

- 1) Caderno: os alunos devem registrar suas ideias, dúvidas, atividades e anotações;
- 2) Áudio: para gravação dos encontros presenciais, arquivando falas dos participantes e discussões promovidas pelo grupo;
- 3) Questionário: para identificação inicial do perfil dos participantes, avaliação inicial dos conhecimentos prévios e final sobre ações pedagógicas inclusivas (Teste do poder de inclusão), avaliação da ação didática formativa (curso);
- 4) Ficha de avaliação das atividades: instrumento relevante que avalia os conhecimentos dos alunos e do professor, examinando o curso e as atividades elaboradas por meio dos estudos desenvolvidos nesta ação didática;
- 5) Fotos: para registrar os momentos do curso, a fim de ilustrar e representar as ações desenvolvidas no processo formativo;
- 6) Atividades: formação de arquivos das atividades desenvolvidas pelos grupos com a ficha de avaliação realizada pelo professor e pelos outros grupos;
- 7) Registros cursivos: para relatar pontos mais importantes em um caderno (diário) de campo: percepções e impressões dos objetivos de cada encontro.

Esses instrumentos se somam aos três momentos de grande importância, que sintetizam a avaliação geral do curso. Primeiramente na aplicação da *WebQuest* (Apêndice M) sobre o planejamento docente para inclusão; do roteiro escrito do Desenho Universal para a Aprendizagem, da gravação (áudio, áudio/imagem e

áudio/vídeo) e do questionário final. Estes são, na avaliação final do curso, os instrumentos avaliativos que permitem verificar a apropriação do conteúdo curso.

Em segundo lugar, a ficha de avaliação das atividades (Apêndice O), com o emprego dos princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem, permite uma avaliação do uso desse conhecimento diante da prática pedagógica.

Por fim, no terceiro momento, são também instrumentos importantes a elaboração, a apresentação e a avaliação do plano de aula, empregando princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem que favoreçam a aplicabilidade do conteúdo para a formação e prática profissional como docente.

Considerando esses pressupostos avaliativos, apresentaremos um relato (Apêndice Q) de uma aplicação deste produto a um grupo de graduandos de Pedagogia. O Apêndice contém a descrição dos momentos formativos e das atividades produzidas ao longo do curso de extensão, que são dados para análise posterior de uma dissertação de mestrado.

Temos como intuito, após a avaliação do produto educacional, de sua aplicação e das atividades desenvolvidas, poder produzir um livro digital que seja utilizado como novo instrumento didático pedagógico. Esse, por sua vez, poderá ser uma fonte de referência e consulta para os profissionais da educação brasileira que almejam contribuir para uma prática inclusiva no contexto escolar.

Considerações finais

Esta Unidade Didática tem como pressuposto o processo formativo do futuro professor. Ela se fundamenta na organização de uma atividade de ensino que busca atender às necessidades básicas de aprendizagem dos alunos para consolidação da inclusão educacional.

Acreditamos que essa organização deve considerar os pressupostos do Desenho Universal para a Aprendizagem, podendo então levar a êxito práticas inclusivas, auxiliando os docentes em sua prática pedagógica.

Ademais, todo o processo sugerido nesta UD, visando à organização de atividade de ensino subsidiada pelos princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem, pode ser referência para um programa de formação de professores que se volte para a inclusão de alunos com deficiência do ensino regular, em qualquer etapa ou nível da educação brasileira, seja em caráter de formação inicial

ou continuada.

Objetivamos que os processos de intervenção e de avaliação propostos promovam aspectos desencadeadores do processo de inclusão no contexto do ensino regular e, além disso, coerência na construção de uma escola inclusiva.

REFERÊNCIAS

BERSCH, Rita. **Introdução à Tecnologia Assistiva**. Porto Alegre: Assistiva/Tecnologia e Educação, 2013. Disponível em: <http://www.assistiva.com.br/Introducao_Tecnologia_Assistiva.pdf>. Acesso em: 7 jul. 2016.

BORDENAVE, Juan Díaz; PEREIRA, Adair Martins. **Estratégias de ensino-aprendizagem**. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

CAST. **Princípios Orientadores do Desenho Universal da Aprendizagem**. 2011. Disponível em: <http://www.udlcenter.org/sites/udlcenter.org/files/Guidelines_2.0_Portuguese.pdf>. Acesso em: 7 jul. 2016.

CARVALHO, Irene Melo. **O ensino por unidades didáticas**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1969.

CARVALHO, Irene Melo. **O processo didático**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1978.

CORREIA, Secundino; CORREIA, Patrícia. Acessibilidade e desenho universal. In: CORREIA, Secundino; CORREIA, Patrícia. **Educação Especial** - Diferenciação do Conceito à Prática. Porto: Gailivro, 2005. p. 29-50. (Encontro Internacional).

DAMIS, Olga Teixeira. Unidade didática: uma técnica para a organização do ensino e da aprendizagem. In: VEIGA, Ima Passos Alencastro (Org.). **Técnicas de ensino: novos tempos, novas configurações**. Campinas: Papyrus, 2006. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

DUARTE, Tatiana. **50 mitos e verdades**. Revista Sentidos, ed. 65, 2011. Disponível em: <<http://revistasentidos.uol.com.br/inclusao-social/65/artigo224504-1.asp>>. Acesso em: 13 jun. 2016.

FEINBERG, Joel. **Wordle**. Programa de informática. Disponível em: <<http://www.wordle.net/>>. Acesso em: 21 jul. 2016.

HUNO, Átila. **A política nacional para a educação inclusiva: avanços e desafios**. 15'06". 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=krYIZ_6UtrQ>. Acesso em: 02 jul. 2016.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. 5. ed. Campinas: Papyrus, 2003. (Série Prática Pedagógica)

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção Magistério. Série Formação do Professor).

MACEDO, Claudia Mara Scudelari de. **Diretrizes para criação de objetos de aprendizagem acessíveis**. 2010. Tese (Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento) - Florianópolis: UFSC, 2010. Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/claudia-mara-scudelari-de-macedo.pdf>>. Acesso em: 7 jul. 2016.

MORRISON, Henry Clay. **The practice of teaching in the secondary school**. Chicago: The University OF Chicago Press, 1931.

ONCE. As cores das flores. 4'08". 2010. Tradução e legendagem Jairo Marques, Blog Assim como você. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=s6NNOeiQpPM>>. Acesso em: 7 jul. 2016.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração de Salamanca**. Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. 1994. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>>. Acesso em: 21 jul. 2016.

PLANEJAR. **Dicionário do Aurélio on-line**. 2015. Disponível em: <<http://www.dicionarioaurelio.com/planejar>>. Acesso em: 7 jul. 2016.

PRAIS, Jacqueline Lidiane de Souza. **WebQuest DUA**. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/webquestdua/creditos>>. Acesso em: 2 jul. 2016.

PUCHALSKI, Eder. "Um outro Olhar - Diversidade e Inclusão. 1"3". Disponível em: <<https://youtu.be/hzM4hgYylsU>>. Acesso em: 21 jul. 2016. (Concurso Cultural Claro Curtas)

RODRIGUES, David (Org.) **Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva**. São Paulo: Summus, 2007.

SILVESTRI, Rob. **Ormie. The Pig**. 2010. 3'58". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jghQ20BIQRs>>. Acesso em: 2 jul. 2016.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento, projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico**. 7. ed. São Paulo: Ladermos Libertad-1, 2000.

WEIKERSHEIMER, Rogério. **Inclusão**. 5'52". 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RC8WYoltPNM>>. Acesso em: 02 jul. 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE A: Questionário – perfil do participante

APÊNDICE B: Cronograma do curso

APÊNDICE C: Questionário - avaliação inicial do curso - Teste seu poder de inclusão

APÊNDICE D: Questões norteadoras para estudo dos aspectos legais da Educação Inclusiva

APÊNDICE E: Quadro conceitual – Mantoan (2015)

APÊNDICE F: Quadro conceitual – Carvalho (2004)

APÊNDICE G: Quadro conceitual – Dall’acqua e Vitaliano (2004)

APÊNDICE H: Quadro conceitual – Sartoretto (2011)

APÊNDICE I: Quadro conceitual – Silva (2010)

APÊNDICE J: Quadro conceitual – Sánches (2005)

APÊNDICE K: Indicações de assuntos para roda de discussão

APÊNDICE L: Texto “Organização da atividade de ensino para inclusão: Princípios do Desenho Universal de Aprendizagem”

APÊNDICE M: Estrutura e conteúdos da *WebQuest* DUA

APÊNDICE N: Estudo de casos – enunciação, apresentação, descrição e discussão, debate, procedimentos pedagógicos específicos, proposições e alternativas pedagógicas

APÊNDICE O: Ficha para Avaliação das atividades

APÊNDICE P: Questionário final – avaliação do curso de extensão

APÊNDICE Q: Relatório de aplicação do produto educacional – Unidade Didática em um curso de extensão

APÊNDICE R: Roteiros elaborados para gravação dos *Podcast*

APÊNDICE S: Plano de aula – Animais

APÊNDICE T: Plano de aula – Sequência numérica (antecessor e sucessor)

APÊNDICE U: Plano de aula – Poesia e poema

APÊNDICE V: Plano de aula – Classificação

APÊNDICE X: Plano de aula – Formas geométricas

APÊNDICE W: Plano de aula – Contação de história

APÊNDICE Y: Plano de aula – Tipos de moradia

APÊNDICE Z: Plano de aula – Calendário e as Estações do ano

APÊNDICE A



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Campus Londrina
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências
Humanas, Sociais e da Natureza – PPGEN

QUESTIONÁRIO - Perfil do participante

Este questionário caracteriza-se como instrumento de coleta de dados para pesquisa desencadeada pelo tema “Formação de professores para inclusão”.

A coleta de dados é de responsabilidade da mestrandia Jacqueline Lidiane de Souza Prais, cursista da Pós-Graduação *stricto sensu*/Mestrado em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza - PPGEN, ofertado pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, Campus de Londrina.

Sua colaboração em responder e entregar estas questões é fundamental para a realização desta pesquisa.

Desde já agradeço.

Observações:

- EM RESPOSTAS DISSERTATIVAS RESPONDA DE ACORDO COM SEUS CONHECIMENTOS SOBRE O ASSUNTO QUESTIONADO.

1) Sexo: () feminino () masculino

2) Idade: _____

3) Atualmente está cursando:

- () 1º ano do curso de licenciatura plena em Pedagogia
- () 2º ano do curso de licenciatura plena em Pedagogia
- () 3º ano do curso de licenciatura plena em Pedagogia
- () 4º ano do curso de licenciatura plena em Pedagogia

4) Você cursou o Ensino médio na modalidade de formação de professores (magistério):

- () sim
- () não

5) Profissão atualmente:

- () Estudante
- () Estagiário remunerado na área da educação. Especifique:

() Professora na Educação Básica. Especifique turma/idade: _____

() Outra. Especifique: _____

6) Em sua formação inicial houve alguma disciplina que contemplasse os conteúdos abaixo? Assinale abaixo as alternativas que representam estudos que já realizou em sua formação inicial no curso de Pedagogia:

- () Inclusão educacional
- () Princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem
- () Formação de professores para inclusão
- () Atividades inclusivas
- () Atividades para crianças com dificuldades de aprendizagem
- () Atividades para crianças com deficiência

7) Em sua opinião, o que representa a formação de professores para inclusão?

8) Em sua opinião o que representa os Princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem?

9) Você acredita ter conhecimento sobre o tema do curso: “FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA INCLUSÃO: PLANEJAMENTO DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS A PARTIR DOS PRINCÍPIOS DO DESENHO UNIVERSAL PARA A APRENDIZAGEM”? Justifique.

10) Por que se inscreveu neste curso?

- () interesse pessoal pelo tema
- () formação profissional
- () certificação

APÊNDICE B



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Campus Londrina
 Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências
 Humanas, Sociais e da Natureza – PPGEN

CRONOGRAMA DO CURSO			
Curso: Formação de professores para inclusão: Planejamento de atividades pedagógicas a partir dos Princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem			
Período de realização: uma vez por semana, durante o ano letivo.			
Público alvo: de 20 a 30 acadêmicos do curso de graduação em Pedagogia			
Data	Carga horária	Local	Conteúdo
	4h	Via e-mail dos participantes	Contato inicial do curso: enviar cronograma do curso, questionário – perfil dos participantes (dados pessoais, ideias sobre o tema, expectativas do curso, motivos e interesse).e questionário – avaliação inicial do curso (teste de poder de inclusão)
	4h	Atividade presencial	Encontro 1: Educação Inclusiva – aspectos legais
	4h	Atividade presencial	Leitura de texto – conceito e definições de inclusão educacional
	4h	Atividade presencial	Encontro 2: Educação Inclusiva- conceitos e definição
	2h	Atividade <i>on-line</i> : Google Docs	“50 mitos e verdades” - reconhecimento de direitos para inclusão
	2h	Atividade <i>on-line</i> : Grupo no <i>WhatsApp</i> ou <i>Facebook</i>	Pergunta circular: Desafios para inclusão educacional
	4h	Atividade presencial	Encontro 3: Organização da atividade de ensino para inclusão - Planejamento
	4h	Atividade presencial	Encontro 4: Organização da atividade de ensino para inclusão - Princípios do Desenho Universal de Aprendizagem
	4h	Atividade <i>on-line</i> : <i>WEBQUEST</i>	Desenho Universal de aprendizagem e o planejamento docente
	4h	Atividade <i>on-line</i> : <i>PODCAST</i>	Teste seu poder de inclusão: reflexões individuais
	4h	Atividade presencial	Encontro 5: Atividades subsidiadas pelo Desenho Universal de Aprendizagem – procedimentos pedagógicos para inclusão de alunos público-alvo da Educação Especial
	4h	Atividade presencial	Encontro 6: Atividades subsidiadas pelo desenho universal de aprendizagem - Planejamento de atividades pedagógicas inclusivas, atividade prática em grupos: selecionar conteúdo e objetivos relacionados a uma turma na Educação Básica, propor atividade(s) que considerem os princípios do Desenho Universal de Aprendizagem
	10h	Atividade prática em grupo (não-presencial)	Pesquisa, seleção de materiais a serem utilizados e planejamento da aula com a(s) atividade(s) elaborada(s).
	6h	Atividade presencial	Encontro 7 - final: Apresentação e apreciação das propostas, Avaliação final do curso.
Total:	60h		

APÊNDICE C

TESTE DE PODER DE INCLUSÃO



Crédito de imagem: <http://jornalggn.com.br/categoria/inclusao>

Professor, você está preparado para trabalhar com a inclusão em sala de aula? O teste, bem como seu gabarito, será apresentado no primeiro dia do curso:

Para esse breve questionário, as regras são:

1. Colocar-se na condição dos professores(as) que aqui apresentaremos.
2. Escolher a alternativa que você adotaria em cada caso, mas sem pensar muito, respondendo com o que vem mais rápido à cabeça.
3. Descobrir e aprender mais sobre si mesma(o).

Responda às questões:

1. A professora Sueli procura incluir um aluno com deficiência intelectual em sua turma de 1ª série. Tudo caminha bem em relação à socialização desse educando, mas diante dos demais colegas o atraso intelectual do aluno é bastante significativo. Nesse caso, como você resolveria a situação?

- (A) Encaminharia o aluno para o atendimento educacional especializado oferecido pela escola?
- (B) Solicitaria a presença de um professor auxiliar ou itinerante para acompanhar o aluno em sala de aula?
- (C) Esperaria um tempo para verificar se o aluno tem condições de se adaptar ao ritmo da classe ou precisaria de uma escola ou classe especial?

2. Júlia é uma professora de escola pública que há quatro anos leciona na 2ª série. Há um fato que a preocupa muito atualmente: o que fazer com alguns de seus alunos, que estão cursando pela terceira vez aquela série? Para acabar com suas preocupações, qual seria a melhor opção?

- (A) Encaminhá-los a uma sala de alunos repetentes, para ser mais bem atendidos e menos discriminados?
- (B) Propor à direção da escola que esses alunos sejam distribuídos entre as outras turmas de 2ª série, formadas por alunos mais atrasados?
- (C) Reunir-se com os professores e a diretora da escola e sugerir que esses alunos se transfiram para turmas da mesma faixa etária e até mesmo para as classes de Educação de Jovens e Adultos (EJA), caso algum já esteja fora da idade própria do ensino fundamental?

3. Cecília é uma adolescente com deficiência intelectual associada a comprometimentos físicos; ela está frequentando uma turma de 3ª série do ensino fundamental, na qual a maioria dos alunos é bem mais nova que ela. A professora percebeu que Cecília está desinteressada pela escola e muito apática. Qual a melhor saída, em sua opinião, para resolver esse caso?

(A) Chamar os pais de Cecília e relatar o que está acontecendo, sugerindo-lhes que procurem um psicólogo para resolver o seu problema?

(B) Avaliar a proposta de trabalho dessa série, em busca de novas alternativas pedagógicas?

(C) Concluir que essa aluna precisa de outra turma, pois a sua condição física e problemas psicológicos prejudicam o andamento escolar dos demais colegas?

4. Numa 2ª série de ensino fundamental, em que há alunos com deficiência intelectual e outros com dificuldades de aprendizagem, relacionadas a outros motivos, o professor Paulo está ensinando operações aritméticas. Esses alunos não conseguem acompanhar o restante da turma na aprendizagem do conteúdo proposto. O que você faria, se estivesse no lugar do professor Paulo?

(A) Reuniria esse grupo de alunos e lhes proporia as atividades facilitadas do currículo adaptado de Matemática?

(B) Distribuiria os alunos entre os grupos formados pelos demais colegas e trabalharia com todos, de acordo com suas possibilidades de aprendizagem?

(C) Aproveitaria o momento das atividades referentes a esse conteúdo para que esses alunos colocassem em dia outras matérias do currículo, com o apoio de colegas voluntários?

5. Fábio é um aluno com autismo que frequenta uma turma de 3ª série. É o seu primeiro ano em uma escola comum e ele incomoda seus colegas, perambulando pela sala e interferindo no trabalho dos grupos. Que decisões você tomaria para resolver a situação, caso fosse o (a) professor (a) desse grupo?

(A) Solicitaria à direção da escola que retirasse Fábio da sala, pois o seu comportamento está atrapalhando o desempenho dos demais alunos e o andamento do programa?

(B) Marcaria uma reunião com o coordenador da escola e solicitaria uma avaliação e o encaminhamento desse aluno para uma classe ou uma escola especial?

(C) Reuniria os alunos e proporia um trabalho conjunto com a turma em que todos se comprometeriam a manter um clima de relacionamento cooperativo de aprendizagem na sala de aula?

6. Guilherme é uma criança que a escola chama de “hiperativa”. Ele gosta muito de folhear livros de histórias. Ocorre que frequentemente rasga e/ou suja as páginas dos livros, ao manuseá-los sem o devido cuidado. O que você lhe diria, caso fosse seu (sua) professor(a)?

(A) “Hoje você não irá ao recreio, porque rasgou e sujou mais um livro.”

(B) “Vou ajudá-lo a consertar o livro, para que você e seus colegas possam ler esta linda história.”

(C) “Agora você vai ficar sentado nesta mesinha, pensando no que acabou de fazer.”

7. Norma é professora de uma 4ª série de ensino fundamental e acabou de receber um aluno cego em sua turma. Ela não o conhece bem, ainda. No recreio, propõe à turma um jogo de queimada. É nesse momento que surge o problema: o que fazer com Paulo, um menino cego? Arrisque uma “solução inclusiva” para esse caso.

- (A) Oferecer-lhe outra atividade, enquanto os demais jogam queimada, fazendo-o entender o risco a que essa atividade o expõe e a responsabilidade da professora pela segurança e integridade de todos os seus alunos.
- (B) Perguntar ao Paulo de quais jogos e esportes ele tem participado e se ele conhece as regras da queimada.
- (C) Reunir a turma para resolver a situação, ainda que na escola não exista uma bola de meia com guizos.

8. Maria José é professora de escola pública e está às voltas com um aluno de uma turma de 5ª série. Ele tem 12 anos, é muito agressivo e mal-educado, desbocado, desobediente e não se submete à autoridade dos professores nem à das demais pessoas da escola; sempre arruma uma briga com os colegas, dentro da sala de aula, ameaçando-os com um estilete. O que você faria no lugar dessa professora aterrorizada?

- (A) Estabeleceria novas regras de convivência entre todos e, em seguida, analisaria com a turma os motivos que pode nos levar a agir com violência?
- (B) Enfrentaria as brigas, retirando o aluno da sala de aula e entregando-o à direção da escola?
- (C) Tentaria controlar essas situações, exigindo que o menino entregasse o estilete, para que os demais alunos se acalmassem?

9. Sérgio é um aluno surdo. Ele tem 13 anos de idade e frequentou, até o momento, uma escola de surdos. Esse aluno está no seu primeiro dia de aula em uma escola comum. A professora, percebendo que Sérgio não fazia leitura labial, procurou a diretora da escola para questionar a admissão desse aluno em sua turma, uma vez que ele não sabe se comunicar em Libras (Língua Brasileira de Sinais). Se você fosse a professora de Sérgio, antes de tomar essa atitude:

- (A) Chamaria os pais desse aluno e os convenceria de que a escola de surdos era mais apropriada para as necessidades dele?
- (B) Procuraria saber quais as obrigações e direitos desse aluno e buscaria o recurso adequado à continuidade de seus estudos na escola comum?
- (C) Providenciaria a presença de um intérprete de Libras, solicitando um convênio com uma entidade local especializada em pessoas com surdez?

Gabarito:

Obs: discutir e mostrar aos alunos do curso apenas no primeiro dia do curso.

Conte os pontos e confira o seu poder de inclusão, ou melhor, a sua imunidade ao vírus da exclusão:

- 1 a) 3 b) 2 c) 1
- 2 a) 1 b) 2 c) 3
- 3 a) 2 b) 3 c) 1
- 4 a) 1 b) 3 c) 2
- 5 a) 1 b) 2 c) 3
- 6 a) 1 b) 3 c) 2
- 7 a) 1 b) 2 c) 3
- 8 a) 3 b) 1 c) 2
- 9 a) 1 b) 3 c) 2

Resultado:

De 27 a 23 pontos

Imune à exclusão!

Você está apto(a) a enfrentar e vencer o vírus da exclusão, pois já entendeu o que significa uma escola que acolhe as diferenças, sem discriminações de qualquer tipo. Compreendeu também que a inclusão exige que os professores atualizem suas práticas pedagógicas para que possam oferecer um ensino de melhor qualidade para todos os alunos. Parabéns! Não se esqueça, porém, de que o atendimento educacional especializado deve ser assegurado a todos os alunos com deficiência, como uma garantia da inclusão.

De 22 pontos a 16 pontos

No limite.

Você precisa se cuidar! Atenção, pois você está vivendo uma situação de fragilidade em sua saúde educacional. Cuidado! É preciso que você tome uma decisão e invista na sua capacidade de se defender do vírus da exclusão. Quem fica indeciso entre enfrentar o novo, no caso, a inclusão de todas as crianças nas escolas comuns, e incluir apenas alguns, ou seja, os alunos que conseguem acompanhar a maioria, está vivendo um momento difícil e perigoso. Você

está comprometendo a sua capacidade de ensinar e a possibilidade dos alunos de aprender com alegria!

De 15 a 9 pontos

Altamente contaminado.

Tome todas as providências para se curar dos males que o vírus da exclusão lhe causou. Há muitas maneiras de se cuidar, mas a que recomendamos é um tratamento de choque, porque o estrago é grande! Você precisa, urgentemente, se tratar, mudando de ares educacionais, tomando injeções de ânimo para adotar novas maneiras de atuar como professor(a). Outra medicação recomendada é uma alimentação sadia, muito estudo, troca de ideias, experimentações, ousadia para mudar o seu cardápio pedagógico.

Tente colocar em prática o que tem dado certo com outros que se livraram desse vírus tão voraz e readquira o seu poder de profissional competente. Boa recuperação!

Criado por: Maria Teresa Eglér Mantoan e publicado no livro Humor e Alegria na educação (Summus, 2006).
Adaptado por: Jacqueline Lidiane de Souza Prais (2015)

Questões norteadoras para estudo dos aspectos legais da Educação Inclusiva

1. O que são políticas públicas? Qual a sua função?
2. Qual a importância das políticas públicas para inclusão educacional?
3. Qual a relação da Declaração Universal dos Direitos Humanos com a inclusão?

Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 – Artigo 1º e 2º.

<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>

4. Na constituição de 1988 há elementos que reforçam os direitos humanos?

Constituição de 1988 - Artigo 1º e 208

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

Lei 7.853, de 1989, dispõe sobre o apoio às pessoas portadoras de deficiência, sua integração social – Artigo 2º

<http://www3.dataprev.gov.br/sislex/paginas/42/1989/7853.htm>

Estatuto da Criança e do adolescente, de 1990 - Artigo 53 e 54

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm

Declaração Mundial sobre Educação para Todos: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem, em Jomtien, 1990: artigo 3º e 4º

<http://unesdoc.unesco.org/images/0008/000862/086291por.pdf>

Declaração de Salamanca, de 1994, sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educacionais especiais – íntegra com ênfase nos fatores relativos à escola

<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>

5. Qual a semelhança dos princípios fundamentais da Constituição Federal e dos princípios do ensino da LDBEN nº 9394/96?

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN: Artigo 3º e Capítulo V da Educação Especial com os artigos 58, 59 e 60.

http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L9394.htm

6. Com a terminologia adequada para pessoas que têm deficiência?

Obs: Esta questão visa pontuar que o uso correto da terminologia é especialmente importante em instituições que se disponham a trabalhar a inclusão.

Texto complementar -

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Como chamar as pessoas que têm deficiência?**

Revista da Sociedade Brasileira de Ostomizados, ano I, n. 1, 1º sem. 2003, p.8-11.

[Texto atualizado em 2009]

<http://www.planetaeducacao.com.br/porta/artigo.asp?artigo=1855>

7. A inclusão é direito e/ou dever? De quem?

Resolução nº 2, de 2001 que institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica: íntegra com ênfase nos princípios

<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf>

A Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva, de 2007: Capítulo IV e VI.

http://peei.mec.gov.br/arquivos/politica_nacional_educacao_especial.pdf

8. Qual o papel da escola frente à inclusão?

9. O que significa “satisfação das necessidades básicas de aprendizagem”?

10. O que significa NEE – necessidades educacionais especiais?

11. De que forma a LDBEN aborda os princípios da inclusão educacional?

12. Quais os princípios que regem as diretrizes da inclusão educacional no Brasil?

13. O que se entende por Educação Especial na perspectiva inclusiva?

14. Quem são as pessoas com deficiência? Dentro do conceito exposto na Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, o que significa “em interação”?

Decreto nº 6.949, de 2009 que promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 2007 – Preâmbulo, artigo 1º, 2º e 24.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm

APÊNDICE E
Quadro conceitual - MANTOAN, 2015

Elaboração de quadro conceitual a partir do texto “O que é inclusão escolar” (MANTOAN, 2015).	
MANTOAN, Maria Teresa Eglér. O que é inclusão escolar. In: ____ Inclusão escolar: O que é? Porquê? Como fazer? São Paulo: Summus, 2015. (p. 19-29)	
Conceito e definições de inclusão	<ul style="list-style-type: none"> - a inclusão impõe rompimento e reviravolta; - exige a extinção das categorizações e das oposições excludentes; - defende uma educação voltada à cidadania global, plena, livre de preconceitos, que reconhece e valoriza as diferenças; - mexe com as associações de pais que adotam paradigmas tradicionais de assistências às suas clientelas; - afeta professores de educação especial, que se sentem temerosos de perder o espaço que conquistaram nas escolas e classes especiais; - envolve ainda grupos de pesquisa das universidades - integração: o aluno tem acesso às escolas por meio de um leque de possibilidades educacionais, que vai de inserção às salas de aula do ensino regular ao ensino em escolas especiais; - inclusão: questiona não somente as políticas e a organização da educação especial e da educação comum como também o próprio conceito de integração; - é incompatível com a integração, pois prevê a inserção escolar de forma radical, completa e sistemática; - defende que todos os alunos devem frequentar as salas de aula no ensino regular; - as escolas inclusivas propõem um modo de organização do sistema educacional que considera as necessidades de todos os alunos, estruturando em função dessas necessidades; - visa à qualidade do ensino das escolas e atingindo todos os alunos que fracassam nas salas de aula;
Características principais	<ul style="list-style-type: none"> - a necessidade e a emergência do novo; - a urgência de adotar o novo para não sucumbir ao que é velho e ultrapassado; - transgredir e ultrapassar as fronteiras do conhecimento; - clareza de seus propósitos para defendê-los; - reinterpretar conhecimentos e ações; - a exclusão escolar manifesta-se das mais diversas e perversas maneiras; - é dado ênfase na ignorância do aluno diante dos padrões de cientificidade do saber escolar; - busca a articulação, flexibilidade, interdependência e transversalidade entre as partes que se conflitavam em nossos pensamentos, ações e sentimentos; - persistem professores do ensino regular que afirmam que não estão preparados para ensinar a todos os alunos.
Ideias relevantes sobre o tema	<ul style="list-style-type: none"> - agir, pensar, propor, refazer, aprimorar, retificar, excluir e ampliar para manter ou superar paradigmas; - descortinar as condições em que aprendemos e compreendemos o mundo; - democratização da escola e da educação; - a fragmentação do ensino reflete em práticas pedagógicas excludentes; - o conhecimento evolui por recomposição, contextualização e integração de saberes em redes de entendimento; - há infundáveis debates sobre inclusão parcial e total; - há movimentos que exigem dos poderes públicos a manutenção dessa situação de exclusão; - na integração escolar: a escola não muda como um todo, mas os alunos têm de mudar para se adaptar às suas exigências.

APÊNDICE F
Quadro conceitual - CARVALHO, 2004

Elaboração de quadro conceitual a partir do texto “Concepções, princípios e diretrizes de um sistema educacional inclusivo” (CARVALHO, 2004).	
CARVALHO, Rosita Edler. Concepções, princípios e diretrizes de um sistema educacional inclusivo. In: Educação Inclusiva: com os pingos nos "is" . Porto Alegre: Mediação, 2004. (p. 77-84).	
Conceito e definições de inclusão	<ul style="list-style-type: none"> - fundamenta-se em: Declaração Universal dos Direitos Humanos, Declaração Mundial sobre Educação para Todos, Satisfação das Necessidades Básicas de Aprendizagem, Declaração de Salamanca e Linha de Ação; - oferece respostas educativas adequadas às necessidades individuais de aprendizagem de todos e cada um de seus aprendizes; - exige articulação e intercambio dos organismos mundiais, internacionais e nacionais; - um sistema educacional inclusiva procura enfrentar a fragmentação interna existente e que busca diversificadas formas de articulação, envolvendo todos os setores nacionais, além da cooperação internacional; - a educação especial passa a ser entendida como um conjunto de serviços e de recursos de apoio, orientado para a educação regular, em benefício de todos os aprendizes; - se fundamenta nos princípios democráticos; - permite o desenvolvimento pleno a personalidade dos indivíduos, fortalecendo o respeito aos direitos humanos e às liberdades fundamentais; - em suma, os sistemas educacionais inclusivos são subsidiados pelos princípios e valores: direito à educação, direito à igualdade de oportunidades, escolas responsivas e de boa qualidade e o direito de aprendizagem; - promove o aprimoramento da prática pedagógica, descentrando-a do ensino para focá-la na aprendizagem;
Características principais	<ul style="list-style-type: none"> - mudanças no nosso dia a dia são decorrentes dos avanços da ciência e da tecnologia colocando a serviço do homem recursos e possibilidades até então considerados utópicos; - as mudanças ocorrem por meio de um processo e não imediatamente; - é necessário enfrentar as fragmentações para gerar planejamentos articulados; - exige desconcentração e a descentralização política-administração promovendo a participação, especialmente, dos professores; - representa igualdade de oportunidades; - respeito às necessidades individuais; - melhoria da qualidade do processo ensino-aprendizagem (respostas educativas das escolas); - melhorias das condições de trabalho dos educadores; - maior participação das famílias e da sociedade em geral; - remoção de barreiras para aprendizagem e para a participação; - considerada um processo que permite colocar valores em prática, sem pieguismos, caridade, filantropia, pois está alicerçada em princípios que conferem igualdade de valor a todas as pessoas; - explicita diretrizes inclusivas para nortear os planos da educação;
Ideias relevantes sobre o tema	<ul style="list-style-type: none"> - inspira-se nos direitos de todos à educação, “em igualdade de condições de acesso e permanência na escola” (art. 206, inciso I da Constituição Brasileira de 1988) - visa “ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (art. 205); - impera o desafio de efetivar, na prática, os direitos assegurados a todos, para que possam se beneficiar da educação de qualidade; - as leis, os textos teóricos e os discursos asseguram os direitos, mas o que os garante são efetivas ações; - mais que prever há que prover recursos de toda a ordem, permitindo que os direitos humanos sejam respeitados, de fato; - devemos ter crença no potencial humano; a certeza de que todos podem aprender e de que existe a vontade sincera de provocar mudanças.

APÊNDICE G

Quadro conceitual - DALL'ACQUA; VITALIANO, 2010

<p>Elaboração de quadro conceitual a partir do texto “Algumas reflexões sobre o processo de inclusão em nosso contexto educacional” (DALL'ACQUA; VITALIANO, 2010).</p>	
<p>DALL'ACQUA, Maria Júlia Canazza; VITALIANO, Célia Regina. Algumas reflexões sobre o processo de inclusão em nosso contexto educacional. In: VITALIANO, Célia Regina (Org.). Formação de professores para inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais. Londrina: EDUEL, 2010. (p. 17-30).</p>	
<p>Conceito e definições de inclusão</p>	<ul style="list-style-type: none"> - assumir vários significados; - defendem a colocação de todos os estudantes, independente do grau e tipo de incapacidade, ‘apenas e só na classe comum, da escola próxima à sua residência, e a eliminação total do atual modelo de prestação baseado num <i>continuum</i> de serviços de apoio de ensino especial; - por outro lado, o termo é também utilizado apenas para nomear a proposta de colocação em ambientes com o mínimo possível de restrição, que mantém como melhor opção a classe comum, embora se admita a possibilidade de serviços de apoio (como professores especializados e serviços centrados na classe comum), ou da escolarização combinando classes comuns com classes de recursos, ou ainda em classes especiais parciais ou autocontidas, em escolas especiais ou residenciais; - tenta abolir toda e qualquer forma de exclusão social; - às vezes, é compreendido de uma forma restrita, apenas em relação à inserção dos alunos com necessidades educacionais especiais nas classes comuns; - vem se consolidando desde aos finais do século XX; - está alicerçado nas proposições expressas na Declaração Mundial de Educação para Todos (1990) e a Declaração de Salamanca (1994); - parte do princípio que a escola é um direito de todos os cidadãos; - ora considerado uma utopia, ora como uma mera retórica, ou ainda como ‘manobra de diversão’ face aos reais problemas da escola; - e torna “a luta contra as exclusões”; - desenvolve tal processo nas escolas, construindo e instaurando ideais democráticos e revolucionários;
<p>Características principais</p>	<ul style="list-style-type: none"> - estamos em tempos de inclusão; - considera a legitimidade de ter direitos, e define e estabelece os deveres de quem deve provê-los; - direitos requerem, necessariamente, deveres correlatos. E a um direito, seja ele qual for, deve antepor-se o dever de garanti-lo; - prevê o atendimento e respeito às diferenças, que implica mudanças, especialmente nos procedimentos relacionados ao currículo escolar e ao sistema de avaliação;
<p>Ideias relevantes sobre o tema</p>	<ul style="list-style-type: none"> - a ineficiência dos sistemas de ensino é generalizada e tem se manifestado nos diferentes níveis; - índices revelam as desigualdades regionais nas matrículas; - necessidade de superação das desigualdades sociais; - necessidade de priorizar o oferecimento de oportunidades educacionais adequadas a todos os educandos; - a garantia do direito à educação com qualidade para os alunos com NEE é ainda mais deficitária; - há uma tendência em não analisar o processo de inclusão em sua totalidade seja reflexo da sua complexidade, visto que cada categoria de excluídos sendo eles por fatores e processos distintos requerem mudanças distintas na estrutura de nosso sistema social, em especial, no escolar para que possam ser efetivamente incluídos.

APÊNDICE H
Quadro conceitual - SARTORETTO, 2011

Elaboração de quadro conceitual a partir do texto “Inclusão: da concepção à ação” (SARTORETTO, 2011).	
SARTORETTO, Mara Lúcia. Inclusão: da concepção à ação. In: MANTOAN, Maria Teresa Égler. O desafio das diferenças nas escolas . 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. (p.77-82)	
Conceito e definições de inclusão	<ul style="list-style-type: none"> - a possibilidade de ver, de refletir, de analisar a escola sob todos os seus aspectos; - incluir significa compreender, abranger, fazer parte, pertencer, processo que pressupõe, necessariamente e antes de tudo, uma grande dose de respeito; - só é possível onde houver respeito à diferença e, conseqüentemente, a adoção de práticas pedagógicas que permitam às pessoas com deficiências aprender e ter reconhecidos e valorizados os conhecimentos que são capazes de produzir, segundo seu ritmo e na medida de suas possibilidades; - qualquer procedimento, pedagógico ou legal, que não tenha como pressuposto o respeito à diferença e a valorização de todas as possibilidades da pessoa deficiente não é inclusão; - não é favor para pessoas com deficiência, ela é um direito; - pressupõe formação de professores; - condiz com melhores condições de aprendizagem para todas as crianças com ou sem deficiência nas redes regulares; - para sua efetivam há obstáculos relacionados a políticas públicas, acessibilidade, equipamentos e materiais didáticos, atendimento educacional especializado, formação continuada para os professores baseada nas reais necessidades e condições do trabalho docente;
Características principais	<ul style="list-style-type: none"> - a escola não esgota sua tarefa na mera transmissão de informações; - a escola inclusiva, que se preocupa em oferecer condições para que todos possam aprender, é aquela que busca construir no coletivo uma pedagogia que atenda todos os alunos e que compreenda a diversidade humana como um fator impulsionador de novas formas de organizar o ensino e compreender como se constroem as aprendizagens; - as escolas especiais existem para oferecer atendimento educacional especializado, e não educação especial; - o atendimento educacional especializado tem por escopo garantir os alunos com deficiências especiais à possibilidade de aprenderem o que é diferente do ensino comum e desenvolver aquelas habilidades de que eles necessitam para poderem ultrapassar as barreiras impostas pela deficiência;
Ideias relevantes sobre o tema	<ul style="list-style-type: none"> - em grego: <i>épora</i> - possibilidade de ver e analisar uma figura de todos os seus lados, sob todos os ângulos; - a experiência de conviver com a diversidade, tão necessária para a vida, nunca será exercida num ambiente educacional segregado, onde a diversidade humana não esteja representada; - alunos com e sem deficiência são excluídos da escola; - o argumento do despreparo dos professores não pode continuar sendo álibi para impedir a inclusão escolar de pessoas com deficiências; - se não estamos preparados, precisamos urgentemente nos preparar; - os desafios da prática e os problemas do dia-a-dia nos mostraram a necessidade de uma fundamentação teórica sólida e permanente; - os fatores que dificultam e frustram a implantação de práticas inclusivas nas escolas, em nenhum momento, deve servir de pretexto ou desculpa para impedir a consolidação de escolas verdadeiramente inclusiva.

APÊNDICE I
Quadro conceitual - SILVA, 2010

<p>Elaboração de quadro conceitual a partir do texto “Princípios para alcançar a inclusão escolar” (SILVA, 2010).</p>	
<p>SILVA, Aline Maria da. Princípios para alcançar a inclusão escolar. In: ____ Educação especial e inclusão escolar: história e fundamentos. Curitiba: Ibpex, 2010. (p. 100-108).</p>	
<p>Conceito e definições de inclusão</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Salend (2008): quatro princípios = acesso para todos os alunos, aceitação dos pontos fortes e desafiantes dos alunos assim como da diversidade, práticas reflexivas e instruções diferenciadas, noções de comunidade e colaboração; - oferecida para todos os alunos igual oportunidade de acesso a currículos desafiantes, atrativos e flexíveis; - chance dos alunos experienciar propostas educacionais que são consistentes com suas habilidades e necessidades; - evidencia que a prática pedagógica tradicional, baseada apenas na transmissão de conhecimento, é ineficaz para ensinar grande parte dos alunos; - entende a prática do professor baseada nas necessidades, nas potencialidades e nos interesses dos alunos; - é necessário que todos acreditem e sigam os princípios básicos; - há resistência quanto à proposta da inclusão total;
<p>Características principais</p>	<ul style="list-style-type: none"> - as escolas inclusivas devem criar ambientes adequados para suprir as especificidades dos alunos necessidades educacionais especiais; - a escola deve iniciar um processo de revisão de sua estrutura, refletindo sobre novas formas de desenvolver e implementar o currículo, transmitir, conteúdos e propor atividades; - satisfação com o <i>continuum</i> de serviços de educação especial e não querem que ele deixe de existir, alguns tipos de dificuldades, devido à sua gravidade, podem se beneficiar mais de serviços educacionais oferecidos fora da escola regular; - a escola regular não tem capacidade para lidar com todas as dificuldades apresentadas pelos alunos, já que em alguns casos há a necessidade de recurso técnicos especializados e serviços de apoio diferenciados; - em alguns casos, as dificuldades dos alunos estão relacionadas com seus mecanismos de aprendizagem e, por isso, precisarão de estratégias e recursos diferenciados que nem sempre a escola regular tem condições de oferecer; - o direito de escolha sobre os serviços educacionais deve ser garantido ao aluno e aos seus familiares; - há evidências empíricas de que serviços oferecidos fora da sala comum da escola regular podem ser benéficos para alguns alunos com determinados tipos de dificuldade; - não existe um corpo de evidências empíricas consistentes sobre as vantagens do modelo de inclusão total, assim o <i>continuum</i> de serviços deve ser preservado;
<p>Ideias relevantes sobre o tema</p>	<ul style="list-style-type: none"> - salas de aula inclusivas são aquelas que promovem a aceitação e equidade, que valorizam a capacidade que todos os indivíduos possuem para aprender e contribuir com a sociedade; - considerar a diversidade como ponto de partida leva à aceitação da diferença, em vez de estigmatização.

APÊNDICE J
Quadro conceitual - SÁNCHEZ, 2005

Elaboração de quadro conceitual a partir do texto “A educação inclusiva: um meio para construir escolas para todos no século XXI” (SÁNCHEZ, 2005).	
SÁNCHEZ, Pilar Arnaiz. A educação inclusiva: um meio para construir escolas para todos no século XXI. In: Revista da Educação Especial - Inclusão , out/2005. (p.7-17).	
Conceito e definições de inclusão	<ul style="list-style-type: none"> - caracteriza-se pela não discriminação das deficiências, da cultura e do gênero; - refere-se a todos os alunos de uma comunidade escolar sem nenhum tipo de exceção; - planeja-se que as escolas devem ser comunidades que atendam a todos, já que as diferenças humanas são naturais, diga-se existem, havendo, porém a necessidade de adaptar a aprendizagem a cada criança (Tierney, 1993); - entende que a educação deve chegar a todos, e com este fim determina dois objetivos; - por um lado, o reconhecimento da educação como um direito, e, por outro, a consideração da diversidade como um valor educativo essencial para a transformação das escolas; - reconhece a diversidade existente entre os alunos de uma classe, determinando que eles recebam uma educação de acordo com suas características, uma vez que incrementa as possibilidades de aprendizagem para todos (Daniels y Garner, 1999, Stainback & Stainback y Moravec, 1999); - defende uma educação eficaz para todos, sustentada em que as escolas, enquanto comunidades educativas, devem satisfazer as necessidades de todos os alunos, sejam quais forem as suas características pessoais, psicológicas ou sociais (com independência de ter ou não deficiência); - estabelece os alicerces para que a escola possa educar com êxito a diversidade de seu alunado e colaborar com a erradicação da ampla desigualdade e injustiça social; - deve ser entendida como uma tentativa a mais de atender as dificuldades de aprendizagem de qualquer aluno no sistema educacional; - um meio de assegurar que os alunos, que apresentam alguma deficiência, tenham os mesmos direitos que os outros, ou seja, os mesmos direitos dos seus colegas escolarizados em uma escola regular; - assume que a convivência e a aprendizagem em grupo é a melhor forma de beneficiar a todos, não somente às crianças rotuladas como diferentes (Forest & Pearpoint, 1992); - propõe-se a aumentar a participação de todos os alunos no currículo escolar e a redução da exclusão escolar e social; - é o meio mais efetivo de combater as atitudes discriminatórias; - há existência de apoio necessário para aprender; - é aquele em que na escola inclusiva todos os alunos sintam-se incluídos; - é uma atitude, um sistema de valores, de crenças, não uma ação nem um conjunto de ações. Centra-se, pois, em como apoiar as qualidades, e, as necessidades de cada aluno e de todos os alunos na comunidade escolar, para que se sintam bem-vindos e seguros e alcancem êxitos (Arnaiz, 1996, p. 27-28); - é uma forma melhor de viver. É o oposto da segregação e do “apartheid” (Pearpoint & Forest 1999, p.15); - processo de incremento da participação dos alunos nas culturas, currículos e comunidades de suas escolas locais e da redução da sua exclusão dos mesmos, sem esquecer que a educação abarca muitos processos que se desenvolvem fora das escolas [...] Processo sem fim, em vez de um simples contínuo dentro da educação geral (Ainscow, 2001, p. 293 – 294). - é o modo de avançar” (Dyson, 2001, p. 146). - centra-se em como apoiar as qualidades e as necessidades de cada um e de todos os alunos na comunidade escolar, para que se sintam bem vindos e seguros e alcancem o êxito; - requer pensar na heterogeneidade do alunado; - defende a passagem da educação segregada para um sistema inclusivo caracterizado por uma aprendizagem significativa centrada na criança;

	<ul style="list-style-type: none"> - reivindica uma ação educativa que responda de maneira mais eficaz à diversidade de todos os alunos; - se apoia na crença de que é possível identificar um conjunto de características organizativas; - provém essencialmente do trabalho desenvolvido pela UNESCO em prol de que a educação chegue a todas as crianças em idade escolar; - reconhecimento decisivo acontece em 1994 com a Declaração de Salamanca; - deve desenvolver programas que respondam a vasta variedade de características e necessidades da diversidade do alunado, fazendo um esforço especial no caso das crianças marginalizadas e desfavorecidas; - representa uma defesa explícita à igualdade de oportunidades enumeradas no contexto dos direitos humanos como conjunto e, de maneira particular, nos direitos humanos das crianças; - estabelece, assim, um debate social, educativo e de recursos tendendo ao desenvolvimento da educação; <ul style="list-style-type: none"> - necessita de escolas capazes de educar a todas as crianças; - centra-se em como apoiar as qualidades e as necessidades de cada um e de todos os alunos na escola; - a educação inclusiva é um meio privilegiado para alcançar a inclusão social; - supõe uma ruptura a respeito dos pressupostos da integração escolar; - apresenta tendências alternativas que ampliam e fazem avançar a atenção à diversidade do alunado, dada as fortes críticas relacionadas com o processo integrador (Peralta, 2001); - centraram-se em conseguir que as pessoas com deficiência fossem integradas nas salas comuns das escolas regulares ou na mais adequada para elas; - todos os alunos são membros de direito da classe regular, sejam quais forem suas características pessoais; - estabelece uma forte crítica ao modelo deficitário implícito nas práticas de integração escolar; - traça um modelo curricular que inspira sobre como reformar as escolas, as práticas educativas e a formação dos professores, com o fim de proporcionar uma educação de qualidade ajustada às características de todos os alunos; - supõe a melhoria das práticas educativas para todos os alunos e para o conjunto da escola (AINSCOW, 1998); - reconhece a reconstrução das necessidades especiais, em termos de melhoria da escola e do desenvolvimento do professor; - faz com que o professor estabeleça como ponto prioritário a resolução de problemas em grupo, visando a colaboração, posto que requer revisar e eliminar crenças e conceitos sobre a natureza das dificuldades de aprendizagem e a busca de novas alternativas; <table border="1" data-bbox="564 1460 1347 1729" style="width: 100%; border-collapse: collapse; text-align: center;"> <thead> <tr style="background-color: #d3d3d3;"> <th style="padding: 5px;">INTEGRAÇÃO</th> <th style="padding: 5px;">INCLUSÃO</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td style="padding: 5px;">Competição</td> <td style="padding: 5px;">Cooperação/solidariedade</td> </tr> <tr> <td style="padding: 5px;">Seleção</td> <td style="padding: 5px;">Respeito às diferenças</td> </tr> <tr> <td style="padding: 5px;">Individualidade</td> <td style="padding: 5px;">Comunidade</td> </tr> <tr> <td style="padding: 5px;">Preconceitos</td> <td style="padding: 5px;">Valorização das diferenças</td> </tr> <tr> <td style="padding: 5px;">Visão individualizada</td> <td style="padding: 5px;">Melhora para todos</td> </tr> <tr> <td style="padding: 5px;">Modelo técnico-racional</td> <td style="padding: 5px;">Pesquisa reflexiva</td> </tr> </tbody> </table>	INTEGRAÇÃO	INCLUSÃO	Competição	Cooperação/solidariedade	Seleção	Respeito às diferenças	Individualidade	Comunidade	Preconceitos	Valorização das diferenças	Visão individualizada	Melhora para todos	Modelo técnico-racional	Pesquisa reflexiva
INTEGRAÇÃO	INCLUSÃO														
Competição	Cooperação/solidariedade														
Seleção	Respeito às diferenças														
Individualidade	Comunidade														
Preconceitos	Valorização das diferenças														
Visão individualizada	Melhora para todos														
Modelo técnico-racional	Pesquisa reflexiva														
Características principais	<ul style="list-style-type: none"> - aprender a fazer, está diretamente ligado a aprender a conhecer e se refere à possibilidade de influir sobre o próprio meio; - a educação inclusiva é antes de tudo uma questão de direitos humanos; - enfatiza a necessidade de avançar até outras formas de atuação, em contraposições às práticas que têm caracterizado a integração escolar; 														
Ideias relevantes sobre o tema	<ul style="list-style-type: none"> - a proposta do REI é clara: todos os alunos, sem exceção, devem estar escolarizados na classe de ensino regular, e receber uma educação eficaz nessas classes; - defende a necessidade de reformar a educação geral e especial para que se constitua como um recurso de maior alcance para todos os alunos; 														

APÊNDICE K

Indicações de assuntos para roda de discussão

1 Percurso histórico: negligência, institucionalização, escolas/classes especiais, integração e inclusão

2 Inclusão versus exclusão

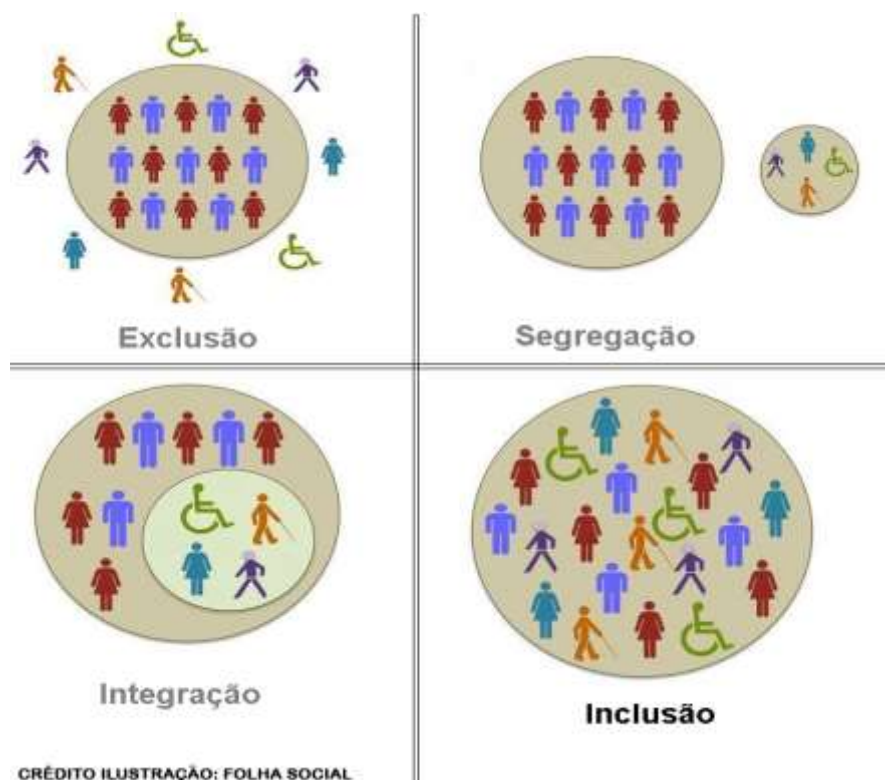


Figura 1 – Conceitos e representação
Fonte: Vitorino (2014)

3 A escola é para todos: inclusão direito do cidadão

4 Sistema Nacional de Educação: a cada direito corresponde um dever.

5 O conflito entre o direito à educação e o dever de educar na história brasileira

6 O contexto estrutura para exclusão versus o discurso exponencial para inclusão (FRIGOTTO, 2010)

7 A inclusão acontece quando “se aprende com as diferenças e não com as igualdades” (FREIRE, 1988).

8 Ensinar para igualdade e/ou para diversidade?

9 Como perceber uma atitude inclusiva neste movimento?

Obs: sugere-se que as imagens ilustrativas sejam pesquisadas no Google Imagens, utilizando as seguintes palavras-chave: inclusão, inclusão educacional, exclusão social, crianças na escola.

63

APÊNDICE L
ORGANIZAÇÃO DA ATIVIDADE DE ENSINO PARA INCLUSÃO:
PLANEJAMENTO E PRINCÍPIOS DO DESENHO UNIVERSAL PARA A
APRENDIZAGEM

PRAIS, Jacqueline Lidiane de Souza.
jacqueline_lidiane@hotmail.com

Neste texto, discutimos sobre a organização do ensino e apresentamos brevemente o referencial teórico acerca dos princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA).

Para tanto, entendemos que o planejamento de atividades pedagógicas realizado pelo professor tem como pressuposto a intenção de ensinar o que vai ao encontro do objetivo do aluno, que é aprender. O planejamento é parte da ação educativa, sendo que os objetivos, conteúdos e métodos são mais que um momento de prever ações pedagógicas. Para Libâneo (1994, p. 222), envolvem "uma atividade de reflexão acerca de nossas opções e ações [...]".

Cabe esclarecer que o termo *design* universal ou desenho universal ou, ainda, desenho inclusivo, foi desenvolvido por profissionais da área da arquitetura que corresponde a:

[...] um conjunto de preocupações, conhecimentos, metodologias e práticas que visam à concepção de espaços, produtos e serviços, utilizáveis com eficácia, segurança e conforto pelo maior número de pessoas possível, independentemente das suas capacidades (CORREIA; CORREIA, 2005, p.29).

Tais preocupações refletiram no processo de ensino e aprendizagem no que tange a educação inclusiva: como organizar o ensino de maneira que um maior número de alunos aprenda? Calcados nesse questionamento e também em preocupações com a organização do ensino inclusivo, na década de 1990, Anne Meyer e David Rose, junto a um grupo de pesquisadores nos Estados Unidos (CAST - *Center for Applied Special Technology*), difundiram a concepção do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA)¹⁶, visando melhorar o processo de ensino e aprendizagem.

Sublinhamos que há discordância na tradução do termo e que optamos por Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA), entendendo que há uma proposta didática que satisfaz as necessidades de aprendizagem para um maior número de

¹⁶Em inglês: *Universal Design for Learning* (UDL).

alunos em sala de aula, ou seja, um desenho didático para o planejamento de atividades que é adequado aos diversos modos de aprendizado e, assim, propicia ao docente instrumentos adequados para o processo pedagógico.

Em 2002, esses pesquisadores, em parceria com David Gordon (diretor de comunicações da CAST), publicaram um livro no qual, com base nas contribuições da neurociência, apontaram princípios e práticas norteadoras da aprendizagem, usando tecnologias digitais (MEYER; ROSE; GORDON, 2002). Esses estudos descrevem o funcionamento do cérebro na aprendizagem, como podemos visualizar na Figura 1 a seguir, como sublinham Meyer, Rose e Gordon (2014).



Figura 1 - O cérebro e a aprendizagem
 Fonte: Meyer, Rose e Gordon (2014)

Portanto, segundo Meyer, Rose e Gordon (2014), seria por meio da ativação dessas áreas do cérebro que ocorrerá a efetiva aprendizagem. Esses pressupostos suscitaram a investigação de um ensino organizado para aprendizagem de todos, tendo como conceito relevante que:

O Desenho Universal para a Aprendizagem amplia o conceito de desenho universal em dois modos básicos. Primeiro, ele aplica a ideia de flexibilidade, inerente ao currículo educacional. Segundo, ele coloca o desenho universal um passo a frente, através do apoio não apenas ao melhor acesso, a informação dentro da sala de aula, mas também melhor acesso à aprendizagem (CAST, 2011).

Assim, o DUA incide na elaboração de um conjunto de objetos, ferramentas e

processos pedagógicos que visam acessibilidade para aprendizagem dos alunos. Esse, por sua vez, assume como princípios norteadores (Figura 2): possibilitar múltiplas formas de apresentação do conteúdo, de ação e expressão do conteúdo pelo aluno e proporcionar vários modos de aprendizagem e desenvolvimento organizados pelo professor para os alunos promovendo a participação, interesse e engajamento na realização das atividades pedagógicas (CAST, 2011).

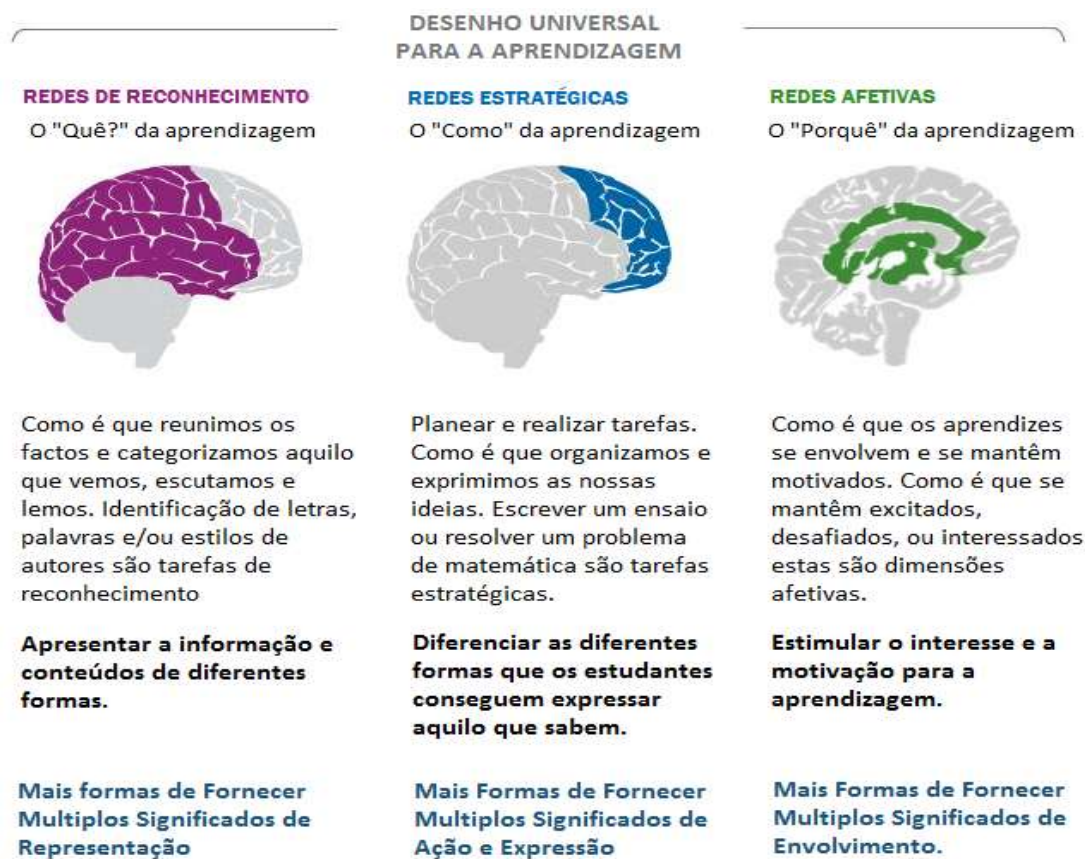


Figura 2 - Princípios norteadores do Desenho Universal para a Aprendizagem
Fonte: Meyer, Rose e Gordon (2014)

Tais princípios do DUA são traduzidos em objetivos na consecução do planeamento docente para o processo de ensino e aprendizagem (Figura 3): proporcionar opções para a percepção, para o uso da linguagem, expressões matemáticas e símbolos, compreensão, atividade física, expressão e comunicação, funções executivas, além de propiciar o incentivo ao interesse, oferecer suporte ao esforço e a persistência e fornecer opções para a autorregulação (CAST, 2011).

Princípios Orientadores do Desenho Universal da Aprendizagem



Figura 3 - Princípios orientadores e objetivos do Desenho Universal para a Aprendizagem
 Fonte: Cast (2011)

De tal modo, os professores devem propor múltiplas formas de: apresentação do conteúdo ativando a área de reconhecimento, de expressão dos alunos sobre sua aprendizagem ativando a área estratégica, e envolvimento e engajamento dos alunos ativando a área afetiva de aprendizagem em que estão o desejo e prazer por aprender, persistência, atenção (BERSCH, 2014).

Diante dos pressupostos políticos da inclusão educacional, dos subsídios teóricos para a organização da atividade de ensino e dos princípios orientadores do DUA, acreditamos que este movimento ilustra e explicita “as intenções em práticas verdadeiramente inclusivas com caráter qualitativo do ensino e da aprendizagem de todos” (PRAIS; ROSA, 2014, p. 369).

Em uma abordagem de educação subsidiada pelo Desenho Universal de aprendizagem, as práticas pedagógicas, organização dos objetivos, materiais, métodos e avaliação do professor são norteados pela diversidade e modos de aprendizagem contida na sala de aula, que, por sua vez, devem visar à aprendizagem e envolvimento de todos em sala de aula. Entendemos que a escola que se fundamenta nestes princípios,

[...] compreende o currículo como representação das especificidades de todas as crianças, o qual é percebido na necessidade de flexibilização e planificação das necessidades de aprendizagens de um grupo heterogêneo que possuímos em sala de aula (PRAIS; ROSA, 2014, p. 367-368).

Nesse sentido, para elaboração das atividades pedagógicas, apresenta-se a relevância do uso da Tecnologia Assistiva (TA). Segundo Bersch (2013) a TA se refere a um conjunto de recursos e serviços que visam contribuir para autonomia, independência e inclusão da pessoa com deficiência de forma qualitativa e com mais possibilidades.

Dessa forma, a tecnologia se apresenta como uma ferramenta estratégica para plena inclusão da pessoa com deficiência em todos os aspectos da vida humana. Este conceito, por sua vez, emerge da discussão e reflexão sobre o desenho universal e acessibilidade que aperfeiçoam suas capacidades e participar do contexto social.

Assim, ao mesmo tempo em que fornece apoio de inclusão digital, potencializa sua participação e envolvimento na realização das atividades educativas e sociais. A tecnologia assume um caráter essencial na produção e elaboração de objetos de aprendizagem ao atender as especificidades dos alunos.

De acordo com o IMS, se a tecnologia aplicada ao aprendizado distribuído é universalmente acessível, este aprendizado terá potencial para atender além de uma grande porcentagem de pessoas com desabilidades, pessoas com dificuldades de aprendizado, preferências, estilos de aprendizagem (visual, auditivo ou tátil) e habilidades particulares dos usuários (IMS-BARSTOW; ROTHBERG, 2008 apud MACEDO, 2010, p. 140).

A esse modo Sonza (2013) afirma que por meio desses recursos tecnológicos apresenta que pessoas com limitações visuais, auditivas e motoras podem ter ampliadas suas possibilidades de inclusão, pois:

O propósito das Tecnologias Assistivas reside em ampliar a comunicação, a mobilidade, o controle do ambiente, as possibilidades de aprendizado, trabalho e integração na vida familiar, com os amigos e na sociedade em geral (SONZA, 2013, p. 199-200).

Este enfoque está voltado para as possibilidades de aprendizado, pensando que ao modo que a organização do ensino planifique atividades que atenda as necessidades de aprendizagens dos alunos, mais acessível à aprendizagem estará e, conseqüentemente, fortalecendo e assegurando o direito de educação a todos.

Portanto, independente se há ou não um aluno com deficiência em sala de aula, reconhecemos que os alunos são diferentes e desenvolvem modos diferentes de aprender. Para tanto, a organização do ensino que supere a inflexibilidade do currículo e atividades isoladas ou adaptadas para um aluno, para ter como parâmetro a heterogeneidade dos alunos, permite um planejamento de atividades para todos a partir de um currículo amplo e único que se afunila nas características e potencialidades a serem representadas durante o processo de aprendizagem.

No que se refere ao ensino, o uso das novas tecnologias propicia maior acesso e flexibilidade da informação por meio de textos, sons, vídeos, imagens, objetos, movimentos, entre outros, e desta forma um conteúdo pode ser representado com diferentes recursos. E, assim, surgem dois conceitos relevantes: versatilidade e transformabilidade da mídia digital.

Para Bersch (2014), um texto escrito pode ser primeiramente apresentado em forma de vídeo, som e/ou foto, e numa segunda característica configurar-se nas necessidades de aprendizagem dos alunos: em áudio para aquele que não enxerga ou que não sabe ler (dislexia ou deficiência intelectual), em conteúdo sinalizado ou legendado para alunos surdos, por exemplo. Tais conceitos evidenciam que os objetos de aprendizagem se expondo de maneira versátil ou podendo sofrer mudanças para sua apresentação oferece caminhos para habilidades e

conhecimentos dos alunos de múltiplos modos.

Salientamos que pensar no uso de Tecnologias Assistivas e nos fundamentos do DUA ultrapassa a concepção de objetos e ambientes acessíveis, mais sim em repensarmos o processo de ensino e aprendizagem que leve em conta o respeito e reconhecimento das diferenças entre os alunos. E, dessa forma, se faz necessário desenvolvermos novas práticas pedagógicas fundamentadas na abordagem do DUA, da acessibilidade para a aprendizagem e para o conhecimento visando uma educação humanizadora e tendo a educação como um direito humano.

REFERÊNCIAS

- BERSCH, Rita. **Introdução à Tecnologia Assistiva**. Porto Alegre: Assistiva/Tecnologia e Educação, 2013. Disponível em: <http://www.assistiva.com.br/Introducao_Tecnologia_Assistiva.pdf>. Acesso em: 12 maio. 2015.
- BERSCH, Rita. O papel das TIC acessíveis para a educação inclusiva das Pessoas com Deficiência. In: EVENTO ITU, ASSISTIVA/TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO, 2014. Disponível em: <https://www.itu.int/en/ITU-D/Regional-Presence/Americas/Documents/EVENTS/2014/1112-BR-Accssblty/2.2_PPT_Rita%20Bersch%20TICs%20Ed%20inclusiva%20.pdf>. Acesso em: 19. out. 2015.
- CAST. **Design for Learning guidelines** – Desenho Universal para a aprendizagem. 2011. Disponível em: <http://www.udlcenter.org/sites/udlcenter.org/files/Guidelines_2.0_Portuguese.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2015.
- CORREIA, Secundino; CORREIA, Patrícia. Acessibilidade e desenho universal. In: _____. **Educação Especial** - Diferenciação do Conceito à Prática. Porto: Gailivro, 2005. p. 29–50. (Encontro Internacional).
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção magistério. Série formação do professor).
- MACEDO, Claudia Mara Scudelari de. **Diretrizes para criação de objetos de aprendizagem acessíveis**. Florianópolis: UFSC, 2010. (Tese de Doutorado). Disponível em: <www.infodesign.org.br/infodesign/article/download/193/136>. Acesso em: 29 abr. 2015.
- MEYER, Anne; ROSE, David; GORDON, David. **Universal Design for Learning (UDL)**. Estados Unidos: CAST, 2002.
- MEYER, Anne; ROSE, David; GORDON, David. **Desenho universal para a aprendizagem: Teoria e Prática**. Wakefield, MA: ELENCO Professional Publishing, 2014.

PRAIS, Jacqueline Lidiane de Souza; ROSA, Vanderley Flor da. Organização da atividade de ensino a partir do Desenho Universal de Aprendizagem: das intenções às práticas inclusivas. In: **Revista Polyphonia**, vol. 25, n. 2, p. 359-374, Goiânia, jun/dez, 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/sv/article/view/38148/19305>>. Acesso em: 22 out. 2015

SONZA, Andréa Poletto (Org.). **Acessibilidade e tecnologia assistiva: pensando a inclusão sociodigital de PNEs**. Bento Gonçalves: Corag, 2013.

VITORINO, Pablo Eduardo. **Um novo olhar para a inclusão social**. 2014. Disponível em: < <https://librasdiaria.wordpress.com/2014/01/07/um-novo-olhar-para-a-inclusao-social/>>. Acesso em: 21 jul. 2016.

APÊNDICE M

Estrutura e conteúdos da *WebQuest* DUA

INTRODUÇÃO

Bem-vindo a WEBQUEST sobre o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA)! Esta WEBQUEST tem por objetivo que o aluno entenda os princípios do Desenho Universal para a aprendizagem, identifique os aspectos relevantes ao planejamento docente na perspectiva da inclusão e, por fim, analise exemplos dos princípios e práticas frente ao tema ampliando seus conhecimentos no que tange a prática pedagógica inclusiva.

Desejo muito sucesso nesta atividade,

Excelente viagem pela web e enriquecedoras aprendizagens!!!

Bons estudos!

TAREFA

Produzir, em grupo, um *Podcast* de dois a cinco minutos com tema "Desenho Universal para a Aprendizagem e o planejamento docente na perspectiva da inclusão".

Podcast – consiste em um arquivo de áudio ou vídeo.

FORMATOS: Áudio, Vídeo, *Screen*cast (Captura de tela, tutoriais), *Enhanced Podcast* (imagem + locução);

TIPOS/OBJETIVO: Expositivo ou Informativo, *Feedback* ou Comentários, Instruções e/ou recomendações, Materiais autênticos.

PROCESSO

Para realização da tarefa desta *WebQuest* é necessário que:

1 Responda a pergunta: Quais as quatro etapas principais do plano de aula? Para serve o planejamento docente?

2 Assistir ao vídeo Desenho Universal da Aprendizagem (DUA):

<https://www.youtube.com/watch?v=ltMJO6ciksi&feature=youtu.be>

* destaque os três perguntas básicas sobre os princípios do DUA para o planejamento.

3 Analisar o quadro teórico sobre os princípios orientadores do DUA:

http://www.udlcenter.org/sites/udlcenter.org/files/Guidelines_2.0_Portuguese.pdf

* anote os princípios orientadores e as ações pertinentes a cada um deles.

4 Escolher e assistir um dos vídeos abaixo:

Princípios e práticas: <https://www.youtube.com/watch?v=pGLTJw0GSxk>

Matemática: <https://www.youtube.com/watch?v=KuTJJQWnMaQ>

Ciências: <https://www.youtube.com/watch?v=dTxFYf50I-4>

Linguagem: <https://www.youtube.com/watch?v=zE8N8bnllgs>

* Para aquele que selecionar analise a aplicação dos princípios nas discussões e atividades propostas, verificando se as ações estão condizentes com os princípios do DUA justificando suas respostas.

5 Agora é só articular as ideias que foram construídas neste processo e elaborar um *Podcast*:

NÃO SE ESQUEÇA!!! Redija um roteiro de leitura, pontos principais, treine e

cronometre o tempo.

- * Apresentação e boas vindas ao ouvinte;
- * Quais as quatro etapas principais do plano de aula? Para serve o planejamento docente?
- * Destaque os três perguntas básicas sobre os princípios do DUA para o planejamento.
- * Princípios orientadores e as ações pertinentes a cada um deles.
- * Mencione o vídeo que escolheu, analise a aplicação dos princípios nas discussões e atividades propostas, verifique se as ações estão condizentes com os princípios do DUA justificando suas respostas.
- * Conclusão: Qual a importância do DUA para o planejamento docente para inclusão?

RECURSOS

- * texto
- * quadro teórico
- * vídeos

AVALIAÇÃO

CRITÉRIOS PARA AVALIAÇÃO:

Realização, desempenho, participação e cumprimento de todas as propostas de atividades;

O *Podcast* produzida em grupo deve apresentar clareza e coerência, argumentação de ideias levando em consideração O PROCESSO indicado para a articulação das ideias por meio das leituras, análises e interpretações sobre um dos vídeos indicados.

Ao concluir poste seu *Podcast* no Grupo Fechado que criamos para o curso.

CONCLUSÃO

A partir desta *WebQuest* objetivamos que o aluno compreenda que os princípios do DUA contribuem para um novo olhar pedagógico na medida em que reflete e almeja intenções e práticas inclusivas.

CRÉDITOS

Autora:

Jacqueline Lidiane de Souza Prais

Formação: Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Norte do Paraná - Campus de Cornélio Procópio (UENP/CCP) em 2011. Especialista em Educação Especial Inclusiva (2012-2013) e em Políticas Públicas para a Educação (2013-2014), ambas pela UENP/CCP. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza - PPGEN pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) - Câmpus Londrina.

QUERO SUA AVALIAÇÃO!

Sua opinião é muito importante para a avaliação desta *WebQuest*, acesso o link abaixo e avalie esta atividade.

https://docs.google.com/forms/d/1IBsomYCrEU8RbV5xmuNL1qAzSusWeTE88lfifR33XyQ/viewform?usp=send_form

Agradeço sua participação!

APÊNDICE N

ESTUDO DE CASOS

Etapas de estudo e análise – enunciação, apresentação, descrição e discussão, debate, procedimentos pedagógicos específicos, proposições e alternativas pedagógicas.

1º estudo de caso

- Enunciação: O caso a ser analisado se refere à disciplina de Língua Portuguesa no conteúdo de produção de texto no 5º ano.

- Apresentação: No vídeo “As cores das flores” disponível no link <https://www.youtube.com/watch?v=s6NNOeiQpPM> (4min08seg) estamos numa aula em que a professora pede aos alunos que escrevam um texto sobre as cores das flores. Dentre as crianças há um aluno cego.

Observação: pausar o vídeo em 3min e 15seg.

- Descrição e discussão: o que mais lhe chamou a atenção?

Observações importantes a serem destacadas: a orientação da professora para realização da atividade é sucinta, sem detalhamento dos requisitos, apenas menção de que não há limites para o tamanho do texto, o aluno não sabe ao certo qual caminho seguir e menciona que seria por meio de uma pesquisa, seus colegas descrevem suas percepções durante este processo, a professora de apoio não oferece contextualização do tema e orientação para realização da atividade, o aluno usa tecnologias assistivas (leitor de tela, máquina braile, livro infantil em alto relevo).

- Debate: por que este caso merece ser analisado?

* papel do professor e do professor de apoio;

* explicação e orientação nas atividades a serem desenvolvidas além da sala de aula;

* tema relacionado ao conteúdo estudado.

- Procedimentos pedagógicos específicos: deficiência visual

Conteúdos para slides:

Aluno com cego e aluno com baixa visão

- É o comprometimento parcial (de 40 a 60%) ou total da visão. Não são consideradas pessoas com deficiência visual àquelas que podem ser corrigidas com o uso de lentes ou cirurgias.

- Critérios estabelecidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para classificação:
 - **Baixa visão** (leve, moderada ou profunda): comprometimento parcial de 40 a 60% da visão
 - **Próximo à cegueira**: quando a pessoa ainda é capaz de distinguir luz e sombra.
 - **Cegueira**: quando não existe qualquer percepção de luz.



Figura 1 - Acessibilidade é um pré-requisito para inclusão educacional

Fonte: Disponível em <http://www.somostodosnos.com.br/o-caminho-para-a-inclusao-social-acessibilidade.html>

Inclusão escolar de alunos cegos e alunos com baixa visão

- promover, por meio do uso de recursos didáticos, situações e vivências cotidianas que estimulem a exploração e o desenvolvimento pleno dos outros sentidos;
- selecionar, confeccionar ou adaptar recursos abrangentes ou de uso específico;
- usar recursos tecnológicos, equipamentos e jogos pedagógicos contribuem para que as situações de aprendizagem sejam significativas para todos os alunos tendo como parâmetro as experiências sensoriais;
- privilegiar no planejamento nas atividades quais as possibilidades de sua realização por meio de descrição, informação tátil, auditiva, olfativa e qualquer outra referência que favoreçam a configuração do cenário ou do ambiente.

Recursos – tecnologia assistiva

Baixa visão: o uso de lentes de aumento, prancha de leitura, lupas, telescópios,

auxílio de bengalas e de treinamentos de orientação.

Próximo à cegueira e Cegueira: emprega o sistema braile para ler e escrever, utiliza recursos de voz para acessar programas de computador, uso de bengala e treinamento de orientação e de mobilidade.

Complementar uso do vídeo: aluno com baixa visão

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=60aeyoAKfE>

Vídeo retirado do DVD de orientações aos professores da escola regular: A inclusão do aluno com baixa visão no ensino regular do MEC.

- Proposições e alternativas pedagógicas: o que você faria?

Observação: repetir ou dar continuidade ao vídeo iniciado para este estudo de caso.

- Proposta: encaminhamento metodológico

Como trabalhar cores com alunos cegos?

As cores devem ser apresentadas aos alunos cegos por meio de associações e representações que possibilitem compreender e aplicar adequadamente o vocabulário e o conceito de cores na fala, na escrita, no contexto da escola e da vida. Assim, as cores podem ser associadas aos elementos da natureza, aos aromas, às notas musicais e a outras simbologias presentes na experiência dos alunos. As atividades escolares que se baseiam na visualização de cores podem ser adaptadas por meio da utilização de texturas, de equivalências, de convenções ou de outros recursos não visuais.

1. Neste caso, o mais relevante para problematizar está no estudo do tema que os alunos produzirão o texto e a orientação clara da professora;
2. Portanto, podemos permanecer com o mesmo tema, porém antes de planejar a atividade de produção de texto, selecionar textos disponíveis em Braille a qual este aluno é alfabetizado;
3. Realização da leitura e estudo dos textos junto aos alunos, esclarecendo dúvidas e pesquisando no laboratório de informática do uso do leitor de tela;
4. Ampliação o estudo solicitando aos alunos que tragam para próxima aula flores para experiência sensorial dos tipos encontrados e discussões sobre formas e cores;

5. Elaboração de legenda para as cores decidindo junto aos alunos qual será utilizado: textura, aroma, nota musical;

Sugestão:



Figura 2 - O Som das Cores, de Paula Teixeira
Edição/reimpressão:2012
Fonte: PlátanoEditora

6. Solicitação aos alunos a leitura dos textos trabalhados em aula atenciosamente no contraturno. Na máquina Braille disponível o aluno deve anotar as informações que considerar relevantes e possa produzir as sucessivas versões de seus próprios textos;
7. Explicação e orientação aos alunos sobre que tipo de texto irão produzir distinguindo sua função e objetivo, a data de entrega para correções, ao longo das produções individuais ou coletivas, garantir a participação dos alunos mediando às contribuições da turma;
8. Com os textos em mãos a professora deve enumerar oralmente os problemas gerais evidenciados nos textos e, logo, conversar com cada aluno sobre os ajustes e considerações a serem feitas no texto;
9. Conversa com o professor de apoio ou com o professor do Atendimento Educacional Especializado (AEE) na Sala de Recursos Multifuncionais – deficiência visual (SRM/DV) ou ainda em uma instituição especializada na área da deficiência visual para que as versões dos textos e o produto final sejam sempre copiados em Braille, para que o aluno cego também tenha acesso ao resultado do trabalho;

10. Os alunos podem apresentar o texto produzido lendo para turma e ao final, a professora pode conduzir quais as contribuições de cada texto sobre o tema e conteúdo estudado.

Indicações retiradas, criadas e/ou adaptadas dos materiais abaixo:

AMPUDIA, Ricardo. O que é deficiência visual?. In: **Revista Nova Escola**, ago, 2011. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/deficiencia-visual-inclusao-636416.shtml>>. Acesso em: 20 out. 2015

INCLUSÃO. Roteiro didático: produção de texto e deficiência visual. In: **Revista Nova escola**. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-1/roteiro-didatico-producao-texto-1o-2o-anos-636206.shtml?page=7.1>>. Acesso em: 21 out.2015







ORRICO, Helio; CANEJO, Elizabeth; FOGLI, Bianca. Uma reflexão sobre o cotidiano escolar de alunos com deficiência visual em classes regulares. In: GLAT, Rosana (Org.). **Educação inclusiva: cultura e cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: 7letras, 2007.

SÁ, Elizabet Dias de.; CAMPOS, Izilda Maria de.; SILVA, Myriam Beatriz Campolina. **Atendimento Educacional Especializado: deficiência visual**. Formação continuada à distância de professores para o Atendimento Educacional Especializado. Brasília: SEESP/SEED/MEC, 2007.

2º estudo de caso

- Enunciação: O caso a ser analisado se refere à disciplina de Língua Portuguesa no conteúdo de escrita e grafia no 3º ano.

- Apresentação: Dramatização de uma cena. Em uma sala de aula, a professora sorteia palavras e realiza um ditado usando as seguintes palavras: menino, coelho, telefone, pipoca, livro. Dentre as crianças há um aluno surdo. A professora usa apenas a linguagem oral para pronunciar as palavras que estão fora de um contexto e foram definidas aleatoriamente. O intérprete avisado das palavras que conteriam no ditado, procurou uma figura para cada palavra e durante o ditado mostra apenas para o aluno surdo pedindo a ele que sinalize em LIBRAS. Assim, a professora recolhe os registros dos alunos para correção, mas a atividade do aluno surdo foi corrigida pelo intérprete, pois enquanto ele sinalizava, em uma folha marcava os acertos e erros de cada palavra na Língua de Sinais.

Lista com palavras – professor	Lista com as figuras – intérprete
MENINO	
COELHO	
ABACAXI	
TELEFONE	
PIPOCA	
LIVRO	

Quadro 1: Lista de palavras e figuras para o ditado
Fonte: Autoria própria com imagens de sites livres

- Descrição e discussão: o que mais lhe chamou a atenção?

Observações importantes a serem destacadas: o planejamento da professora para realização da atividade partiu de palavras soltas, o intérprete mostra as imagens apenas para o aluno surdo, é exigido do aluno surdo o registro das palavras em Libras e não em Língua Portuguesa.

- Debate: por que este caso merece ser analisado?

* palavras devem estar dentro de um contexto de estudo;

* papel do professor e do intérprete;

* alfabetização do aluno surdo: 1ª LIBRAS, 2ª leitura e escrita da Língua Portuguesa;

* explicação e orientação nas atividades a serem desenvolvidas em sala de aula junto ao aluno surdo.

- Procedimentos pedagógicos específicos: deficiência auditiva e surdez

- É a perda parcial ou total da audição, causada por má-formação (causa genética), lesão na orelha ou nas estruturas que compõem o aparelho auditivo.
- Costuma-se classificar a deficiência auditiva aqueles que têm a perda parcial que não permiti que a pessoa ouça entre 50 a 91 decibéis, acima de 91 ou perdas auditivas totais caracterizam a surdez.
- Tem-se em vista que aquele que usa a Língua de Sinais é considerado surdo, mesmo que este possua um aparelho auditivo caracterizado como deficiência auditiva, usa aparelho de aplicação de som, é oralizado, a cultura surda prefere esta denominação do que deficiência auditiva por fazer uso da Libras.



Figura 3 - O uso da Língua de Sinais

Fonte: Disponível em <http://www.planetaeducacao.com.br/acessodehumor>

Inclusão escolar de alunos surdos: possibilidades e estratégias

- utilizar a linguagem de sinais, gestos naturais, dramatização, mímicas, desenhos como recursos para facilitar a compreensão dos textos que estejam sendo trabalhados em aula;
- preferir frases completas, não exagerando na articulação das palavras nem na velocidade da fala;
- utilizar sempre a escrita no quadro de giz e diagramas de qualquer tipo de material

escrito, *slides*, transparências, desenhos entre outros, para escrever as palavras-chave;

- utilizar recursos e materiais adaptados durante o processo de ensino e aprendizagem, a exemplo do treinador da fala, tablado ou *softwares* educativos;
- no caso de alunos que realizam a leitura labial ou que estejam desenvolvendo esta capacidade, manter o rosto do professor em determinada localização de forma que fique iluminado pela luz durante a pronúncia das palavras; falar sem movimentar muito cabeça ou o corpo para que o aluno registre a leitura da fala;
- fazer síntese e resumir conclusões para favorecer a apreensão das informações abordadas verbalmente;
- buscar atividades utilizando materiais visuais como fotos em revistas, figuras em livros, palavras ou frases em jornal.

- Proposições e alternativas pedagógicas: o que você faria?

Complementar com o uso do vídeo: Grupo de alunos surdos do Distrito Federal criam desenhos animados mostrando as dificuldades que enfrentam - 2min 45seg disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=JWg89UpwKzw>

- Proposta: encaminhamento metodológico

Como trabalhar a Língua Portuguesa com alunos surdos?

A educação bilíngue - sendo a Língua Brasileira de Sinais (Libras) a primeira e a Língua Portuguesa, a segunda língua - é um direito dos alunos surdos garantidos pelo Decreto Federal nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Com apoio do intérprete em sala de aula e trabalho colaborativo com o Atendimento Educacional Especializado na área auditiva, o ensino da Língua Portuguesa se dá por meio de um processo. Por isso é importante (re) conhecer quais elementos apreendidos pelo aluno, pois ao chegar à Educação Infantil ou ao 1º ano, espera-se que eles saibam comunicar-se em Libras e sejam capazes de escrever o próprio nome. Mas vale lembrar que essas crianças começam o Ensino Fundamental sem conhecimento da Língua Portuguesa falada e, assim a sala de aula no ensino regular, o intérprete, no Atendimento Educacional Especializado em Sala de Recursos Multifuncionais – deficiência auditiva (SRM/DA) ou instituição especializada na área auditiva na qual devem preconizar a educação bilíngue e não excluir o ensino da Língua Portuguesa escrita para o aluno surdo.

- 1 Neste caso, evidenciamos que as palavras utilizadas estão fora de um contexto, bem como o intérprete interfere diretamente na avaliação do aluno apenas utilizando como critério o emprego de Libras, e o professor exime-se de sua função e responsabilidade para com o aluno surdo;
- 2 Portanto, podemos permanecer com a mesma proposta de atividade: ditado de palavras, porém devemos levar em consideração que o aluno surdo deva estar sendo ou já alfabetizado em Libras;
- 3 Antes de planejar esta atividade de registro, o professor deve selecionar palavras de estudo/conteúdo que vem sendo trabalho nas aulas (podendo ser de qualquer disciplina), disponibilizar o texto para leitura e explicar aos alunos a atividade que será desenvolvida a partir do texto para que haja uma leitura minuciosa;
- 4 Pode ser relevante mesmo já sendo um texto estudado em sala, que os alunos grifem palavras desconhecidas e esclareçam dúvidas com o professor e no caso do aluno surdo o intérprete pode contribuir nesse momento para sinalização em Libras;
- 5 Em seguida, em regime de colaboração com o intérprete pesquisar figuras que representam cada palavra;
- 6 No momento do ditado, o professor sorteia a figura, mostra a todos os alunos e, logo, expressa oralmente a palavra a ser escrita e intérprete sinaliza em Libras para que o aluno surdo escreva a palavra referente ao sinal em Língua Portuguesa;
- 7 Após a realização desta atividade é importante que as figuras, palavras e sinal em Libras fiquem em um mural, cartaz, glossário em sala de aula, para o momento da correção.

Obs: dependendo do conteúdo que está sendo representado por figuras pode ser substituída por objetos.

Sugestão:

* Dando sequência aos eixos da Língua Portuguesa (leitura, oralidade e escrita) e estudo do conteúdo, propor aos alunos uma produção coletiva, em pequenos grupos ou individual sobre este tema. Assim, mesmo que, em um determinado prazo, os alunos surdos não alcancem os mesmos resultados obtidos pelos alunos ouvintes, eles precisam participar de todas as aulas e contribuíram para melhor se

expressarem pela escrita. Se o aluno surdo ainda não for capaz de escrever um texto, faça com que ele contribua para as atividades escrevendo listas ou frases sobre o tema abordado;

* O importante é que ele sempre conte com algum apoio visual. O professor deve registrar todas as atividades e utilizar recursos diferenciados - como letras móveis ou cores diferentes para designar elementos distintos de uma frase, por exemplo;

* Após a finalização da produção textual os alunos podem ler suas produções e no caso do aluno surdo o intérprete vai traduzindo enquanto ele sinaliza em Libras para os colegas as ideias escritas.

Indicações retiradas, criadas e/ou adaptadas dos materiais abaixo:

AMPUDIA, Ricardo. O que é deficiência auditiva?. In: **Revista Nova Escola**, ago, 2011. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/deficiencia-auditiva-inclusao-636393.shtml>>. Acesso em: 20 out. 2015

DAMÁZIO, Mirlene Ferreria Manchado. **Atendimento Educacional Especializado: pessoa com surdez**. Formação continuada à distância de professores para o Atendimento Educacional Especializado. Brasília: SEESP/SEED/MEC, 2007.

INCLUSÃO. Roteiro didático: produção de texto e deficiência auditiva. In: **Revista Nova escola**. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-1/roteiro-didatico-producao-texto-1o-2o-anos-636206.shtml?page=7.2>>. Acesso em: 21 out.2015

DIAS, Vera Lucia; SILVA, Valéria de Assumpção; BRAUN, Patrícia. A inclusão do aluno com deficiência auditiva na classe regular: reflexão sobre a prática pedagógica. In: GLAT, Rosana (Org.). **Educação inclusiva: cultura e cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: 7letras, 2007.

3º estudo de caso

- Enunciação: O caso a ser analisado se refere à disciplina de Matemática no conteúdo de adição e subtração no 1º ano.

- Apresentação: Em uma sala de aula, a professora entrega uma atividade referente ao conteúdo de adição e subtração para que os alunos resolvam os problemas matemáticos. Dentre eles há um aluno com deficiência intelectual. Observação: entregar a atividade que a professora usou neste conteúdo.

ESCOLHENDO RESULTADOS

1) Resolva as operações e, depois, circule o resultado ao lado.

$4 + 5 =$	8 9 7
-----------	-------------

$4 + 3 =$	6 8 7
-----------	-------------

$\begin{array}{r} 7 \\ + 2 \\ \hline \end{array}$	9 7 6	$\begin{array}{r} 3 \\ + 2 \\ \hline \end{array}$	5 4 3	$\begin{array}{r} 4 \\ + 2 \\ \hline \end{array}$	5 6 7	$\begin{array}{r} 4 \\ + 4 \\ \hline \end{array}$	9 7 8
---	-------------	---	-------------	---	-------------	---	-------------

$\begin{array}{r} 6 \\ + 3 \\ \hline \end{array}$	7 8 9	$\begin{array}{r} 2 \\ + 6 \\ \hline \end{array}$	6 7 8	$\begin{array}{r} 8 \\ - 5 \\ \hline \end{array}$	2 4 3	$\begin{array}{r} 5 \\ - 4 \\ \hline \end{array}$	0 1 2
---	-------------	---	-------------	---	-------------	---	-------------

$9 - 6 =$	2 3 4	$5 - 0 =$	0 5 6	$7 - 7 =$	0 1 2
-----------	-------------	-----------	-------------	-----------	-------------

$8 - 4 =$	4 3 2	$9 - 4 =$	3 5 4	$6 - 5 =$	0 1 2
-----------	-------------	-----------	-------------	-----------	-------------

Figura 4 – Atividade escolhendo os resultados

Fonte: Disponível em

<http://magatividadeseducativas.blogspot.com.br/2011/03/matematica-subtracao-e-adicao-1-e-2-ano.html>

- Descrição e discussão: o que mais lhe chamou a atenção?

Observações importantes a serem destacadas: não há orientação da professora para realização da atividade proposta, não há contexto para formulação dos problemas, não expressa o domínio de quantidades pelos alunos, não material ou recurso de apoio para resolução.

- Debate: por que este caso merece ser analisado?

* as situações-problemas devem estar dentro de um contexto de estudo;

* importância do planejamento da atividade de acordo com os conhecimentos de

quantidade dos alunos;

* uso de recursos e materiais de apoio que enriquecem e valorizam o processo de aprendizagem;

* explicação e orientação nas atividades a serem desenvolvidas em sala de aula junto aos alunos.

- Procedimentos pedagógicos específicos: deficiência intelectual

- Restrição física, mental ou sensorial, de natureza permanente ou transitória, que limita a capacidade de exercer uma ou mais atividades essenciais da vida diária, causada ou agravada pelo ambiente econômico e social. Essa definição ratifica a deficiência como uma situação;
- Deficiência mental X deficiência intelectual;
- Pessoas com deficiência intelectual ou cognitiva costumam apresentar dificuldades para resolver problemas, compreender ideias abstratas (como as metáforas, a noção de tempo e os valores monetários), estabelecer relações sociais, compreender e obedecer a regras, e realizar atividades cotidianas - como, por exemplo, as ações de autocuidado;
- A capacidade de argumentação desses alunos também pode ser afetada e precisa ser devidamente estimulada para facilitar o processo de inclusão e fazer com que a pessoa adquira independência em suas relações com o mundo;
- Não se esgota na sua condição orgânica e/ou intelectual e nem pode ser definida por um único saber. Ela é uma interrogação e objeto de investigação de inúmeras áreas do conhecimento.



Figura 5 - Dificuldade de demonstrar a sua capacidade cognitiva

Fonte: Disponível em http://sanavria.blogspot.com.br/2012_05_01_archive.html

A prática pedagógica com alunos com deficiência intelectual incluídos no ensino regular

- oferecer atividades em que os conteúdos advêm da sua própria experiência;
- ampliar os conceitos sobre os conhecimentos prévios;
- para ensinar a adição e a subtração para alunos com deficiência intelectual é essencial considerar as noções que ele já carrega sobre as quantidades;
- conhecer a criança e os conhecimentos que possui sobre cada conteúdo;
- utilizar diferentes formas de linguagem (expressão de sua aprendizagem).

- Proposições e alternativas pedagógicas: o que você faria?

* Complementar com o vídeo Deficiência intelectual 6min 04seg disponível em https://www.youtube.com/watch?v=ess5_j-QWZI

- Proposta:

Como trabalhar matemática para alunos com deficiência intelectual?

Devem ser oferecidas situações, envolvendo ações em que o próprio aluno teve participação ativa na sua execução e/ou façam parte da experiência de vida dele. Essa prática difere de todo modelo de atuação privilegiado até então pela Educação Especial. Trabalhar a ampliação da capacidade de abstração não significa











apenas desenvolver a memória, a atenção, as noções de espaço, tempo, causalidade, raciocínio lógico em si mesmo. Nem tão pouco tem a ver com a desvalorização da ação direta sobre os objetos de conhecimento, pois a ação é o primeiro nível de toda a construção mental.

No contraturno, o Atendimento Educacional Especializado na Sala de Recursos Multifuncionais (SRM) pode contribuir exercitando mais as contagens e os procedimentos de cálculos. É importante uma conversa com a família também para que o aprendizado da adição e da subtração faça também sentido fora da escola. Conhecer o contexto desse aluno é importante para sugerir situações que se relacionam ao cotidiano dele. Quanto mais usual for a situação proposta, melhor será a compreensão dos problemas.

Se necessário, antecipe ou repita as atividades propostas e retome os conteúdos já trabalhados. Mesmo que não adquira os conhecimentos ao mesmo tempo em que a maioria da turma, ajustes nas atividades podem fazer com que ele participe das aulas e progrida nos conhecimentos que envolvem esse conteúdo.

- 1 Neste caso, evidenciamos que a atividade proposta está fora de um contexto, bem como o não levou em consideração a aprendizagem do conceito de quantidade pelos alunos;
- 2 Antes de planejar esta atividade de registro dos conteúdos de adição e subtração, o professor deve explicar os conteúdos ao aluno de forma visual e auditiva, fazendo uso de recursos ilustrativos (concretos) de modo que os alunos possam compreender e significar conceitos básicos;
- 3 Podemos sugerir como proposta a aula passeio até um supermercado para quantificação numérica dos itens comprados tendo como objetivo posterior fazer uma salada de frutas;
- 4 Inicialmente, como em qualquer outra aula, são explicados os objetivos do passeio para os alunos: comprar frutas para salada de frutas;
- 5 No decorrer da aula são exploradas diferentes vivências em uma roda de conversa como, por exemplo: usando figuras ilustrativas para cada fruta e registrar as frutas que os alunos conheçam e já comeram, quais são as frutas de preferência da turma para salada de frutas;
- 6 Registro de uma lista ilustrativa de cinco frutas que serão compradas no supermercado e levar também uma lista paralela com as outras frutas que

não foram selecionadas e poderão substituir alguma fruta que não encontrarmos no supermercado;

Lista de compra – frutas	
Selecionadas	Não selecionadas
 Mamão	 Melão
 Morango	 Pêssego
 Maça	 Pêra
 Banana	 Manga
 Abacaxi	 Laranja

Quadro 2 – Lista de compras/frutas

Fonte: Autoria própria com imagens de sites livres

- 7 No momento do passeio e compra das frutas, verificar junto aos alunos a quantidade de cada fruta necessária para fazer a salada de frutas criando situações problemas de adição e subtração, solicitando que os alunos em grupo registrem tais exercícios ou também criem registros sobre o passeio em relação às quantidades compradas e re(criem) situações problemas encontrados na compra ou a partir dela;
- 8 Ainda, vale identificar as características de cada fruta e conferir se todas as frutas foram encontradas ou não, quais precisaram ser substituídas e por qual foram;
- 9 Após o retorno para a sala de aula, os alunos são organizados em grupo e com a mediação da professora são instigados a elaborar os enunciados dos problemas, o qual pode ser feito com a utilização de figuras e/ou desenhos;
- 10 Feito isso, sugere-se que uma divisão de tarefas nos grupos. Um ou dois alunos escrevem, outro desenha, outro pinta, outro cola figuras, enfim, todos têm sua participação efetiva na atividade;
- 11 Em seguida, cada grupo apresenta a situação problema que foi criada e o professor poderá intervir e promover uma discussão sobre os exercícios apresentados;
- 12 Por fim, fazer a salada de frutas e durante este processo pode surgir outras situações como proporção como, por exemplo: tamanho e quantidade de uma fruta em relação à outra;
- 13 No momento do ditado, o professor sorteia a figura, mostra a todos os alunos e, logo, expressa oralmente a palavra a ser escrita e intérprete sinaliza em Libras para que o aluno surdo escreva a palavra referente ao sinal em Língua Portuguesa.

Sugestão:

- * Podem ser usadas planilhas que auxiliem os alunos a organizar seus pensamentos e a organização temporal dos acontecimentos do passeio e do estudo. Como mostra o quadro a seguir:



Quadro 3 - Organização temporal dos acontecimentos do passeio e do estudo
 Fonte: Autoria própria com imagens de *sites* livres

Indicações retiradas, criadas e/ou adaptadas dos materiais abaixo:

AMPUDIA, Ricardo. O que é deficiência intelectual?. In: **Revista Nova Escola**, ago, 2011. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/deficiencia-intelectual-inclusao-636414.shtml>>. Acesso em: 20 out. 2015.

ATIVIDADE DE MATEMÁTICA: adição e subtração para anos iniciais do ensino fundamental. Disponível em: <<http://magatividadeseducativas.blogspot.com.br/2011/03/matematica-subtracao-e-adicao-1-e-2-ano.html>>. Acesso em: 21 out. 2015.

FONTES, Rejane de Souza *et al.* Estratégias pedagógicas para a inclusão e alunos com deficiência mental no ensino regular. In: GLAT, Rosana (Org.). **Educação inclusiva: cultura e cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: 7letras, 2007.

GOMES, Adriana Limaverde *et al.* **Atendimento Educacional Especializado:** deficiência mental. Formação continuada à distância de professores para o Atendimento Educacional Especializado. Brasília: SEESP/SEED/MEC, 2007.

INCLUSÃO. Roteiro didático: adição e subtração para 1º, 2º e 3º anos. In: **Revista Nova escola**. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-1/roteiro-didatico-adicao-subtracao-1-2-3-ano-matematica-637802.shtml?page=7.4>>. Acesso em: 21 out. 2015.

4º estudo de caso

- Enunciação: O caso a ser analisado se refere à disciplina de Educação Física no conteúdo de Esporte/Futsal no 5º ano.

- Apresentação: Relato sobre uma aula de Educação Física com o conteúdo de atletismo na modalidade de corrida. Na quadra de esportes aproximadamente 22 alunos, dentre eles um aluno deficiência física cadeirante com paraplegia total (perda total das funções motoras dos membros inferiores), e o professor anuncia que irão trabalh

ar hoje com a prática do futsal. João, aluno com deficiência física, pergunta ao professor: o que vou fazer? Ele responde: você não consegue e então ficar aqui comigo observando e depois vou pedir uma pesquisa sobre este esporte.

- Descrição e discussão: o que mais lhe chamou a atenção?

Observações importantes a serem destacadas: o professor nega a possibilidade de participação, utiliza de uma afirmação discriminatória “não consegue”, solicita realização de pesquisa apenas para o aluno que não participou da prática dos exercícios.

- Debate: por que este caso merece ser analisado?

* participação nas aulas;

* afirmações discriminatórias e limitadores da aprendizagem dos alunos;

* atividade de pesquisa como fonte de investigação.

- Procedimentos pedagógicos específicos: deficiência física

- São complicações que levam à limitação da mobilidade e da coordenação geral, podendo também afetar a fala, em diferentes graus;
- As causas são variadas - desde lesões neurológicas e neuromusculares até má-formação congênita - ou condições adquiridas, como hidrocefalia (acúmulo de líquido na caixa craniana) ou paralisia cerebral;
- Os principais tipos de deficiência física, segundo o Decreto nº 3.298 de 20 de dezembro de 1999, são: paraplegia, perda total das funções motoras dos membros inferiores; tetraplegias, perda total da função motora dos quatro membros e hemiplegia, perda total das funções motoras de um hemisfério do corpo. Ainda são consideradas as amputações, os casos de paralisia cerebral e as ostomias (aberturas abdominais para uso de sondas).
- As crianças com deficiência física, em geral, têm comprometimento da coordenação motora, porém dependendo da área do cérebro afetada, pode apresentar, também, dificuldades na aquisição da linguagem, na leitura, na escrita, na percepção espacial e no reconhecimento do próprio corpo.



Figura 6 - A redução da autonomia da pessoa com deficiência física

Fonte: Disponível em

<https://www.google.com.br/search?q=charge+cego+acessibilidade&espv=2&biw=1366&bih=599&tbn=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0CCsQsARqFQoTCNiUy6PI8sgCFYWGkAod4RsJHg#imgrc=mMdBwBLILUPnjM%3A>

Acessibilidade e o aluno com deficiência física: princípios para a aprendizagem

- conhecer o aluno e suas características e limitações físicas para elaboração de atividades utilizando procedimentos recursos de ensino adequados às necessidades de aprendizagem;
 - organizar uma escola inclusiva é instituir os padrões ideais para acessibilidade em prédios e edificações que são definidos pelo documento da Associação Brasileira de Normas Técnicas "NBR 9050 - Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos";
 - Para facilitar a mobilidade dos alunos nas atividades desenvolvidas em sala, utilizar tecnologias assistivas ou aumentativas;
 - Fazer a planificação nas atividades para permitir a participação de todos e valorize outros aspectos além do movimento, para que a criança seja protagonista nas ações que realiza;
 - desenvolver, se necessário junto ao professor de apoio a Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA) por meio de prancha, blocos de palavras ou ainda software de comunicação que possam possibilitar a comunicação dos alunos.
 - Proposições e alternativas pedagógicas: o que você faria?
- Complementar utilizando o vídeo "Inclusão: O que precisa mudar nas escolas?" 6 mi

- Proposta:

Como trabalhar futsal com alunos com deficiência física/paraplegia?

Devem ser oferecidas situações, que envolvam ações em que o próprio aluno teve participação ativa na sua execução e/ou façam parte da experiência de vida dele.

- 1 Neste caso, evidenciamos que a atividade proposta pelo professor aos alunos excluiu a participação do aluno com deficiência física. E que uma atividade de pesquisa sobre Futsal seria solicitada apenas a ele, por não executar os conceitos do futsal na aula;
- 2 Podemos sugerir como atividade o Futsal com as mãos, isto é, segue as mesmas regras apenas diferencia que neste o jogo os dois times usam as mãos para fazerem o gol e os alunos devem ficar sentados e se arrastar;
- 3 Inicialmente, como em qualquer outra aula, indicamos um encaminhamento metodológico que explicita as intencionalidades com a proposta de inclusão educacional. No planejamento o professor pensa e pesquisa: 1º O que faz? – permite articular com a ação cotidiana; 2º O que pensa? – permite articular com o pensamento sobre ela e; 3º O que sente? – permite articular sobre o sentido dado a ela;
- 4 Observação: sugerimos que o professor peça, na aula anterior, que os alunos assistam a um vídeo de um jogo de futsal;
 - ▶ Inicia-se a aula, dentro da quadra de esportes da escola, apresentando as informações necessárias sobre o tema da aula: futsal.
 - ▶ Em seguida, indaga-se sobre o que os alunos sabem do tema da aula (informações e experiências). Abre-se, nesse momento, a possibilidade de refletir sobre o conhecimento deles, que por sua vez, podem expressar oralmente ou mostrar fundamentos deste esporte usando uma bola.
 - ▶ A partir dos conhecimentos e das experiências trazidos pelos alunos com as informações oferecidas por ele (fase exploratória), tanto na parte conceitual quanto na procedimental o professor realiza a integração ou síntese destas experiências, informações e conhecimentos;
 - ▶ O professor então questiona sobre o vídeo que pesquisaram e assistiram perguntando sobre as regras deste jogo: número de jogadores, objetivo do

jogo, bola e gol, entre outras que podem partir dos alunos também como dúvidas e comentários sobre o que viram;

- ▶ Em seguida, apresenta aos alunos, após o conhecimento das regras deste jogo, um novo jogo: o futsal com as mãos;
- ▶ Ao final, em grupos os alunos devem registrar com desenhos, figuras e frases a interpretação e demonstração dos graus de domínio conceitual que atingiram mediante o trabalho coletivo ou grupal no jogo do futsal com as mãos.

Indicações retiradas, criadas e/ou adaptadas dos materiais abaixo:

AMPUDIA, Ricardo. O que é deficiência física?. In: **Revista Nova Escola**, ago, 2011. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/deficiencia-fisica-inclusao-636413.shtml>>. Acesso em: 20 out. 2015

INCLUSÃO. Roteiro didático: identidade e autonomia na educação infantil. In: **Revista Nova escola**. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/creche-pre-escola/roteiro-didatico-identidade-autonomia-creche-634707.shtml?page=7.3>>. Acesso em: 21 out. 2015.

LIBÂNEO, José Carlos; PIMENTA, Selma Garrido (Coords.). Metodologia do ensino de educação física. São Paulo: Cortez, 1992.

MONTEIRO, Alessandra Andrea; ALMEIDA, Telma Teixeira de Oliveira Almeida. **Educação Física no ensino fundamental com atividades de inclusão**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2010. (Oficinas aprender fazendo)

PIRES, Claudia; BLANCO, Leila de Macedo Varela; OLIVEIRA, Mércia Cabral de. Alunos com deficiência física e deficiência múltipla: um novo contexto de sala de aula. In: GLAT, Rosana (Org.). **Educação inclusiva: cultura e cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: 7letras, 2007.

SCHIRMER, Carolina *et al.* **Atendimento Educacional Especializado: deficiência física. Formação continuada à distância de professores para o Atendimento Educacional Especializado**. Brasília: SEESP/SEED/MEC, 2007.

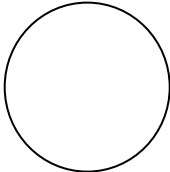
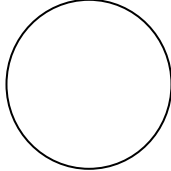
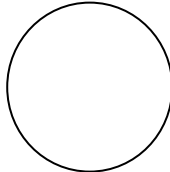
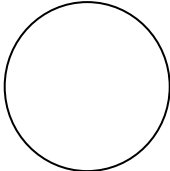
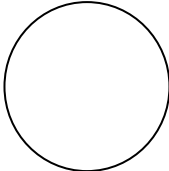
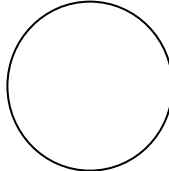
5º estudo de caso

- Enunciação: O caso a ser analisado se refere à disciplina de Arte no conteúdo de cores secundárias no Pré-escolar II (5 anos).
- Apresentação: Dramatizar: conversar antecipadamente com um participante do

curso para ser um dos alunos que possui altas habilidades e assim demonstrar a explicação dada pela professora na aula de Arte sobre as cores secundárias, sendo que dentre os alunos há Felipe que possui altas habilidades/artística.

A professora inicia a aula falando: “Vamos conhecer as cores primárias?”, os alunos respondem “ Sim!!!”, Felipe responde: “o azul, o amarelo e o vermelho?”.

A professora não responde a pergunta e os alunos se entreolham. Usando fichas nas cores azul, amarelo e o vermelho, a professora apresenta aos alunos as cores e pede para que eles registrem essas cores pintando os desenhos em forma de círculo.

AMARELO	VERMELHO	AZUL
		
		

Obs: entregar aos participantes esta ficha.

Quadro 4 – Ficha para colorir
Fonte: Autorial própria

Em seguida, a professora diz “Há abaixo três círculos, o que vamos fazer agora?”. Felipe responde ironicamente: “Pintar”. A professora continua, vamos colorir usando as cores secundárias agora. Observação: verificar se dentre os alunos do curso coloriu os dois círculos (acima e embaixo) com as cores primárias e comentar: “Eu não pedi para pintar os círculos abaixo. Quem mandou você pintar? Fez tudo errado!” Felipe escreve as cores e pinta, e leva até a professora a atividade finalizada enquanto ela organiza seus materiais. Ela observa a atividade e diz: “Eu não mandei você pintar, era para fazer junto com a professora e com os amigos. Vai sentar no seu lugar e fazer tudo de novo (entregando outra ficha)”.

Assim, a professora segue com a explicação da atividade: “Agora no primeiro espaço escrevam: laranja e pinte com esta cor o círculo abaixo, o outro

escreva e pinte com a cor roxa, e no último verde”. Não repetir a orientação da atividade e aguardar que todos terminem. Após isso, a professora fala para os alunos: “Agora sim, essas são as cores secundárias: verde, roxo e laranja”. Enquanto isso, Felipe está usando os lápis de cor produzindo um desenho. A professora pergunta: “O que você pensa que está fazendo”? e ele responde: “usei as cores que aprendemos para fazer uma paisagem que tem na frente da minha tia na praia. Misturei o amarelo e vermelho, misturei azul e amarelo, e azul o verde com o vermelho para fazer o marrom. Gostou professora”!. E mostra o desenho a ela.



Figura 7 - Uma das obras de João Victor, onde ele retrata uma paisagem litorânea

Fonte: Disponível em: <http://saci.org.br/?modulo=akemi¶metro=30861>

- Descrição e discussão: o que mais lhe chamou a atenção?

Observações importantes a serem destacadas: a atividade e os objetivos da atividade não estão claros, orientação e explicação da professora durante a atividade, não valorizam dos conhecimentos prévios dos alunos.

- Debate: por que este caso merece ser analisado?

* participação dos alunos nas aulas;

* valorização do conhecimento prévio dos alunos para ampliar investigações sobre o conteúdo;

* atividade de pesquisa como fonte de investigação.

- Procedimentos pedagógicos específicos: altas habilidades/superdotação
- Caracteriza-se por notável desempenho e elevada potencialidade em qualquer das seguintes aspectos isolados ou combinados: capacidade intelectual geral, aptidão acadêmica específica, pensamento criativo ou produtivo, capacidade de liderança, talento especial para artes visuais, artes dramáticas e/ou música e capacidade psicomotora;
 - O superdotado pode ter qualquer perfil, do mais bagunceiro ao braço direito da professora, passando pelo tímido. O que o torna diferente é a habilidade acima da média em uma área específica do conhecimento. Isso pode ter razões genéticas ou ter sido moldado pelo ambiente em que o aluno vive. Raramente, os superdotados têm múltiplas habilidades. Portanto, uma boa pista para encontrá-los é reparar no desempenho e no interesse maior por um determinado assunto.
 - ✓ Capacidade Intelectual Geral: deve ser compreendida como curiosidade intelectual, poder de observação, habilidade para abstrair, atitude de questionamento e flexibilidade de pensamento;
 - ✓ Aptidão Acadêmica Específica: se refere aos alunos que apresentam um desempenho excepcional na escola, que tiram notas acima da média em testes de conhecimento e demonstram, de modo geral, alta habilidade para as tarefas acadêmicas;
 - ✓ Pensamento Criativo e produtivo: estão presentes em estudantes que apresentam ideias originais e são capazes de perceber relações entre conceitos aparentemente distintos, apresentando soluções alternativas e criativas para os problemas propostos;
 - ✓ Capacidade de Liderança: inclui aqueles estudantes que emergem como líderes sociais ou acadêmicos de um grupo.
 - ✓ Talento Especial para Artes visuais e cênicas: englobam os alunos que apresentam habilidades superiores para pintura, escultura, desenho, filmagem, dança, canto, teatro e para tocar instrumentos musicais;
 - ✓ Capacidade Psicomotora: são identificadas naqueles estudantes que apresentam proezas atléticas, incluindo também o uso superior de habilidades motoras refinadas, necessárias para determinadas tarefas.



Figura 8 - Derrubando mitos: gênios versus professores

Fonte: Disponível em <http://multimeios.seed.pr.gov.br/resourcespace-seed/pages/view.php?ref=20152&k=>

- ❖ Trabalhar com alunos com altas habilidades requer, antes de tudo, derrubar dois mitos. Primeiro: esses estudantes, também chamados de superdotados, não são gênios com capacidades raras em tudo - só apresentam mais facilidade do que a maioria em determinadas áreas. Segundo: o fato de eles terem raciocínio rápido não diminui o trabalho do professor. Ao contrário, eles precisam de mais estímulo para manter o interesse pela escola e desenvolver seu talento - se não, podem até se evadir.

Trabalhando com alunos de altas habilidades no ensino regular

- observar se ele apresenta, isolada ou combinadas, algumas das características citadas mais acima;
- identificar suas altas habilidades e planejar atividades que permitem que explore seus interesses e possibilidades de aprofundamento;
- desenvolver e promover ações paralelas às aulas como pesquisas, experiências e técnicas diversificadas;
- estimular o espírito crítico e investigativo dos alunos;
- propor que os alunos apresentem seus projetos de pesquisa, colaborando e apoiando seu desenvolvimento e realização;
- evidenciar o apoio de Núcleos de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação presente no município para enriquecimento ou aprofundamento de seus interesses.

- Proposições e alternativas pedagógicas: o que você faria?

Complementar utilizando o vídeo “Ligado em Saúde - Altas Habilidades” 26min 15 seg disponível <https://www.youtube.com/watch?v=KLQFreZ9LsI>

- Proposta:

Como trabalhar cores primárias e secundárias na Educação Infantil?

- 1 Neste caso evidenciamos que a atividade e os objetivos da atividade não estão claros, a orientação e explicação da professora durante a atividade, não valoriza os conhecimentos prévios dos alunos;
 - 2 Portanto, podemos permanecer com o mesmo tema, cores primárias e secundárias, porém antes de planejar o estudo e atividade a professor organizará os recursos que irá utilizar;
 - 3 Iniciar a aula avisando os alunos que eles irão fazer uma experiência durante uma história que ela irá contar.
 - 4 Indicamos o poema: União de Cores por Maria Socorro Teixeira de Castro (Florzinha) - Licença CreativeCommons, disponível em <http://www.recantodasletras.com.br/infantil/452646>
- ✓ Antes de começar a história, a professor questiona os alunos quem conhece essas cores: O azul, o amarelo e o vermelho (mostrando massinhas de modelar, lápis de cor e tintas com essas cores); - deixar com que os alunos falem e mostrem o conhecimento dos nomes das cores, associação com objetos presentes na sala;
 - ✓ Em seguida, a professora explica que essas são cores naturais e puras, pois nasceram assim: “Não sei por que, nem onde e nem como, só sei que elas nasceram assim!”; e que são denominadas de primárias, ou seja, as primeiras cores;
 - ✓ Assim, inicia a contar a história propondo a experiência com as cores:

O azul, o amarelo e o vermelho

se reuniram para uma linda aquarela formar,

e, cada uma delas,

queria a cor mais bela ficar!

E, começaram a pensar:
Somos as cores primárias,
não podemos viver solitárias !
Como iremos fazer,
pois se ficarmos sozinhas,
uma linda aquarela
jamais poderemos ser !
Precisamos ser unidas!
Se nos juntarmos, com certeza
tornaremos a vida mais colorida !

E, depois de muito pensar,
o azul, foi logo falando:
Ao vermelho quero me juntar!
Vou me emocionar de felicidade,
pois o azul com o vermelho,
formarão o... (observação: organizados em três grupos 1º mistura as tintas na cor
vermelha e azul; 2º as massinhas e 3º pintam cor sobre cor. Após verificar a cor que
surgiu) roxo,
a cor que lembra a saudade !

E, a cor vermelha,
apressada também falou:
Eu me junto com o amarelo,
para formar a cor... (observação: organizados em três grupos – podem ser trocados
os materiais utilizados na primeira experiência - 1º mistura as tintas na cor vermelha
e azul; 2º as massinhas e 3º pintam cor sobre cor. Após verificar a cor que surgiu)
laranja,
uma fruta bem gostosa
que agrada qualquer criança !

E, o amarelo, feliz e cheio de confiança,
disse às cores amiguinhas:
Eu vou me juntar ao azul,

e, juntas, formaremos o... (observação: organizados em três grupos – e assim podem ser trocados os materiais utilizados na primeira e segunda experiência - 1º mistura as tintas na cor vermelha e azul; 2º as massinhas e 3º pintam cor sobre cor. Após verificar a cor que surgiu) verde que é a cor da esperança !

Assim, as cores se uniram,
e, que linda aquarela formaram,
pois novas cores surgiram,
e, a vida mais bela tornaram !!!

- 5 Durante a experiência se algum aluno já saber sobre a mistura das cores e dizer: “Vai ficar verde!”. Utilize como mecanismo de desafio: “Será? Vamos verificar se isso vai acontecer?” e assim confirme ou demonstre a partir da resposta dada pelo(s) aluno(s);
- 6 Após a finalização de toda experiência propor o registro desta experiência (indicação abaixo) na qual eles podem escolher quais materiais vão utilizar: massinha, tinta ou lápis de cor;

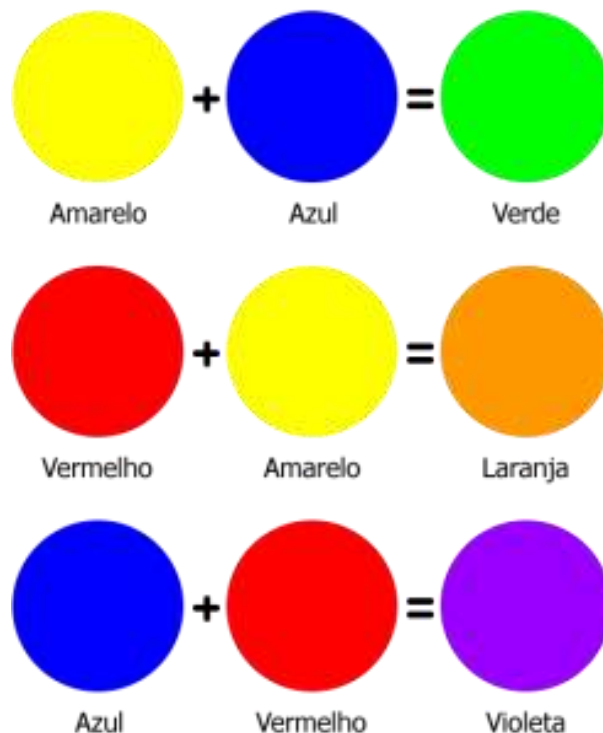


Figura 9 – Cores primárias e secundárias

Fonte: Disponível em <http://www.fcnoticias.com.br/mistura-de-cores-para-dar-azul/>

- 7 Ao final, questionar os alunos: da mistura das cores primárias o que aconteceu? Então como são chamadas essas cores que surgiram: a cor laranja, a cor verde, a cor roxa? E assim, explicar o conceito de cores secundárias.
- 8 Por fim, pedir aos que criem um desenho utilizando as cores primárias e secundárias e que também podem fazer outras experiências para surgir outras cores para usarem em sua ilustração. Deixar os desenhos elaborados pelos expostos e pedir para que expliquem as cores que utilizaram, quais experiências novas que fizeram e descreverem sua produção.
- 9 Sugestão:
 - ✓ Para ampliação do estudo das cores o professor pode propor durante a experiência a elaboração de uma legenda usando texturas ou formas para cada cor ou ainda usar livros infantis que utilizam essa associação. Como porexemplo:

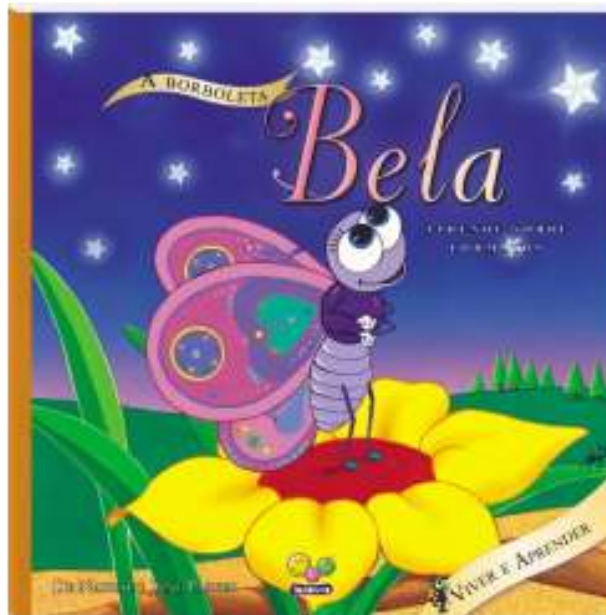


Figura 10 - A Borboleta Bela Aprende sobre Formatos
Fonte: Coleção: Viver e Aprender
Título: Autor: Nathalie Jane Parker
Editora: Todolivro
Ano: 2009

Indicações retiradas, criadas e/ou adaptadas dos materiais abaixo:

BRASIL. **Saberes e práticas da inclusão:** desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos com altas habilidades/superdotação. 2. ed. Brasília: MEC/SEESP, 2006. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/altashabilidades.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2015.

DELPRETTO, Bárbara Martins de Lima; GIFFONI, Francinete Alves; ZARD, SinaraP ollom. **A educação especial na perspectiva da inclusão escolar:** altas habilidades /superdotação. Brasília: MEC/Universidade Federal do Ceará, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7121-fasciculo-10-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 24 out. 2015.

PLETSCH, Márcia Denise; FONTES, Rejane de Souza. O atendimento educacional de alunos com altas habilidades: uma prática em construção. In: GLAT, Rosana (Org.). **Educação inclusiva:** cultura e cotidiano escolar. Rio de Janeiro: 7letras, 2007.

RODRIGUES, Cinthia. Repletas de necessidades: Crianças superdotadas também precisam de atendimento especializado. In: **Revista Nova Escola**, ago, 2009. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/altas-habilidades-489225.shtml>>. Acesso em: 20 out. 2015.

6º estudo de caso

- Enunciação: O caso a ser analisado se refere às disciplinas de Ciências, História e Geografia na área de Natureza e sociedade envolvendo o conteúdo de identidade no Pré I (4 anos) da Educação Infantil.

- Apresentação: Aplicar junto aos participantes do curso a atividade de roda de conversa a partir do conteúdo família na disciplina de história. Dentre as crianças há um aluno com espectro do autismo: Henrique. Henrique tem 4 anos e está começando a usar a linguagem oral para expressar ideias e opiniões, mas ainda com bastante dificuldade, prefere sempre desenhar ou apontar o que quer fazer ou fez. A professora inicia a aula pedindo para os alunos se organizarem em círculo para roda da conversa. Em seguida, informa que o tema será “Quem é você?”. Assim, cada aluno vai se expressando oralmente sobre suas características: o que gostam ou não de fazer, características físicas, preferências em comidas, brinquedos e cor. Todos começam a falar junto e Henrique solta um grito e as

crianças se assustam com o comportamento dele.

Em seguida, a professora pede “Um de cada vez, Mariana você o que gosta de fazer?”. Quando chega a vez de Henrique a professora faz a mesma pergunta. Ele se esquiva, olha para os lados e vira de costas. As crianças começam a rir e a professora se aproxima dele: “quer pintar?”. Ele se levanta, vai até o armário pega uma folha e um ponte de giz de cera, senta-se no chão e começa a desenho. Tudo isso é observado pela professora e pelos alunos que dizem: “Agora sim, deixa ele quieto lá”. A professora dá continuidade à atividade e pede aos alunos para registrarem algumas das informações feitas em grupo (atividade abaixo). Porém Henrique permanece pintando e desenho. A professora coloca a atividade ao lado dele no chão e o aluno expressa suas ideias de forma adequada: olhos azuis, cabelo castanho e lápis de cor azul.



Figura 11 – Atividade “Quem é você”

Fonte: Disponível em: <http://www.ideiacriativa.org/2013/02/projeto-identidade-e-autonomia-educacao.html>

- Descrição e discussão: o que mais lhe chamou a atenção?

Observações importantes a serem destacadas: a interação social das crianças, o aluno apresenta dificuldade em iniciar e manter uma conversa, evita o contato visual e demonstra aversão ao toque do outro, mantendo-se isolada, prefere ater-se a objetos no lugar de movimentar-se junto das demais crianças, usa a linguagem não-verbal ou escrita/desenhos para expressar suas ideias.

- Debate: por que este caso merece ser analisado?

- * interação social entre alunos e professor
- * características do aluno com espectro do autismo
- * organização e explicação da atividade

- Procedimentos pedagógicos específicos: Transtornos Globais do Desenvolvimento e Transtornos Funcionais Específicos (TFE)¹⁷

- Os Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD) são distúrbios nas interações sociais recíprocas que costumam manifestar-se nos primeiros cinco anos de vida. Caracterizam-se pelos padrões de comunicação estereotipados e repetitivos, assim como pelo estreitamento nos interesses e nas atividades. Os TGD englobam os diferentes transtornos do espectro autista, as psicoses infantis, a Síndrome de Asperger, a Síndrome de Kanner e a Síndrome de Rett.- Com relação à interação social, crianças com TGD apresentam dificuldades em iniciar e manter uma conversa. Algumas evitam o contato visual e demonstram aversão ao toque do outro, mantendo-se isoladas. Podem estabelecer contato por meio de comportamentos não verbais e, ao brincar, preferem ater-se a objetos no lugar de movimentar-se junto das demais crianças. Ações repetitivas são bastante comuns.
- Os Transtornos Globais do Desenvolvimento também causam variações na atenção, na concentração e, eventualmente, na coordenação motora. Mudanças de humor sem causa aparente e acessos de agressividade são comuns em alguns casos. As crianças apresentam seus interesses de maneira diferenciada e podem fixar sua atenção em uma só atividade, como observar determinados objetos, por exemplo. Com relação à comunicação verbal, essas crianças podem repetir as falas dos outros - fenômeno conhecido como ecolalia - ou, ainda, comunicar-se por meio de gestos ou com uma entonação mecânica, fazendo uso de jargões.
- Os Transtornos Funcionais Específicos (TFE) abrangem os transtornos que trazem dificuldades específicas de aprendizagem e de desenvolvimento.

¹⁷ Cabe ressaltar que esta nomenclatura é utilizada no campo educacional pelo Ministério de Educação e Cultura - MEC e Secretaria Estadual de Educação do Paraná - SEED, porém não há um consenso para contabilizá-los como público alvo da Educação Especial. Outro aspecto importante é que há na área de diagnósticos dos transtornos este público recebe a nomenclatura de Transtorno específicos do desenvolvimento (TED) da fala e da linguagem.

abrangem um grupo de alunos que apresentam problemas específicos de aprendizagem escolar manifestada por dificuldades significativas na aquisição e uso da audição, fala, leitura, escrita ou habilidades matemáticas, não existindo para os mesmos uma explicação evidente. Os TFE englobam: dislexia, disgrafia, disortografia, discalculia, transtorno do processamento auditivo central, bem como Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH).



Figura 12 - Comportamento, desenvolvimento e aprendizagem

Fonte: Disponível em: <http://www.hojemais.com.br/tres-lagoas/noticia/geral/especial-autismo-mundo-particular>

- ❖ Indicação: leitura da cartilha ilustrada “Autismo: uma realidade” por Ziraldo Alves Pinto.



Figura 13 – Autismo: uma realidade

Fonte: Disponível em:

<http://educadoresemluta.blogspot.com.br/2013/11/ziraldo-cria-cartilha-para-explicar-o.html>

TGD e TFE: caminhos e possibilidades para inclusão

- conhecer e identificar sua potencialidade em relação às áreas de interação social, comunicação e comportamento;
- estabelecer rotinas em grupo e ajudar o aluno a incorporar regras de convívio social;
- apresentar as atividades que permitem o contato visual, expressão não verbal, uso de materiais concretos, utilização de recursos tecnológicos. Para tanto, contar com a colaboração do Atendimento Educacional Especializado (AEE) na Sala de Recursos Multifuncional (SRM);
- investir em ações positivas que estimulem a autonomia e para conquistar a confiança da criança;
- disponibilizar diferentes recursos para que possam expressar suas ideias e opiniões como, por exemplo, computador, alfabeto móvel, gravador, folhas de sulfite;
- manter o contato visual com o aluno, mas não exigir a mesma postura dele, com o

tempo e processo de aprendizagem ele começará a sentir segurança para isto;

- delinear estratégias de recontextualização do espaço que propiciem a participação e aprendizagem de todos os alunos;
- organizar canções, brincadeiras e rodas de conversa para estimular o contato olho a olho;
- perceber nas expressões faciais e corporais suas expressões e emoções e ajudá-lo a este mesmo conhecimento do outro e de si mesmo;
- promover atividades com o uso de objetos, fotos, desenhos e figuras para representar ideias e opiniões;
- redirecionar a atenção do aluno para outro comportamento ou atividade que seja compatível com o comportamento inadequado que ele exhibe;
- utilizar desenhos e/ou palavras-chaves como estratégias de comunicação por meio de fichas e cartões;
- garantir a estruturação da comunicação dos alunos que pode ocorrer de diferentes formas.

- Proposições e alternativas pedagógicas: o que você faria?

Complementar utilizando os vídeos

“UNESP TGD Transtornos Globais do Desenvolvimento” com 15min 19seg.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vk5CgcVTB9I>

“Saibam o que são transtornos de aprendizagem” com 8min 40 seg.

<https://www.youtube.com/watch?v=P-NwDAhfGB0>

“Série Autismo no FANTASTICO (Todos episódios) – usar trecho entre 4min 21seg a 17min 11 seg e 48min e 51 seg a 1h 02min 06 seg.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OvFNiFQuGPA>

- Proposta:

Como contribuir para interação social do aluno com espectro do autismo?

- 1 Neste caso evidenciamos que a interação social e comunicação do aluno não foram estimuladas ou privilegiadas, fazendo que ele se esquivasse dos demais colegas. Bem como a professora não pensou em uma estratégia ou atividade para que o aluno estivesse junto a todos. Outro aspecto que nos

chamou atenção é que na roda de conversa foram abordados vários assuntos e entendemos que, por vez, é necessário identificar conceitos presentes em cada um.

- 2 Portanto, permaneceremos com a mesma proposta de atividade e conteúdo, porém iremos apontar um dos assuntos: emoções e expressões faciais, apresentando estratégias que podem contribuir para interação e comunicação deste aluno nas aulas;
- 3 A professora inicia a aula então pedindo para os alunos se organizarem em círculo para roda da conversa. Em seguida, informa que o tema será “Quem é você?”. Assim, cada aluno recebe uma folha sulfite e distribui no meio círculo várias expressões faciais ilustradas em EVA: sono, alegre/feliz, triste e chorando muito, chorando, bravo, vergonha, triste, espanto, medo, pensando. Observação: deve haver uma correspondência de cada expressão para o número de alunos;



Figura 14 – Expressões faciais

Fonte: Disponível em: <http://adriarte.blogspot.com.br/2009/03/carinhas-em-eva.html>

- 4 Em seguida, a professora mostra cada figura e pede para os alunos imitarem a expressão indicada. Em seguida, pergunta a cada aluno: como vocês se sentem agora? Eles devem expressar oralmente suas emoções e associando a expressão facial para caracterizá-lo, pegando e colocando no sulfite que a professora entregou;
- 5 Observação: quando chegar a vez de Henrique promover sua comunicação de comunicação dando ênfase ao uso das figuras e que ele tente expressar oralmente o nome, como por exemplo: Henrique feliz.
- 6 Em seguida, a professora pode pedir para que cada aluno registre um desenho do motivo: mas por que vocês estão assim hoje? O que aconteceu?
- 7 E, assim, a partir do desenho pedir para que descrever sua ilustram e motivo que desencadeou naquela emoção.

Sugestão:

* Como continuidade, esse momento de expressão de suas emoções pode ser utilizado junto ao cartaz com nome das crianças deixa ao lado velcro para que os alunos coloquem ao chegar à escola a expressão facial correspondente. No momento da roda de conversa podem surgir assuntos relevantes frente aos motivos que desencadearam tal sentimento e ser objeto de investigação nas aulas como exemplo: caiu um dente, ganhei um cachorro, tomei vacina, vi uma cobra enorme, choveu um monte ontem, entre outros.

* Este conteúdo deve ser aprofundado e pode ser desencadeado por meio de um projeto sobre identidade que possam expressar os assuntos pertinentes e relevantes neste tema. Deve ser enriquecido com outros materiais como, por exemplo: espelho, objetos, fotos, desenhos, figuras, computador, histórias infantis, cartazes com rotina ilustrativa da escola e das aulas.

Indicações retiradas, criadas e/ou adaptadas dos materiais abaixo:

BELISÁRIO FILHO, José Ferreira; CUNHA, Patrícia. **A educação especial na perspectiva da inclusão escolar:** transtornos globais do desenvolvimento. Brasília: MEC/Universidade Federal do Ceará, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7120-fasciculo-9-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 24 out. 2015.

BRASIL. **Saberes e práticas da inclusão:** desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos com altas

habilidades/superdotação. 2. ed. Brasília: MEC/SEESP, 2006. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/altashabilidades.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2015.

FERNANDES, Edicléa Mascarenhas *et al.* Alunos com condutas típicas e a inclusão escolar: caminhos e possibilidades. GLAT, Rosana (Org.). **Educação inclusiva: cultura e cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: 7letras, 2007.

WEISS, Alba Maria Lemme; CRUZ, Mara Monteiro da. Compreendendo os alunos com dificuldades e distúrbios de aprendizagem. GLAT, Rosana (Org.). **Educação inclusiva: cultura e cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: 7letras, 2007.

NADAL, Paula. O que são os Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD)? In: **Revista Nova Escola**, abr, 2011. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/transtornos-globais-desenvolvimento-tgd-624845.shtml>>. Acesso em: 20 out. 2015.

Avaliação no contexto da inclusão educacional

- Ao final dos estudos de caso, promover um debate sobre a avaliação no contexto da inclusão educacional

1 Iniciar com o vídeo “avaliação escolar” com 4min 42seg

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=bQWBFz7NhE0>

2 Utilizar as três charges abaixo para que os alunos analisem e discutam: qual o papel da avaliação?

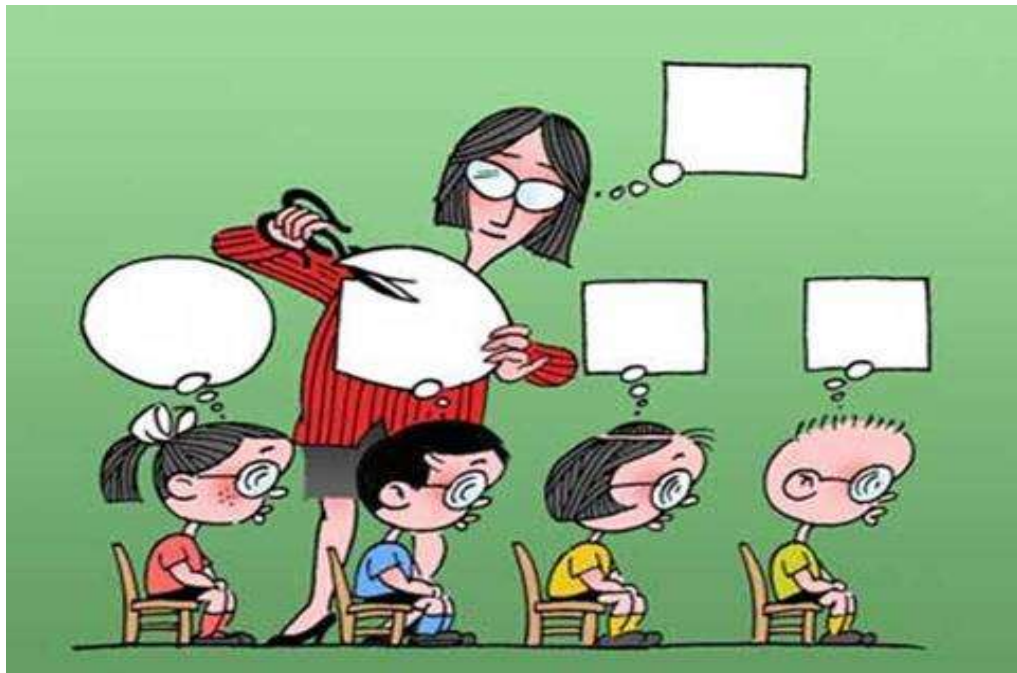


Figura 15 – Charge sobre avaliação 1

Fonte: Disponível em <https://musicaeinclusao.wordpress.com/category/opiniao/>



Figura 16 – Charge sobre avaliação 2

Fonte: Disponível em <http://profsilviosantiago.blogspot.com.br/>



Figura 17 – Charge sobre avaliação 3

Fonte: Disponível em <https://mathernaassessoriaeducacional.wordpress.com/>

3 Por fim, apresentar as considerações e conceitos mais relevantes sobre este tema:

- ✓ O que avaliar? A aprendizagem do aluno;
- ✓ Para que avaliar? Investigar o processo de ensino e aprendizagem, ou seja, se a metodologia e estratégias empregadas foram adequadas para formação e conhecimento dos alunos;

- ✓ Por quê? Para identificar necessidades e tomar decisões, devem-se analisar, permanentemente, todos os elementos constitutivos do processo de ensino e de aprendizagem.
- ✓ Como avaliar? Podem ser utilizados vários procedimentos e instrumentos de avaliação dentre eles: fichas, questionários, observação após delimitação do objetivo a ser atingido e análise da produção escolar dos alunos: escrita e oral.

Indicação de leitura:

BRASIL. **Saberes e práticas da inclusão:** avaliação para identificação das necessidades educacionais especiais. 2. ed. Brasília : MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006. (Série : Saberes e práticas da inclusão)

APÊNDICE O

Ficha para Avaliação das atividades

Após a apresentação das atividades, analise e avalie a proposta utilizando esta tabela com critérios para os objetos de aprendizagem. Você irá atribuir de 1 a 5 pontos, e quando não houver a possibilidade de avaliação preencher (SO) sem opinião.

Ficha para Avaliação das atividades: Desenho Universal para a Aprendizagem - Aspectos Pedagógicos, Aspectos Técnicos, Ferramentas de Apoio ao Professor, Ferramentas de Apoio ao Aluno.

Critérios para avaliação							
ASPECTOS PEDAGÓGICOS							
1	Área de reconhecimento – Modos Múltiplos de Apresentação						
Proporciona opções para a percepção	SO	1	2	3	4	5	
Oferece meios de personalização na apresentação da Informação	SO	1	2	3	4	5	
Oferece alternativas à informação auditiva	SO	1	2	3	4	5	
Oferece alternativas à informação visual	SO	1	2	3	4	5	
Oferece opções para o uso da linguagem, expressões, matemáticas e símbolos	SO	1	2	3	4	5	
Esclarece terminologias e símbolos	SO	1	2	3	4	5	
Esclarece a sintaxe e a estrutura	SO	1	2	3	4	5	
Apoia a decodificação do texto, notações matemáticas e símbolos	SO	1	2	3	4	5	
Promove a compreensão em diversas línguas, se necessário.	SO	1	2	3	4	5	
Ilustra com exemplos usando diferentes recursos	SO	1	2	3	4	5	
Oferece opções para compreensão	SO	1	2	3	4	5	
Ativa ou providencia conhecimentos de base	SO	1	2	3	4	5	
Evidencia interações, pontos essenciais, ideias principais e conexões	SO	1	2	3	4	5	
Orienta o processamento da informação, a visualização e a manipulação	SO	1	2	3	4	5	
Maximiza o transferir e o generalizar	SO	1	2	3	4	5	
2	Área de estratégia - Múltiplos modos múltiplos de ação e expressão						
Proporciona opções para a atividade física/movimentação	SO	1	2	3	4	5	
Diversifica os métodos de resposta e o percurso	SO	1	2	3	4	5	
Otimiza o acesso a instrumentos e tecnologias de apoio	SO	1	2	3	4	5	
Oferece opções para a expressão e a comunicação	SO	1	2	3	4	5	
Usa meios mediáticos múltiplos para a comunicação	SO	1	2	3	4	5	
Usa instrumentos múltiplos para a construção e composição	SO	1	2	3	4	5	

Construir fluências com níveis graduais de apoio à prática a ao desempenho	SO	1	2	3	4	5
Oferece opções para as funções executivas	SO	1	2	3	4	5
Orienta o estabelecimento de metas adequadas	SO	1	2	3	4	5
Apoia o estabelecimento de metas adequadas	SO	1	2	3	4	5
Intercede na gerência da informação e dos recursos	SO	1	2	3	4	5
Potencializa a capacidade de monitorar o progresso	SO	1	2	3	4	5
3 Área afetiva – Modos Múltiplos de Autoenvolvimento						
Proporciona opções para incentivar o interesse	SO	1	2	3	4	5
Otimiza a escolha individual e autonomia	SO	1	2	3	4	5
Otimiza a relevância, o valor e autenticidade	SO	1	2	3	4	5
Minimiza a insegurança e a ansiedade	SO	1	2	3	4	5
Oferece opções para o suporte ao esforço e à persistência	SO	1	2	3	4	5
Eleva a relevância das metas e objetivos	SO	1	2	3	4	5
Varia as exigências e os recursos para otimizar os desafios	SO	1	2	3	4	5
Promove a colaboração e o sentido de comunidade	SO	1	2	3	4	5
Eleva o reforço ao saber adquirido	SO	1	2	3	4	5
Oferece opções para a autorregulação	SO	1	2	3	4	5
Promove expectativas e antecipações que otimizem a motivação	SO	1	2	3	4	5
Facilita a capacidade individual de superar dificuldades	SO	1	2	3	4	5
Desenvolve a autoavaliação e a reflexão	SO	1	2	3	4	5

FERRAMENTAS DE APOIO AO PROFESSOR

Suporte ao planejamento de atividades educacionais.	SO	1	2	3	4	5
Suporte à confecção de atividades educacionais.	SO	1	2	3	4	5
Monitoramento das atividades educacionais.	SO	1	2	3	4	5
Suporte ao progresso do aluno.	SO	1	2	3	4	5
Facilidades multimídias para a apresentação da atividade educacional.	SO	1	2	3	4	5
Apoio para propostas de trabalhos em grupo	SO	1	2	3	4	5
Importação de recursos didáticos	SO	1	2	3	4	5
Suporte para desenvolvimento de atividade em diferentes formatos pedagógicos.	SO	1	2	3	4	5
Suporte para desenvolvimento de atividades usando recursos didáticos variados.	SO	1	2	3	4	5
Acompanhamento do progresso do aluno	SO	1	2	3	4	5

FERRAMENTAS DE APOIO AO ALUNO

Apresenta um conteúdo contextualizado e	SO	1	2	3	4	5
---	----	---	---	---	---	---

APÊNDICE P

 <p>UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ</p>	<p>Ministério da Educação Universidade Tecnológica Federal do Paraná Campus Londrina Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza – PPGEN</p>
<p>QUESTIONÁRIO FINAL: AVALIAÇÃO DO CURSO DE EXTENSÃO FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA INCLUSÃO: PLANEJAMENTO DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS A PARTIR DOS PRINCÍPIOS DO DESENHO UNIVERSAL PARA A APRENDIZAGEM</p>	
<p>Profª Jacqueline Lidiane de Souza Prais Prof. Vanderley Flor da Rosa</p>	
<p>Período: 14/12/2015 a 19/03/2016</p>	<p>Local: UTFPR – Campus Cornélio Procopio</p>

QUEREMOS CONTAR COM SUA AVALIAÇÃO! Ela é extremamente relevante para analisarmos toda ação didática formativa que foi promovida nesse curso de extensão.

*Obrigatório

1 Quais são os três princípios do DUA? *

CONTEÚDO

() proporcionar conhecimentos aos professores, proporcionar recursos aos alunos e facilitar o processo de ensino e de aprendizagem.

() possibilitar múltiplas formas de apresentação do conteúdo, de ação e expressão do conteúdo pelo aluno e proporcionar vários modos de aprendizagem e desenvolvimento organizados pelo professor para os alunos promovendo a participação, interesse e engajamento na realização das atividades pedagógicas.

() proporcionar a inclusão, propiciar vários tipos de atividades e usar vários recursos

() Outro:

2 Diante o movimento de inclusão educacional, você acredita que o curso de extensão contribuiu para seu planejamento docente pensando que um maior número de alunos possa aprender? Justifique. *

CONTEÚDO

Caixa de texto

3 Em sua avaliação, o curso de extensão utilizou de forma adequada os princípios do DUA na apresentação do conteúdo, nas atividades, promoveu a participação e interesse dos participantes, *

MODOS DE AÇÃO EDUCATIVA

() Sim, foram utilizados de forma adequada.

() Não foram utilizados de forma adequada.

4 Diante a realização do CURSO DE EXTENSÃO, como você avalia sua percepção e empenho na realização? *

MODOS DE AÇÃO EDUCATIVA

() Muito insatisfeito

() Insatisfeito

- Indiferente
- Satisfeito
- Muito satisfeito

5 Quanto ao uso de ferramentas didáticas utilizadas nesse conteúdo e nas atividades. *

USO DE FERRAMENTAS DIDÁTICAS

- Muito inapropriados
- Inapropriados
- Mais ou menos
- Apropriados
- Muito apropriados

6 Quanto à clareza da proposta do curso de extensão: *

USO DE FERRAMENTAS DIDÁTICAS

- Não eram nada claras
- Não eram muito claras
- Mais ou menos
- Informações claras
- Informações muito claras

7 Quanto à estrutura e organização do CURSO DE EXTENSÃO (carga horária, conteúdo e atividades). *

ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO

- Muito insatisfatória
- Insatisfatória
- Indiferente
- Satisfatória
- Muito satisfatória

8 Até que ponto você ficou satisfeito com essa participação? *

AUTOAVALIAÇÃO

- Muito insatisfeito
- Insatisfeito
- Indiferente
- Satisfeito
- Muito satisfeito

9 Como você avalia sua compreensão do conteúdo apresentado? *

AUTOAVALIAÇÃO

- Apreendi o conteúdo e não ficaram dúvidas.
- Apreendi o conteúdo, mas ficaram dúvidas.
- Apreendi o conteúdo parcialmente.
- Ainda não compreendi o que o DUA tem a ver com a inclusão educacional.

10 Como foi sua integração com os demais participantes, dedicação na realização das atividades propostas, bem como frequência e pontualidade nos encontros? *

AUTOAVALIAÇÃO

- Ótimo
- Muito bom
- Bom

() Ruim

11 Quanto ao domínio e clareza nas explicações do assunto pela professora do curso: *

ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM

() Excelente. Expressou com segurança o domínio do assunto.

() Ótimo, demonstrou domínio do assunto.

() Bom, em alguns momentos demonstrou insegurança diante o conteúdo do curso

() Parcialmente, não houve domínio em alguns momento do curso e, assim demonstrando insegurança diante o assunto.

() Ruim, não houve domínio, nem segurança ao apresentar o assunto do curso.

12 Quanto à pontualidade da professora: *

ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM

() Ótimo

() Muito bom

() Bom

() Ruim

13 Quanto à capacidade de incentivar a troca de experiências e conhecimentos da professora: *

ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM

() Ótimo

() Muito bom

() Bom

() Ruim

14 Quanto ao atendimento e esclarecimentos de dúvidas individuais da professora: *

ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM

() Ótimo

() Muito bom

() Bom

() Ruim

15 Quanto ao planejamento das atividades pedagógicas desenvolvidas no curso (conteúdo, objetivo, recursos e metodologia): *

METODOLOGIA

() Ótimo

() Muito bom

() Bom

() Ruim

16 Carga horária disponível para os encontros *

ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM

() Ótimo

() Muito bom

() Bom

() Ruim

() Outro:

17 Há aplicabilidade do conteúdo em sua prática pedagógica como professor ou futuro professor? *

Conteúdo Programático

- Sim, é possível aplicar a proposto do curso em minha prática pedagógica como docente.
- Sim, parcialmente possível.
- Muito dificilmente utilizarei o conteúdo do curso em minha prática pedagógica.
- Não é possível utilizar o conteúdo do curso em minha prática pedagógica.
- Outro:

18 Nível de satisfação do conteúdo às suas necessidades profissionais, interesses e expectativas *

Conteúdo Programático

- Ótimo
- Muito bom
- Bom
- Ruim
- Outro:

19 Organização geral do curso, condições gerais do local, qualidade dos equipamentos utilizados, eficiência no atendimento pessoal e de apoio, presteza no atendimento ao participante *

Organização e execução

- Ótimo
- Muito bom
- Bom
- Ruim
- Outro:

20 Aponte os pontos positivos do curso de extensão para sua formação inicial para inclusão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Caixa de texto

21 Aponte contribuições para que possamos reavaliar a organização e execução deste curso de extensão.

Caixa de texto

22 Algo mais que queira acrescentar que não foi abordado nas demais questões?

Caixa de texto

APÊNDICE Q

Relatório de aplicação do produto educacional – Unidade Didática em um curso de extensão

IDENTIFICAÇÃO:

UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campus Londrina

Curso: Programa de Pós-Graduação: Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza

Linha: Ciências Sociais

Orientador: Prof. Dr. Vanderley Flor da Rosa

Mestranda: Jacqueline Lidiane de Souza Prais

Título da Pesquisa/produto educacional: Formação de professores para inclusão - planejamento de atividades pedagógicas a partir dos princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem

Local da Implementação: Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campus Cornélio Procopio

Cidade: Cornélio Procopio, Paraná

Público-alvo: acadêmicas do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Norte do Paraná – Campus Cornélio Procopio.

Carga Horária: 60 horas

REGISTRO DAS AÇÕES PREVISTAS E EXECUTADAS

A ação didática formadora: aplicação do produto educacional

A Unidade Didática, elaborada como produto educacional, foi aplicada por meio de um curso de extensão: “Formação de professores para inclusão: planejamento de atividades pedagógicas a partir dos princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem”, coordenado pelo Prof. Dr. Vanderley Flor da Rosa, organizado e executado pela Prof.^a Esp. Jacqueline Lidiane de Souza Prais, entre os dias 14/12/2015 (contato inicial com os participantes) e 19/03/2016, totalizando 60 horas em atividades presenciais (com sete encontros aos sábados nos meses de fevereiro e março de 2016), *on-line* e não-presencial.

Cabe destacar que os encontros presenciais ocorreram uma sala de aula da

A Unidade Didática foi estruturada com seis aulas somadas a um encontro final conforme quadro abaixo:

ESTRUTURA DAS AULAS
<p>Aula 1 e 2: Educação inclusiva Conteúdos:</p> <ul style="list-style-type: none">- Aspectos legais da educação inclusiva;- Conceitos e definição de inclusão educacional. <p>Objetivos específicos:</p> <ul style="list-style-type: none">- Identificar a legislação e documentos oficiais que subsidiam a educação inclusiva no Brasil;- Apresentar conceitos de inclusão educacional;- Propor uma definição de inclusão educacional considerando os aspectos legais e conceituais.
<p>Aula 3 e 4: Organização da atividade de ensino para inclusão Conteúdos:</p> <ul style="list-style-type: none">- Planejamento- Princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem: das intenções à elaboração de atividades <p>Objetivos específicos:</p> <ul style="list-style-type: none">- Explicar os subsídios da organização da atividade de ensino exposto no planejamento docente;- Discutir sobre os aspectos do planejamento e os princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem;- Avaliar as intenções inclusivas com práticas docentes no processo de ensino e aprendizagem.
<p>Aula 5 e 6: Atividades subsidiadas pelo Desenho Universal para a Aprendizagem Conteúdos:</p> <ul style="list-style-type: none">- Procedimentos pedagógicos para inclusão de alunos público-alvo da Educação Especial- Planejamento de atividades pedagógicas inclusivas a partir do Desenho Universal para a Aprendizagem. <p>Objetivos específicos:</p> <ul style="list-style-type: none">- Analisar procedimentos pedagógicos para a inclusão de alunos público-alvo da Educação Especial;- Selecionar um conteúdo a ser ensinado na Educação Básica;- Propor uma atividade pedagógica que leve em conta os princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem;- Planejar uma atividade levando em consideração os estilos de aprendizagem e a educação inclusiva.
<p>Encontro final: Conteúdo:</p> <ul style="list-style-type: none">- Apresentação dos planos de aula elaborados pelos participantes <p>Objetivo específico:</p> <ul style="list-style-type: none">- Apreciar as propostas e identificar contribuições e considerações.

O curso, a princípio, ofertaria trinta vagas, porém diante do número total de inscritos (81) foi selecionado um grupo de 44 alunas do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Norte do Paraná – Campus Cornélio Procópio. Destacamos que quatro participantes, após os dois primeiros encontros, justificaram sua desistência no curso por motivos pessoais e uma participante não completou todas as atividades finais do curso, não atingindo, portanto, a frequência mínima exigida (75%).

Destacamos também que, inicialmente, todas afirmaram, no questionário inicial do curso, não terem conhecimento do DUA e 33 graduandas mencionaram esse aspecto como o motivo desencadeador do interesse no curso, ou seja, para conhecer o tema e estudar sobre este conteúdo. Esse dado, implicitamente, nos levou a prestar atenção, durante o curso, na insegurança docente em relação à inclusão educacional, tendo como principal justificativa a falta de formação pedagógica.

Iniciamos o curso com uma breve apresentação do programa e do cronograma dos encontros. Após essa etapa, realizamos a confecção de um crachá. Nesse trabalho, as participantes aprenderam alguns aspectos importantes sobre a organização das atividades, como a sua descrição, a seleção dos materiais e recursos utilizados durante a aula, o encaminhamento adequado das ações a serem realizadas.



Imagem 1 - Crachá confeccionado pelas participantes
Fonte: Autoria própria (1º encontro do curso de extensão)

Organizadas em onze trios e dois quartetos, ao entregar cada peça que iria

compor o crachá, percebemos que as participantes já iam identificando as partes para os colegas em estado de “cegueira”, usando para isso as descrições dadas pela professora. A manipulação e a percepção tátil dos objetos foram feitas com base em indicações de posição, textura e forma que, tanto para o vidente quanto para o cego, assumem papel crucial no desenvolvimento da atividade.

As participantes, então, se apresentaram (nome, escolaridade, atuação profissional) e expuseram suas expectativas pessoais, conhecimento do tema e motivos para participação no curso, dados estes registrados no questionário inicial.

Em seguida, foi confeccionada uma nuvem de palavras, utilizando a ferramenta *on-line* do *Wordle*®, para identificar as palavras-chave elencadas pelos participantes. Com elas era possível explicar resumidamente o que é “Desenho Universal para a Aprendizagem”.

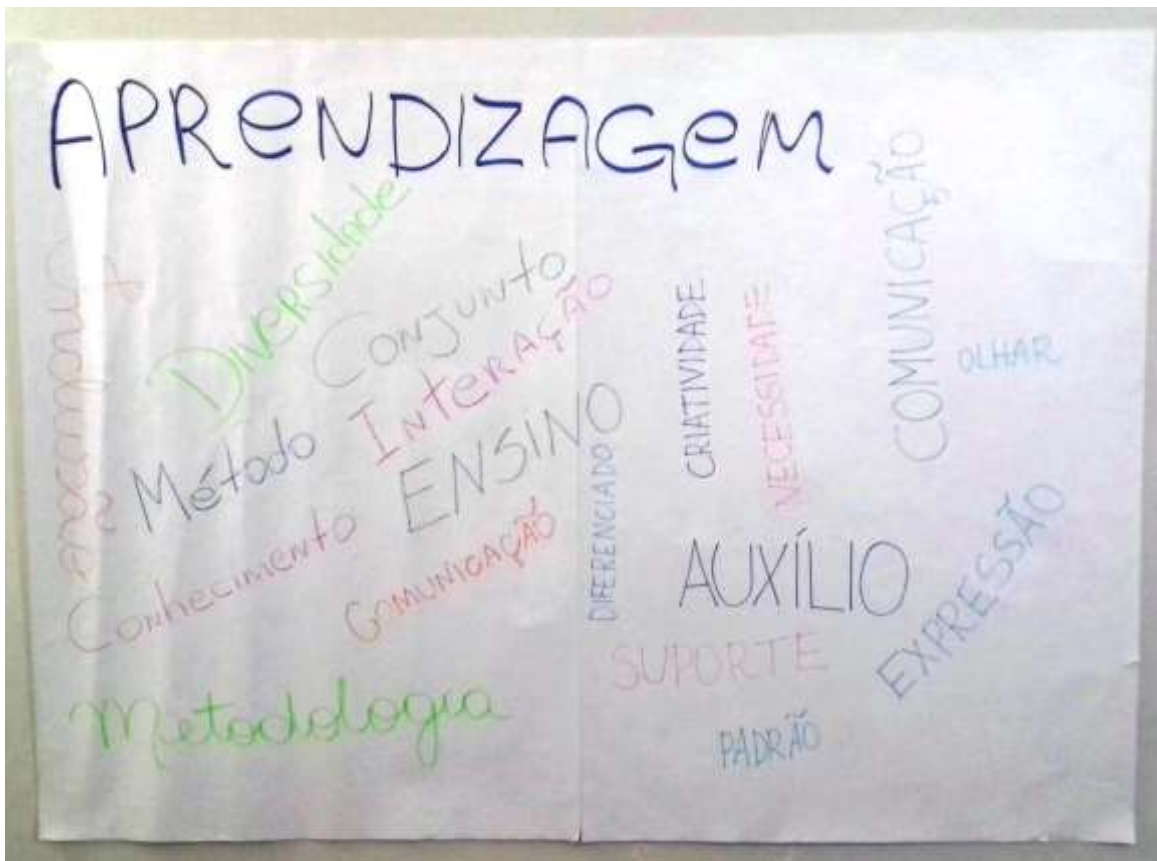


Figura 1 - Nuvem de palavras 1 - Desenho Universal para a Aprendizagem
Fonte: Participantes do curso

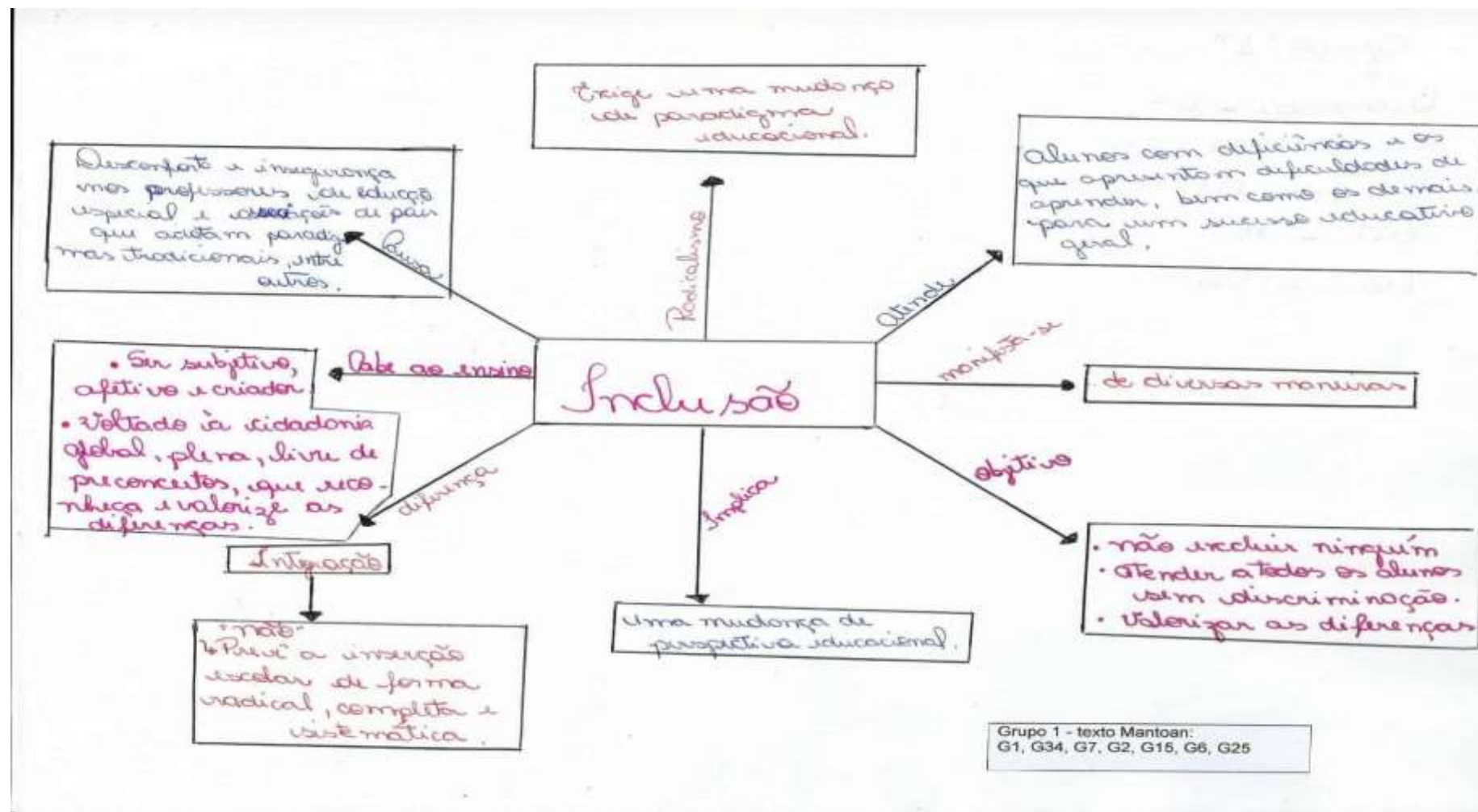


Figura 3 - Mapa conceitual do grupo 1
Fonte: Integrantes do grupo

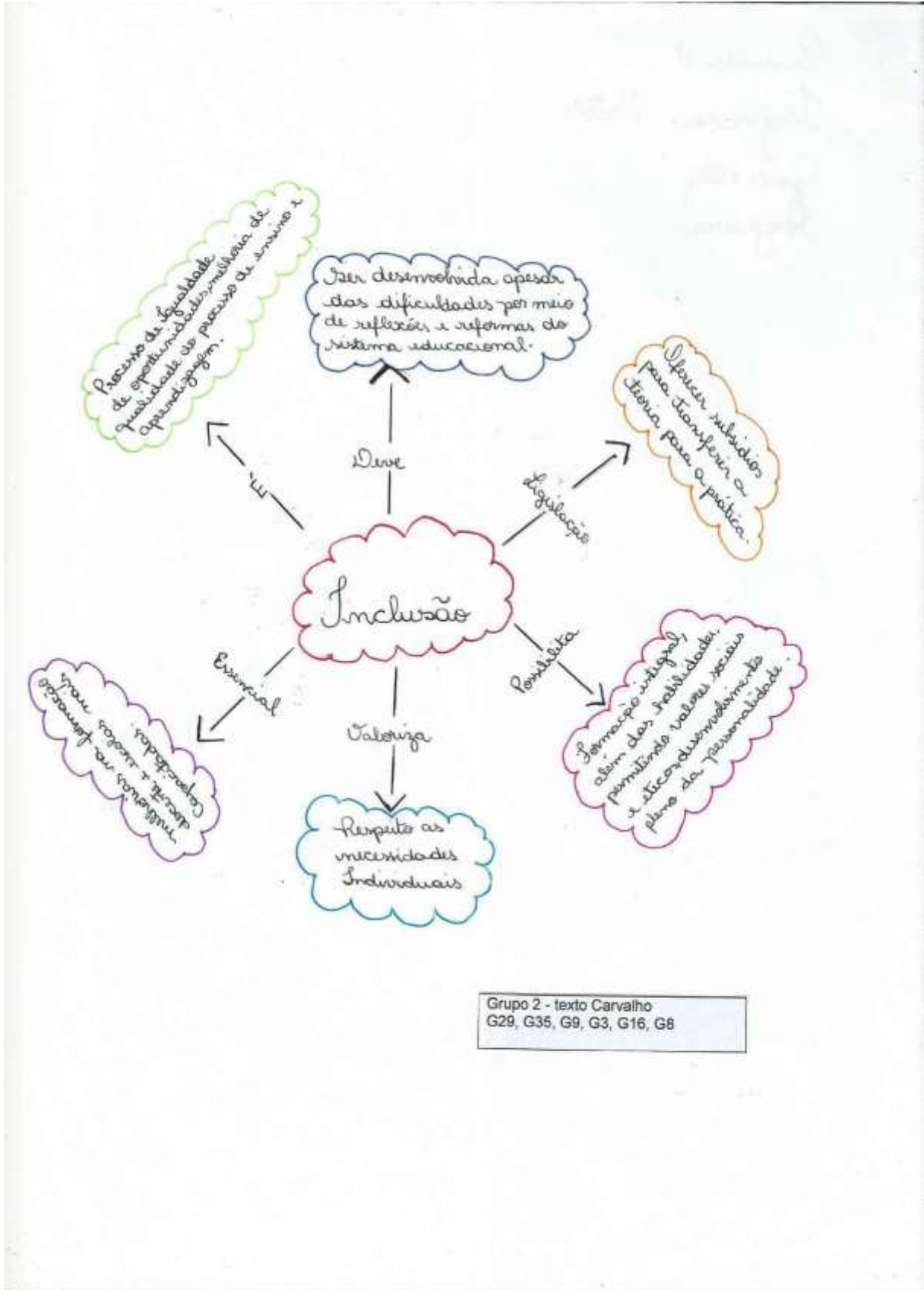


Figura 4 - Mapa conceitual do grupo 2
Fonte: Integrantes do grupo

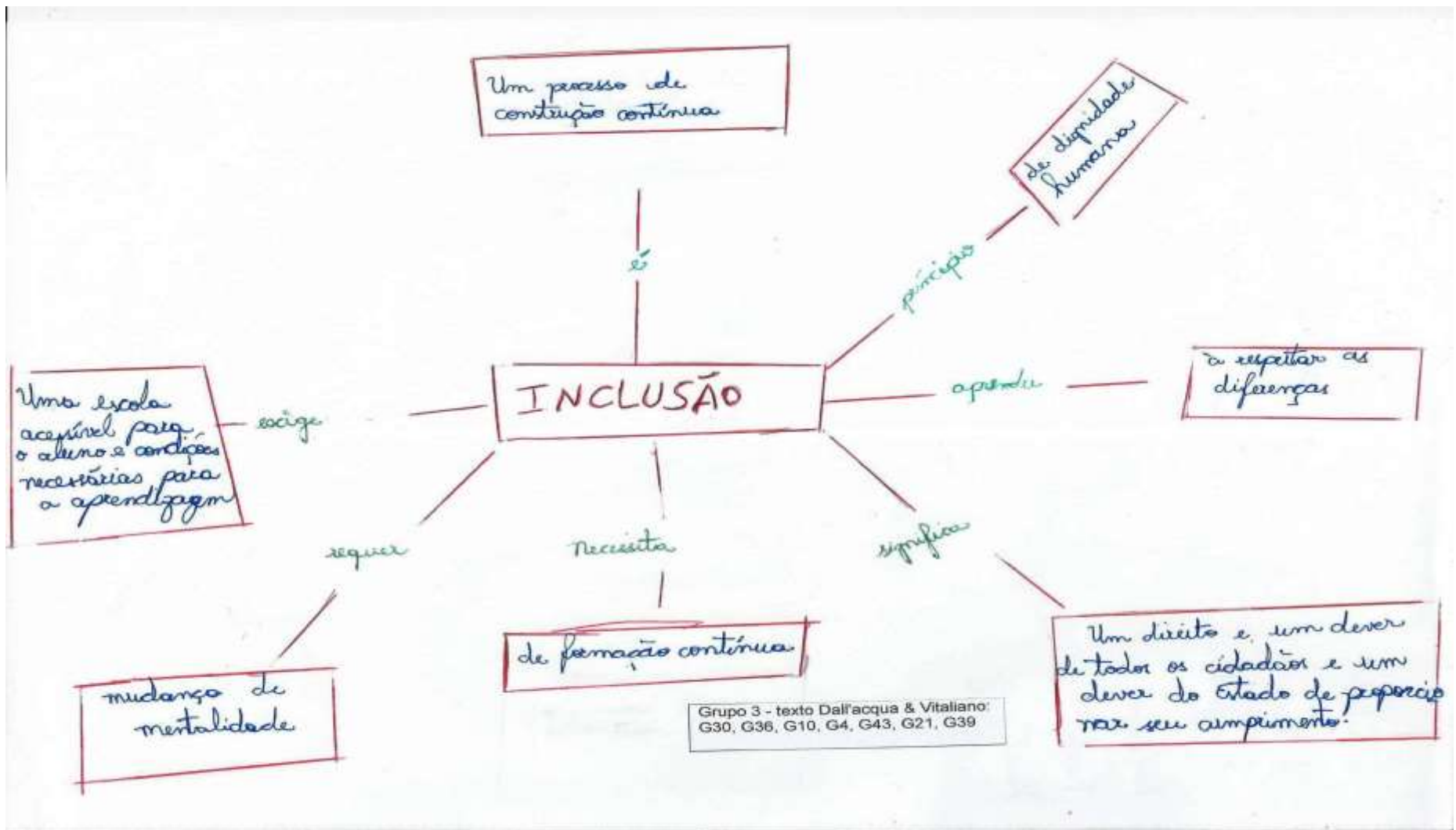


Figura 5 - Mapa conceitual do grupo 3
Fonte: Integrantes do grupo

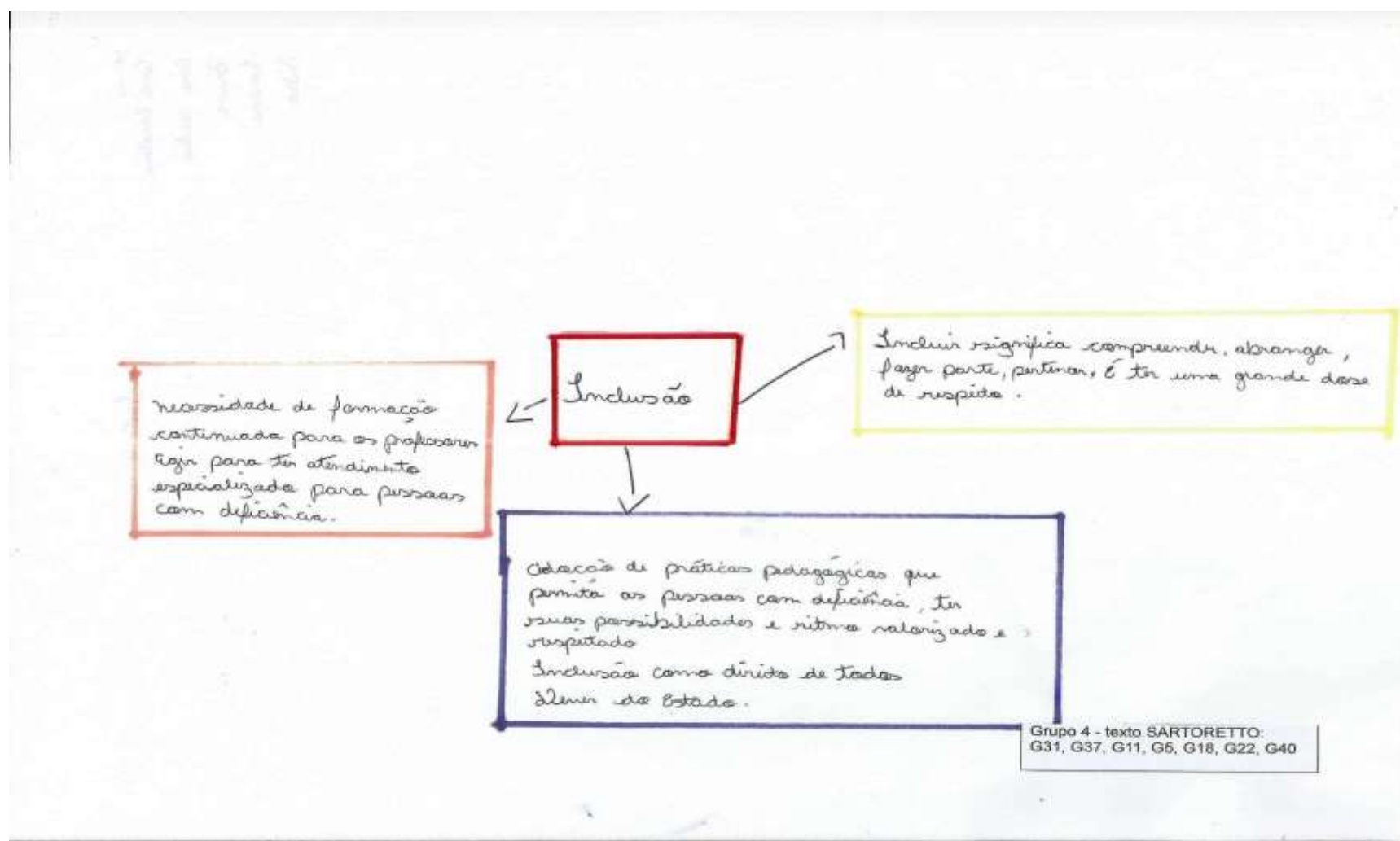


Figura 6 - Mapa conceitual do grupo 4
Fonte: Integrantes do grupo



Figura 7 - Mapa conceitual do grupo 5
Fonte: Integrantes do grupo

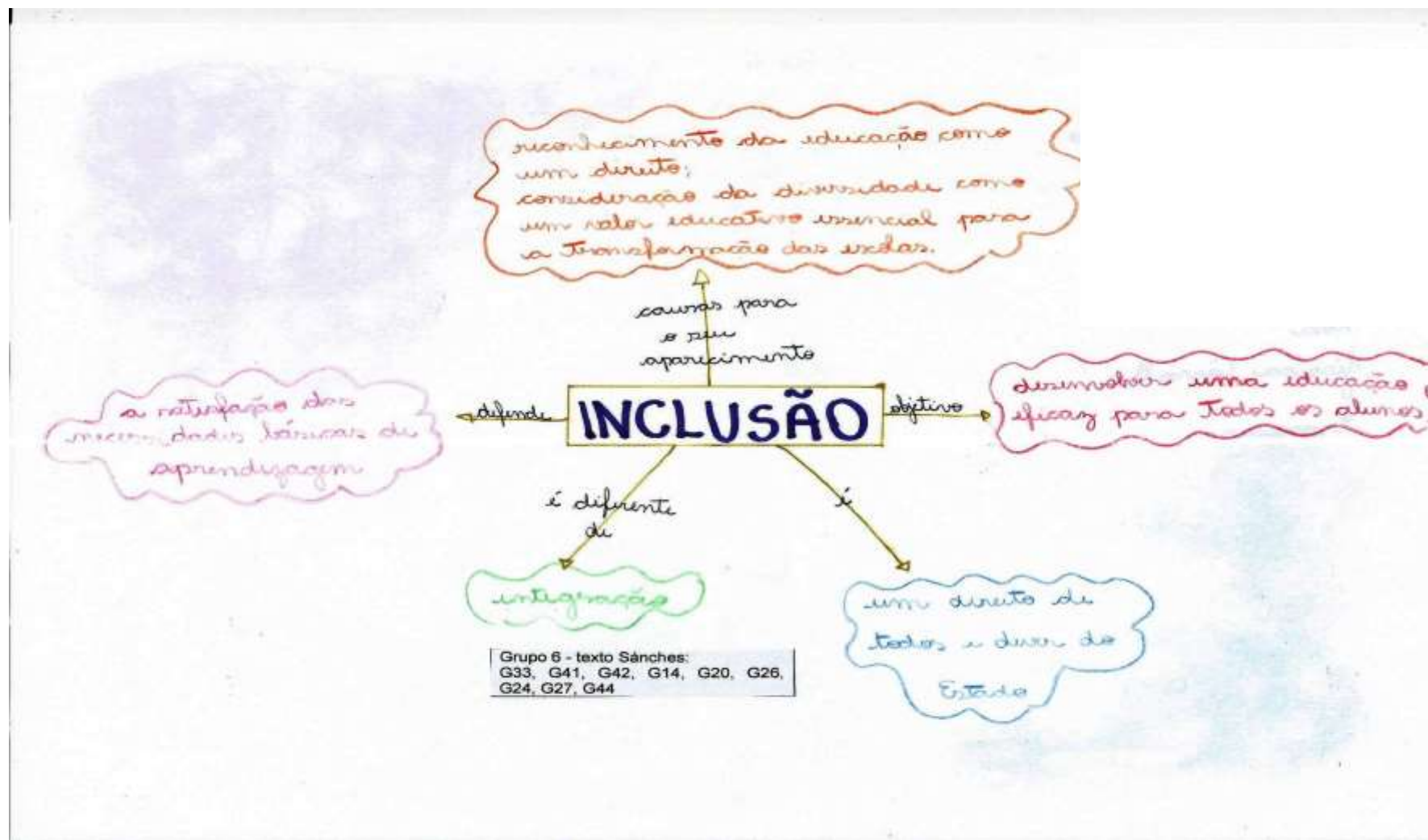


Figura 8 - Mapa conceitual do grupo 6

Fonte: Integrantes do grupo

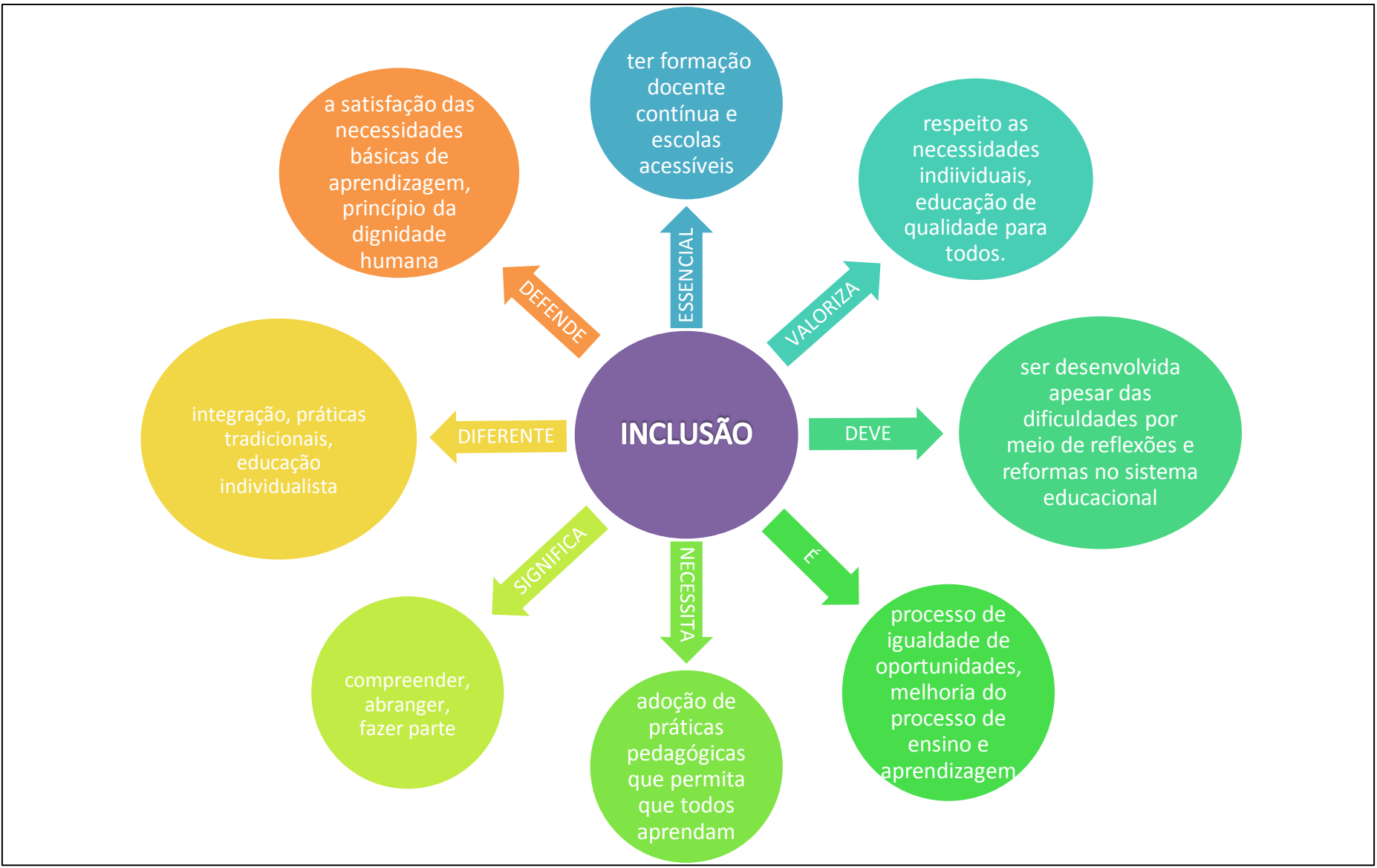


Figura 9 - Mapa criado no Word®
Fonte: Autoria própria

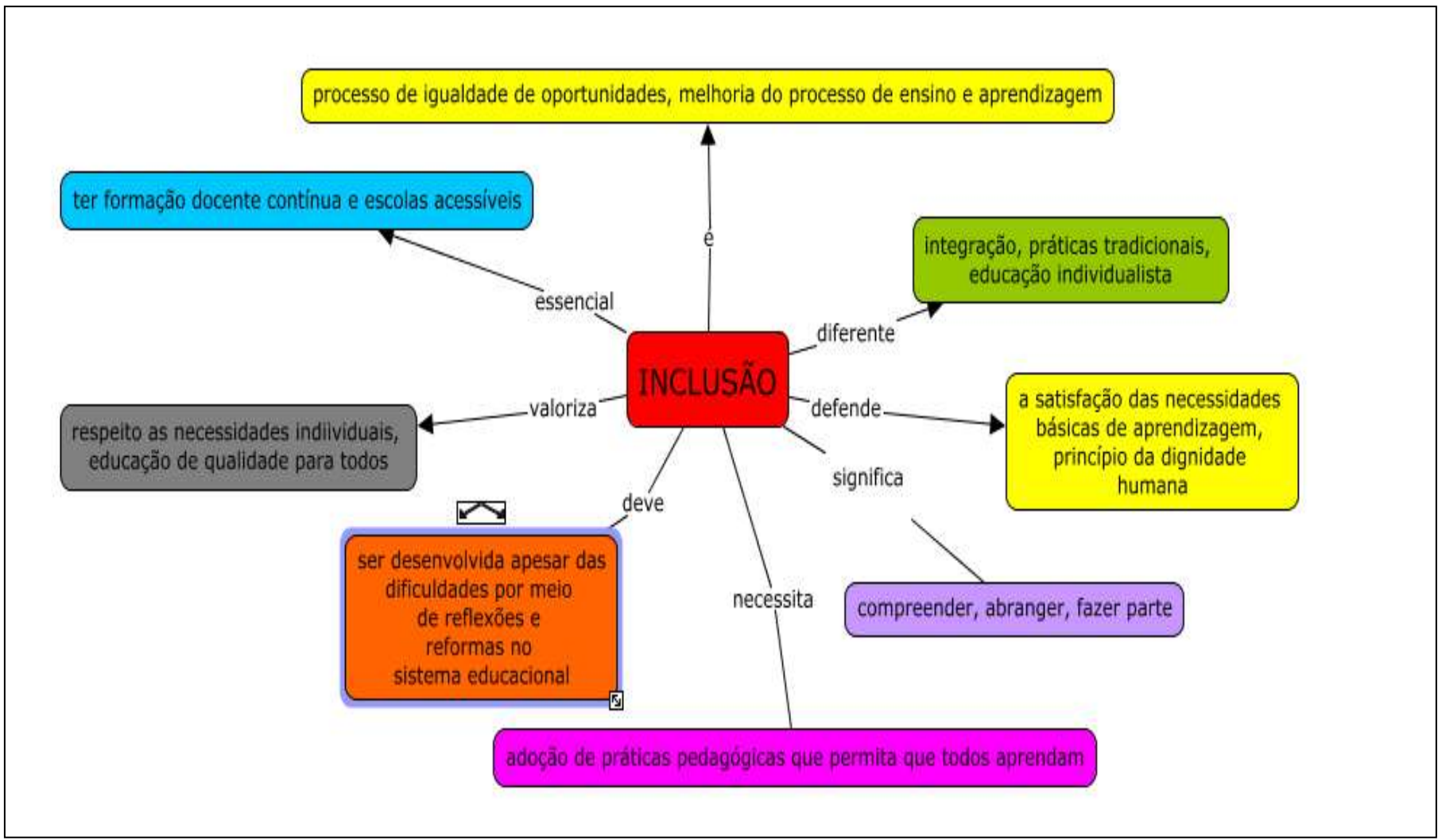


Figura 10 - Mapa Conceitual criado no *Cmap Tools*®
Fonte: Autoria própria

O uso dessa ferramenta didática (mapa conceitual), articulando o conteúdo da definição de inclusão educacional com a metodologia do trabalho em grupo, tendo o estudo dirigido de texto como base, propiciou observar que o planejamento da ação didática formativa deve prover os instrumentos adequados para que os alunos estabeleçam conexões entre as leituras/estudos, o apreendido individualmente e as interpretações coletivas para sistematização das ideias principais.

Em seguida, conduzimos essa atividade com a técnica de ensino e aprendizagem denominada *Phillips 66*, na qual os líderes de cada grupo apresentaram aos demais as ideias esboçadas durante 6 minutos em cada grupo.

Depois, discutimos o contexto histórico do processo educacional da pessoa com deficiência por meio de uma aula expositiva dialogada, utilizando slides e questões norteadoras para o estudo, também, dos aspectos legais da Educação Inclusiva.

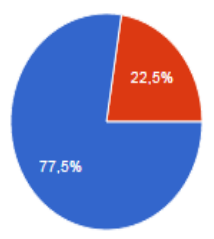
Após o primeiro encontro, foi criado um grupo fechado no Facebook®. Percebemos uma partilha de ideias e de opiniões, de dúvidas e informações que ampliaram o acesso ao curso e o envolvimento dos alunos. Dessa forma, refletimos, durante o uso de tecnologias digitais, que estas podem maximizar possibilidades de interação e minimizar barreiras de acesso aos materiais e discussões do grupo envolvido no curso.

Por meio desse grupo, as atividades *on-line* “Mitos e verdades sobre a inclusão” e “Pergunta Circular” foram disponibilizadas e compartilhadas. Criado a partir do aplicativo *Google Docs*®, em *Forms*®, foi elaborado o questionário sobre os direitos e deveres da pessoa com deficiência, tendo em vista que a inclusão também está relacionada ao fato de as pessoas conhecerem e reconhecerem estes direitos e deveres.

Esse questionário pode ser visualizado a seguir, com o *layout* escolhido e a questões selecionadas. Após o questionário, será apresentado o resumo das 40 respostas obtidas, organizadas em forma de gráficos pelo *Forms*®.

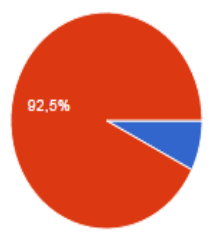
Resumo

1 Sou professora e gostaria de transcrever obras de grandes autores para o braille, para o uso dos meus alunos, mas não posso por causa dos direitos autorais.



Mito	31	77,5%
Verdade	9	22,5%

2 Preciso de material adaptado para realizar as provas na faculdade e a instituição de ensino deve fornecer.



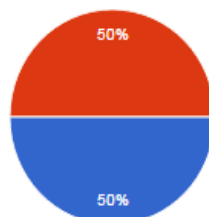
Mito	3	7,5%
Verdade	37	92,5%

3 Estou internado em um hospital por complicações da minha deficiência e devo interromper a formação escolar.



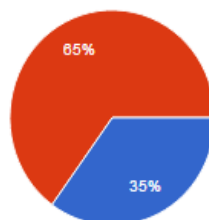
Mito	40	100%
Verdade	0	0%

4 O governo prefere que crianças com deficiência estudem em colégios especiais.



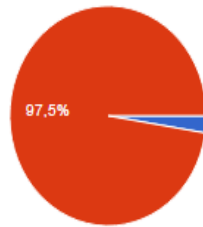
Mito	20	50%
Verdade	20	50%

5 Todas as escolas devem ter professores que conheçam Libras.



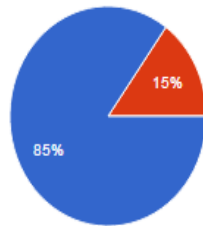
Mito	14	35%
Verdade	26	65%

6 Escolas públicas e particulares não podem se recusar a aceitar alunos com deficiência.



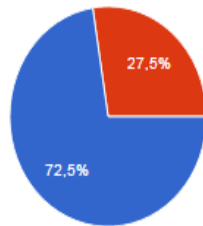
Mito	1	2.5%
Verdade	39	97.5%

7 Meu filho com deficiência visual não pode compreender histórias infantis quando lê livros.



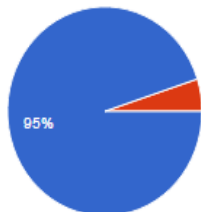
Mito	34	85%
Verdade	6	15%

8 Não existem cursos de idiomas adaptados para as necessidades das pessoas com deficiência.



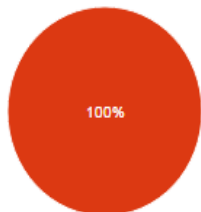
Mito	29	72.5%
Verdade	11	27.5%

9 A pessoa com deficiência não tem direito de concorrer a uma bolsa de estudos do Programa Universidade para Todos (PROUNI).



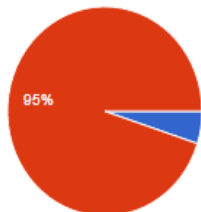
Mito	38	95%
Verdade	2	5%

10 Tenho deficiência visual. Posso pedir que a minha escola consiga os mesmos livros de meus colegas, em braille.



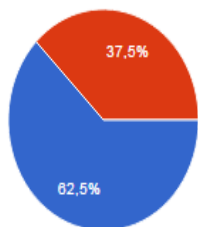
Mito	0	0%
Verdade	40	100%

11 Alunos com deficiência visual podem utilizar o soroban em exames que envolvam cálculos matemáticos.



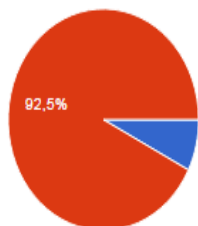
Mito	2	5%
Verdade	38	95%

12 Tenho deficiência, e por isso não sou obrigado a votar.



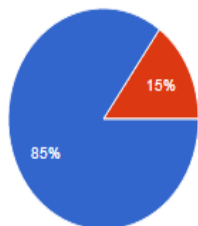
Mito	25	62.5%
Verdade	15	37.5%

13 Uma pessoa com deficiência que não pode trabalhar tem direito a receber um salário mínimo para garantir seu sustento.



Mito	3	7.5%
Verdade	37	92.5%

14 Não existem leis que punem crimes contra pessoas com deficiência.



Mito	34	85%
Verdade	6	15%

No que diz respeito à atividade da pergunta circular, pontuamos as ideias apresentadas.

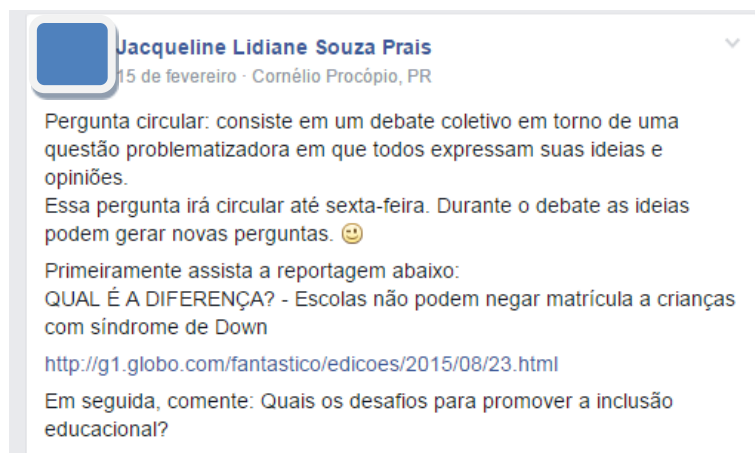


Figura 11 – Atividade da pergunta circular compartilhada no grupo fechado do Facebook®

Fonte: Autoria própria a partir do Facebook®

(continua)

Respostas obtidas – pergunta circular: Facebook®	
G8	Acredito que o primeiro desafio para promover a inclusão é entender que as pessoas que tem deficiência podem e devem ter uma vida normal, como qualquer outra pessoa. O segundo desafio se refere principalmente a área educacional, pois acredito que grande parte das escolas não tem estruturas físicas e de pessoal para receber uma pessoa deficiente, ressaltando que isso não é motivo para se negar vaga a um aluno, visto que ele tem seus direitos e a escola de uma forma ou de outra precisa atendê-lo.
G4	Um dos desafio é que os professores tenham um novo olhar para a inclusão, enxergando os alunos de inclusão como qualquer outro, capaz de superar suas dificuldades, desde que tenham o apoio e materiais adequado, com auxílio de família e profissionais da educação. As escolas precisam se reorganizar, os profissionais devem se adequar, aprimorar seus conhecimentos para atender as dificuldades dos seus alunos.
G16	Um dos desafios é que os professores muitas vezes não sabem o que realmente é inclusão, muitas vezes os alunos são inseridos e não inclusos, pois se tem em mente que eles não tem a capacidade de realizar as atividades igual os demais. Outro desafio é que não temos pessoas qualificadas para o atendimento onde acabam se julgando incapazes de dar conta dessa demanda são despreparados frente a essa realidade que muitas vezes é agravada pela falta de materiais adequado, apoio administrativo e recursos financeiros.
G14	Concordo com a G16, porque também acredito que um dos desafios, é compreendemos o que é inclusão realmente e também termos conhecimento e formação adequada, para conseguirmos que todos tenham uma educação de qualidade.
G44	Concordo com as meninas, mas acho que é também a falta de cobrança maior da própria população que por algum motivo não faz valer as leis em nosso país e a falta de comprometimento de profissionais na área da educação que não se sentem responsável para ensinar crianças com dificuldades de aprendizagem. E uma fala no vídeo fala tudo "ela vai para a escola para aprender, se ela não aprende, não há inclusão"
G43	Para que a inclusão aconteça, a sociedade e a escola precisam reconhecer que todos são diferentes (sendo este um dos maiores desafios). E que pessoas com deficiência pode ter uma vida normal. Porém para garantir a aprendizagem de

	<p>todos, é preciso fortalecer a formação dos professores e criar uma rede de apoio entre alunos, docentes, gestores escolares, famílias e profissionais de saúde que atendem as crianças com Necessidades Educacionais Especiais. Por fim, para promover a inclusão escolar é preciso que haja uma transformação no sistema de ensino que vem beneficiar toda e qualquer pessoa, levando em conta a especificidade do sujeito e não mais as suas deficiências e limitações.</p>
G20	<p>Concordo com a G43! Acredito que o que falta para a inclusão é professores capacitados e abertos para novas experiências, considerando os alunos iguais, independente de suas diferenças. Falta também recursos e apoio por parte do Governo.</p>
G5	<p>Não basta incluir, tem que integrar os alunos com deficiência na sala de aula, oferecendo para ele a oportunidade de ser participante dentro da sala, porém os professores devem ser qualificados.</p>
G26	<p>Concordo com minhas colegas de curso, mas acredito que a inclusão envolve não apenas professores, alunos e a escola no geral, ela tem que ser trabalhada pela sociedade como um todo, todos devem incluir a pessoa com deficiência, todos devem respeitar o outro e não exigir apenas da escola essa atitude de inclusão que é o que mais vem acontecendo nos tempos atuais.</p>
Professora	<p>Olá meninas até momento foram apontados vários desafios, gerais e específicos, diante o processo de inclusão escolar. Como professoras e futuras professoras, qual ou quais os desafios em sala de aula para assegurar o processo de inclusão educacional? Ou seja, como posso assegurar o direito de todos à educação dentro da minha sala de aula?</p>
G6	<p>Bom incluir não é apenas estar dentro da sala de aula, mas sim proporcionar atividades que o aluno possa sim aprender de forma científica. Acredito que o desafio é fazer com que leis e direitos sejam cumpridos, pois infelizmente esta somente no papel, posso assegurar, buscando melhoras e qualificações profissionais, conforme a necessidade do meu aluno, entrelaçando, escola, família e aluno, pois isso sim é inclusão.</p>
G33	<p>Acredito que a inclusão não é apenas pegar as crianças com alguma síndrome e simplesmente inclui-la em uma sala de aula, sem que haja um preparo do espaço e dos profissionais, é muito importante que as crianças se sintam acolhidas e respeitadas, não havendo nenhum tipo de discriminação, mas sim o apoio em seu desenvolvimento e aprendizagem. É possível a inclusão dessas crianças em salas comuns, com professores bem instruídos.</p>
G11	<p>A inclusão não se determina apenas por inserir o aluno na sala de aula, e sim ao inseri-lo promover o desenvolvimento pleno deste educando através de espaços físicos, materiais e atividades que respeitem seu ritmo e necessidades, não o excluindo dos demais que não possuem nenhuma deficiência. Acredito que em meio a tantos desafios que podem ser encontrados nesse processo, o maior deles é fazer com que as leis que regem a inclusão se cumpram não apenas dentro da escola, mas na sociedade em um todo, e que professores estejam preparados e qualificados para promoverem a educação a esses alunos.</p>
G32	<p>Para que a inclusão aconteça os professores da escola devem ter conhecimento de que um aluno com deficiência ele tem suas limitações sim só que isso não impede que ele seja incluído dentro de uma sala de aula, deve proporcionar atividades que respeite suas necessidades, outro grande problema é que as escolas não são adaptadas e estruturadas para receber alguns alunos com deficiências, e os professores também deve estar capacitados para receber os alunos em sala de aula, buscar melhoras e qualificações profissionais, conforme a necessidade do meu aluno.</p>
G41	<p>Concordo com as meninas! E, acredito que para haver uma inclusão educacional de qualidade e com responsabilidade faz-se necessário em primeiro momento os professores terem uma formação sólida, humanística e estarem em constante atualização. E, num segundo momento para se fazer cumprir os direitos faz-se necessário que a população se conscientize das leis e, desta forma, cobrem que seus direitos sejam respeitados!</p>
G40	<p>Concordo com a maioria das meninas, pois para que haja inclusão significativa, não só as escolas, mas toda comunidade escolar (pais, alunos, professores, equipe pedagógica, etc) devem buscar recursos necessários e preparação</p>

	teórica, psicológico e técnico para receber o aluno com deficiência. Em minha opinião, diante dos comentários é cabível perguntar: a inclusão fica restrita somente para os alunos com deficiência ou abrange os demais?
Professora	Boa tarde meninas... vejam ... a pergunta inicial vai se reconfigurando... agora a questão é mais específica ... quem ainda não participou deve pensar sobre isso agora ... Como eu professora posso assegurar a aprendizagem e todos em sala? Pois em resposta a G40 a inclusão não é apenas restrita ao aluno com deficiência ... Mas a TODOS os alunos com ou sem deficiência ...pense nisso e registre aqui suas ideias
G39	A educação deve ser para todos, pois com a inclusão o professor não pode preparar um conteúdo para o aluno com algum tipo de deficiência e aos outros alunos ditos "normais" , conteúdos diferentes e sim usar de uma estratégia, que venha de encontro aos anseios de todos.
G21	O professor deve fazer uso de estratégias didáticas que abrange todos os alunos da sala independente de suas necessidades, particularidades e deficiências.
G13	Acredito que o professor deve reconhecer e respeitar que cada criança tem sua forma aprender, e que todas possuem potencialidades que devem ser desenvolvidas. Assim como estar disposto a trabalhar com diferentes metodologias a fim de atender a necessidades específicas de cada aluno.
G18	Aplicando metodologias que integram os alunos dentro da sala de aula, no qual as diferenças sejam contribuições para a aprendizagem.
G27	Primeiramente, eu gostaria de dizer que achei a reportagem muito interessante porque ela promove na população em geral um olhar diferenciado para as pessoas com síndrome de down mostrando que elas possuem capacidade de se desenvolver e aprender. Também fala da questão das escolas que alunos com necessidades especiais. Acredito que isso ocorre com muita frequência, pois já vivenciei casos assim aqui em Cornélio. Isso não deveria ocorrer em hipótese alguma. No entanto eu achei que no vídeo é atribuída à escola a culpa de isso ocorrer, mas considero que é uma falha de toda a sociedade. Da nossa cultura de não aceitação do diferente, de discriminação e preconceito, dos cursos de formação de professores que não preparam os docentes com eficácia para trabalhar com tal público, do governo que não oferta verba o suficiente para uma educação de qualidade. Respondendo a última pergunta realizada pela professora, eu acredito que eu, enquanto professora devo transformar o saber sistematizado em saber escolar de uma maneira que meus alunos sejam capazes de aprender mesmo que para isso eu tenha que fazer uma análise das necessidades de cada discente e adaptar o meu modo de ensinar de acordo com o perfil de cada aluno.
G10	O professor ao pensar sobre sua prática diante deste desafio da inclusão, necessita compreender que deve realizar o processo de incluir o aluno com deficiência de maneira a não diferencia – ló dos demais, para que todos estejam juntos no decorrer do ensino – aprendizagem. Precisa explicar sim aos outros alunos a situação de seu coleguinha, para que saibam como integra-lo ao grupo, se aproximarem dele, contudo, jamais diferenciá-lo como aquele que não consegue fazer a atividade sozinho, que tem que sentar na frente sempre ou o “coitadinho da turma”. Pois assim, o aluno ao ser exposto excessiva e erroneamente não é incluído da maneira adequada, alias, acaba não sendo incluído realmente. É essencial que seja visto pelos amigos como um aluno com suas diferenças e dificuldades, mas igual a todos nós, que também somos diferentes uns dos outros e possuímos todos alguma dificuldade, a qual deve ser respeitada e com a ajuda de todos impossível de nos limitar. Assim, muito além da metodologia, materiais e recursos que o professor pode estar empregando em suas aulas, é de grande importância para a integração total de sua turma, transmitir aos alunos que aqueles amigos com deficiência são tão capazes quanto eles, mesmo que necessitem de uma maior atenção e aos alunos com deficiência que não há barreiras entre ele e seus colegas, pois ali todos estão para viverem novas experiências, inclusive o professor.
G28	Os desafios são muitos, porém o principal é abrir a cabeça de alguns professores para aceitar a diferença e que eles busquem capacitação para isso. Pois sabemos

	que há muitos professores ainda despreparados para lidar com essa questão. também que a escola dão respaldo necessários para que isso aconteça, sabemos que cada um tem sua individualidade tendo necessidades de materiais diferenciados e salas de recursos para que essa criança se desenvolve como as outras dito "normais" e o mais importante é fazer os amigos a aceitá-las como qualquer outra criança.
G42	Considerando a última pergunta mais específica da professora. Acredito para que o professor consiga promover uma aprendizagem significativa a todos os alunos na sala de aula, deve ter início na clareza que ele tem a respeito da concepção social da educação inclusiva e do seu próprio papel social. Ter claro que limites intelectuais, motores ou sensoriais são superáveis, e acima de tudo ser um professor capacitado para orquestrar a interação entre os alunos, nisso um bom mediador que planeja atividades levando em consideração a especificidades de cada aluno é fundamental.
G23	Os desafios para promover a inclusão é primeiro trabalhar o preconceito formado a respeito dos deficientes e da deficiência. A estrutura dos estabelecimentos de ensino em relação à capacitação dos profissionais educadores, no qual devem trabalhar para que ocorra a aprendizagem do sujeito. Pois estar inserido não quer dizer que este esteja no processo de inclusão, para que a inclusão se efetive é necessário uma aprendizagem, mesmo que seja mais lenta, mas que esta se efetive.
G34	Acredito que o professor tem a necessidade de compreender que o processo de incluir o aluno com deficiência deve acontecer de forma natural, isto é, de maneira não diferenciada dos demais, pois cada um tem uma forma e um tempo de aprender e o professor deve respeitar e ajudar todos na melhor forma possível para que haja uma total aprendizagem. Deve também usar metodologias, matérias, recursos diferenciados para transmitir interação e aprendizagem a todos, mostrando aos alunos que mesmo com deficiência, ele tem capacidade de aprender como os outros considerando e respeitando a maneira e a necessidade que cada aluno aprende e desenvolve.
G1	O que me preocupou a princípio, é como colocam a responsabilidade na escola (me refiro ao ensino público) como se ela tivesse toda uma autonomia financeira e administrativa, sabemos que nossas escolas são custeadas por órgãos públicos, e essa cobrança deveria ser voltada para o governo que estipula metas e projetos de leis para a educação, mas não financia os custos destes projetos em seu total. Como a qualificação de profissionais para atender está nova demanda de alunos ,materiais didáticos diferenciados, entre outras necessidades específicas de cada deficiência. Aqui trás a síndrome de down, mas temos outras realidades como cegos, surdo, cadeirantes entre outros, e como estão nossas escolas para receber estes alunos? Como a fala de uma professora "não podem estar na escola por estar", então acredito que a verdadeira inclusão escolar se dará quando, os verdadeiros investidores da educação, realmente investirem em melhores condições de ensino para "todos".
G25	O professor deve usar diferentes estratégias, mas todos tem o mesmo direito de aprender os conteúdos, cabe ao professor diferenciar metodologia, mas também possibilitar que todos os alunos possam interagir durante a aprendizagem.
Professora	G2, G7, G9, G15, G22, G24, G29, G30, G31, G35 G36 G37 como professores: devemos ensinar para igualdade e/ou para diversidade? Conto com a participação e ideias de vocês...!!!
G22	Acredito que devemos ensinar para os dois. Pois dentro da própria igualdade tem o princípio de diversidade. Porém na diversidade, entre os indivíduos ditos diferentes, também existe a igualdade. Portanto é mais adequado dizer que devemos educar para o respeito, o carinho, o companheirismo, a estima, sendo diverso ou igual.
G7	Como professores, devemos ensinar aos nossos alunos, que vivemos em um mundo de diversidades, onde a individualidade e as características humana devem ser respeitada, reconhecida, aceita.
G31	Devemos ensinar que embora todos compartilhem de algumas características semelhantes, vivemos em um mundo de diversidades, no qual cada indivíduo possui sua particularidade, inclusive no ato da aprendizagem. Cabe aos

	professores compreender e ao mesmo tempo sensibilizar seus alunos de que tais diferenças só contribuem para o enriquecimento de todos e que, portanto, devem ser reconhecidas e valorizadas.
G9	Devemos ensinar e preparar nossos alunos para ambos os casos, pois somos iguais perante as leis, tendo direitos e deveres, deixando com que a diversidade seja uma aliada, tanto para nos enriquecer em conceitos como também para nos tornar mais humanos, respeitando o diferente.
G15	Para igualdade e diversidade, visto que não deve haver distinção de nossas diversidades e sim serem respeitadas, a fim de que todos tenham uma educação de qualidade sem qualquer tipo de exclusão.
G35	Devemos ensinar a igualdade e a diversidade. Dentro da sala de aula temos um grupo de alunos com diversas características tanto físicas como sentimentais. Então devemos lidar com eles procurando fazê-los entender que temos a diversidade dentro da sala, ensina-los a respeitar o outro independente de suas características físicas ou intelectuais, e como professora trata-los com igualdade, e incluir a todos nas atividades a serem realizadas, para que eles e nós vivenciamos experiências inesquecíveis.
G24	Bom, vou considerar a última pergunta feita pela professora. Eu, enquanto professora preciso primeiramente conhecer os meus alunos, tendo eles alguma tipo necessidade especial, ou não. E partindo disso preparar estratégias metodológicas para atender a cada um deles, mesmo sabendo o quão difícil ainda em nosso país atender alunos com alguma deficiência por preconceito ou até mesmo falta de preparo de nossa formação.
Professora	Boa noite meninas ... G2, G29, G36, G37 e G30 como podemos nos preparar para promover a inclusão educacional? Conto com as sugestões de vocês
G36	Boa noite professora. Em relação a primeira pergunta feita no início da atividade, o maior desafio para promover a inclusão educacional é mudança de mente. Nota-se ainda nos dias de hoje, que quando chega algum aluno com necessidades especiais ele é notado, todos olham para ele, para as suas atitudes, como se fosse uma pessoa totalmente diferente das presente na sala de aula. Até que no vídeo uma mãe fala que estava tudo certo a matrícula, mas quando levou a menina, a direção disse que não trabalhava com esse tipo de pessoa. Poxa, somos todos iguais independente das diversidades de cada um. Como assegurar direito de todos a educação? Primeiramente, a professora deve ter um postura diferente, além de não apenas incluir, mas fazer com que aprenda, por meio de atividades que abranja todos, não menosprezando a capacidade de determinado aluno. E sim, devemos ensinar diariamente a igualdade e diversidade, com situações simples...conversa coletiva um dia, no outro dia uma situação problema. A preparação é contínua, sempre em busca de conhecimentos, um exemplo disso é o nosso curso.
G37	Infelizmente os desafios nos aparece em nosso dia- dia, a falta de comprometimento da escola com os alunos, falta de recursos para receber esses alunos. As escolas falam muito sobre preconceito mais não percebem que estão praticando o preconceito negando matricula a esses alunos, que por sinal é de direito deles. Devemos praticar a inclusão no dia dia das crianças para elas sempre terem um convívio social normal com qualquer pessoa, desde que tenham deficiência ate a cor da pele. Devemos estar sempre na busca dos direitos de todos.
G30	Toda criança, tem o direito e a necessidade de frequentar uma escola, independentemente de suas características físicas ou psíquicas. As escolas devem estar preparadas para receber todos os alunos, de forma que este possa se desenvolver em todos os aspectos. Se tratando de um aluno deficiente, portador da síndrome de Down ou qualquer outra síndrome é necessário que o professor e a escola estejam de mente aberta e dispostos a incluir este aluno em todas as atividades, bem como no convívio com outros alunos. Infelizmente, muitas escolas no país não aceitam alunos nestas condições, alegando não haver professores aptos para lidar com este "tipo de criança". Sendo assim o primeiro desafio, é mudar a mente dos educadores, oferecendo a estes uma formação mais voltada para a inclusão.
G2	Primeiramente devemos nos preparar, uma formação voltada para inclusão é o

	mais indicado como primeiro passo a ser dado! Nós, como professores devemos ensinar a igualdade, entender que todos temos direitos, mesmo que com as diferenças.
G29	Para promover a inclusão educacional é necessário que o professor tenha uma formação adequada para esse haver essa inclusão, promovendo a igualdade, onde todos possam ter contato uns com os outro, trabalhando em sala de aula as diferenças. Pois todos nós somos diferentes.

Ao analisar as respostas, percebemos que, antes de mais nada, as participantes demonstraram o seguinte: nunca participaram desse tipo de atividade e nunca utilizaram o *Facebook*® como recurso didático durante a formação inicial. Assim, algumas questões foram observadas: (i) as possibilidades de uso dessa ferramenta tecnológica; (ii) os pontos positivos relacionados à participação das acadêmicas na atividade; (iii) o nível de interação alcançado e (iv) o modo como as ideias são expostas e a discussão é aprofundada ao longo da problematização levantada.

Retomando alguns pontos principais dos dois primeiros encontros, os participantes destacaram a importância de se entender o movimento da inclusão para poder pensar a organização das atividades, pois muitas vezes há contradições, como, por exemplo, elaborar atividades individuais, separadas dos alunos sem deficiência no ensino regular.

Organizamos os encontros três e quatro para apresentar os elementos do planejamento docente e os princípios do DUA e, com o objetivo de aumentar o nível de aprendizado na turma, utilizamos a problematização “Como investir em práticas pedagógicas inclusivas?”.

Percebemos que, no círculo de estudos, com o uso de *slides* e imagens sobre o planejamento docente, as alunas, por estarem em um curso de licenciatura, destacaram com clareza os elementos contidos nele e sua importância para guiar as ações pedagógicas em sala de aula.

O uso do vídeo "O Porquinho e o Biscoito" (SILVESTRI, 2010) fez com que as participantes fizessem observações relevantes, por exemplo: na escola, há um objetivo a ser atingido (aprendizagem) e para isso podemos seguir por vários caminhos (estratégias e metodologias).

Então, antes de apresentarmos os princípios do DUA, desenvolvemos um simpósio. Dispusemos os alunos em cinco grupos e encarregamos cada um de responder uma pergunta no tempo de vinte a trinta minutos. As questões foram as seguintes: (i) a inclusão, em nosso meio, tem se tornado realidade? Justifique; (ii)

Que fatores marcam o sucesso ou insucesso dos alunos em sala de aula?; (iii) Quais as influências do planejamento docente para inclusão?; (iv) O que é preciso para ser um professor inclusivo em sala de aula?; (v) Como ensinar a todos no contexto da inclusão educacional?

Após a organização de cada grupo, foram escolhidos representantes para compor o simpósio e as respostas das perguntas. As discussões foram fomentadas por meio de comentários, que levavam a outros questionamentos sobre conceitos relevantes para a inclusão educacional. Assim, ao final, as participantes enfatizaram a importância do planejamento de aulas que possam refletir intenções de ação inclusiva.

As relações explicitadas durante o debate forneceram subsídios para a apresentação dos princípios do DUA. Para as explicações necessárias, foi desenvolvido um estudo dirigido com aula expositiva, leitura de texto, apresentação de ilustrações, com apoio instrucional de *slides*, imagens e vídeos, sobre os princípios do DUA. O material de apoio, textos e *slides*, serviram para que os alunos grifassem os elementos a serem empregados durante o planejamento de atividades pedagógicas inclusivas.

No quinto encontro, foram apresentados procedimentos didáticos e pedagógicos para inclusão de alunos com Necessidades Educacionais Especiais (NEE) por meio de estudos de caso.

Utilizamos seis casos (apêndice N) a serem apresentados da seguinte forma:

- 1) Língua Portuguesa – produção de texto - aluno cego: trecho do vídeo “As cores das flores” (ONCE, 2010);
- 2) Língua Portuguesa – escrita/grafia - aluno surdo: dramatização de um ditado de palavras;
- 3) Matemática – operações - aluno com deficiência intelectual: atividade sobre adição e subtração;
- 4) Educação Física – Esporte/Futsal - aluno com deficiência física: relato sobre uma aula de Educação Física com o conteúdo de Esporte na modalidade de Futsal;
- 5) Arte – cores primárias e secundárias - aluno com altas habilidades: demonstrar e descrever a explicação sobre as cores primárias e secundárias;

6) História/Geografia/Ciência – identidade – alunos com transtornos globais do desenvolvimento/espectro do autismo: aplicação de uma roda de conversa sobre a identidade.

No momento da aplicação de cada caso, utilizamos os seguintes passos: (i) enunciação do caso; (ii) apresentação do caso (por exemplo, material fotocopiado, filme ou dramatização, etc.); (iii) descrição do conteúdo identificado durante a apresentação do caso e discussão pelo grupo (o que mais lhe chamou atenção?); (iv) debate sobre o caso, considerações sobre problemas e desafios identificados (por que este caso merece ser analisado?); (v) explicar com uso de *slides* os procedimentos pedagógicos específicos, levando em conta a NEE em destaque; (vi) proposição de alternativas pedagógicas frente ao caso: o que você faria?

Chegando ao final do estudo de cada caso, o professor deve fazer comentários, perguntas, reinterpretações e novas perguntas a fim de que a intervenção potencialize a participação do grupo sem inibir a liberdade de opinião dos alunos.

Cabe lembrar que, nesses casos, os participantes foram desafiados a chegar a uma proposta de atividade pedagógica a partir dos princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem. Essa proposta deve atender não só a criança em destaque do caso, mas todos os alunos da sala em que o aluno com NEE está incluído.

Entre os encontros cinco e seis, os participantes, realizaram uma atividade *on-line*: uma *WebQuest* sobre o DUA (PRAIS, 2016), na qual consta também, ao final, um questionário¹⁸ para avaliação da atividade. A tarefa final da *WebQuest* consiste na produção de um roteiro para gravação de um *Podcast*.

A *WebQuest* (ver Figura 5) permitiu que os alunos estudassem e pesquisassem mais sobre o Desenho Universal para a Aprendizagem e sobre o planejamento docente na perspectiva da inclusão. Depois da elaboração do roteiro, o *Podcast* (ver Apêndice R) foi gravado em sete arquivos: dois de áudio, três de áudio/imagem e dois de vídeo, contendo reflexões individuais e grupais sobre a atividade de análise das práticas inclusivas.

¹⁸ Endereço do questionário:

<https://docs.google.com/forms/d/1IBsomYCrEU8RbV5xmuNL1qAzSusWeTE88lfifR33XyQ/viewform?usp=send_form>.

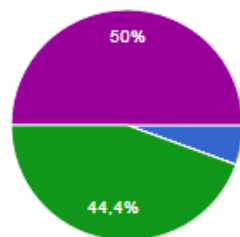


Figura 12 - Tela inicial da WebQuest – DUA
Fonte: Prais (2016)

Abaixo podemos visualizar as 36 respostas obtidas quanto à avaliação da *Webquest*. As respostas são apresentadas em forma de gráfico dados pelo aplicativo do *Google Forms*®. Resumo: 36 respostas

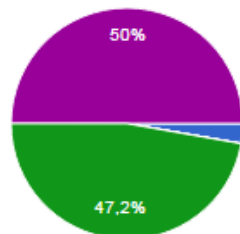
Resumo

Diante a proposta da atividade pedagógica por meio de uma WEBQUEST, como você avalia sua percepção e empenho na realização?



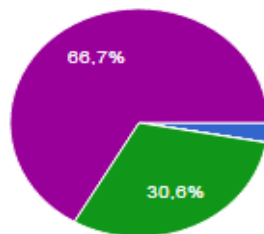
Muito insatisfeito	2	5.6%
Insatisfeito	0	0%
Indiferente	0	0%
Satisfeito	16	44.4%
Muito satisfeito	18	50%

Quanto aos materiais disponibilizados on line para consulta e pesquisa:



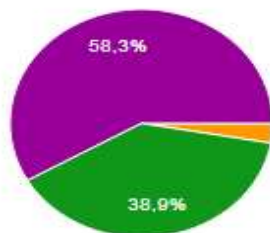
Muito inapropriados	1	2.8%
Inapropriados	0	0%
Mais ou menos	0	0%
Apropriados	17	47.2%
Muito apropriados	18	50%

Quanto à estrutura e organização da WEBQUEST sistematizada em forma de site:



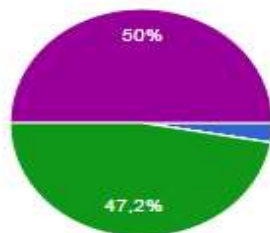
Muito insatisfatória	1	2.8%
Insatisfatória	0	0%
Indiferente	0	0%
Satisfatória	11	30.6%
Muito satisfatória	24	66.7%

Quanto à clareza da proposta:



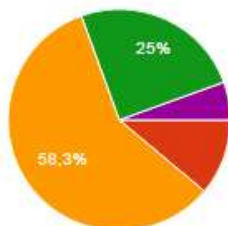
Não eram nada claras	0	0%
Não eram muito claras	0	0%
Mais ou menos	1	2.8%
Informações claras	14	38.9%
Informações muito claras	21	58.3%

Até que ponto você ficou satisfeito com essa participação?



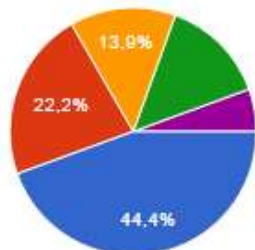
Muito insatisfeito	1	2.8%
Insatisfeito	0	0%
Indiferente	0	0%
Satisfeito	17	47.2%
Muito satisfeito	18	50%

Quanto à tarefa proposta:



Muito difícil	0	0%
Difícil	4	11.1%
Mais ou menos	21	58.3%
Fácil	9	25%
Muito fácil	2	5.6%

Quanto à participação de alguma atividade semelhante?



Nunca	16	44.4%
Raramente	8	22.2%
Mais ou menos	5	13.9%
Frequentemente	5	13.9%
Muito frequentemente	2	5.6%

(continua)

Comente: quais foram os pontos positivos na realização desta WEBQUEST.

- 1 Trabalho em grupo
- 2 Principalmente a questão do trabalho em grupo. No qual todas as integrantes contribuíram com suas idéias e colaboraram com o trabalho.
- 2 foi muito satisfatório pois era algo que desconhecia achei super interessante e o assunto do mesmo ajudou bastante para a compreensão de tudo que aprendemos.
- 3 Trabalho em grupo. Um ajudando o outro, o que tornou o trabalho mais fácil.
- 4 os pontos positivos foram basicamente a descoberta de um novo caminho para se ensinar de forma diferenciada, haja vista que o *Podcast* também pode ser utilizada como um recurso dentro de sala de aula para diferenciar algum conteúdo e envolver toda a sala em sua realização. é também uma forma de incentivo à pesquisa.
- 5 trabalho em grupo e realização das atividades em parceria
- 6 Esclarecimento de dúvidas e contribuições para a minha formação docente.
- 7 Os conhecimentos dessa atividade foram muito importantes para meu aprendizado, como aluna e também como futura professora.
- 8 Acredito que como ponto positivo tivemos o envolvimento do grupo e conseguimos elaborar estratégias para a construção de uma atividade diferenciada.
- 9 conhecimentos adquiridos com essa atividade
- 10 Conhecimentos adquiridos
- 11 Os pontos positivos foram que podemos conhecer uma nova forma de aprendizagem, dinâmica de fácil entendimento.
- 12 facilidade de acesso
- 13 Clareza da proposta e trabalho em grupo.
- 14 Os pontos positivos foram as novas possibilidades de trabalhar um conteúdo de forma diferenciada, assim favorecendo a aprendizagem.
- 15 Além de ser mais uma ferramenta que auxiliou na aquisição de novas aprendizagens, ainda proporcionou uma maior interação com pessoas diferentes, já que ocorreu a união em grupos, em que cada um pode aprender um pouco mais com o outro e adquirir novas experiências.
- 16 Aprendi coisas novas
- 17 Por meio da Webquest pude perceber as diferentes formas de apresentar um determinado

conteúdo, além de ter uma maior compreensão do assunto estudado.

18 Um ponto positivo importante foi aprender a trabalhar com a Webquest, como organizar e usar este recurso.

19 Proporcionou uma pesquisa e conhecimento maior para se falar do tema proposto

20 Uma forma de aprendizagem, bem interessante e gostosa de se aprender.

21 Atividade diferenciada, investigativa, satisfatória, conhecimentos sobre a DUA

22 A tecnologia esta a favor de nós comunidade, essa proposta de atividade é interessante.

23 Nos permitiu de uma forma dinâmica ter mais interesse pelo assunto, pois por meio da atividade tivemos oportunidade de nos aprofundar tornando o conteúdo significativo para nós.

24 Foi o aprendizado de um novo recurso.

25 Novos conhecimentos adquiridos.

26 Compreensão

Comente: quais foram as dificuldades/implicações para realização desta WEBQUEST.

1 Distância física entre os componentes do grupo

2 Os vídeos estavam em inglês.

3 não houve

4 a única dificuldade que tivemos foi os barulhos.

5 Não houve dificuldade. A professora deixou claro o que era pra ser feito e como fazer.

6 a minha dificuldade foi com relação a conversa com meu grupo no decorrer da realização da atividade, pois sou de outra cidade e não possuo computador e nem acesso a internet.

7 dificuldade em contato físico com os outros integrantes do grupo

8 Barulho no ambiente para realizar a gravação.

9 As dificuldades foram a falta de conhecimento sobre a atividade. Pois nunca havia visto ou feito algo parecido.

10 Foi uma tarefa que precisou de criatividade e de boa oratória dos envolvidos o que dificultou, pois ficamos tímidas diante da câmera.

11 A Falta de conhecimento, pois nunca haveria feito.

12 Falta de conhecimento da pagina

13 Não houve dificuldades.

14 A maior dificuldade na realização desta atividade, foi a falta de tempo.

15 O que atrapalhou um pouco foi a falta de tempo, contudo o grupo adaptou - se de maneira que todos conseguiram participar e realizar a atividade proposta.

16 falta de acesso a internet para postar a atividade

17 Não houve nenhuma dificuldade

18 Não houve dificuldade quanto à montagem e organização, pois cada membro do grupo cumprir com sua parte, porem houve um pouco de dificuldade na gravação do áudio.

19 Dificuldades no sentido de organizar um roteiro que se conecte com o conteúdo proposto

20 A falta de conhecimento o assunto, mas agora já está bem mais claro.

21 Nenhuma

22 Um pouco de falta de leitura quanto a uso da tecnologia

- 23 Não senti dificuldade para realização da mesma
- 24 A dificuldade foi que todas são muito tímidas.
- 25 Desconhecimento da WEBCAST.
- 26 A organização do conteúdo

No sexto encontro, foi elaborado um plano de aula com atividades subsidiadas pelos Princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA), no nível da Educação Básica, na etapa da Educação Infantil ou anos iniciais do Ensino Fundamental. Foram organizados oito grupos para que, de forma colaborativa, produzissem coletivamente o plano. O conteúdo foi escolhido entre os da Base Nacional Comum: língua portuguesa, matemática, história, geografia, ciências e arte. Essas são as disciplinas em que os participantes do curso desenvolverão sua intervenção pedagógica no estágio supervisionado, durante a formação inicial em Pedagogia. Também é possível que já tenham ministrado ou estejam ministrando esses conteúdos em sua prática pedagógica.

Durante a semana, os grupos, de maneira não presencial, pesquisaram o conteúdo, selecionaram materiais e recursos a serem utilizados e elaboraram seu plano de aula composto das seguintes partes: etapa, turma, disciplina, conteúdo, objetivo geral (opcional), objetivo(s) específico(s), encaminhamento metodológico (de forma detalhada para evidenciarmos os princípios do Desenho Universal), recursos, avaliação, referências, apêndices e anexos (se necessário).

No encontro final, cada grupo apresentou sua proposta e apreciou as dos companheiros, problematizando o uso do Desenho Universal: o conteúdo é apresentado de várias formas? O aluno pode agir e se expressar de várias formas? Como você desperta o interesse e motivação para a realização das atividades e participação na aula? (Ver os planos de aula nos Apêndices de S a Z). Ao fim das apresentações, os participantes também avaliaram essa ação didática como estratégia formativa por meio de um questionário *on-line* e por meio de uma ficha de avaliação para atividades.

Tendo em vista os pressupostos e as indicações legais para a promoção da inclusão escolar, neste curso, o objetivo foi cumprido com sucesso: apresentar uma proposta didática direcionada, principalmente, para os acadêmicos do curso de Pedagogia que atuarão ou já atuam como professores/pedagogos na Educação Básica. Desse modo, oferecemos uma oportunidade de formação docente para

inclusão no que tange ao planejamento das atividades de ensino subsidiado pelos princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem.

No curso, apresentamos as contribuições do DUA, com base na problematização da prática docente, no que se refere à inclusão educacional, no ensino regular, no momento do planejamento de atividades pedagógicas inclusivas. Sendo assim, utilizamos e descrevemos estratégias metodológicas que envolveram os futuros docentes na elaboração de situações de aprendizagens significativas para os alunos.

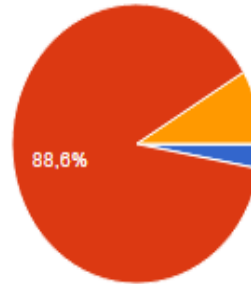
Após o entendimento dos princípios do DUA e da educação inclusiva, as participantes, em grupos, elaboraram um plano de aula subsidiado por esses pressupostos. Ao todo, oito planos de aula foram elaborados e apresentados no último encontro, revelando o emprego do Desenho Universal no momento do ato de planejar e a apropriação da proposta do curso de extensão.

Diante de tais considerações, avaliamos que os objetivos estabelecidos no curso de extensão enunciado no produto educacional (Unidade Didática) foram atingidos e contribuíram para a formação, também nos termos da inclusão educacional, das professoras/participantes. Essa afirmação baseia-se nas 36 respostas obtidas no questionário final para avaliação do curso de extensão. O questionário foi elaborado utilizando o aplicativo do *Google Forms*® e a seguir indicamos o resumo das respostas objetivas em gráficos e das dissertativas em forma de texto.

Resumo: 35 respostas

Resumo

1 Quais são os três princípios do DUA?



proporcionar conhecimentos aos professores, proporcionar recursos aos alunos e facilitar o processo de ensino e de aprendizagem	1	2.9%
possibilitar múltiplas formas de apresentação do conteúdo, de ação e expressão do conteúdo pelo aluno e proporcionar vários modos de aprendizagem e desenvolvimento organizados pelo professor para os alunos promovendo a participação, interesse e engajamento na realização das atividades pedagógicas	31	88.6%
proporcionar a inclusão, propiciar vários tipos de atividades e usar vários recursos	3	8.6%
Outros	0	0%

2 Diante do movimento de inclusão educacional, você acredita que o curso de extensão contribuiu para seu planejamento docente pensando que um maior número de alunos possa aprender? Justifique.

Resposta 1: sim, contribui muito para o aperfeiçoamento do meu planejamento visto que trouxe um novo olhar sobre a sala de aula e sobre como planejar uma aula visando a aprendizagem de todos, me fez refletir sobre aspectos que nunca havia pensado antes.

Resposta 2: Sim, pois pude evidenciar que os princípios do DUA deve estar presente em todos as minha aulas, assim valoriza a minha prática docente, e penso que agora sim aprendi o que é incluir, é possibilitar todos os modos de aprendizagem

Resposta 3: Sim, contribui pois com esses novos conhecimentos que adquiri durante o curso, pude perceber que o planejamento algumas vezes, é vago, não tendo esse olhar inclusivo.

Resposta 4: antecessor e sucessor

Resposta 5: sim, pois, desta maneira pude montar um planejamento que abrangesse todos as crianças com NEE ou não.

Resposta 6: sim, incluindo os alunos em prática onde todos possam aprender e conhecer o conteúdo

Resposta 7: sim acredito que contribuiu, pois me ajudou a ter um olhar mais amplo para as necessidades dos alunos.

Resposta 8: sim. com o DUA, é possível alcançar atingir os diversos objetivos

Resposta 9: SIM, POIS A PARTIR DOS PRINCÍPIOS DA DUA NÓS VISUALIZAMOS MUITAS

OUTRAS POSSIBILIDADES PARA A APRENDIZAGEM

Resposta 10: Sim, devido aos vários recursos que formam possibilitados ao nosso acesso com a professora.

Resposta 11: Sim. O curso de extensão proporcionou várias formas de ensinar o aluno com algum tipo de deficiência através de suas limitações, aprendendo da mesma forma que os demais, promovendo o interesse e a participação dos mesmos no processo educativo.

Resposta 12: Sim, pois foi no decorrer do curso que aprendemos algumas formas de chamar a atenção do aluno, além de colocar a nossa criatividade em prática no momento da atividade em grupo

Resposta 12: sim, contribuiu pois, com o curso nós aprendemos a ter uma visão no todo da sala buscando alcançar todos os alunos tanto os que são especiais quanto os ditos normais.

Resposta 13: sim contribuiu pois agora tive um olhar mais amplo.

Resposta 14: Foi de grande contribuição o curso para minha formação acadêmica e profissional, pois ampliou meu olhar para a Inclusão.

Resposta 15: Sim. O curso nos deu o embasamento de como poderíamos incluir todos os alunos nas atividades a serem propostas a eles. Como poderíamos trabalhar certos conteúdos, como seria o plano de aula inclusivo, entre outros conhecimentos que levaremos para nosso cotidiano.

Resposta 16: Com certeza. O curso nos possibilitou refletir e compreender a importância que pequenos detalhes possuem no processo de ensino aprendizagem, tais detalhes podem nos parecer pequenos e passar despercebidos, no entanto são muito significativos quando as necessidades de aprendizagem de cada aluno.

sim porque ele foi bem amplo e dinâmico e teve várias opções pra que pudemos aprender.

Resposta 17: Contribuiu de forma que nossos planejamentos tenha um olhar diferenciado incluindo a todos no processo visando aprendizagem de ambas as crianças. Vimos que à necessidade de planejamento com abrangência a todos sem exclusão, dando oportunidades de um sentir a dificuldade do outro e aprender junto.

Resposta 18: Sim, pois através do curso aprendi várias metodologias para ensinar e aprender de forma que atenda a necessidade de todos respeitando a capacidade de cada um.

Resposta 19: Sim pois agora podemos pensar em vários modos de apresentar conteúdos aos alunos

Resposta 20: Sim, porque depois de conhecer o DUA temos um visão abrangente das formas de se planejar uma aula.

Resposta 21: Sim pois me mostrou várias formas e maneiras de atividades que todas as crianças possam aprender ao mesmo tempo e com a mesma qualidade

Resposta 22: sim!

Resposta 23: Sim

Resposta 24: Sim, pois aprendemos a utilizar diversos recursos, que até então não sabia da existência deles.

Resposta 25: sim. O curso foi de extrema importância, pois aprendi que o professor deve fazer uso de inúmeros recursos e estratégias didáticas para que todos os alunos se apropriem do conhecimento proposto.

Resposta 26: Sim, possibilitou novas aprendizagens e uma visão mais ampla sobre inclusão.

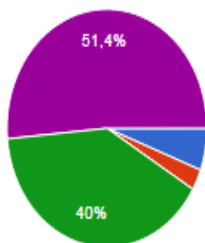
Resposta 27: sim, pois ainda não havia parado para refletir se eu tivesse alunos com necessidades especiais e esse curso clareou minha mente.

3 Em sua avaliação, o curso de extensão utilizou de forma adequada os princípios do DUA na apresentação do conteúdo, nas atividades, promoveu a participação e interesse dos participantes



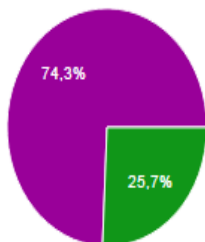
Sim, foram utilizados de forma adequada.	35	100%
Não foram utilizados de forma adequada.	0	0%
Parcialmente.	0	0%

4 Diante a realização do CURSO DE EXTENSÃO, como você avalia sua percepção e empenho na realização?



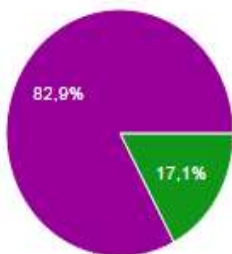
Muito insatisfeito	2	5.7%
Insatisfeito	1	2.9%
Indiferente	0	0%
Satisfeito	14	40%
Muito satisfeito	18	51.4%

5 Quanto ao uso de ferramentas didáticas utilizadas nesse conteúdo e nas atividades.



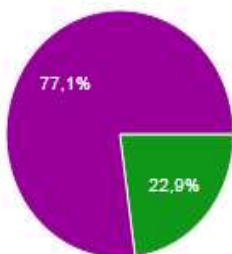
Muito inapropriados	0	0%
Inapropriados	0	0%
Mais ou menos	0	0%
Apropriados	9	25.7%
Muito apropriados	26	74.3%

6 Quanto à clareza da proposta do curso de extensão:



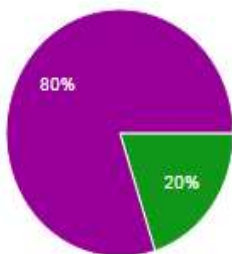
Não eram nada claras	0	0%
Não eram muito claras	0	0%
Mais ou menos	0	0%
Informações claras	6	17.1%
Informações muito claras	29	82.9%

7 Quanto à estrutura e organização do CURSO DE EXTENSÃO (carga horária, conteúdo e atividades)



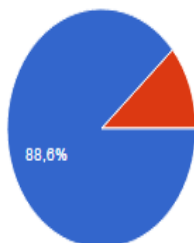
Muito insatisfatória	0	0%
Insatisfatória	0	0%
Indiferente	0	0%
Satisfatória	8	22.9%
Muito satisfatória	27	77.1%

8 Até que ponto você ficou satisfeito com essa participação?



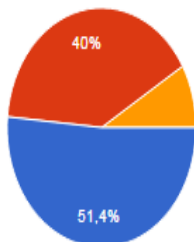
Muito insatisfeito	0	0%
Insatisfeito	0	0%
Indiferente	0	0%
Satisfeito	7	20%
Muito satisfeito	28	80%

9 Como você avalia sua compreensão do conteúdo apresentado?



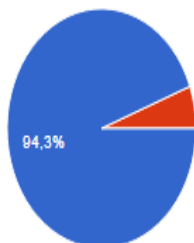
Apreendi o conteúdo e não ficaram dúvidas.	31	88.6%
Apreendi o conteúdo mas ficaram dúvidas.	4	11.4%
Apreendi o conteúdo parcialmente.	0	0%
Ainda não compreendi o que o DUA tem a ver com a inclusão educacional.	0	0%

10 Como foi sua integração com os demais participantes, dedicação na realização das atividades propostas, bem como frequência e pontualidade nos encontros?



Ótimo	18	51.4%
Muito bom	14	40%
Bom	3	8.6%
Ruim	0	0%

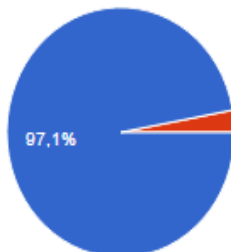
11 Quanto ao domínio e clareza nas explicações do assunto pela professora do curso:



Excelente. Expressou com segurança o domínio do assunto.	33	94.3%
Ótimo, demonstrou domínio do assunto.	2	5.7%
Bom, em alguns momentos demonstrou insegurança diante o conteúdo do curso	0	0%
Parcialmente, não houve domínio em alguns momento do curso e, assim demonstrando insegurança diante o assunto.	0	0%
Ruim, não houve domínio, nem segurança ao apresentar o assunto do curso.	0	0%

12 Quanto a pontualidade da professora:

Ótimo	35	100%
Muito bom	0	0%
Bom	0	0%
Ruim	0	0%

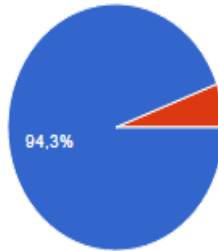
13 Quanto a capacidade de incentivar a troca de experiências e conhecimentos da professora:

Ótimo	34	97.1%
Muito bom	1	2.9%
Bom	0	0%
Ruim	0	0%

14 Quanto ao atendimento e esclarecimentos de dúvidas individuais da professora:

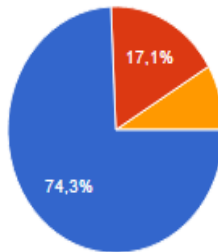
Ótimo	35	100%
Muito bom	0	0%
Bom	0	0%
Ruim	0	0%

15 Quanto ao planejamento das atividades pedagógicas desenvolvidas no curso (conteúdo, objetivo, recursos e metodologia):



Ótimo	33	94.3%
Muito bom	2	5.7%
Bom	0	0%
Ruim	0	0%

16 Carga horária disponível para os encontros



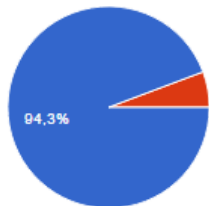
Ótimo	26	74.3%
Muito bom	6	17.1%
Bom	3	8.6%
Ruim	0	0%
Outros	0	0%

17 Há aplicabilidade do conteúdo em sua prática pedagógica como professor ou futuro professor?



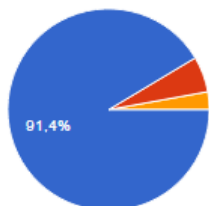
Sim, é possível aplicar a proposta do curso em minha prática pedagógica como docente.	35	100%
Sim, parcialmente possível.	0	0%
Muito dificilmente utilizarei o conteúdo do curso em minha prática pedagógica.	0	0%
Não é possível utilizar o conteúdo do curso em minha prática pedagógica.	0	0%
Outros	0	0%

18 Nível de satisfação do conteúdo às suas necessidades profissionais, interesses e expectativas



Satisfação	Quantidade	Porcentagem
Ótimo	33	94.3%
Muito bom	2	5.7%
Bom	0	0%
Ruim	0	0%
Outros	0	0%

19 Organização geral do curso, condições gerais do local, qualidade dos equipamentos utilizados, eficiência no atendimento pessoal e de apoio, presteza no atendimento ao participante



Satisfação	Quantidade	Porcentagem
Ótimo	32	91.4%
Muito bom	2	5.7%
Bom	1	2.9%
Ruim	0	0%
Outros	0	0%

20 Aponte os pontos positivos do curso de extensão para sua formação inicial para inclusão.

Resposta 1: Avaliação da prática pedagógica

Resposta 2: Ponto positivo, é que ele mostra que é preciso, e possível o professor utilizar recursos variados para proporcionar o aprendizado ao aluno.

Resposta 3: Novas metodologias de aprendizagem

Resposta 4: os pontos positivos foi basicamente a descoberta de um novo caminho para se ensinar de forma diferenciada, haja vista que o *Podcast* também pode ser utilizada como um recurso dentro de sala de aula para diferenciar algum conteúdo e envolver toda a sala em sua realização. é também uma forma de incentivo à pesquisa.

Resposta 5: saber o que é Desenho Universal para a aprendizagem, diferenciar integração de inclusão, que a pessoa não porta, mas sim tem uma deficiência, e o principal ter consciência de que o planejamento deve ser feito com o intuito de que todos se apropriem do conhecimento científico e para isso as metodologias devem ser diversificadas de modo que o aluno se interesse a aprender e consiga aprender de acordo com sua deficiência ou sua dificuldade ou facilidade em aprender. E também que cada um de nós independente de ser ou não deficiente, aprendemos cada um a sua maneira, uns pela visão outros pela audição e ou pela manipulação do concreto.

Resposta 6: Irei promover aulas muito mais interessantes, e com muito mais detalhes e isso vai enriquecer minha aula.

Resposta 7: O curso nos preparou para quando houver uma situação em sala de aula, onde podemos aplicar a nossa prática de inclusão.

Resposta 8: Os conteúdos apresentados certamente irão contribuir para a minha experiência profissional e educacional

Resposta 9: O CURSO NOS PREPAROU PARA UMA AÇÃO DOCENTE QUE PROPORCIONE UMA APRENDIZAGEM EFETIVA A TODOS OS ALUNOS

Resposta 10: Conhecimento de uma visão diferenciada das geralmente conhecidas, da maneira de integração e inclusão dos alunos sendo eles especiais ou não.

Resposta 11: acredito que o curso nos trouxe aprendizagens muito relevantes sobre o processo de inclusão e proporcionou um olhar diferenciado sobre a da inclusão na sala de aula sendo que nos mostrou possibilidades de trabalhar que eu desconhecia e acredito agora ser eficaz.

Resposta 12: Construção de novos conhecimentos, dos quais até então eram totalmente desconhecidos.

Resposta 13: Possibilidade de apresentar o conteúdo para os alunos com necessidades especiais

Resposta 14: os pontos positivos do curso acredito que foi basicamente ele ter ampliado nossa visão como futuros professores de que realmente é possível planejar para a inclusão e que não é algo inalcançável como muitos pensam ser,

Resposta 15: O curso me preparou para quando houver uma situação em sala de aula, onde podemos aplicar a nossa prática incluindo todos os alunos

Resposta 16: Proporcionou novas possibilidades ao trabalho docente.

Resposta 17: Este curso teve todos os pontos positivos, ele nos proporcionou conhecimentos que poderemos usar em nossa prática docente, nos trouxe vários aprendizados de coisas que muitas vezes nem havia escutado. A professora foi ótima, soube mesclar a aula pra que não ficasse cansativa, e nos deu a oportunidade de interação.

Resposta 18: O curso me possibilitou conhecimentos que enriqueceram minha formação inicial. Tais conhecimentos muitas vezes não são abordados de forma tão clara nos cursos iniciais de formação docente. Neste sentido, o curso veio agregar tanto em minha vida profissional quanto pessoal, pois terei um olhar mais atento sobre as necessidades, as especificidades daqueles que estão a minha volta.

Muito dinâmico e interessante

Resposta 19: Pontos positivos que tivemos a oportunidades de elaborações de aulas que ajudaram nos a lidar com a inclusão nas salas de aulas, vendo conforme a necessidades de cada aluno.

Resposta 20: Aprendizagem é conhecimento significativo.

Resposta 21: Saber pedagógico, diferentes formas de pensar em plano de aula

Resposta 22: integração e um novo olhar para a inclusão.

Resposta 23: Me mostrou que todas as crianças podem aprender da mesma maneira eu tinha um tabu com crianças com alguma síndrome mais apos esse curso vi que há várias maneiras e formas recursos para inclusão dessas crianças em uma escola normal

Resposta 24: Planejamento das atividades e dos conteúdos propostos, ferramentas didáticas e estruturas excelentes, organização e comprometimento com os conteúdos e a clareza nas explicações, com certeza farão a diferença para e minha formação inicial para meu trabalho com a inclusão.

Resposta 25: O curso foi exemplar, aprendi muito e gostaria que mais pessoas tivessem acesso a esse conhecimento tão rico e importante em sala de aula

Resposta 26: Além de novas aprendizagens, as quais poderão ser colocadas em prática na atuação docente, houve grande troca de experiências devido a socialização com diversas pessoas durante o curso, o que possibilitou a conquista de uma visão ainda mais ampla sobre situações, muitas vezes simples, que ocorrem nossa volta, mas que passavam despercebidas.

Resposta 27: clareou minhas ideias.

21 Aponte contribuições para que possamos reavaliar a organização e execução deste curso de extensão.

Resposta 1: Avançar esse curso para uma pós graduação.

Resposta 2: Mesmo sendo de outra cidade, o curso possibilita a várias maneira de entender o conteúdo do curso, por meio de estudo de caso, vídeo, trabalho em grupo, roda conversa. Isso facilita em muito a compreensão do objetivo do curso, não deixando margem para interpretações equivocadas.

Resposta 3: penso que o curso deveria se estender a uma pós graduação

Resposta 4: eu não tenho contribuições para oferecer pois acredito que o curso teve um bom andamento da maneira que foi encaminhado.

Resposta 5: A organização e execução do curso em minha opinião, aconteceu da melhor maneira, com clareza e formação total de novos saberes.

Resposta 6: Os dois pontos, ao meu ver foram muito bem estruturado acredito que não há o que reavaliar.

Resposta 7: acredito que não tenho o que reavaliar mais poderia ter outros para quem ainda não teve a oportunidade de participar.

Resposta 8: Mostrou várias maneiras de trabalhar com cada aluno.

Resposta 9: Abranger outras licenciaturas, como também outros cursos.

no meu ponto de vista era perfeito só deveria ter mais encontros ser um curso mais extenso

Resposta 10: Este curso deve ser oferecido aos professores que já estão atuando nas escolas e não possuem o devido conhecimento, de como alcançar o objetivo de ensinar aos alunos com algum tipo de necessidade especial.

Resposta 11: O curso foi muito bem organizado e planejado, todos tiveram a oportunidade de se envolver e aprender, por meio das diversas maneiras de explicação e exposição das atividades e recursos.

Resposta 12: carga horaria maior para fazer as atividades com mais cautela e serem pensadas melhor até mesmo na questão de organização

22 Algo mais que queira acrescentar que não foi abordado nas demais questões?

Resposta 1: Não.

Resposta 2: não

Resposta 3: Parabenizar a professora e equipe do curso e demonstrar o interesse em outros assuntos sobre o DUA

Resposta 4: por mais que eu seja fora de Cornélio, foi possível realizar todas as atividades, devido aos vários recursos que foram possibilitados pela professora. O que garantiu o sucesso e satisfação minha e dos demais alunos.

Resposta 5: Gostaria de ressaltar o comprometimento da professora Jacqueline que estava sempre pronta a nos ajudar e sanar nossas dúvidas, ficou evidente sua preparação para o curso e preocupação com a aprendizagem de todas as alunas.

Resposta 6: Nenhuma questão

Resposta 7: Nenhuma questão para acrescentar

Resposta 8: Minhas dúvidas foram todas abordadas ao decorrer do curso. Muito engrandecedor!

Resposta 9: A dificuldade mais presente, foi a falta de tempo, pois seria muito bom explorar melhor os materiais

Resposta 10: nada a acrescentar

o curso foi muito bom amei..

Resposta 11: Estava tudo excelente!

Resposta 12: A professora foi simplesmente fantástica nos dando incentivo e oportunidade de nos humanizar primeiro isso foi gratificante.

Resposta 13: Tudo foi muito gratificante, obrigado pela oportunidade.

Resposta 14: Não há mais questões foi tudo muito bom principalmente o carinho e atenção da professora

Resposta 15: Parabenizar a professora que organizou e palestrou de forma muito eficiente este curso.

Roteiro de gravação do *Podcast* – Grupo 1 (G6, G21, G23, G25, G28, G39, G44)

Boa noite a todos, como já estamos antenados, a inclusão é um direito de todos, assegurado por lei e, também um direito humano, que nos torna cidadãos. Nosso *Podcast* de hoje é sobre o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA).

Primeiramente, vamos lembrar que na inclusão o docente ao elaborar um plano de aula, deverá em sua prática pedagógica, pensar de que forma assegurará a aprendizagem de todos os alunos, atendendo suas especificidades e limitações.

Assim, o professor ao elaborar seu plano docente deve contemplar quatro elementos essenciais: objetivo, recursos, metodologia e avaliação. O planejamento serve para que o professor possa prever e rever sua prática pedagógica e, por isso, a avaliação é primordial, tanto no ensino quanto na aprendizagem do aluno. Como será a investigação e o embasamento teórico na preparação dos planos de aula. O que vou ensinar? O que quero que o aluno aprenda? Quais recursos posso proporcionar para que a aprendizagem ocorra? Desta forma, a sala de aula será o espaço no qual o professor colocará em prática o que planeja e espera dos alunos e do seu trabalho na mesma.

Agora, como o Desenho Universal para a aprendizagem pode contribuir para o planejamento docente para a inclusão? Os princípios do DUA propõe que o professor: apresente a informação e conteúdo de diferentes formas; diferencie em várias situações o que os estudantes conseguem expressar o que sabem e, estimule o interesse e a motivação para a aprendizagem.

Outrossim, seguindo esses três princípios no planejamento o professor deve proporcionar múltiplos meios de apresentação do conteúdo para que os alunos possam ter vários tipos de acesso no que será ensinado, como explorar suas características, vocabulário, que ative os conhecimentos científicos. Ao saber ouvir os alunos, para deixarem que se expressem, como amplos meios de participação e, tenha sempre em mente seu objetivo de aprendizagem.

Percebemos que empregar o DUA no planejamento docente estaremos levando em conta a diversidade de alunos em sala de aula, bem como nos ajuda a identificar as necessidades de aprendizagem e tomar decisões para aprimorar o processo de ensino e de aprendizagem.

Verificamos que, em um vídeo sobre o ensino de ciências, as ações da professora em sala de aula estão condizentes com os princípios do DUA. A professora envolve outras disciplinas, mas não desvincula o objetivo da aula. Ao ministrar as disciplinas em conjunto com a disciplina de matemática trabalha com materiais de apoio, como a calculadora, para efetuarem os cálculos. O importante que identificamos não é como obter o resultado e sim saber o raciocínio para obter o tal.

Para finalizar nosso *Podcast*, destacamos que o DUA é importante para o planejamento do professor para a inclusão. Ao incluir o professor levará em conta para sua prática em sala de aula de forma enriquecida com múltiplos modos de aprendizagem, ação e expressão e também prever como incentivar o interesse dos alunos na realização das atividades. Acreditamos que incluir não é apenas estar em sala, mas sim também aprender e transformar nossa prática pedagógica de forma adequada para que um maior número de alunos aprenda.

Roteiro de gravação do Podcast – Grupo 2 (G2, G3, G16, G26, G41, G42)

Apresentação:

Olá, vamos estudar um pouco sobre o DUA. Bom, você deve estar se perguntando o que significa essa sigla, não é? Pois bem, DUA é a abreviação de Desenho Universal para a Aprendizagem. Ele é inspirado, no conceito de Desenho Universal que voltado para arquitetura dos espaços, objetos e recursos preocupava-se em como todas as pessoas teriam acesso a ele. E quando se fala em todas as pessoas se faz necessário considerar as particularidades de cada uma delas. Neste sentido, como o DUA pode contribuir para o desenvolvimento de práticas educativas inclusivas?

Desenvolvimento:

Primeiramente, se faz necessário um bom planejamento, pois este influencia diretamente na prática docente, visto que por meio dele o educador pode fazer a previsão dos conteúdos que serão dados, as atividades que serão desenvolvidas, os objetivos que pretende alcançar, bem como as formas de avaliação. Mas para que o planejamento contribua de tal forma, é fundamental seguir as quatro etapas principais para seu desenvolvimento, como: o conteúdo, os objetivos, materiais/recursos e, por fim, a avaliação.

E agora como o DUA pode contribuir nesse processo?

Ele torna o planejamento docente mais enriquecedor, visto que estabelece 3 princípios que o ajudam o professor a pensar uma aula de modo que atenda às necessidades de aprendizagem de um maior número de alunos. Esses princípios consistem em perguntas que o professor deve se fazer ao elaborar sua aula:

Primeira pergunta: o conteúdo é apresentado de várias formas?

Segunda pergunta: o aluno pode agir e se expressar de várias formas?

Terceira pergunta: como você desperta o interesse e motivação para a realização das atividades e participação na aula?

Realizando tais questionamentos o professor minimiza e elimina as barreiras de aprendizagem, pois desenvolve um planejamento o qual atenda a diversidade de seus alunos, buscando proporcionar-lhes modos múltiplos de aprendizagem, por meio de múltiplos meios de representação; de ação e expressão e múltiplos meios de envolvimento, tornando o conteúdo atraente e significativo.

Conclusão:

Bom, agora que aprendemos um pouco sobre o DUA e sua contribuição para o planejamento docente, podemos dizer que uma escola inclusiva só existe quando se busca satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem. E, como podemos organizar o ensino de modo que um maior número de alunos aprenda? É nesse sentido que os Princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem pode contribuir. Usando os princípios do DUA buscamos atender às necessidades de todos que a freqüentam a sala de aula, dando eles acesso à aprendizagem, oferece igualdade de oportunidade, acolhe e reflete a diversidade por meio de práticas educativas eficazes que garantam a aprendizagem de todos. Isso tudo torna o processo de ensino e aprendizagem mais humanizado.

Espero que vocês tenham gostado desse *PODCAST*, vamos buscar planejar nossas aulas com base nos princípios do DUA?

Contamos com você nesse desafio. (Essa frase todos leem juntos)

Roteiro de gravação do Podcast – Grupo 3 (G8, G22, G24, G27, G40)

Bom dia pessoal 😊, hoje nós começaremos o sábado com um assunto bem interessante: a importância do Desenho Universal para a Aprendizagem e o planejamento docente para a inclusão.

Para isso vamos falar um pouquinho sobre o **plano de aula**, pois para que ocorra a inclusão, o professor ao planejar sua aula deve ter o olhar voltado para cada aluno, para a necessidade de cada um de seus alunos.

O plano de aula possui quatro etapas que são as principais: **conteúdo**, **objetivo**, **materiais/ recursos**; **avaliação** por meio de uma metodologia que ele considere adequada em sua prática pedagógica.



O planejamento de ensino é uma ferramenta muito importante para o professor. Por meio dele, o educador pode fazer a previsão dos conteúdos que serão dados, as atividades que serão desenvolvidas, os objetivos que pretende alcançar e as formas de avaliação. Planejar é estudar, organizar, coordenar ações a serem tomadas para a realização de uma atividade visando solucionar um problema ou alcançar um objetivo.

Agora como o Desenho Universal para a Aprendizagem pode nos ajudar a planejar para a inclusão educacional?

Primeiramente, é importante entender que partimos das contribuições da neurociência, esta diz que temos três grandes redes de aprendizagem. A primeira diz respeito ao reconhecimento que processa **o que** vamos aprender?; a segunda está relacionado com competências e estratégias, ao modo da aprendizagem, **como** aprendemos?; e outra para definir as prioridades da aprendizagem, se referindo ao: **por que** da aprendizagem?.

Diante de tais questionamentos, o Desenho Universal para a Aprendizagem (**DUA**) elenca princípios orientadores para o planejamento docente que possam atender as necessidades de aprendizagem de um maior número de alunos. Estes princípios são:

1. proporcionar múltiplos meios de representação: para que tal princípio seja atingido, o professor deve levar em consideração as dificuldades e facilidades de seus alunos traçando caminhos alternativos para a aprendizagem. Por isso, ao colocar em prática alguma atividade deve oferecer várias formas de apresentação do conteúdo com alternativas à informação auditiva e visual, oferecer opções para a compreensão e uso de linguagem, além de expressões matemáticas e símbolos.

2. proporcionar modos múltiplos de ação e expressão: este princípio se tornará efetivo quando o docente: proporcionar opções para a atividade física diversificando métodos das respostas dos alunos e o percurso para se chegar até ela, oferecer opções para a expressão e a comunicação e oferecer opções para as funções executivas estabelecendo métodos e estratégias para chegar a determinada meta.

3. proporcionar modos múltiplos de autoenvolvimento: tal princípio será alcançado quando o educador incentivar o interesse, desenvolver a autoavaliação e

a reflexão, elevar a relevância das



metas e objetivos e otimizar a escolha individual e a autonomia.

Assistimos um vídeo que mostra uma professora empregando estes princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem em uma aula de Ciências. Percebemos que na classe apresentada, houve a aplicação dos princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem de maneira adequada. A professora primeiramente explicou no quadro um modelo de atividade sobre açúcar, com a ajuda de alguns alunos. Falou dos instrumentos (como calculadora) que facilitam o processo de resolução do problema. Também relacionou o problema com a vida dos alunos, de modo que tivessem uma razão para se envolverem e se interessarem pela aprendizagem,

assim, eles puderam participar do processo de busca de conhecimento utilizando seus próprios dados e estipulando objetivos a serem atingidos. Assim, analisamos que a professora utilizou de várias formas de apresentação de conteúdo, atingindo o princípio proporcionar múltiplos meios de representação. Além disso, a docente apresentou caminhos diferenciados que os alunos pudessem percorrer para atingir as metas.

Neste caso, percebemos que os princípios ajudaram a professora visualizar as necessidades de cada um de seus alunos, planejando múltiplos modos de ação e expressão e oferecendo outras possibilidades de resolução dos problemas para seus alunos. Para isso, utilizou de atividades de completar o quadro, de experimentos, entre outros.

Também ressaltamos que a docente promoveu formas de autoenvolvimento e engajamento no momento em que possibilitou o envolvimento das crianças para comprovar os dados por eles obtidos construindo a autonomia.



Diante de tudo o que vimos hoje, consideramos que o Desenho Universal

para a Aprendizagem possui grande relevância quando se fala em **inclusão**. Quando o planejamento docente é pensado dentro dessa perspectiva, o professor tem grandes chances de oferecer uma educação de qualidade para todos os alunos, pois ele não estará pensando na sala como um todo, mas sim analisando que cada aluno tem sua especificidade e um modo de aprender diferenciado do outro, necessitando de estratégias específicas que poderão auxiliar na

aprendizagem de todos.

Esperamos que tenha gostado de nosso *Podcast*, agora convidamos você professor: vamos planejar uma aula empregando os princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem? Precisamos de você para que a inclusão não seja apenas um discurso, mas sim uma prática.

Roteiro de gravação do *Podcast* – Grupo 4 (G13, G14, G15)

GRAVAÇÃO 1 2 e 3 todas juntas

Bom dia, nosso *Podcast* irá abordar agora sobre do que se trata o Desenho Universal para a Aprendizagem e o Planejamento Inclusivo. Os dois devem garantir diversas formas de ensino e acesso a este, para o maior número possível de indivíduos. Por isso, vamos falar sobre o plano de aula, os princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem e de que forma os dois contribuem para uma educação inclusiva. Vamos lá?

Primeiro: você sabe quais as quatro etapas principais do plano de aula? As

etapas principais do plano de aula são: objetivo, recursos, metodologia e avaliação.

Mas para que serve o planejamento docente? O planejamento serve para nortear a ação pedagógica, porque é por meio do mesmo que o professor traça as estratégias para aguçar o interesse do aluno a aprender, bem como avaliar o que aluno aprendeu de acordo com os objetivos propostos.

Mas o que os princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem têm a ver com tudo isso?

Os princípios do desenho universal para a aprendizagem nos permitem partir de três questões básicas para o planejamento. No seu plano, o conteúdo está sendo apresentado de diferentes formas? Na realização das atividades são possibilitadas aos alunos diferentes formas de expressar aquilo que sabem? O seu plano prevê que sua ação pedagógica vai estimular e despertar o interesse, motivação para a aprendizagem dos alunos?

Dessa forma, agora vamos apresentar para vocês quais são os três princípios orientadores do Desenho Universal para a Aprendizagem e as ações pertinentes a cada um deles.

Primeiro, o professor deve prever em seu plano de aula a apresentação do conteúdo de diferentes formas, de modo que o aluno possa recebê-lo pela fala, audição, visão e experiência concreta. Em segundo lugar, proporcionar ao aluno, vários meios para que ele consiga expressar o que aprendeu, seja pela atividade física, expressão e comunicação ou funções executivas. E, em terceiro lugar proporcionar modos múltiplos de auto envolvimento, por meio, da estimulação do interesse e da motivação para aprendizagem, levando-os a se tornarem reflexivos e autônomos.

Assistimos a um vídeo, disponível na internet no canal do *Youtube* e vimos uma professora trabalhando com os Princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem em uma aula de Matemática. Percebemos que ela organizou uma aula totalmente condizente com os princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem, porque a professora explicou sobre as dezenas e unidades por meio da fala, de materiais concretos e pelo uso do computador. Isso possibilitou que os alunos pudessem investigar a quantidade de cubos antes mesmo de contá-los, uma vez que, expressavam o que aprendeu, por meio da fala, pela manipulação de materiais concretos e pela escrita. Além do que, se mostraram o tempo todo

interessados e motivados em aprender.

Agora, fica a pergunta: qual a importância do DUA para o planejamento docente para inclusão?

Com base no que acabamos de ver, compreendemos que o planejamento inclusivo, requer muita atenção e dedicação do profissional da área da educação. Para que este alcance seu objetivo de ensinar de diversas maneiras deve satisfazer os diferentes modos de aprender, seja por meio da audição, visão ou de forma concreta, independentemente do aluno possuir ou não uma deficiência. Por isso, é necessário proporcionar aos alunos diversos caminhos para que ele aprenda o conteúdo que está sendo apresentado, se aproprie daquele que foi elencado como objetivo da aula e possa participar de forma ativa no processo de aprendizagem.

Esperamos que você tenha gostado de nosso *Podcast* e tenha ajudado a refletir sobre o Desenho Universal para a Aprendizagem e o Planejamento Inclusivo. Até outra oportunidade!

Roteiro de gravação do *Podcast* – Grupo 5 (G5, G4, G7, G9, G10, G11, G18, G20, G29)

- 1- Bom dia! Hoje iremos tratar sobre o desenho universal para aprendizagem.
- 2- Os objetivos gerais é o que o professor quer atingir com aquele conteúdo. Dessa maneira, o conteúdo é aquilo que o professor irá trabalhar com seus alunos, tendo os objetivos claros e precisos.
Os recursos são materiais, são os instrumentos que o professor irá utilizar durante a sua aula, nele contém todo o material de apoio, tudo que vai ser utilizado para que a aula aconteça.
Já a avaliação é o meio pelo qual o professor pode rever sua prática pedagógica e ir melhorando e adequando conforme as necessidades que vão surgindo. Esta deve ser contínua.
- 3- O planejamento deve ser apresentado de diversas formas, proporcionar a ação e expressão e o autoenvolvimento de todos os alunos
- 4- Para uma proposta de inclusão educacional por meio do DUA, é essencial que nos voltemos aos seguintes princípios norteadores para o trabalho do professor: Proporcionar modos múltiplos de apresentação, de ação e expressão e de autoenvolvimento. Destarte, um ensino inclusivo e de qualidade necessita que haja a utilização de metodologias, materiais e recursos diversos para a apresentação de conteúdos e demais atividades, para o envolvimento e compreensão de todos, sem exceção. Assim, é possível possibilitar o progresso da aprendizagem dos alunos à medida que envolvam – se mais neste processo, por meio de situações que levem – os a investir na investigação, criatividade, autonomia e em sua identidade. Deve – se ainda valorizar a capacidade de cada aluno, bem como todos os meios e estratégias elaboradas e utilizadas pelo mesmo para superação de sua dificuldade e cumprimento dos objetivos traçados durante todo o tempo e espaço do ensino – aprendizagem e assim todos participarem daquilo que fora proposto.

5- ao assistir um vídeo, disponível no canal do *Youtube*, vimos sobre os princípios e práticas do Desenho Universal para a Aprendizagem. Vimos que os alunos que possuem dificuldades sofrem com o preconceito, e isso pode acontecer dentro de seus próprios lares. Mas é destacado que para as concepções de aprendizagem todos os alunos tem as suas potencialidades a serem desenvolvidas através de um bom trabalho, fazendo com que eles tenham a vontade de aprender sempre mais. Assim como professores devemos em sala de aula oferecer caminhos diferentes e múltiplas representações, para que de uma forma ou de outra todos os alunos possam ser alcançados. Por isso, o professor é uma peça fundamental para empregar o Desenho Universal para a Aprendizagem e contribuir para inclusão educacional.

Roteiro de gravação do Podcast – Grupo 6 (G32, G33, G34, G35)

Bom dia ouvintes! Sejam bem vindos, hoje apresentaremos brevemente sobre o planejamento docente para inclusão e o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA).

Agora, você sabe quais são as quatro etapas principais do plano de aula? O professor ao elaborar seu plano de aula precisa, principalmente definir: o conteúdo que irá ensinar e apresentar aos alunos, seu objetivo de aprendizagem para os alunos, quais recursos e materiais que utilizará. E por fim a avaliação que fará de sua aula para verificar se o conteúdo estava adequado, o objetivo foi atingido, os recursos e materiais foram adequados e se a metodologia foi apropriada para esta turma.

Mas para que serve o planejamento docente? Este plano de aula serve para guiar e prever ações e assim orienta o professor em sua prática pedagógica para que possa ensinar qualitativamente e o aluno aprenda o conteúdo.

Agora resta saber: o que o Desenho Universal para a Aprendizagem tem a ver com o planejamento docente? Ele nos ajuda a pensar uma aula que seja organizada para que um maior número de alunos aprenda. Portanto, nós professores devemos nos perguntar: no meu plano o conteúdo está sendo apresentado de diferentes formas? Na realização das atividades é possibilitado aos alunos diferentes formas de expressar aquilo que sabem? O meu plano estimula o interesse e a motivação para a aprendizagem?

Após conhecer essas perguntas, quando estamos atuando em contexto educacional inclusiva devemos levar em conta a diversidade dos alunos em sala de aula. E, assim, os princípios orientadores do Desenho Universal para a Aprendizagem nos ajudam a avaliar e orientar nossa intenção e prática pedagógica inclusiva.

Mas quais são os princípios orientadores do Desenho Universal para a Aprendizagem? Vamos conhecê-los: Primeiro, proporcionar Modos Múltiplos de Apresentação, segundo proporcionar Modos Múltiplos de Ação e Expressão, e terceiro proporcionar Modos Múltiplos de Auto envolvimento.

Entendemos que o Desenho Universal para a Aprendizagem fornece um guia para criar objetivos educacionais, métodos, materiais e avaliações que funcionam com todos, não só como uma solução única, mais como uma abordagem mais flexível que pode ser ajustadas para necessidades especiais.

O Desenho Universal para a Aprendizagem aprofunda a prática pedagógica inclusiva ao focar não apenas no conteúdo, mas também nas habilidades, estratégias ou processos que os estudantes devem desenvolver. Baseado no foco da aprendizagem, os professores podem identificar as estratégias pedagógicas e

múltiplos caminhos de forma a abranger a todos os estudantes (independentemente de suas necessidades de aprendizagem) oportunidades iguais para atingir um objetivo e aprender o conteúdo).

Esperamos que você tenha gostado de nosso *Podcast*. Até uma próxima jornada!

Roteiro de gravação do *Podcast* – Grupo 7 (G1, G30, G31, G36, G37)

Bom dia! Todos sabem que a organização é um fator essencial para um professor, pois é ela quem auxiliará o mesmo a desenvolver um bom trabalho e alcançar seu objetivo de atingir todos os alunos.

Sendo assim todo plano de aula possui quatro etapas que devem ser seguidas para a efetivação da aprendizagem: A primeira delas é o **conteúdo**, que deve ser estabelecido para se saber o que ensinar ao aluno. O **objetivo** se coloca como a segunda etapa do planejamento docente, porque é por meio dele que se estabelecerá o que aluno deve aprender. Depois destaca-se a **metodologia** que se refere aos mais diversos caminhos que podem ser traçados pelo professor para alcançar seu objetivo bem como os recursos e materiais que irá utilizar. E por fim a **avaliação** que aponta aquilo que o aluno alcançou.

Mas e quando esses alunos possuem necessidades educacionais especiais? O que devemos pensar em nosso plano de aula? Para facilitar o trabalho docente e possibilitar a aprendizagem de todos os alunos, surgiu o Desenho Universal para a Aprendizagem. Ele permite pensarmos a partir de três questões básicas para organização de nossas aulas: como apresentar o conteúdo de várias formas? Como proporcionar que o aluno expresse sua aprendizagem de várias formas? Como posso despertar o interesse e motivação dos alunos na realização das atividades? A partir desses questionamentos, o professor pode empregá-las no seu plano de aula, ou seja, ele levará em conta as necessidades e as diversidades presente na sala de aula, prevendo atividades adequadas para isto.

Para que o planejamento possa prever a satisfação das necessidades básicas de aprendizagens dos alunos de uma turma, o Desenho Universal para a Aprendizagem aponta três princípios: 1º Proporcionar Modos Múltiplos de Apresentação, 2º Proporcionar Modos Múltiplos de Ação e Expressão e 3º proporcionar modos Múltiplos de Auto envolvimento.

Ou seja,

Primeiro, o professor deve apresentar o conhecimento proporcionando ao aluno diversas formas de visualizar e compreender, fazendo uso de recursos, auditivos e visuais, de forma que ele possa expressar esse conhecimento através de outras áreas, como o desenho, que é uma forma de manifestar a opinião do aluno. Cabe também ao professor, oferecer opções para o uso da linguagem, expressões matemáticas e símbolos. Deve proporcionar que o aluno aprenda através do toque, pois o concreto enriquece muito a aprendizagem.

Em segundo lugar, deve proporcionar diversas opções para a atividade física, e diversos modos de o aluno expressar o conhecimento adquirido, bem como diversas maneiras de demonstrar o conteúdo e se comunicar com o mesmo. E

também oferecer opções para as funções executivas.

E, em terceiro lugar proporcionar opções para incentivar o interesse do aluno, levando o aluno a ser mais autônomo e menos ansioso. O professor também deve se preocupar em amenizar o espírito de individualidade e aumentar o espírito de grupo nos alunos. Oferecer opções para a autorregulação, ou seja, levar os alunos a superar suas dificuldades e motivá-los de maneira positiva a reflexão e se auto-avaliar.

Ao analisar um vídeo sobre os "Princípios e práticas sobre o Desenho Universal para a aprendizagem", vimos a importância do Desenho Universal para a aprendizagem na prática pedagógica do professor. O foco desta prática é alcançar todos os modos de aprendizagem das crianças em sala de aula, com ou sem deficiência por exemplo. Ele está baseado no amplo trabalho de aprendizagem em grandes aspectos, para que todos os alunos sejam bem sucedidos em sua aprendizagem. O Desenho Universal para a aprendizagem tem o poder de ser muito flexível pois tem vários caminhos e maneiras diferentes e isso faz com que todos aprendam, trazendo a inclusão para dentro da sala, pois todos serão capazes.

Agora para finalizar nosso *Podcast*, consideramos que o Desenho Universal para a aprendizagem atua como um instrumento de fundamental importância para o desenvolvimento do planejamento docente para a inclusão. Sabe por quê? Porque ele aponta questões que devem ser consideradas no que tange a aprendizagem dos diversos alunos, tendo eles necessidades educacionais especiais ou não. Além disso, o Desenho Universal para a Aprendizagem também possibilita a construção e desenvolvimento de mecanismos que permitem a efetivação da aprendizagem discente, por meio de ações de ensino que se destacam e promovem a interação dos alunos em vários sentidos possíveis, corroborando assim para um processo de ensino aprendizagem eficaz.

Agora, esperamos que você tenha aprendido um pouco sobre o Desenho Universal para a Aprendizagem. Vamos investir nessa prática pedagógica?

APÊNDICE S: PLANO DE AULA – Animais



Educação Básica – Educação Infantil (3 a 4 anos)

Participantes/graduandas: G8, G22, G24, G27 e G40.

Área do conhecimento/componente curricular: Ciências

Conteúdo: Animais

Objetivos específicos:

- ✓ Identificar diferenças e semelhanças entre os animais;
- ✓ Classificar os animais terrestres, aquáticos e aéreos.

Encaminhamento metodológico:

A princípio, acontecerá uma roda de conversa, de modo informal, com todos sentados no chão em forma de círculo, contando a respeito do que sabem sobre animais. Nesse momento, o intérprete estará proporcionando a interação do aluno surdo com os demais, fazendo a tradução do que o discente surdo está falando para a língua portuguesa e colocando-o a par do que está sendo falado pelos colegas ouvintes e pela professora. Durante a conversa a professora estará colhendo dados sobre as aprendizagens que os alunos já possuem para que depois possam ampliar esse conhecimento, além disso ela estará observando as características e comportamentos de seus alunos para identificar dificuldades e facilidades que possam ser consideradas como altas habilidades ou superdotação.

Essa roda de conversa, moderada pela professora, terá como recurso de apoio uma caixa com diversos animais representados de forma tátil (conforme indicação na Figura 1). A docente retira um deles e os alunos vão conhecer melhor

os animais de forma tátil e visual, por meio de representações “ursinhos”. O material estará dentro de uma caixa e a professora vai mostrando e perguntando se eles já conhecem, assim eles conseguem identificar pelos mais diversos sentidos. Os alunos videntes irão manusear o material conforme a professora for explicando para que os alunos cegos possam saber de que animal se trata, seu formato e suas características físicas.



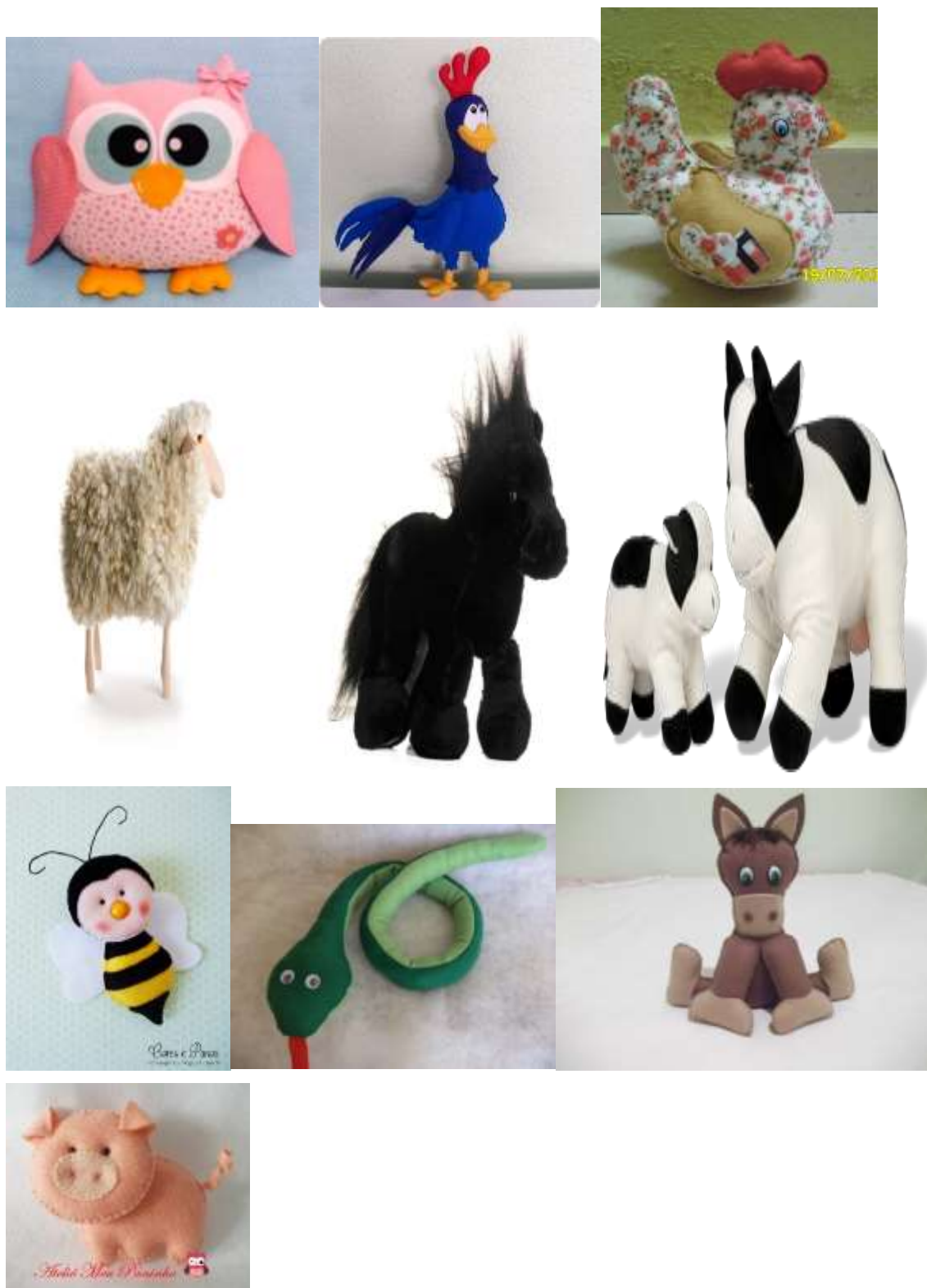


Figura 1 - Materiais palpáveis para utilização na roda de conversa

Fonte: Fotos tiradas por integrantes do grupo, além de imagens pesquisadas em sites livres. A maioria dos animais ilustrados em fotos aparecem no vídeo que iremos mencionar abaixo.

Também, para realização dessa conversa, serão utilizadas questões

norteadoras: que animal é este? Alguém tem ou conhece quem tenha este animal? Este animal é doméstico ou selvagem? Diga e/ou indique um animal que voa e um que seja terrestre.

Importante lembrar que a professora usará algumas estratégias durante sua fala, não se movimentando muito e colocando-se numa posição em que seu rosto fique iluminado, para facilitar a compreensão dos alunos que realizam a leitura labial.

Em seguida, com o apoio do projetor ou TV, a professora passará o vídeo “O Som dos Animais” (CANAL GUGUDADA TV, 2013), que fala sobre os animais e seus sons.

Durante o vídeo, o intérprete estará fazendo a tradução em LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), descrevendo as características do animal cujo som foi apresentado no vídeo. É importante que o intérprete esteja ao lado do professor, de todos os “ursinhos” e que estes estejam na frente das crianças. Assim, conforme vai-se fazendo a descrição do animal, o aluno surdo pode pegar o “ursinho” com as características descritas, corrigir-se junto aos colegas e, em seguida, mostrar o sinal em LIBRAS para os colegas. Portanto, a cada “voz” animal deve ser feita uma pausa para a identificação do som e do “ursinho” que representa o animal.

O vídeo será passado duas vezes para que o aluno surdo possa, em um primeiro momento, olhar para a intérprete e depois assistir à animação. De modo, que, sem pausa, todos os alunos acompanhem a animação do vídeo e revejam o som dos animais. Após isso, cada aluno vai representar um animal. Será entregue então, um “ursinho” para cada aluno, dupla ou trio, para imitar o comportamento do animal que está representando. Ao final de cada etapa, na aula, será realizada conjuntamente uma síntese das conclusões a que os alunos chegaram e do conteúdo que aprenderam.

Ao fim do vídeo, os alunos voltam para as suas carteiras, que estarão em círculo, para que a professora realize a leitura do livro “E o dente ainda doía” de Ana Terra (2012).



Figura 2 – Capa do livro “E o dente ainda dói”, de Ana Terra
Fonte: Disponível em <https://itunes.apple.com/br/app/e-o-dente-ainda-doia/id797055164?mt=8>

O livro fala sobre um jacaré que estava com dor de dente. Vários animais resolveram ajudá-lo, entre eles: o sapo, o rato e o esquilo. Todos estavam tentando ajudar o jacaré para que sua dor de dente passasse, mas nenhum desses animais conseguiu. Até que vieram uns passarinhos e colocaram uma pena perto de seu nariz, o jacaré deu um espirro e a dor de dente passou. Depois disso, a bicharada toda saiu correndo, porque não queria ser almoço de jacaré.

A leitura será realizada pausadamente, de forma que a professora apresente aos alunos também as imagens que representam a história. Enquanto a docente realiza a leitura, o intérprete fará a tradução em LIBRAS (Língua Brasileira de sinais) para os alunos surdos, sendo que estes também terão um tempo para olhar as imagens de cada página do livro.

A partir da história, a professora propõe uma atividade: os alunos estarão com os olhos vendados e precisam adivinhar quais são os personagens que estarão passando pelas suas mãos. Os personagens estarão em materiais palpáveis, possuindo textura de acordo com suas características físicas. Para os alunos com deficiência física que não conseguirem segurar os objetos, a professora passará o animal sobre sua pele para que ele sinta a textura ou fará a descrição de suas

características para que ele possa adivinhar. Após conhecerem alguns animais, a professora problematizará: mas, esses animais, eles andam, rastejam, nadam ou voam? De acordo com a problematização, a turma irá classificar os animais como terrestres, aquáticos ou aéreos, tendo como pressuposto a explicação da professora, que conduzirá toda a atividade.

Assim, a docente dirá quais são os animais terrestres, os aquáticos e os aéreos. O aluno surdo terá a tradução realizada pela intérprete. Para finalizar o dia, será proposta uma atividade interativa de adivinhações com base no vídeo “Adivinha quem eu sou” (GUIA INFANTIL BRASIL, 2014). Durante tal atividade, a professora fará a explicação das características de cada animal para que os alunos cegos possam participar. Em seguida, será elaborado um quadro, utilizando figuras de animais em alto relevo (como demonstrado na Figura 3) para explorar o tato dos alunos. Nesse quadro, teremos espaço para animais terrestres, aquáticos e aéreos, separados por ambiente.



Figura 3 - Páginas em tecido para classificação dos animais
Fonte: Autoria própria

Por último, os alunos cantam a música “Imitando os animais” (XUXA, 2014). Os alunos surdos vão aprender a letra da música em LIBRAS. Também serão ensinados alguns gestos nessa língua para os demais alunos. No final da aula, todos farão desenhos em folha sulfite sobre o que aprenderam no dia.

Durante a aula, a professora estará sempre atenta aos seus alunos, aos comportamentos que estão apresentando, buscando envolver todos eles em sua aula com atividades que despertem seu comprometimento. É importante que o professor mantenha contato visual com seus alunos, mas não espere o mesmo deles, pois, com o tempo, eles terão maior confiança para olhá-la nos olhos.

Avaliação: A avaliação ocorrerá por meio da participação dos alunos nas aulas e nas atividades propostas.

- Reconhecer as diferenças e semelhanças dos animais.
- Distinguir um animal de outro por meio da descrição de suas características e pelo tato.

Também será avaliada a participação das crianças por meio do livro com figuras, da roda de conversa, da identificação no vídeo e com os objetos palpáveis (“ursinhos”), cartaz ou livro, como também pelos meios de avaliação específicos desta aula.

Recursos:

- ✓ Livro “E o dente ainda dói”.
- ✓ Vídeo: O som dos animais.
- ✓ Vídeo: Adivinha quem eu sou.
- ✓ Projetor e computador.
- ✓ Material palpável com textura dos animais.
- ✓ Vendas de tecido.
- ✓ E.V.A.s, tecidos, materiais recicláveis com diferentes texturas e dimensões.
- ✓ Folhas de papel sulfite.
- ✓ Lápis de cor, giz de cera, tinta guache.

Referência:

GUGUDADA TV. O som dos animais (animação infantil). 19 ago. 2013. Vídeo *on-line*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vpfe4lu6ToM>>. Acesso em: 22 jul. 2016.

GUIA INFANTIL BRASIL. Jogo para adivinhar animais - Português para crianças. 17 abr. 2014. Vídeo *on-line*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YEtXkm1KB-o>>. Acesso em: 22 jul. 2016.

TERRA, Ana. E o dente ainda dói. São Paulo: Editora DCL, 2012.

XUXA. Imitando os animais. 9 dez. 2014. Vídeo *on-line*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dcTYMVyCT9M>>. Acesso em: 22 jul. 2016.



Educação Básica – Ensino fundamental 1º ano

Participantes/graduandas: G13, G14 e G15

Área do conhecimento/componente curricular: Matemática

Conteúdo: Sequência numérica -Antecessor e Sucessor

ObjetivoGeral:

- ✓ Compreender a sequência numérica do sistema de numeração decimal.

Objetivos específicos:

- ✓ Perceber o numeral que vem antes (antecessor), o numeral que vem depois (sucessor);
- ✓ Fazer a relação número e quantidade.

Encaminhamento metodológico:

- ✓ Partimos do pressuposto de que “números até 10” já foi trabalhado com os alunos, pois se refere a um conteúdo básico da Educação Infantil.
- ✓ Desse modo, iniciaremos a aula com a retomada destes, por meio do tato, visão e audição, utilizando uma tabela, que será entregue para cada aluno, com os números de 1 a 9, lendo pausadamente cada um, para que os alunos sintam com as mãos (tato) o traçado dos números e observem a sequência formada.

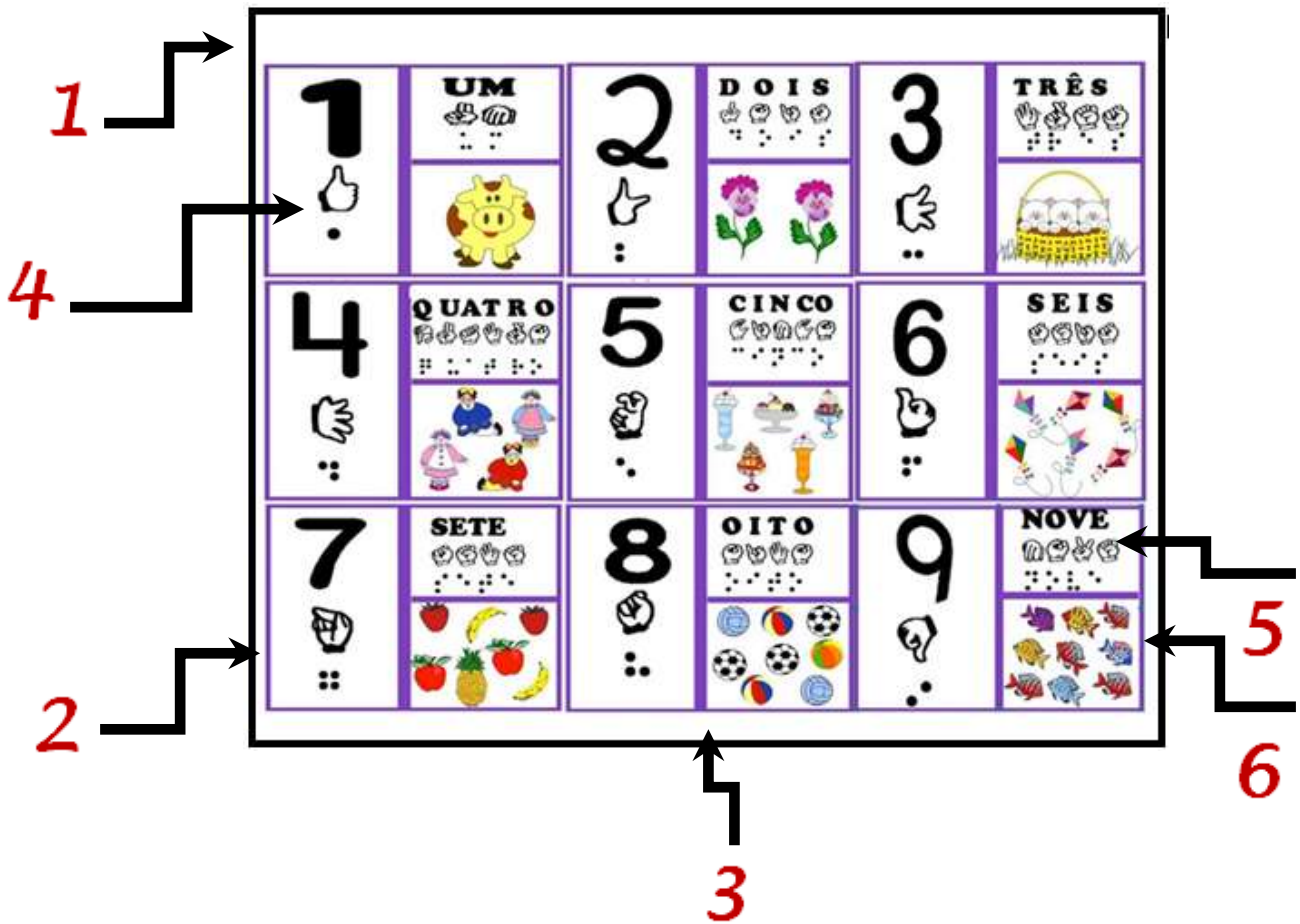


Figura 1 – Identificação de número e de numeral
Fonte: Adaptação feita na figura disponível em site livre

A tabela será feita em:

1. Papel cartão, com números de 0 a 10.
2. Cada quadrado será contornado em barbante.
3. A divisão interna dos quadros de cada número será feita em tecido.
4. O número será em lixa e impressos em Braille e Libras.
5. O número será escrito por extenso em português, Braille e Libras.
6. A quantidade será representada em E.V.A (a quantidade poderá ser representada em formas geométricas, desenhos, entre outros).

Primeira atividade:

- ✓ Explicaremos detalhadamente quais os recursos utilizados e como será realizada a atividade.

- ✓ Os alunos devem completar os números que estão faltando na trilha, com a ajuda de pistas escritas em português e Braille e dizer se o número a ser preenchido está antes (antecessor), depois (sucessor) ou entre algum outro número (com a ajuda de perguntas, como: qual número vem antes do número 4? Qual número fica entre o número 4 e o número 6? Qual número vem depois do número 6?) e assim ajudar o Chico Bento a chegar até a casa da Mônica.
- ✓ Os alunos serão divididos em duplas.
- ✓ As fichas com as informações serão distribuídas igualmente.

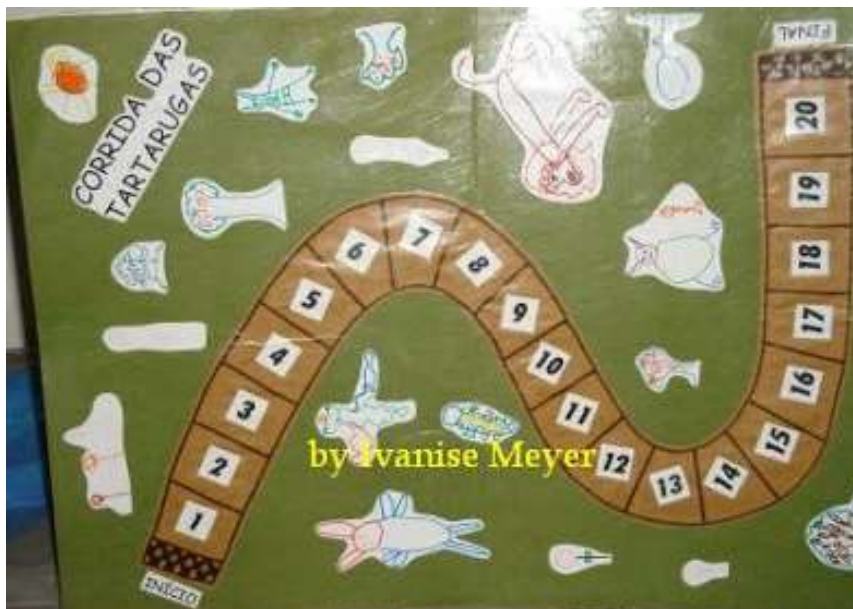


Figura 2 – Corrida das tartarugas

Fonte: Disponível em <http://saladerecursosceciameireles.blogspot.com.br/p/jogos.html>

O jogo será feito em:

1. Papel cartão.
2. As separações e o contorno da trilha serão feitos com barbante, para que percebam as extremidades e o percurso do jogo.
3. Os números serão feitos com lixa, tanto os fixos quanto os que estarão em uma ficha a ser fixada por meio de velcro no lugar correspondente, e também impressos, em Braille e Libras.
4. As dicas/perguntas serão escritas por extenso e em Braille.

Realizaremos ainda uma segunda atividade:

- ✓ Será entregue aos alunos a letra da música dos Indiozinhos, em português, em Braille e Libras, para que todos possam cantar.



Figura 3 – Letra da música indiozinhos
Fonte: Disponível em site livre

Em seguida:

- ✓ Cada aluno receberá um cartaz de prega, com os números de 1 a 9 e a quantidade de 45 palitos.
- ✓ Interviremos com perguntas (Por exemplo: com quantos palitos represento o número 5? A criança contará os palitos e colocará abaixo do respectivo número.)
- ✓ Caso algum aluno, não consiga representar a quantidade correta, faremos novas intervenções para que ele alcance o resultado.

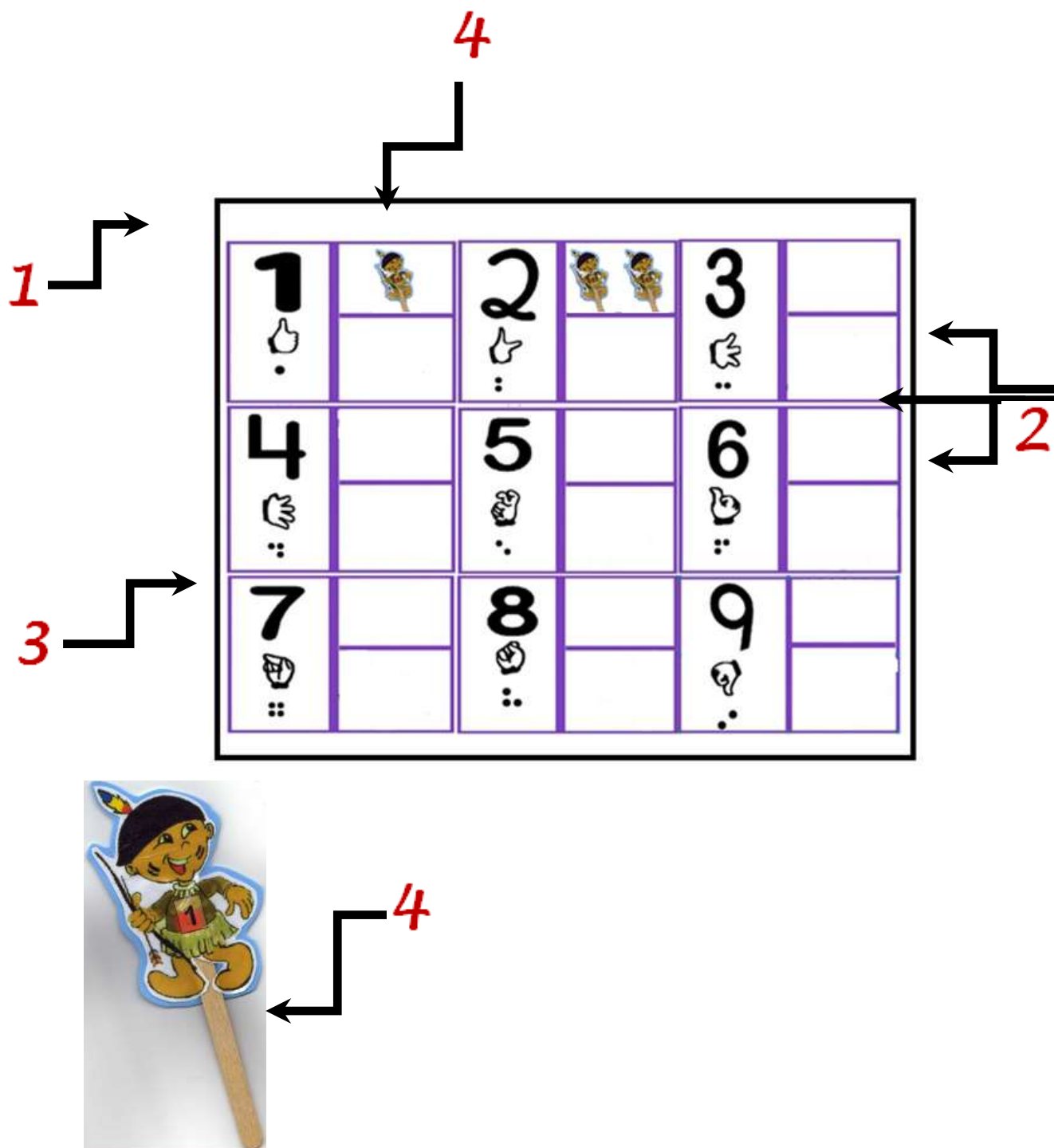


Figura 4 – Sugestão para confecção de cartaz de prega
 Fonte: Disponível em site livre

O cartaz de prega será feito em:

1. Papel Kraft.
2. A separação de um número para outro será feita com barbante.
3. Os números estarão em lixa e também impressos, em Braille e Libras.

4. As quantidades serão representadas em palitos de sorvete.

Avaliação: observar se os alunos participaram das atividades, quais estratégias utilizaram para alcançar o resultado, quais as dificuldades encontradas e se compreenderam os conceitos matemáticos propostos nos objetivos.

Recursos: papel cartão, papel Kraft, lixa, E.V. A, lápis, palitos, jogo, música.

Referência:

COMER BEM É TUDO DE BOM. Letra das músicas “**Indiozinhos**”. 09 dez. 2010. Disponível em: <<http://comerbemtudodebom.blogspot.com.br/2010/12/letra-das-musicas-indiozinhos.html>>. Acesso em: 17 mar. 2016.

PARICIA, Elidiane. **Números Acessíveis**. Disponível em: <<http://depalavraempalavrainclusao.blogspot.com.br/2012/05/sugestoes-de-atividades-e-estrategias.html>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

HIRASAKI, Keyla. **Relação número – quantidade**. 23 jul. 2014. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=hxDZ_LoNspE>. Acesso em: 07 mar. 2016.

SILVA, Eleúzia Lins da. **Apostila com material dourado e snd**. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/culturart/apostila-com-material-dourado-e-snd>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

SOUZA, Andreia Fernandes de; RAFFA, Ivete; SOUZA, Silvia da Silva Franco. **Matemática: primeiros passos: números e operações, espaço e forma**. São Paulo: Giracor, 2008.



Educação Básica- Ensino Fundamental- 5º ano

Participantes/Graduandas: G1, G30, G31, G36 e G37

Área do conhecimento: Língua Portuguesa

Conteúdo: Gênero textual - Poesia

Objetivos específicos:

- Reconhecer a diferença entre poema e poesia
- Sensibilizar-se para o fazer poético por meio de audição, leitura e declamação de poemas.

Encaminhamento metodológico:

- Com os alunos sentados em roda na sala, as professoras e alunos farão uma leitura prévia da letra canção “Aquarela” (Toquinho)¹⁹.

Aquarela (Toquinho)

Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo
E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo
Corro o lápis em torno da mão e me dou uma luva
E se faço chover, com dois riscos tenho um guarda-chuva
Se um pinguinho de tinta cai num pedacinho azul do papel
Num instante imagino uma linda gaivota a voar no céu

Vai voando, contornando a imensa curva norte-sul

¹⁹ A letra da conhecida música de Toquinho (Antonio Pecci Filho) foi obtida no site “Letras”, cujo endereço é: < <https://www.lettras.mus.br/toquinho/49095/> >.

Vou com ela viajando Havai, Pequim ou Istambul
Pinto um barco a vela branco navegando
É tanto céu e mar num beijo azul

Entre as nuvens vem surgindo um lindo avião rosa e grená
Tudo em volta colorindo, com suas luzes a piscar
Basta imaginar e ele está partindo, sereno e lindo
E se a gente quiser ele vai pousar

Numa folha qualquer eu desenho um navio de partida
Com alguns bons amigos bebendo de bem com a vida
De uma América a outra consigo passar num segundo
Giro um simples compasso e num círculo eu faço o mundo

Um menino caminha e caminhando chega no muro
E ali logo em frente a esperar pela gente o futuro está
E o futuro é uma astronave que tentamos pilotar
Não tem tempo nem piedade nem tem hora de chegar
Sem pedir licença muda nossa vida
Depois convida a rir ou chorar

Nessa estrada não nos cabe conhecer ou ver o que virá
O fim dela ninguém sabe bem ao certo onde vai dar
Vamos todos numa linda passarela
De uma aquarela que um dia enfim
Descolorirá

Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo
Que descolorirá
E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo
Que descolorirá
Giro um simples compasso e num círculo eu faço o mundo
Que descolorirá

A seguir, as crianças assistem a um vídeo²⁰ com a apresentação da mesma música, agora com som e legendas. Com base dele, será feita a descrição e interpretação da letra da canção e das imagens da animação. Cabe destacar que a música também será cantada junto com os alunos, com tradução em LIBRAS para alcançar também os discentes surdos.

Após conhecerem a letra dessa música, será realizada uma roda de discussão com os alunos para fazer a interpretação do texto por meio de questões norteadoras:

- ✓ Do que trata a letra da música?

²⁰ Disponível na rede social *YouTube*, no endereço: <<https://www.youtube.com/watch?v=-Gsdp2zSCjY>>

- ✓ O que mais lhe chamou atenção?
- ✓ O que é aquarela?
- ✓ Qual o sentido atribuído pelo autor à palavra “aquarela” nessa letra?
- ✓ Na frase “Um menino caminha e caminhando chega no muro”, o que significa esse muro?
- ✓ O que o autor quer dizer na frase: “De uma aquarela que um dia, enfim, descolorirá”?
- ✓ O professor pode fazer outras questões, elaboradas na conversa sobre as ideias dos alunos, levantadas por eles mesmos ao buscar entender o texto.

Em seguida, será feita uma problematização junto aos alunos: o que é poema e o que é poesia? É igual? Qual a semelhança? Qual a diferença?

Observação: essas hipóteses serão registradas no quadro, evidenciando passo a passo as ideias que estão sendo registradas.

Após isso, a professora utilizará um cartaz com uma tabela explicativa sobre poema e poesia, apresentando as hipóteses que os alunos levantaram e confrontando-as. Sugestão:

POEMA	POESIA
É um gênero textual que utiliza as palavras como matéria-prima, organizando-as em versos, estrofes ou prosa, ou seja, apresenta uma estrutura que permite defini-lo como gênero. A palavra poema é derivada do verbo grego poein, que significa “fazer, criar, compor”.	É um conceito mais amplo do que o poema e o soneto. Muitas pessoas acham que a poesia é um gênero textual, mas, na verdade, ela não está necessariamente relacionada à palavra escrita. Um belo quadro, por exemplo, pode estar repleto de poesia, assim como uma escultura, um filme, uma música e até mesmo uma bela paisagem, como o nascer ou o pôr do sol. Portanto, a poesia é uma definição mais abrangente e contempla diversas manifestações artísticas e formas de expressão.

Quadro 1 – Diferença entre poema e poesia
Fonte: Castro (2016)

Os alunos serão organizados em grupo, discutirão e apresentarão conclusões sobre as questões: a letra da música Aquarela é um poema? Tem poesia? Tais aspectos serão analisados e depois apresentados pelos alunos aos demais colegas da turma.

Por fim, será proposto aos alunos que façam um desenho da canção

Aquarela. A eles serão disponibilizados diversos tipos de materiais/recursos para produção como: massinha de modelar, lápis de cor, papéis e EVA com texturas diferentes, giz de cera, entre outros.



Figura 1 - Exemplos de produções possíveis pelos alunos
 Fonte: Imagens disponíveis na internet em site livre

No fim da aula, será apresentado o poema musicado “A Casa”, de Vinícius de Moraes²¹, e propostas algumas questões, como um desafio: que casa é essa?

²¹ A letra do poema/ canção de Vinicius de Moraes foi obtida no site “Vinicius de Mores” e está localizada no seguinte endereço:< <http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias->

Essa casa existe? De que casa Vinicius de Moraes está retratando na música?

Observação: essa atividade visa a estimular os alunos a ler com atenção a letra do poema/canção de Vinicius de Moraes, pesquisar e buscar relacionar as discussões feitas nessa aula (poema e poesia). Na aula seguinte, os alunos podem apresentar suas hipóteses e junto com a professora e colegas confrontar as ideias levantadas e aquela apresentada pelo autor.

A Casa

Vinicius de Moraes

Era uma casa
Muito engraçada
Não tinha teto
Não tinha nada
Ninguém podia
Entrar nela, não
Porque na casa
Não tinha chão
Ninguém podia
Dormir na rede
Porque na casa
Não tinha parede
Ninguém podia
Fazer pipi
Porque penico
Não tinha ali
Mas era feita
Com muito esmero
Na Rua dos Bobos
Número Zero

Avaliação: os alunos serão avaliados mediante sua participação e engajamento nas diversas atividades propostas.

Observação: o material escrito utilizado em sala de aula (letra do poema/ música) será disponibilizado de forma antecipada aos professores de apoio e intérprete para que possam colaborar no processo de aprendizagem.

Referências:

CASTRO, Luana. **Diferenças entre a poesia, o poema e o soneto.** Disponível em: < <http://escolakids.uol.com.br/diferencas-entre-a-poesia-o-poema-e-o-soneto.htm> >. Acesso em: 22 jul. 2016.



Educação Básica – Educação Infantil – Pré-escolar (4 e 5 anos)

Participantes/graduandas: G2, G3, G16, G26, G41 e G42.

Área do conhecimento/componente curricular: Matemática

Conteúdo: Classificação

Objetivo geral:

- ✓ Desenvolver noções de classificação.

Objetivos específicos:

- ✓ Classificar os produtos de acordo com um ou mais atributos, relacionando situações problemas a práticas sociais.

Encaminhamento metodológico:

- ✓ **Espaço adequado para desenvolver as atividades:** mercado em uma brinquedoteca **OU** organizar este espaço dentro da sala de aula, disponibilizando aos alunos embalagens de produtos diversos. Sugestões abaixo:



Figura 1 – Sugestões de minimercados montados em sala de aula

Fonte: Educação Adventista (2016)²² / Núcleo Educacional Novos Passos (2013)²³

Observação: em algumas das sugestões acima para este minimercado a disposição de produtos não é a mais adequada, pois alguns dos produtos estão fora do alcance das crianças. Convém ressaltar que é necessário que todos os produtos estejam ao alcance das crianças, respeitando altura e mobilidade dos alunos.

- ✓ É importante disponibilizar antecipadamente o plano de aula aos professores de apoio e intérprete para colaboração durante o processo de ensino e de aprendizagem;
- ✓ Iniciaremos a aula, conduzindo os alunos até o espaço organizado que representa um mercado, descreveremos a direção para aonde estamos indo e os objetos contidos nesse espaço;

²² Foto disponível em: <<http://pontagrossa.educacaoadventista.org.br/fotos/4/2-ano/67/mini-mercado>>.

²³ Foto disponível em: <http://nucleonovospassos.blogspot.com.br/2013/01/nosso-espaco_22.html>.

- ✓ Deixaremos que os alunos, por cerca de 15 minutos, manipulem e percebam a organização e as embalagens de produtos disponíveis nesse espaço;
- ✓ Em seguida, fazemos a apresentação do mercado e conversamos sobre a organização dos produtos. Nesse momento, os alunos poderão expressar suas ideias e opiniões sobre o espaço e os objetos presentes nele, devem ser estimulados a descrever suas impressões sobre o que estão vendo e percebendo neste local;
- ✓ Problematização junto aos alunos: o que é esse espaço? Se parece com algum lugar que você já conhece?;
- ✓ Explicitação da denominação MERCADO. Em seguida, questionamento: o que é um mercado? – Levantamento de hipóteses e explicações dos alunos;
- ✓ Explicação do que é um mercado: “lugar público onde negociantes expõem e vendem gêneros alimentícios e artigos de uso rotineiro” **(neste momento, mostraremos para as crianças, por meio das embalagens contidas no próprio mercado, no que consistem esses gêneros)**
- ✓ Após a explicação do conceito de mercado, problematizaremos uma situação com as crianças por meio da música “Formiguinha”²⁴. Vamos dizer a elas: “Agora que vocês já sabem o que é mercado, vou contar o que aconteceu comigo, mas vou contar cantando, porque música também conta história, vocês sabiam? ” Depois dessa fala, dançaremos e cantaremos a música juntamente com a turma.

FORMIGUINHA

Fui no mercado comprar café
E a formiguinha e subiu no meu pé
Eu sacudi, sacudi, sacudi
Mas a formiguinha não parava de subir

Fui no mercado comprar batata roxa
E a formiguinha e subiu na minha coxa
Eu sacudi, sacudi, sacudi
Mas a formiguinha não parava de subir

²⁴ Música infantil disponível no site “Letras” no endereço: <<https://www.lettras.mus.br/galinha-pintadinha/1785858/>>.

Fui no mercado comprar melão
E a formiguinha subiu na minha mão
Eu sacudi, sacudi, sacudi
Mas a formiguinha não parava de subir

Fui no mercado comprar gerimum
E a formiguinha subiu no meu bumbum
Eu sacudi, sacudi, sacudi
Mas a formiguinha não parava de subir

Fui no mercado comprar um giz
E a formiguinha e subiu no meu nariz
Eu sacudi, sacudi, sacudi
Mas a formiguinha não parava de subir

- ✓ Em seguida, organizaremos os alunos em pequenos grupos (conforme o número de alunos da turma) para comprarmos produtos à professora, haja vista que suas compras acabaram.

Sugestão: questão norteadora para as compras – (a professora) -- naquele dia em que fui ao mercado, eu lembro que formiguinha subiu em mim, mas faz tanto tempo que já acabaram todos os produtos em casa. Preciso ir ao mercado. Vocês podem me ajudar?...Então vamos às compras...

Observação: em caso de um número maior de vinte alunos na turma iríamos propor que no momento em que cada grupo estivesse no mercado, os demais estariam envolvidos em outras atividades, e após realizar com um grupo depois seria realizado com a outra parte da turma para que haja maior envolvimento dos alunos e melhor mediação da professora.

- ✓ Após todos os grupos realizarem as compras, vamos organizar um espaço para que eles guardem os produtos. Neste momento, estimularemos os alunos a pensarem na melhor maneira de organizá-los, considerando que não podemos colocar todos misturados. Então, daremos exemplos, dizendo que não se pode

guardar o que comemos junto com os produtos de limpeza, pois não possuem a mesma função. Por isso, será solicitado aos alunos: vocês me ajudam a separar os produtos que usamos para limpeza e nossa higiene e aqueles que comemos? E, também vamos separá-los, considerando o material de que são feitos: plástico, alumínio, vidro, papelão.



Figura 2 - Produtos de higiene e limpeza **Figura 3 - Produtos alimentícios**
 Fonte: imagens extraídas da internet em site livres

✓ Para finalizar, realizaremos uma roda de conversa, retomando tudo o que fizemos na aula, destacando que toda aquela organização dos produtos tem um nome: “classificação” e que ela é de grande importância para a nossa vida, pois está presente em nosso dia a dia. No cotidiano das crianças, por exemplo, a classificação está presente quando fazem alguma coleção, quando separam o lápis de escrever do lápis de cor. Permitiremos que elas nos deem exemplos.

✓ **Avaliação:** a avaliação será realizada por meio de observações durante o desenvolvimento da atividade, considerando a participação, o desempenho dos alunos e se eles foram capazes de classificar os produtos de acordo com os atributos destacados.

Recursos: sacolas, cestas, carrinhos, diferentes embalagens.

Referência:

BRASIL. Portal do Professor. **Classificação, seriação e correspondência numérica através das brincadeiras**. 26 ago. 2010. Autora: Thalita G. C. M. T. Peres. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=22787>>. Acesso em: 22 jul. 2016.



Educação Básica – Educação Infantil – Pré II

Participantes/graduandas: G32, G33, G34 e G35.

Área do conhecimento/componente curricular: Matemática/Arte

Conteúdo: Formas Geométricas

Objetivos específicos:

- ✓ Identificar e representar as formas de círculo, triângulo, quadrado e retângulo.

Encaminhamento metodológico:

- Iniciaremos a aula organizando os alunos em semicírculo com as mesas e cadeiras;
- Sobre a mesa serão entregues a cada aluno peças dos blocos lógicos, contendo forma de círculo, triângulo, quadrado e retângulo.



Figura 1 – Blocos lógicos

Fonte: Imagem ilustrativa retirada da internet em site livre

Deixaremos que os alunos manipulem esse material livremente por alguns minutos e, em seguida, questionaremos: vocês sabem que essas peças tem formas diferentes? Quais são? (a intenção primordial é que separem as quatro formas diferentes. Não precisam necessariamente nomeá-las nesse momento inicial.

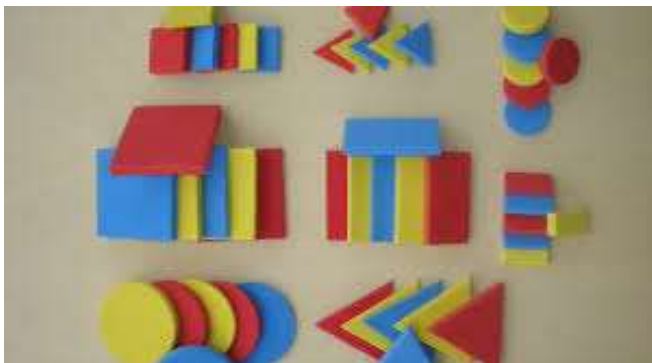


Figura 2 – Organizando os blocos lógicos

Fonte: Imagem ilustrativa retirada da internet em site livres

Em seguida, os alunos serão questionados: alguém sabe o nome dessas formas que as peças podem formar? A partir desse momento, verificaremos as hipóteses e conhecimentos dos alunos. O passo seguinte é apresentar às crianças ADIVINHAS elaboradas com base no poema "Rimas com as formas geométricas, da professora Carla Fernanda Fischer (FISCHER, 2016).

Ao apresentar as adivinhas aos alunos, eles devem pegar a forma à qual a adivinha corresponde, mostrando-a e nomeando-a, resolvendo o enigma. Seguem as sugestões:

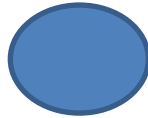
1 O que é o que é?

TENHO QUATRO LADOS
E TODOS IGUAIS.



2 O que é o que é?

SOU IGUAL À LUA
SOU O MAIS BONITO
LÁ DA MINHA RUA



3 O que é o que é?

TENHO TRÊS BIQUINHOS
DE CHAPÉU EU SIRVO
PARA OS PALHACINHOS



4 O que é o que é?

CRESCI MAIS DE UM LADO
PARA FAZER INVEJA
AO SENHOR QUADRADO



Após serem encontradas as respostas para as adivinhas, será apresentado de forma cantada e dramatizada o poema: “Rimas com as formas geométricas”.

EU SOU O QUADRADO
BONITO DEMAIS
TENHO QUATRO LADOS
E TODOS IGUAIS

E EU SOU O CÍRCULO
SOU IGUAL À LUA
SOU O MAIS BONITO
LÁ DA MINHA RUA

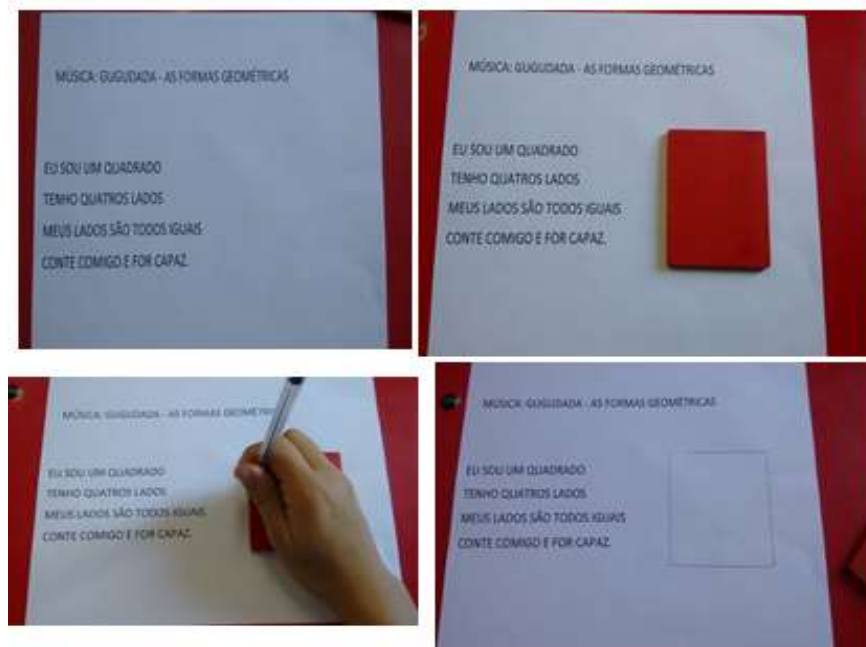
EU SOU O TRIÂNGULO

TENHO TRÊS BIQUINHOS
DE CHAPÉU EU SIRVO
PARA OS PALHACINHOS

EU SOU O RETÂNGULO
CRESCI MAIS DE UM LADO
PARA FAZER INVEJA
AO SENHOR QUADRADO

Entregaremos aos alunos a letra impressa da música (poema musicalizado acima), para que os alunos desenhem as formas geométricas ao lado de cada estrofe da letra da música conforme indicaremos logo mais.

Cada aluno terá, em sua mesa, quatro peças dos blocos lógicos: uma forma de círculo, uma forma de triângulo, um quadrado e um retângulo. Com o lápis deverão contornar a peça sem retirá-la do local. Depois, colarão um barbante em volta de cada forma, usando o mesmo contorno. Os alunos podem utilizar a peça dos blocos lógicos para contornar com o barbante, em especial o aluno cego.



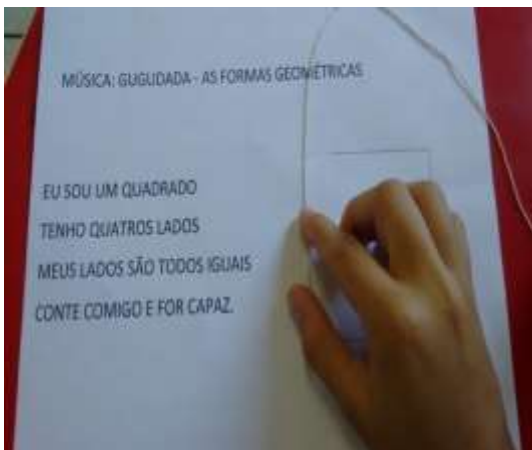
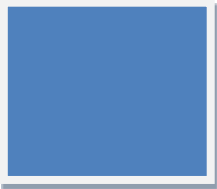




Figura 3 – Aplicação da atividade
Fonte: Fotos tiradas por uma participante ao aplicar a atividade na Educação Infantil

Após demarcarem as formas geométricas com barbante, serão dadas texturas para que eles cole dentro das formas geométricas. Cada forma terá uma textura diferente. O triângulo será preenchido com o arroz, círculo preenchido com areia, o quadrado com milho de pipoca, retângulo com macarrão.

As Figuras 4 e a 5, a seguir, ilustram a atividade.

<p>EU SOU O QUADRADO</p> <p>BONITO DEMAIS</p> <p>TENHO QUATRO LADOS</p> <p>E TODOS IGUAIS</p>	
<p>E EU SOU O CÍRCULO</p> <p>SOU IGUAL À LUA</p> <p>SOU O MAIS BONITO</p> <p>LÁ DA MINHA RUA</p>	

EU SOU O TRIÂNGULO
TENHO TRÊS BIQUINHOS
DE CHAPÉU EU SIRVO
PARA OS PALHACINHOS



EU SOU O RETÂNGULO
CRESCI MAIS DE UM LADO
PARA FAZER INVEJA
AO SENHOR QUADRADO




Figura 4 – Organização da atividade
Obs: cada estrofe estaria escrita em uma folha.
Fonte: Autoria própria

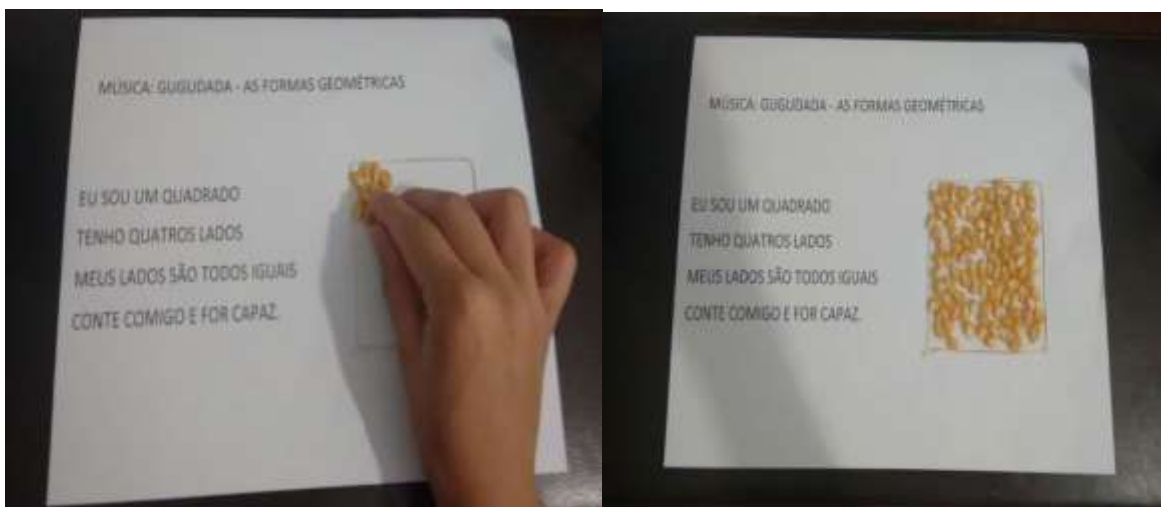


Figura 5 – Aluno executando a colagem de textura em um quadrado
Fonte: Fotos tiradas por uma participante aplicando a atividade na Educação Infantil

A seguir, desenvolveremos uma atividade dirigida utilizando massinha de modelar de cores diversas feita junto com os alunos.

Ingredientes

Quatro xícaras de farinha de trigo
Uma xícara de sal de cozinha
Uma colher de sopa de vinagre
Duas colheres de sopa de óleo
Uma xícara e meia de água
Corante alimentar das cores de sua preferência

Modo de fazer

- 1 - Misture todos os ingredientes (com exceção do corante) em um recipiente
- 2 - Verifique a consistência: se a massa estiver muito pegajosa, acrescente um pouco de farinha. Se tiver ficado muito seca, junte um pouco mais de água
- 3 - Separe uma parte da massa para cada cor de massinha desejada
- 4 - Misture algumas gotas de corante em cada parte da massa.

Observação: podemos atrelar aqui as cores já trabalhadas com os alunos – primárias e secundárias.

Fonte: Empresa Brasil de Comunicação (2013)

Com a massinha de modelar, perguntaremos aos alunos: vamos desenhar as formas? O que podemos usar? A partir disso, os alunos poderão usar as peças dos blocos lógicos ou demais objetos presentes na sala possíveis de utilização para confeccionarem as formas com massinha.





Figura 6 – Produção da massinha de modelar caseira
Fonte: Integrante do grupo

Após o término da atividade, as crianças ficaram livres para levarem massinha para casa se assim quisessem.

Observação: cabe ressaltar que almejamos com essa aula a participação de todos os alunos, com e sem deficiência. Esperamos que estejam todos incluídos nas atividades, pois por meio delas permitiremos que, diante da sua limitação ou potencialidade, todos satisfaçam sua necessidade básica de aprendizagem.

A seguir, mostraremos o vídeo “As formas geométricas” (GUGU DADA TV, 2013), para as crianças ouvirem e visualizarem. Nesse momento, entregaremos para cada uma delas as formas geométricas e os instruiremos a pegar cada forma geométrica conforme elas são cantadas na música.

Avaliação:

A avaliação será feita por meio da observação da participação dos alunos durante a aula, também por meio dos instrumentos avaliativos apresentados: exposição oral de ideias, colagem, desenho, modelagem, identificação da peça correspondente, nomeação oral das formas,

Recursos:

- massinha de modelar, folhas sulfite, barbante, texturas, cola, vídeo, música, poema.

Referência:

EMPRESA BRASIL DE COMUNICAÇÃO. **Aprenda a fazer massinha de modelar caseira**. Autora: Luana Lima. 22 jul. 2013. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/infantil/para-pais/2013/07/aprenda-a-fazer-massinha-de-modelar>>, Acesso em: 22 jul. 2016.

FISCHER, Carla. **Rimas com as formas geométricas**. Disponível em: <<https://escolajeangepiaget.wikispaces.com/RIMAS+COM+AS+FORMAS+GEOM%C3%89TRICAS>>. Acesso em: 22 jul. 2016.

GUGU DADA TV. **Formas Geométricas**. set. 2013. Vídeo *on-line*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0kgyR9Q2rwE>>. Acesso em: 22 jul. 2016.



Educação Básica – Educação Infantil – PRÉ ESCOLAR – 5 anos

Participantes/graduandas: G4, G5, G18, G20 e G29.

Área do conhecimento/componente curricular: Língua Portuguesa

Conteúdo: Literatura Infantil/ Contação de História

Objetivogeral (opcional):

- ✓ Desenvolver o gosto pela leitura.

Objetivos específicos:

- ✓ Estimular as crianças a ouvir uma história e ter o gosto por ela;
- ✓ Fazer com que tenham o hábito de escutá-las e venha e recontá-las.

Encaminhamento metodológico:

Iniciaremos a aula, organizando a turma em círculo, fazendo uma roda, dando as mãos. Em seguida, pediremos que os alunos se sentem. Depois que se acomodarem, daremos início à discussão, explorando o conhecimento dos alunos sobre a girafa: vocês conhecem o animal girafa? Onde ela mora? Já viram? Como ela é? Para suprir as necessidades básicas de aprendizagem dos alunos, utilizaremos materiais diversificados. Usaremos nessa roda de conversa uma girafa de material palpável (conforme sugestão na Figura 1) e por meio desse objeto perceberemos o animal: pescoço grande, possui pintas marrons, etc.



Figura 1 – Girafa de material palpável
Fonte: Imagem ilustrativa retirada da internet em site livre

Como na história há outros animais, serão apresentados os materiais palpáveis para discussão com os alunos, sendo eles: passarinhos, macaco, elefante e leão.



Figura 2 – Outros animais de material palpável
Fonte: Imagens ilustrativas retiradas da internet em sites livres

Cabe ressaltar que a intérprete contribuirá com a tradução em LIBRAS,

fazendo a descrição dos animais para os alunos com gestos, e a professora regente acrescentará os sons, também junto com a imitação dos alunos. Em seguida, prosseguiremos com a contação da história “A girafa feliz”, sempre com auxílio da intérprete.

A leitura será feita com a utilização de um quadro e com os materiais palpáveis, que poderão ser manipulados pelos alunos. Por meio deles, as crianças perceberão a textura, as formas, conforme a história vai sendo contada, vão aparecendo os personagens, sendo completado o quadro.

Antes, porém, faremos uma intervenção, perguntando aos alunos que personagem é aquele, qual a cor dele, indagando sobre as suas características. Assim, podemos também utilizar o recurso sonoro, trazendo para a sala de aula o som que os animais fazem ou imitar animais na sala de aula, porque isso qualifica a aprendizagem.

Após o término da história, realizaremos a atividade de dramatização, baseada na “Girafa Feliz” (EDUCADORES..., 2011), usando a criatividade e a imaginação para o ato de dramatizar uma nova história com os animais. A professora fará a divisão dos personagens, que ocorrerá por meio de um sorteio, para ver qual aluno será cada animal.

Sobre o hábito de leitura, faremos um simpósio. A sala será dividida em grupos e cada um responderá a uma pergunta. Sugestões: 1) vocês gostaram das atividades de hoje? Por quê?; 2) Vocês gostariam de conhecer outra história? Por quê?; 3) O que mais chamou atenção nessa história? 4) Que tipo de história vocês gostam? 5) Qual personagem vocês mais gostaram?

Essas questões, após a discussão em grupo, deverão ser registradas por desenhos ou figuras que possam representar as ideias principais do grupo. Em seguida, um dos participantes de cada grupo deverá ser indicado para apresentar a resposta de seu grupo para turma toda, de modo que seja feita uma discussão sobre aquilo que foi trabalhado.

Avaliação:

A avaliação ocorrerá por meio do desenvolvimento dos alunos durante a roda de discussão, nos quesitos compreensão, atenção à história, criatividade e imaginação durante a dramatização da história realizada pelos alunos.

Instrumentos avaliativos: exposição oral de ideias, imitação de som dos

animais, dramatização e interpretação da história, simpósio e registro escrito do estudo.

Recursos:

- Painel;
- Animais em E.V.A.;
- Cópia fotocopiada (professora de apoio e intérprete).
- Animais de pelúcia.
- Música (som dos animais)

Observação:

- O material será disponibilizado antes para a professora de apoio e intérprete .

Referência:

EDUCADORES NÃO PODEM SER PRODUZIDOS. EDUCADORES NASCEM...

História: a girafa feliz. 3 maio 2011. Disponível em:

<<http://nadianeuropedagoga.blogspot.com.br/2011/05/historia-girafa-feliz.html>> -

Acesso em: 22 jul. 2016.

Anexos:

ANEXO 1: história - A girafa feliz

A girafa feliz

Era uma vez uma floresta cheia de animais, tinha macaco, elefante, leão, girafa, pássaros de todas as cores. Todos eram amigos e viviam felizes, mas um dia a “girafa” amanheceu diferente! Ela sorria por todos os cantos da floresta feliz da vida. Os animais começaram a ficar curiosos, então o macaco que era o mais travesso da floresta resolveu perguntar:

__Dona girafa por que a senhora está tão feliz?

Ela nada respondia apenas sorria.

O elefante também resolveu se meter, perguntou:

__Dona girafa porque a senhora esta tão feliz assim?

E novamente ela nada respondeu, apenas sorriu.

O leão então disse:

__ Para mim ela vai contar, pois eu sou o rei da floresta!

Desse modo, foi até dona girafa e perguntou com a voz assustadora:

__Dona girafa porque a senhora sorri tanto? Qual é o motivo de tanta felicidade?

E mais uma vez ela nada respondia, apenas sorria. Os pássaros que estavam voando por ali e já sabiam o segredo, morriam de rir da curiosidade dos outros animais. Foi então que um deles voou em cima de uma enorme flor que estava ao lado de dona girafa, arrancou e que surpresa! Por traz daquela flor enorme tinha um filhotinho de girafa que acabou de nascer, esse era o motivo de dona girafa estar tão feliz, pois agora ela é mamãe, e todos os animais ficaram felizes com a chegada do filhotinho.



Educação Básica – Educação Infantil – Pré II

Participantes/graduandas: G7, G9, G10 e G11.

Área do conhecimento/componente curricular: Geografia

Conteúdo: Os Tipos de Moradia

Objetivo geral:

- ✓ Compreender o sentido de moradia na sua vida social.

Objetivos específicos:

- ✓ Conhecer três tipos de moradia (alvenaria, palha e madeira) por meio da história “Os Três Porquinhos”.

Encaminhamento metodológico:

- Recepção das crianças - nesse momento a professora recebe as crianças e pede para que sentem em círculo, auxiliando no que for necessário;

- Roda de conversa – a professora expõe para as crianças o assunto sobre o qual discutirão nos próximos dias (tipos de moradia), por meio de uma conversa breve e exposição de algumas imagens (sugestões abaixo), comentando seus detalhes, explicando a importância de termos um lugar para morar, sempre considerando os comentários das crianças.



Figura 1 – Tipos de moradias
Fonte: disponível na internet²⁵

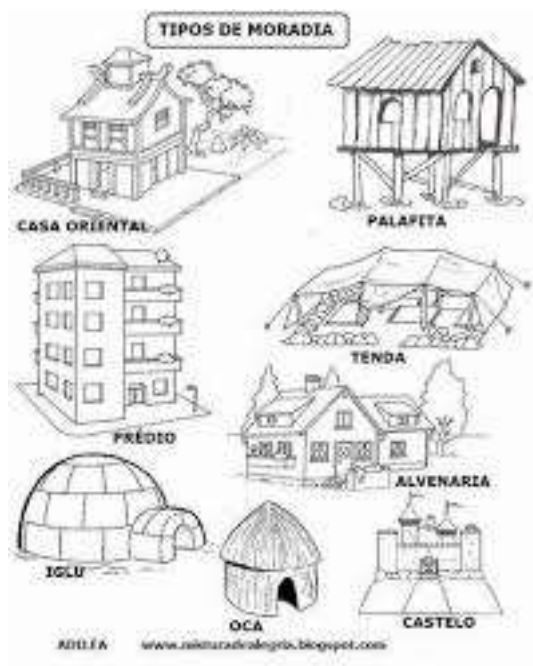


Figura 2 – Tipos de moradias
Fonte: disponível na internet²⁶

²⁵ Disponível no endereço: <http://2.bp.blogspot.com/-y11aV7Y9Meo/T27F8cE0T9I/AAAAAAAADw/9mdoemSM71c/s640/igem+3.png>.

²⁶ Disponível em: <http://atividadespedagogicas.net/2014/03/tipos-de-moradia-as-diversas-moradias.html>.



Figura 3 – Tipos de moradias
 Fonte: Disponível na internet²⁷

Obs: as imagens podem/devem ser apresentadas separadamente aos alunos.

A dramatização da História “Os Três Porquinhos” será feita por meio de fantoches. Cada um deles terá um som diferente para facilitar a compreensão do aluno cego, bem como a alteração na voz da professora que precisa expressar os sentimentos vivenciados pelos personagens.

Os Três Porquinhos

ERA UMA VEZ três porquinhos que viviam na floresta com a sua mãe. Um dia, como já estavam muito crescidos, decidiram ir viver cada um em sua casa. A mãe concordou, mas avisou-os:

- Tenham muito cuidado, pois na floresta também vive o lobo mau, e eu não vou estar lá para vos proteger...

- Sim mamãe! – Responderam os três ao mesmo tempo.

Os porquinhos procuraram um bom lugar para construir as suas casas e, assim que o encontraram, cada um começou a fazer a sua própria casa.

O porquinho mais novo, que só pensava em brincar, fez a sua casa muito

²⁷ Disponível em: <http://pt.slideshare.net/straubesandra18/tipos-de-moradias>>.

rapidamente, usando palha. O porquinho do meio, ansioso por ir brincar com o mais novo, juntou uns paus e depressa construiu uma casa de madeira. O porquinho mais velho, que era o mais ajuizado, lembrou-se do que a sua mãe lhe tinha dito, e disse:

- Vou construir a minha casa de tijolos. Assim terei uma casa muito resistente para me proteger do lobo mau.

É claro que foi o que demorou mais tempo a construir a casa mas, no fim, estava muito orgulhoso dela, e só aí se juntou aos seus irmãos para brincar.

Um dia andavam os três porquinhos a saltar, muito divertidos, quando aparece o lobo mau:

- Olá! Vejo três deliciosos porquinhos à minha frente.

Ao verem o lobo mau, fugiram, cada um para a sua casa.

O lobo, que estava cheio de fome, chegou ao pé da casa do porquinho mais novo, e disse:

- Cheira-me a porquinho! Sai daí que eu vou-te comer! Se não saíres, deito a tua casa de palha abaixo...

E vendo a casa de palha à sua frente, soprou tão forte, que fez a casinha ir pelo ar! O porquinho assustado correu para a casa do irmão do meio, que tinha uma casa de madeira.

Quando o lobo lá chegou, gritou novamente:

- Cheira-me a porquinho! E eu estou com tanta fome que vos vou comer aos dois...

E com dois sopros, conseguiu deitar a casa de madeira abaixo.

Os dois porquinhos mais novos correram então, apavorados, para a casa do irmão mais velho, que era de tijolo.

O lobo, vendo que os três porquinhos estavam todos numa só casa, exclamou, louco de alegria:

- Cheira-me a porquinho! E mais fome não vou eu ter, pois apanhei três porquinhos para comer!

Então o lobo encheu o peito de ar e soprou com toda a força que tinha, mas a casinha de tijolos não se mexeu nem um bocadinho. Aliviados, os três porquinhos saltaram de contentes. Mas o lobo não desistiu, e disse:

- Não consegui deitar a casa de tijolos abaixo nem derrubar a sua porta mas eu

tenho outra ideia... esperem que já vão ver! E começou a subir o telhado, em direcção à chaminé.

Os porquinhos mais novos ficaram aflitos mas o mais velho, que era muito esperto, colocou no fogão, por baixo da chaminé, um grande caldeirão de água a ferver.

O lobo, ao entrar pela chaminé, caiu no caldeirão de água quente e queimou o rabo, fugindo o mais rápido que podia para o meio da floresta. Os dois porquinhos agradeceram ao seu irmão mais velho, e aprenderam a lição.

Deste lobo mau, nunca mais se ouviu falar...

Observação: essa história possui várias versões, indicamos a utilização da que apresentamos aqui na Unidade Didática e esta disponível também no Site Bebê Atual²⁸.

Permitir o contato das crianças com os fantoches e materiais da casinha dos porquinhos (palha, madeira, alvenaria), para que possam identificar a diferença (sugestões a seguir). Momento em que a professora distribui a cada criança um pouco de palha para que possam visualizar melhor e tocá-la, o que repetirá com os outros materiais sucessivamente.



Figura 4 – Bonecos da história “Os três porquinhos”
Fonte: ABC Brinquedos²⁹

²⁸ BLOG BEBÊ ATUAL. **Histórias e contos.** Os três porquinhos. Disponível em: http://bebeatual.com/historias-os-tres-porquinhos_53>. Acesso em: 22 jul. 2016.

²⁹ Imagem ilustrativa disponível em: <<http://www.abcbrinquedos.com.br/produto.php?p=180>>.



Figura 5 – Casas para a história “Os três porquinhos”
Fonte: loja on-line Elo7³⁰

O professor vai conversar sobre a história, seus personagens e suas moradias relacionando tudo sempre com a realidade dos alunos

Proposta da atividade “ Minha Casa” – cada criança irá demonstrar como é sua casa. Disponibilizaremos aos alunos várias opções para que escolham como irá realizar a atividade: desenho, modelagem, pintura, dobradura, entre outros que se fizerem possível diante da faixa etária dos alunos. Assim, eles podem escolher ou explorar diversos modos de apresentar sua aprendizagem. Ao final, é importante que o aluno descreva sua atividade aos colegas, comentando os materiais que utilizou e as características de sua casa.

Indicação: este plano de aula refere-se a um dia de apresentação do conteúdo “tipos de moradia”. As atividades do projeto estão vinculadas ao estudo, pesquisa e produção de uma maquete de uma casa feita pelos próprios alunos, explorando o sentido de moradia diante sua vida social (sugestão a seguir). A maquete deverá ser apresentada pelos alunos aos seus colegas e construída de forma colaborativa.

³⁰ Imagem ilustrativa disponível em: <http://www.elo7.com.br/lista/casa-tr%C3%AAs-porquinhos>.



Figura 6 – Exemplos de maquetes
Fonte: imagens ilustrativas³¹

Avaliação: por se tratar de um projeto, a avaliação será realizada todos os dias. O professor deve se preocupar em identificar qual a real aprendizagem de cada aluno, de acordo com sua compreensão, participação e desenvolvimento durante as propostas de atividades. Contudo, durante as vivências cotidianas em sala de aula,

³¹ Imagens disponíveis no *site* do Núcleo de Tecnologia do Município de São José – SC (<http://ntmsaojose.blogspot.com.br/2012/09/como-fazer-maquetes-existem-diversas.html>) e no site da Prefeitura de Itanhaém – SP (http://www.itanhaem.sp.gov.br/noticias/2012/junho/maquetes_concurso_minha_casa_sem_dengue_serao_avaliadas_partir_dia18.html).

o professor pode também continuar com o processo de avaliação, seja por meio das brincadeiras, conversas, etc.

Nesta aula serão utilizados como instrumentos avaliativos: exposição oral de ideias, interpretação das histórias por meio de questões, nomeação oral dos tipos de moradia e materiais apresentados, representação e descrição de sua casa.

Recursos:

- Cartazes;
- Fantoches dos Três Porquinhos;
- Madeira, palha, tijolo;
- Música: “Quem tem medo do lobo mal?”
- Imagens diversas relacionada ao conteúdo;
- Sulfite;
- Lápis de cor.

Bibliografia:

APRENDER BRINCANDO. Projeto Moradia para Educação Infantil. 13 jun. 2014. Disponível em: <<http://professorajuce.blogspot.com.br/search/label/Projeto%20Moradia>>. Acesso em: 22 jul. 2016.

MUNDINHO DA CRIANÇA. **A História das Moradias** - Atividades e Modelos de Casas. Disponível em: <<http://www.mundinhodacrianca.net/2011/10/historia-das-moradias-atividadesmodelos.html>>. Acesso em: 22 jul. 2016.



Ensino fundamental – turma 3º ano

Participantes/graduandas: G6, G21, G23, G25, G28, G39 e G44.

Área do conhecimento/componente curricular: Geografia.

Conteúdo: Calendário e estações do ano

Objetivo geral:

- ✓ Compreender as mudanças entre as estações do ano.

Objetivos específicos:

- ✓ Reconhecer o calendário como recurso para identificação das estações do ano;
- ✓ Identificar as características das estações do ano e suas diferenças.

Encaminhamento metodológico:

- No momento inicial da aula, em semicírculo voltado para calendário fixado em sala de aula, será retomado o conteúdo “calendário”, já trabalhado nas últimas aulas, para que os alunos possam expor o que aprenderam sobre isso. Para tanto, observando, então, o calendário, serão feitas as seguintes questões norteadoras: o que é isso? O que contém nele? Para que serve o calendário? Por que usamos o calendário?

Observação: esse calendário fixado em sala de aula, utilizado diariamente no ano letivo, deve ser confeccionado contendo:

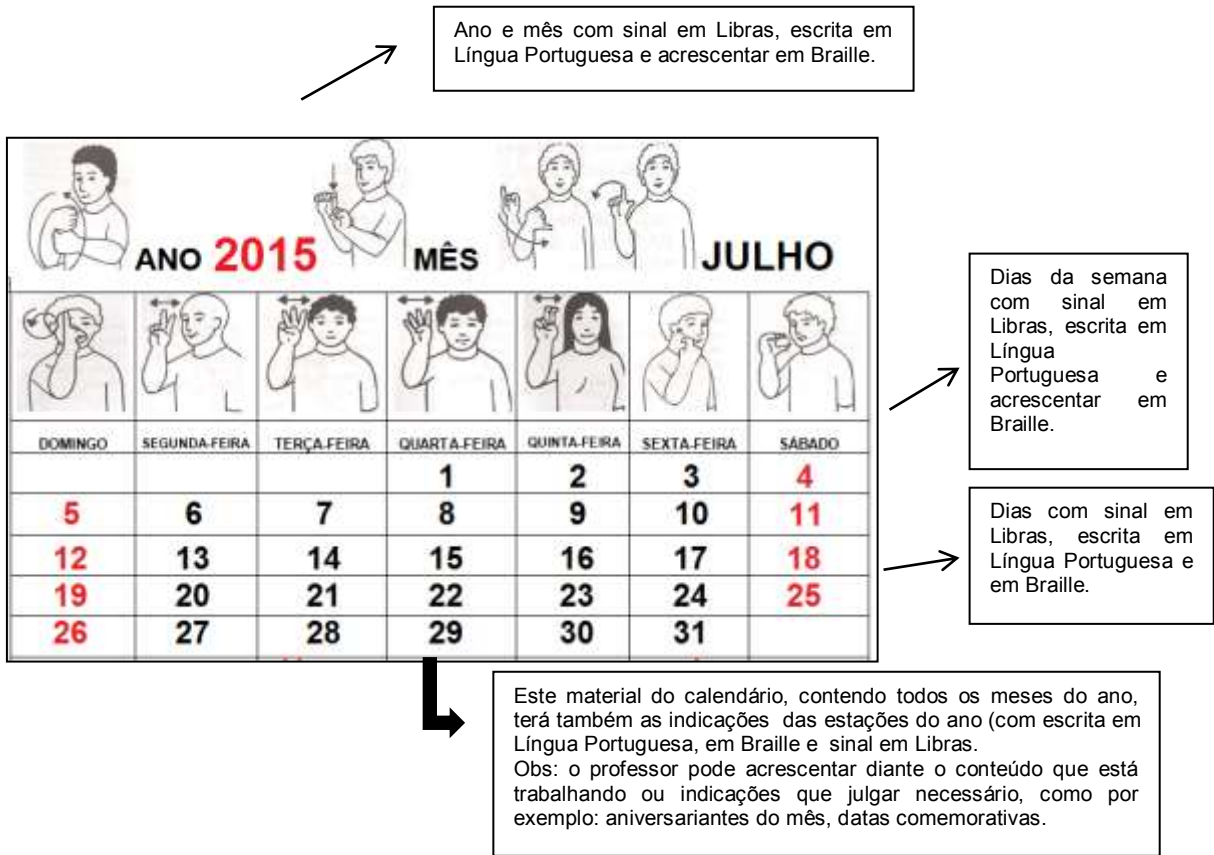
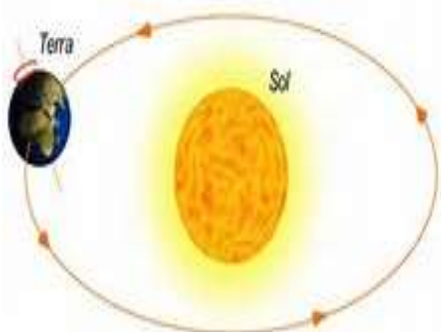


Figura 1 – Calendário de uso em sala de aula
Fonte: AMSF – Associação mãos sem fronteiras (2015)

Tendo em vista que esse conteúdo já foi trabalhado com a turma, as questões terão apenas a função de nortear as discussões e explicações posteriores para os alunos sobre as estações do ano. Assim, será retomado brevemente a história de como surgiu o nosso calendário, utilizando imagens para melhor explicar como aconteceu o processo de criação desse instrumento composto por ano, mês (entre 30 e 31 dias), semanas e dias.

A cada quatro anos, o mês de fevereiro possui um dia a mais, completando 29 dias. Esses são anos chamados de bissextos. A explicação para isso é relativamente simples: o ano dura aproximadamente 365, 25 dias, ou seja, cerca de 365 dias e 6 horas. Por isso, os anos têm 365 dias e a cada 4 anos soma-se um dia para acertar esta diferença.

A seguir apresentamos sugestões de imagens que podem ser utilizadas:



Rotação da terra em torno do sol



O nosso calendário é chamado de calendário Gregoriano. Ele surgiu em virtude de uma modificação, realizada em 1582, para ajustar o ano, o do calendário, aos movimentos realizados pela Terra em torno do Sol. Além disso, o Papa Gregório XIII acrescentou os meses de Julho e Agosto, em homenagem aos imperadores Julius e Augustus, com 31 dias cada um.



Caio Júlio César Octaviano Augusto foi o primeiro e um dos mais importantes imperadores romanos



Papa Gregório XIII



Caio Júlio César Octaviano Augusto foi o primeiro e um dos mais importantes imperadores romanos.

Figura 2 – Calendário de uso em sala de aula
Fonte: Imagens retiradas da internet em sites livres

- Entrega aos alunos do poema “Calendário” em língua portuguesa, em Braille e traduzido em Libras pelo intérprete;
- Em seguida, será realizada a leitura em voz alta pelos alunos do poema “Calendário”. Os alunos surdos podem participar com a sinalização em Libras, oralização/tradução em língua portuguesa pelo intérprete;

Calendário

Em Janeiro, boas festas
 Fevereiro é carnaval
 Em Março virão as aulas.
 Depois abril, tudo igual
 Chega maio mês das mães,
 Junho, mês dos balõezinhos.
 Mas julho traz nossas férias,
 Agosto é o mês do paizinho!
Vem setembro. É primavera.
 Virá outubro e, afinal,
 Novembro passa depressa,
 Chega dezembro. É natal.

Celina Ferreira.

- Após a leitura, iniciamos o assunto “as estações do ano”, pois o poema relata, em um dos seus versos, que a chegada da Primavera significa que está perto do encerramento do ano letivo. Vamos explicar que cada estação tem suas passagens e estão organizadas nos meses do ano.

- Texto de apoio para explicação:

Primavera – Durante a primavera, dias e noites possuem a mesma duração. Pelo menos isso é o que ocorre em seu início, pois, com o passar do tempo, os dias vão ficando gradativamente maiores. Essa estação é conhecida por ser o período de crescimento das folhas e flores das árvores, embora apresente diferentes características nos diferentes lugares.

Datas aproximadas de início: 20 de março no hemisfério norte e 20 de setembro no hemisfério sul.

Verão – Em tempos de verão, os dias são mais longos do que as noites. Esse maior período de exposição aos raios solares faz com que as temperaturas médias elevem-se proporcionalmente.

Datas aproximadas de início: 21 de junho no hemisfério norte e 21 de dezembro no hemisfério sul.

Outono – Quando o outono se inicia, os dias novamente voltam a ter a mesma duração das noites, equilibrando um pouco as temperaturas. Com o passar do tempo, os dias vão ficando cada vez menores. É nessa estação que as árvores

costumam trocar suas folhas.

Datas aproximadas de início: 23 de setembro no hemisfério norte e 20 de março no hemisfério sul.

Inverno – No inverno, os dias são menores do que as noites, acontecendo o processo inverso do verão, o que contribui para a diminuição média das temperaturas.

Datas aproximadas de início: 21 de dezembro no hemisfério norte e 21 de junho no hemisfério sul.

- Dramatização do poema o “Calendário”, com as características das estações do ano: flores (primavera), folhas secas (outono), o gelo (inverno), sorvete (verão) para que os alunos evidenciem a diferença entre uma estação e a outra.



Gelo – Inverno

Folhas – Outono

Flores – Primavera

Sorvete - Verão

Figura 3 – Características das estações do ano

Fonte: Imagens retiradas da internet em sites livres

Os alunos devem assistir ao vídeo com a tradução em Libras feita pelo intérprete: “Vamos nos divertir aprendendo as estações do ano - escola para crianças” (BALÃO AZUL, 2014). O vídeo explica as características das estações do ano por meio de desenhos e com descrição da paisagem, clima e hábitos. A partir do vídeo serão questionados aos alunos o que aprendemos com este vídeo, buscando levantar as informações fixadas pelos alunos. Bem como, serão feitas explicações por meio da própria repetição das informações que os alunos não lembraram e estão contidas no vídeo.

Observação: o vídeo será apresentado duas vezes para que, na segunda vez, o aluno surdo possa ver as imagens e os alunos retomem e fixem as informações descritas no vídeo.

Com o uso de figuras e objetos representativos, será feito um estudo dirigido sobre a importância do calendário nas estações do ano. Para tanto, será feita a leitura e descrição das imagens representativas das quatro estações do ano e a explicação de suas principais características, relacionadas ao tempo e meses do ano conforme texto de apoio apresentado abaixo após as imagens.



Figura 4 - Principais características das diferentes estações do ano
Fonte: Imagens ilustrativas retiradas da internet em sites livres



Figura 5 - Objetos representativos das estações do ano
Fonte: Imagens ilustrativas retiradas da internet em sites livres



Figura 6 – Objetos representativos das estações do ano
Fonte: Imagens ilustrativas retiradas da internet em sites livres

Observação: Cabe destacar que, no dia anterior, este texto será entregue ao intérprete e ao professor de apoio para que possam traduzir em Libras durante a aula para o aluno surdo e traduzir em Braille para o aluno cego. Da mesma forma,

se for necessário ampliar a fonte do texto ou fazer qualquer outra adequação, elas serão realizadas tendo em vista as necessidades dos alunos que apresentem baixa visão.

Como atividade de retomada do conteúdo, será realizado um teatro pelos alunos. A turma será dividida em quatro grupos e assim será sorteado entre os grupos a estação que irão representar, serão dadas orientações necessárias sobre a história abaixo:

As estações do ano

Vou contar-vos um pouco da nossa família. Somos quatro irmãos muito especiais, que gostamos de viajar pelos cantos do mundo.

Eu chamo-me Primavera. Sou uma menina muito romântica adoro flores e gosto imenso de passear pelo verde dos prados! Sou muito apreciada, tenho muitos e grandes amigos! O meu lar é a natureza e gosto muito de receber quem vem de longe só para me ver! As aves, os animais da floresta e até os meninos gostam de estar comigo!

Tenho três irmãos: o Verão, o Outono e o Inverno.

O meu irmão Verão gosta imenso de passear. É um pouco preguiçoso. Gosta de estender-se à beira-mar e de se entreter com o sol e o calor, os seus melhores amigos! Não gosta da azáfama do dia-a-dia. Prefere umas boas férias, com muita gente à sua volta! É bonacheirão e muito divertido.

O Outono é um pouco diferente. Tem uma personalidade mais pacata. Não gosta muito das minhas amigas árvores. De vez em quando é matreiro, porque diverte-se a arrancar as suas folhas e a pintá-las de castanho. Diz que a cor verde é para as meninas!!

O meu irmão mais velho é o Inverno. Gosta muito de estar com os seus amigos - o Frio e a Chuva - e adoram correr pelas ruas e montes e abanar e molhar tudo o que encontram. É muito temperamental; por vezes ouço-o do outro lado da terra a brigar com o trovão, por este não gostar que ele empurre as coitadas das nuvens uma contra as outras. As faíscas, incomodadas com a confusão, esvoaçam pelos céus à procura de um canto sossegado! Os meus amigos evitam-no, mas não podem passar sem ele. Os rios trazem-me sempre notícias dele e o mar anseia pela sua visita!

Somos todos diferentes mas muito especiais. Ninguém pode viver sem nós!

(História escrita por CARMEN CRUZ, publicada no "Terra do Nunca", Ano IV, nº

290 – 22 set 2002)

1 Montagem do cenário, contendo: cartaz com imagens das estações do ano (Primavera, Verão, Outono e Inverno), objetos (sopa, bóia, almofadas floridas e folhas, catanhas e pinha), frutas e alimentos de cada estação.

Observação: reunimos a seguir figuras que representam as imagens, objetos, frutas e alimentos de cada estação do ano.



Figura 7 - Estações do ano
Fonte: Imagens ilustrativas retiradas da internet em sites livres



Prato de sopa – Inverno



Bóia e piscina – Verão



Almofadas floridas – Primavera



Folhas, castanha e pinha – Outono

Figura 8 - Objetos que representam as estações do ano
Fonte: Imagens ilustrativas retiradas da internet em sites livres

Observação: o aluno cego procurará as imagens a partir de pesquisa *on-line* no computador, com a ajuda do professor de apoio que o orientará a respeito da estação que grupo pegou no sorteio. Após a pesquisa as imagens serão impressas e ajudará os demais alunos do grupo a montarem o cartaz.



Figura 11 - Caracterização dos alunos para a dramatização da história
Fonte: Imagens ilustrativas retiradas da internet em sites livres

Na história “As estações do ano”, que será contada inicialmente por nós e depois dramatizada pelos alunos, a primavera e o outono serão representados por meninas; o verão e o inverno serão representados pelos meninos, divididos em três grupos. Os alunos farão uso dos recursos utilizados na dramatização do poema “O calendário”. Faremos dessa forma, pois representaremos as histórias de maneira lúdica e interativa, de maneira explicativa e ilustrativa, para que os alunos se apropriem do conhecimento.

Após o intervalo, trabalharemos de uma forma lúdica com histórias diferentes sobre as estações do ano para fixar o conteúdo trabalhado. Também será trabalhado o conto “O senhor e as estações”, exibido em formato de *slides* para os alunos. Nele, serão descritos os fatos e a história para o aluno cego e traduzido em Libras para o aluno surdo.

Observação: as imagens serão descritas para o aluno cego e a história será contada em libras para o aluno surdo.

O Senhor Ano e as 4 Estações



O Senhor Ano já era velhinho e tinha 12 filhos, que eram os 12 meses do ano. Moravam todos juntos numa casa pequena... só que eles eram muito diferentes uns dos outros e nem sempre se davam bem!



Janeiro, Fevereiro e Março tinham gostos parecidos: preferiam o frio, a neve, a chuva, mas também gostavam de se disfarçar para brincar ao Carnaval...e de espreitar a Primavera que ia chegando!



Já Abril, Maio e Junho eram meses muito bonitos e alegres e também gostavam das mesmas coisas: das plantas, dos animais, do céu mais azul e do sol mais quentinho a espreitar...



Julho Agosto e Setembro também eram semelhantes, pois eram os três um bocado preguiçosos... só lhes apetecia o calor, as férias, a praia e o descanso! Só o Setembro é que gostava muito de regressar à escola!



Finalmente **Outubro, Novembro e Dezembro** também gostavam das mesmas coisas: do vento, das folhas a cair das árvores, da festa das castanhas, do tempo cada vez mais fresco e também do Natal, quase a chegar...



Então o Senhor Ano pensou como haveria de resolver o problema e teve uma ideia: la arranjar 4 casas para os seus 12 filhos morarem, de acordo com o clima que preferiam e a cada uma delas daria um nome diferente!





Na casa da **PRIMAVERA** iriam morar Abril, Maio e Junho.



Na casa do **VERÃO**, ficariam a viver Julho, Agosto e Setembro.





Na última casa do Ano, a casa do **OUTONO**, iriam morar Outubro, Novembro e Dezembro.



Foi assim que o Senhor Ano criou as **Quatro Estações**, que são as 4 casas onde moram os 12 meses do Ano!



Agora o Senhor Ano está muito mais descansado, pois sabe que os seus 12 filhos estão bem entregues nas casas das Quatro Estações, onde vivem contentes e são muito amigos!



Figura 12 – Conto “O senhor e as estações”

Fonte: Simões (2014)³²

É necessário trabalhar com a dramatização, com o lúdico, com imagens e histórias contadas de diferentes formas, como meio de ensinar o conteúdo aos alunos, para que a aprendizagem ocorra independente das particularidades e deficiências dos mesmos. Logo, o professor deve ensinar um mesmo conteúdo fazendo uso de diversos materiais e recursos como fonte de aprendizagem e desenvolvimento pleno de todos os sujeitos em sala de aula.

Avaliação: será feita por meio da compreensão nas exposições dos conteúdos, utilizando adequadamente o calendário. Será dividida a turma, para que cada grupo pesquise imagens que caracterizem as estações do ano.

Recursos:

- Data show.
- Computador.
- *Pen drive*.
- Calendário.
- Imagens impressas das datas comemorativas citadas no poema.
- Cartolina, revista, jornais, cola e tesoura.

³² Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/danielasimoes587/conto-senhor-ano3>>. Acesso em: 4 abr. 2016.

Referências:

AMSF – ASSOCIAÇÃO MÃOS SEM FRONTEIRAS. **Calendário em Libras**. 4 abr. 2015. Disponível em: <<http://maossemfronteiras2015.blogspot.com.br/2015/04/calendario-em-libras.html>>. Acesso em: 22 jul.2016.

BALÃO AZUL. **Vamos nos divertir aprendendo as estações do ano** - Escola para crianças. 2014. Vídeo *on-line*. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=TJ3KgA6nhXQ>>. Acesso em: 22 jul. 2016.

BRETONES, Paulo S. O segredo dos anos bissextos. **Scientific American Brasil**. São Paulo. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/sciam/artigos/o_segredo_dos_anos_bissextos.html>. Acesso em: 22 jul. 2016.

CIPRIANO, Lúcia Helena Ribeiro. WANDRESEN, Maria Otília Leite. **Linhas e Entrelinhas**. Curitiba: Nova didática, 2001.

CRUZ, Carmem. As estações do ano. **Terra do Nunca**, n. 290, ano 4, 22 set. 2002. Disponível em: <http://sotaodaines.chrome.pt/Sotao/saca/histor84_t.html>. Acesso e m: 22 jul. 2016.

MARQUES, Manuel Nunes. **Origem evolução do nosso calendário**. Disponível em : <<http://www.mat.uc.pt/~helios/Mestre/H01orige.htm>>. Acesso em 4 mar. 2016.

PENA, Rodolfo Alves. **As estações do ano**. Brasil Escola. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/geografia/estacoes-ano.htm>>. Acesso em: 22 jul. 2016.

Anexos (inseridos juntamente com o encaminhamento metodológico para descrição nos momentos pedagógicos)

ANEXO 1: Poema calendário

ANEXO 2: História do nosso calendário

ANEXO 3: Imagens das estações do ano

ANEXO 4: Imagens sobre a história do nosso calendário

ANEXO 5: *Slides* do conto O senhor e as estações

ANEXO 6: A história As estações do ano.